

**APONTAMENTOS
DE
PSICOLOGIA**

INTRODUÇÃO

Estes *Apontamentos de psicologia* do pensador latino-americano Mario Rodríguez Cobos, Silo, são recopilações de conferências realizadas por ele em 1975, na ilha grega de Corfu, em 1976 e 1978, em Las Palmas de Gran Canaria na Espanha e em maio de 2006, no Parque La Reja em Buenos Aires.

Em "Psicologia I" estuda-se o psiquismo em geral como função da vida em sua relação com o meio e sua expressão humana. Em seguida, expõem-se as características dos "aparatos" do psiquismo nos sentidos, na memória e na consciência. Descreve-se também a teoria dos impulsos e do comportamento.

Em "Psicologia II" estudam-se as três vias da experiência humana: sensação, imagem e recordação. Em seguida, descrevem-se as respostas que o psiquismo dá aos estímulos externos ao corpo e aos estímulos do intracorpo. Os níveis de trabalho da consciência e os mecanismos do comportamento são revistos à luz da teoria do espaço de representação.

Em "Psicologia III" estuda-se o sistema de operativa capaz de intervir na produção e transformação de impulsos. Um esquema simplificado do trabalho integrado do psiquismo contribui para a compreensão dos temas de operativa. Finalmente, estabelecem-se distinções entre a consciência e o "eu", contrastando os estados de reversibilidade com os estados alterados de consciência.

Em "Psicologia IV" estuda-se sumariamente o desdobramento dos impulsos. Em seguida, estudam-se as diferenças entre a consciência, a atenção e o "eu". Estudam-se também a espacialidade e a temporalidade dos fenômenos da consciência para, finalmente, definir e incursionar pelas estruturas de consciência. Estruturas como "a consciência inspirada" passeiam pelos distintos afazeres humanos: a consciência inspirada na filosofia, na ciência, na arte e na mística. Há, por último, uma incursão pelos níveis profundos das estruturas de consciência e, com esses parágrafos finais, encerra-se essa psicologia que começou na análise dos impulsos mais elementares para concluir na síntese das estruturas de consciência mais complexas.

Esses escritos, somados a "Psicologia da imagem" – que constitui a primeira parte do livro *Contribuições ao pensamento* – e a *Experiências guiadas*, ambos publicados nas *Obras Completas I* do mesmo autor, podem ser considerados os escritos fundacionais de uma Psicologia do Novo Humanismo.

PSICOLOGIA I

Resumo elaborado pelos assistentes das conferências ministradas por Silo em meados de novembro de 1975 em Corfu, na Grécia. O “Apêndice sobre as bases fisiológicas do psiquismo” foi adicionado no final do mesmo ano.

1. O psiquismo

A. Como função da vida

Desde seus primórdios, a vida se manifestou de numerosas formas. Muitas são as espécies que desapareceram por não se adaptarem ao meio, às novas circunstâncias. Os seres vivos têm necessidades que satisfazem em seu meio ambiente. Essa situação no meio ecológico se dá em contínuo movimento e mudança. A relação é instável e desequilibrada, provocando no organismo respostas que tendem a compensar esse desequilíbrio e, assim, poder manter a estrutura que, de outro modo, desapareceria bruscamente. Dessa maneira, observamos a natureza vivente desdobrar-se com uma variedade de formas em um meio ambiente de numerosas características, distintas e mutáveis, e em sua base mecanismos simples de compensação frente ao desequilíbrio que coloca em risco a permanência da estrutura.

A adaptação à mudança externa implica também uma mudança interna no organismo para sua sobrevivência. Quando essa mudança interna não ocorre nos seres vivos, estes vão desaparecendo e a vida escolhe outras vias para seguir sua expansão crescente. No vital sempre estará presente o mecanismo de responder compensatoriamente ao desequilíbrio que, de acordo com o desenvolvimento de cada espécie, terá maior ou menor complexidade. Essa tarefa de compensar o meio externo e também as carências internas compreende-se como adaptação (especificamente como adaptação crescente), como única maneira de permanecer na dinâmica da instabilidade em movimento.

A vida animal, particularmente, desenvolve-se segundo funções de nutrição, reprodução e locomoção. Certamente, na vida vegetal e nos seres unicelulares também existem essas funções, mas claramente nos animais essas funções relacionam constantemente o organismo com seu meio, mantendo a estabilidade interna da estrutura, o que se expressa mais especializadamente como tendências vegetativas, como “instintos” de conservação e de reprodução. O primeiro mantém a estrutura individual e o segundo, a da espécie. Nessa preparação dos organismos para se conservarem como indivíduos e se perpetuarem como espécie está expressa a inércia (diríamos a “memória”), que tende a assegurar a permanência e continuidade, apesar das variações.

Nos animais, as funções de nutrição e reprodução necessitam da locomoção para se desenvolver. Esta permite o deslocamento no espaço para a consecução de alimentos; internamente também há uma mobilidade, um transporte de substâncias para serem assimiladas pelos organismos. A reprodução é interna no indivíduo e externa na multiplicação de indivíduos. A primeira se verifica como geração e regeneração de tecidos e a segunda, como produção de indivíduos dentro da mesma espécie. Ambas fazem uso da locomoção para cumprir sua função.

A tendência para o ambiente na busca de fontes de abastecimento e para a fuga ou ocultamento diante do perigo dão direção e mobilidade aos seres vivos. Essas tendências particulares em cada espécie formam um conjunto de tropismos. O tropismo mais simples

consiste em dar resposta frente ao estímulo. Essa mínima operação de responder a um elemento alheio ao organismo que provoca um desequilíbrio na estrutura, para compensar e restabelecer a estabilidade, manifesta-se de maneira diversa e complexa. Todas as operações deixam “rastros” que são vias preferenciais para as novas respostas (em um tempo 2 se opera sobre a base das condições obtidas em um tempo 1). Essa possibilidade de gravação é de suma importância para a permanência da estrutura em um meio externo mutável e um meio interno variável.

Tendendo o organismo para o meio ambiente a fim de se adaptar a ele e sobreviver, deverá fazê-lo vencendo resistências. No meio há possibilidades, mas também há inconvenientes e, para enfrentar dificuldades e vencer resistências, é necessário investir energia, é necessário fazer um trabalho que demanda energia. Essa energia disponível estará ocupada nesse trabalho de vencer resistências ambientais. Enquanto não forem superadas essas dificuldades e o trabalho não for finalizado, não haverá novamente energia disponível. As gravações de rastros (memória) permitirão responder sobre a base de experiências anteriores, o que deixará energia livre disponível para novos passos evolutivos. Sem disponibilidade energética não é possível realizar trabalhos mais complexos de adaptação crescente. Por outro lado, as condições ambientais se apresentam ao organismo em desenvolvimento como alternativas de escolha e são também os rastros o que permite decidir diante das diferentes alternativas de adaptação. Além disso, essa adaptação se efetua procurando a menor resistência frente às distintas alternativas e com o menor esforço. Esse menor esforço implica menos gasto de energia. Portanto, além de vencer resistências, trata-se de fazê-lo com o mínimo de energia possível para que a energia livre disponível possa ser investida em novos passos de evolução. Em todo momento evolutivo há transformação, tanto do meio quanto do ser vivo. Eis aqui um paradoxo interessante: a estrutura, para conservar sua unidade, deve transformar o meio e transformar também a si mesma.

Seria errôneo pensar que as estruturas vivas modificam e transformam apenas o meio ambiente, já que este meio se complica crescentemente e não é possível adaptar-se mantendo a individualidade tal como inicialmente foi criada. Esse é o caso do homem, cujo meio, com o passar do tempo, deixou de ser apenas natural para ser também social e técnico. As complexas relações entre os grupos sociais e a experiência social e histórica acumulada compõem um ambiente e uma situação em que é necessária a transformação interna do homem. Depois desse rodeio, em que a vida aparece organizando-se com funções, tropismos e memória para compensar um meio variável e assim adaptar-se crescentemente, vemos que é necessária também uma coordenação (por menor que seja) entre esses fatores, inclusive para a orientação oportuna em direção às condições favoráveis de desenvolvimento. Ao aparecer essa mínima coordenação, surge o psiquismo como função da vida em adaptação crescente, em evolução.

A função do psiquismo consiste em coordenar todas as operações de compensação da instabilidade do ser vivo com seu meio. Sem coordenação, os organismos responderiam parcialmente sem completar as distintas partes compositivas, sem manter as relações necessárias e, por último, sem conservar a estrutura no processo dinâmico de adaptação.

B. Em relação com o meio

Esse psiquismo que coordena as funções vitais usa os sentidos e a memória para a percepção das variações do meio. Esses sentidos, que de muito simples foram se tornando complexos com o passar do tempo (como todas as partes dos organismos), fornecem informação sobre o ambiente, que é estruturada em orientação adaptativa. Por sua parte, o ambiente é muito variado, e para o organismo são necessárias certas condições ambientais mínimas para o desenvolvimento. Ali onde há essas condições físicas surge a vida e, uma vez surgidos os primeiros organismos, as condições vão se transformando de modo cada vez mais favorável para a vida. Mas, de início, os organismos necessitam de condições ambientais ótimas para o desenvolvimento. As variações na troposfera chegam a todos os organismos. Assim, tanto a ciclagem diária quanto a ciclagem estacional, a temperatura geral, as radiações e a luz solar são condições que influenciam o desenvolvimento da vida. Da mesma maneira, a composição da Terra que, em sua riqueza, oferece matéria-prima que será fonte de energia e de trabalho para os seres vivos. Os acidentes que podem ocorrer em todo o planeta são também circunstâncias decisivas para o desenvolvimento orgânico. As glaciações, os desmoronamentos, os terremotos e erupções vulcânicas, até a erosão do vento e da água são fatores determinantes. É distinta a vida nos desertos, nas alturas montanhosas, nos polos ou à beira-mar. São numerosos os organismos e as diversas espécies que vão aparecendo e desaparecendo da superfície terrestre, uma vez chegada a vida dos mares. Muitos indivíduos encontram dificuldades insuperáveis e por isso perecem, o que também acontece com espécies completas, espécies que não puderam se transformar nem transformar as novas situações que foram surgindo no processo evolutivo. Entretanto, a vida, envolvendo muitas possibilidades com grandes quantidades e diversidade, vai abrindo caminho continuamente.

Quando diversas espécies aparecem em um mesmo espaço, surgem distintas relações entre elas, além das que existem dentro da mesma espécie. Há relações simbióticas, de associação, parasitárias, saprófitas, etc. Todas essas relações possíveis podem ser simplificadas em três grandes tipos: relações de domínio, relações de intercâmbio e relações de destruição. Os organismos mantêm entre si essas relações, sobrevivendo uns e desaparecendo outros.

Trata-se de organismos nos quais as funções vão sendo reguladas por um psiquismo que conta com sentidos para perceber o meio interno e o meio externo e com uma memória que não é apenas memória genética de transmissão de características da espécie (os instintos de reprodução e conservação), mas também gravações individuais de reflexos novos que permitem a decisão diante de alternativas. A memória cumpre também com outra função: o registro do tempo; a memória permite dar continuidade frente ao transcorrer. O primeiro circuito de reflexo curto (estímulo-resposta) admite variações em sua complexidade, especializando-se assim os sistemas nervoso e hormonal. Por outro lado, a possibilidade de adquirir novos reflexos dá origem à aprendizagem e à domesticação, especializando também mecanismos múltiplos de resposta, observando-se então um comportamento variável, uma conduta variável no ambiente, no mundo.

Depois de muitas tentativas da natureza, os mamíferos começaram seu desenvolvimento, produzindo casos diferentes e abundantes. Esses mamíferos deram lugar a distintos ramos, entre eles o dos homínídeos de data recente. A partir destes, o psiquismo começa um desenvolvimento específico.

C. No ser humano

Um salto notável se produz quando tem início entre os hominídeos a codificação de signos (sons e gestos). Em seguida, os signos codificados são fixados com mais permanência (signos e símbolos gravados). Esses signos melhoram a comunicação que relaciona os indivíduos entre si e relata questões de importância para eles referidas ao âmbito em que vivem. A memória se amplia e já não é somente transmissão genética e memória individual. Graças à codificação de sinais, os dados podem ser armazenados e transmitidos significativamente, ampliando a informação e a experiência social.

Posteriormente, ocorre um segundo salto de importância: os dados de memória se tornam independentes do aparato genético e do indivíduo, aparecendo a memória dispersa, que vai prosperando, dos primeiros signos em muros e tabuletas de argila até alfabetos que possibilitam textos, bibliotecas, centros de ensino, etc. O aspecto mais relevante desse fato é que o psiquismo sai de si, expressa-se no mundo.

A locomoção também vai se ampliando, graças à inventiva que, por um lado, cria aparatos naturalmente inexistentes e, por outro, domestica vegetais e animais, permitindo o deslocamento na água, estepe, montanha e bosque – das populações nômades até a locomoção e a comunicação que em nossos dias alcança um notável desenvolvimento.

A nutrição se aperfeiçoa da primitiva coleta, caça e pesca até a domesticação do vegetal dos primeiros agricultores. Segue desenvolvendo-se com a domesticação de animais e com progressivos sistemas de armazenamento, conservação e síntese de novos alimentos e sua consequente distribuição.

A reprodução vai organizando os primeiros grupos sociais de horda, tribo e família que, com a instalação em lugares fixos, vão dando lugar a populações rudimentares. Estas, mais tarde, adquirem uma forma complexa de organização social com a participação concomitante de distintas gerações em um mesmo momento histórico e geográfico. A reprodução vai sofrendo importantes transformações até o momento atual, em que já se vislumbram técnicas de produção, modificação, conservação e mutação de embriões e genes.

O psiquismo vai tornando-se complexo, ao mesmo tempo em que reflete suas etapas anteriores. Especializa também aparatos de respostas, como são os centros neuro-hormonais que, de uma original função vegetativa, foram se desenvolvendo até um intelecto de complexidade crescente. Conforme o grau de trabalho interno e externo, a consciência ganhou níveis do sono profundo ao semissono e, posteriormente, uma vigília cada vez mais lúcida.

O psiquismo aparece como o coordenador da estrutura ser vivo-meio, ou seja, da estrutura consciência-mundo. O resultado de tal coordenação é o equilíbrio instável em que essa estrutura trabalha e processa. A informação externa chega ao aparato especializado que trabalha em distintas faixas de captação. Esses aparatos são os sentidos externos. A informação do meio interno, do intracorpo, chega aos aparatos de captação, que são os sentidos internos. Os rastros dessa informação interna e externa e também os rastros das próprias operações da consciência em seus distintos níveis de trabalho são recebidos no aparato de memória. Assim, o psiquismo coordena dados sensoriais e gravações de memória.

Por outro lado, o psiquismo, nessa etapa de seu desenvolvimento, conta com aparatos de resposta ao mundo, respostas muito elaboradas e de distintos tipos (como são as respostas intelectuais, emotivas ou motrizes). Esses aparatos são os centros. No centro vegetativo estão as bases orgânicas das funções vitais do metabolismo, reprodução e locomoção (ainda que esta última tenha se especializado no centro motriz), assim como os instintos de conservação e de reprodução. O psiquismo coordena esses aparatos e também as funções e instintos vitais.

Além disso, no ser humano ocorre um sistema de relação com o meio, que não pode ser considerado um aparato com localizações neurofisiológicas, que chamamos de “comportamento”. Um caso particular do comportamento psicológico na relação interpessoal e social é o da “personalidade”. A estrutura de personalidade serve à adaptação, tendo que se ajustar continuamente a situações distintas e variáveis do meio interpessoal. Essa capacidade de correta adequação exige uma complexa dinâmica situacional que o psiquismo também deve coordenar, mantendo a unidade da estrutura completa.

Por outro lado, o processo biológico que uma pessoa atravessa – desde o nascimento e a infância, passando pela adolescência e a juventude, até a maturidade e a velhice – vai modificando marcadamente a estrutura interna, que passa por etapas vitais de distintas necessidades e relações ambientais (no começo, dependência do ambiente, depois, instalação e expansão no mesmo, tendendo a conservar a posição para, finalmente, afastar-se). Esse processo também necessita de uma coordenação precisa.

A fim de obter uma visão integral do trabalho do psiquismo humano, apresentaremos suas distintas funções que poderiam ser localizadas fisiologicamente¹. Também consideraremos o sistema de impulsos capaz de gerar, transportar e transformar informação entre os aparatos.

2. Aparatos do psiquismo²

Entende-se por aparatos as especializações sensoriais e de memória que trabalham integradamente na consciência mediante impulsos. Estes, por sua vez, sofrem numerosas transformações conforme o âmbito psíquico em que atuam.

A. Sentidos

Os sentidos têm por função receber e fornecer dados à consciência e à memória e são organizados de distintas maneiras, conforme necessidades e tendências do psiquismo.

O aparato dos sentidos encontra sua origem em um tato primitivo que foi se especializando progressivamente. Pode-se diferenciar entre sentidos externos, que detectam informação do

¹ Esta frase é a que justifica que se tenha acrescentado, ao final deste resumo, o “Apêndice sobre as bases fisiológicas do psiquismo”. O autor expressou textualmente: “A fim de obter uma visão integral do trabalho do psiquismo humano, apresentaremos suas distintas funções em uma metáfora de ‘aparatos’ que poderiam ser localizados fisiologicamente”.

² Uma aplicação desses estudos sobre aparatos do psiquismo, consciência, impulsos e comportamento pode ser encontrada em *Autoliberación*. L. Ammann. Ed. Planeta. Buenos Aires, 1991.

meio externo, e sentidos internos, que captam informação do interior do corpo. De acordo com seu tipo de atividade, podem ser ordenados assim: sentidos químicos (paladar e olfato); sentidos mecânicos (o tato propriamente dito e os sentidos internos de cenestesia e cinestesia) e os sentidos físicos (audição e visão). Nos sentidos internos, o cenestésico proporciona a informação do intracampo; há quimiorreceptores, termorreceptores, barorreceptores e outros; a detecção da dor também desempenha um papel importante. O trabalho dos centros é detectado cenestesicamente, assim como os distintos níveis do trabalho da consciência. Em vigília, a informação cenestésica tem um mínimo de registros, já que é o momento dos sentidos externos e todo o psiquismo está se movendo em relação com esse mundo externo. Quando a vigília diminui seu potencial, a cenestesia aumenta a emissão de impulsos, dos quais se tem um registro deformado, atuando como matéria-prima para as traduções que ocorrerão em semissono e no sono. O sentido cinestésico fornece dados do movimento e da postura corporal, do equilíbrio e desequilíbrio físicos.

Características comuns dos sentidos

- a) Todos efetuam, em si mesmos, atividades de abstração e estruturação de estímulos, de acordo com suas aptidões. A percepção é produzida pelo dado mais a atividade do sentido.
- b) Todos estão em contínuo movimento, varrendo faixas.
- c) Todos trabalham com memória própria que permite o reconhecimento do estímulo.
- d) Todos trabalham em “faixas”, de acordo com um tom particular que lhes é próprio e que deve ser alterado pelo estímulo; para isso, é necessário que o estímulo apareça entre limiares sensoriais (um limiar mínimo abaixo do qual não se percebe e um limiar de máxima tolerância que, ao ser ultrapassado, produz irritação sensorial ou saturação). Caso haja “ruído de fundo” (proveniente do mesmo sentido ou de outros sentidos, da consciência ou da memória), o estímulo deve aumentar sua intensidade para que seja registrável, sem ultrapassar o limiar máximo para que não haja saturação e bloqueio sensorial. Quando isso acontece é imprescindível fazer desaparecer o ruído de fundo para que o sinal chegue ao sentido.
- e) Todos trabalham entre esses limiares e limites de tolerância que admitem variações de acordo com a educação e necessidades metabólicas (onde se encontra a raiz filogenética da existência sensorial). Essa característica de variabilidade é importante para distinguir erros sensoriais.
- f) Todos traduzem as percepções a um mesmo sistema de impulsos eletroquímicos, que serão distribuídos por via nervosa ao cérebro.
- g) Todos têm localizações terminais nervosas (precisas ou difusas) sempre conectadas aos sistemas nervosos central e periférico ou autônomo, de onde opera o aparato de coordenação.
- h) Todos se encontram vinculados com o aparato de memória geral do organismo.
- i) Todos apresentam registros próprios, dados pela variação do tom ao apresentar-se o estímulo e no próprio fato da percepção.

j) Todos podem cometer erros na percepção. Esses erros podem ser provenientes de bloqueio do sentido (por exemplo, por irritação sensorial), por falta ou deficiência do sentido (miopia, surdez, etc.). Também por falta de intervenção de outro ou outros sentidos que ajudem a dar parâmetros à percepção (por exemplo, ouve-se algo como se estivesse “longe” e, ao vê-lo, está “perto”). Existem erros de criação artificial, por condições mecânicas, como é o caso de “ver luz” ao fazer pressão nos globos oculares ou a sensação de que o corpo se amplia, ao estar em presença de uma temperatura externa similar à da pele. Esses erros dos sentidos são denominados, genericamente, de “ilusão”.

B. Memória

A memória tem a função de gravar e reter dados provenientes dos sentidos e/ou da consciência; também fornece dados ao coordenador quando é necessário (o ato de recordar). Quanto maior a quantidade de dados de memória, mais opções nas respostas. Nas respostas com antecedentes se economiza energia, ficando um adicional em disponibilidade. O trabalho da memória dá referências à consciência para sua localização e continuidade no tempo. Os rudimentos de memória aparecem na inércia própria dos trabalhos de cada sentido, ampliando-se a todo o psiquismo como memória geral. O átomo mínimo teórico de memória é a reminiscência, mas o registrável é que na memória são recebidos, processados e ordenados dados provenientes dos sentidos e do coordenador em forma de gravações estruturadas. O ordenamento é feito por faixas ou zonas temáticas e de acordo com uma cronologia própria. Disso se deduz que o átomo real seria: dado + atividade do aparato.

Formas de gravação

Os dados são gravados pela memória de distintas formas: por choque, ou seja, por um estímulo que impressiona fortemente; por entrada simultânea através de distintos sentidos; por apresentação do mesmo dado de diferentes maneiras; e por repetição. O dado é bem gravado em contexto e também quando sobressai por falta ou unidade de contexto. A qualidade da gravação aumenta quando os estímulos são distinguíveis e isso ocorre na ausência de fundo de ruído por nitidez dos sinais. Quando há saturação por reiteração, ocorre bloqueio e, quando há habituação, ocorre diminuição na gravação do estímulo. Quando há ausência de estímulos externos, o primeiro estímulo que aparece é gravado fortemente. Além disso, quando a memória não está entregando informação ao coordenador, há maior disponibilidade para gravar. Serão bem gravados os dados recebidos que tenham relação com a faixa temática em que o coordenador está trabalhando.

Recordação e esquecimento

A recordação ou, mais precisamente, a evocação surge quando a memória entrega à consciência dados já gravados. Essa evocação é produzida intencionalmente pela consciência, o que a distingue de outro tipo de rememoração que se impõe à consciência, como quando certas recordações a invadem, coincidindo em certas ocasiões com buscas ou com contradições psicológicas que aparecem sem participação do coordenador. Há graus de evocação, conforme o dado tenha sido registrado com maior ou menor intensidade. Quando os dados ultrapassam levemente o limiar de registro, a evocação é também leve e, inclusive, há casos em que não se recorda, mas, ao se voltar a perceber o dado, ele é reconhecido. A

partir desses limiares mínimos de evocação, aparecem gravações mais intensas até chegar à recordação automática ou reconhecimento veloz, que é, por exemplo, o caso da linguagem. O reconhecimento ocorre quando, ao receber um dado e ser este comparado com anteriores, aparece como já registrado, sendo então reconhecido. Sem reconhecimento, o psiquismo experimentaria um estar sempre pela primeira vez diante dos fenômenos, apesar de que estes se repetissem. O esquecimento é a impossibilidade de trazer para a consciência dados já gravados. Isso ocorre por um bloqueio na reminiscência, que impede o reaparecimento da informação. Há, por outro lado, uma espécie de esquecimento funcional que impede a aparição contínua de recordações, graças a mecanismos de interregulação que operam inibindo um aparato enquanto outro funciona. Assim, não há recordação contínua quando o coordenador está percebendo, ou está coordenando respostas, ou está evocando uma faixa particular. A gravação na intensidade da gravação e da evocação vincula-se com os campos de presença e copresença do coordenador.

Níveis de memória

Distintos níveis surgem a partir da permanência e duração das gravações. Na aquisição da memória individual, os primeiros rastros ficam como substrato para os posteriores, colocando o âmbito no qual as novas gravações são comparadas com as primeiras. Por outro lado, as novas gravações são recebidas sobre a base da disponibilidade energética e de trabalho que as primeiras deixam, sendo estas as bases para o reconhecimento. Há um primeiro nível de substrato, ou memória antiga, que vai se enriquecendo com o passar do tempo. Há um segundo nível, ou memória mediata, que surge na dinâmica do trabalho psíquico, com gravações recentes que às vezes passam para o nível de memória antiga. Há um terceiro nível, ou memória imediata, que corresponde às gravações atuais. É um nível de trabalho constantemente aberto à chegada de informação. Nesse nível há seleção, descarte e armazenamento de dados.

Memória e aprendizagem

Na gravação e na memorização do rastro mnemônico, a emoção tem um papel muito importante. É evidente que se memoriza e evoca melhor em climas amáveis e agradáveis, e esta característica é definitiva nas tarefas de aprendizagem e ensino, em que os dados se relacionam com um contexto situacional emotivo.

Circuito de memória

As vias de entrada dos impulsos mnemônicos são: os sentidos internos, os sentidos externos e as atividades do coordenador. Por essas vias, circulam os impulsos constituintes da informação registrável que passa a ser armazenada na memória. Por sua parte, os estímulos que chegam seguem um caminho duplo: um que vai ao coordenador e outro que vai à memória. É suficiente que os estímulos ultrapassem levemente os limiares sensoriais para que sejam registráveis, e é suficiente uma atividade mínima nos distintos níveis de consciência para que haja gravação.

Relação entre memória e coordenador

No circuito entre sentidos e coordenador, a memória atua como conectiva, como ponte, compensando em certas ocasiões a falta de dados sensoriais, seja por evocação, seja por recordação involuntária (como se tratasse de “metabolizar” reservas). No caso do sono profundo, em que não há entrada de dados externos, chegam à consciência os dados cenestésicos combinados com os dados de memória. Assim, os dados mnemônicos não aparecem evocados intencionalmente, mas de qualquer modo o coordenador está realizando um trabalho, está ordenando dados, está analisando, está fazendo operações com participação da memória. No nível de sono profundo, há reordenamento da matéria-prima vigílica (imediate, recente ou antiga) que chegou desordenadamente à memória. No nível de vigília, o coordenador pode se dirigir à memória mediante evocação (mecanismos de reversibilidade), formalizando na consciência objetos que não entram pelos sentidos nesse momento, embora o tenham feito anteriormente. Do dito se desprende que a memória pode fornecer dados por requerimento do coordenador ou estimulá-lo sem sua participação como, por exemplo, quando faltam estímulos sensoriais.

Erros de memória

O mais geral é o falso reconhecimento, que surge quando um dado novo é relacionado incorretamente com um anterior. Uma variante (ou recordação equívoca) é suplantado por outro um dado que não aparece na memória. As amnésias se registram como uma impossibilidade total para evocar dados ou sequências completas de dados. Inversamente, na hipermnésia há superabundância de recordações. Por outro lado, toda gravação está associada a outras contíguas. Por isso, não há recordação isolada. O coordenador seleciona entre as recordações aquelas que lhe são necessárias. Outro tipo de erro é o que ocorre quando recordações contíguas são colocadas como centrais. Na conduta podem influir diretamente dados de memória que não passam pelo coordenador e que motivam comportamentos inadequados à situação, apesar de que possa haver registro dessas condutas inadequadas. Outro tipo de erro é o “*déjà vu*”, quando se experimenta frente a uma situação totalmente nova a sensação do já vivido.

3. Consciência

Pode-se definir a consciência como o sistema de coordenação e registro que o psiquismo humano efetua. De acordo com isso, não se considera consciente nenhum fenômeno que não seja registrado, tampouco qualquer operação do psiquismo na qual não participem tarefas de coordenação. Isso é possível porque as possibilidades de registro e coordenação têm um espectro muito amplo, aparecendo as maiores dificuldades ao considerar os limiares, os limites de registro e coordenação. Isso nos leva a uma breve consideração: costuma-se vincular “consciência” com “atividade vigílica”, deixando o restante fora da consciência, o que tem feito com que surjam concepções mal fundamentadas, como a do “inconsciente”. Isso tem sido assim porque não se estudou suficientemente os diferentes níveis de trabalho da consciência e tampouco se observou a estrutura de presença e copresença com que trabalha o mecanismo atencional. Há outras concepções nas quais a consciência é vista como passiva, sendo que a

consciência trabalha estruturando ativamente, coordenando as necessidades e tendências do psiquismo com as contribuições sensoriais e de memória, enquanto orienta as variações constantes da relação do corpo e do psiquismo, ou seja, da estrutura psicofísica com o mundo.

Consideramos mecanismos fundamentais os de reversibilidade, que permitem à consciência orientar-se, por meio da atenção, para as fontes de informação sensorial (apercepção) e mnemônica (evocação). Quando a atenção está dirigida para a evocação pode, além disso, descobrir ou ressaltar fenômenos que não foram notados no momento em que foram gravados. Esse reconhecimento é considerado como apercepção na evocação. A atuação dos mecanismos de reversibilidade está diretamente relacionada com o nível de trabalho da consciência. À medida que se desce em níveis de consciência, diminui o trabalho desses mecanismos e vice-versa.

A. Estrutura da consciência

Sua estrutura mínima é a relação ato-objeto ligada pelos mecanismos de intencionalidade da consciência. Essa ligação entre atos e objetos é permanente, mesmo quando existem atos lançados em busca de objetos que, nesse instante, não se precisam. É essa situação a que dá dinâmica à consciência. Os objetos de consciência (percepções, recordações, representações, abstrações, etc.) aparecem como os correlatos intencionais dos atos de consciência. A intencionalidade sempre está lançada para o futuro, o que se registra como tensão de busca, e também para o passado na evocação. Assim, os tempos de consciência se entrecruzam no instante presente. A consciência futuriza e recorda, mas no momento da impleção³ trabalha no presente. No caso de busca de uma recordação, quando o objeto evocado aparece, “faz-se presente” e, até que isso não aconteça, a consciência não completa seu ato. A ação completiva registra-se como distensão. Quando os atos encontram seu objeto, fica energia livre, que é utilizada pela consciência para novos trabalhos. Essas operações descritas são características do nível vigílico, já que em outros níveis (como no sono, por exemplo) a estrutura do tempo é distinta. Assim, o tempo psicológico depende do nível de trabalho do psiquismo. O tempo de trabalho do coordenador em vigília é o presente, a partir do qual podem efetuar-se múltiplos jogos temporais de protensões e retenções, mas sempre entrecruzando-se no instante presente. A eficácia dos mecanismos de reversibilidade e o tempo presente são características vigílicas.

Atenção, presença e copresença

A atenção é uma aptidão da consciência, que permite observar os fenômenos internos e externos. Assim, quando um estímulo supera o limiar, desperta o interesse da consciência, ficando em um campo central de presença ao qual se dirige a atenção. Acontece o mesmo quando é a consciência que se dirige a determinado estímulo ou dado por interesse próprio. Quando a atenção trabalha, há objetos que aparecem como centrais e objetos que aparecem na periferia de modo copresente. A presença e a copresença atencionais ocorrem tanto com os objetos externos quanto com os objetos internos. Ao atender a um objeto se faz presente um aspecto evidente, e o não evidente opera de modo copresente. “Conta-se com” essa parte, embora não se atenda a ela. Isso se deve ao fato de que a consciência trabalha com mais do

³ N. do T.: Momento em que o ato encontra seu objeto.

que necessita atender, ultrapassa o objeto observado. A consciência dirige atos aos objetos, mas também há outros atos copresentes que não se relacionam com o tema ou objeto atendido presentemente. Nos distintos níveis de consciência experimenta-se o mesmo. Por exemplo, em vigília há copresença de devaneios e nos sonhos pode haver atos eminentemente vigílicos, como o raciocínio. Dessa maneira, a presença se dá em um campo de copresença. No conhecimento, por exemplo, a massa de informação copresente importa quando é necessário concentrar-se em um tema específico. O conhecimento se entende nesse horizonte de copresença, por isso, ao ampliá-lo, amplia-se também a capacidade de relacionar. Presença e copresença configuram a imagem do mundo que um indivíduo possui. Além de conceitos e ideias, a consciência conta com elementos não pensados, copresentes – que são as opiniões, crenças, suposições – aos que raramente se atende. Quando esse substrato com o qual se conta varia ou cai é a imagem do mundo que muda ou se transforma.

Abstração e associação

A capacidade de abstração da consciência aumenta no nível vigílico e diminui nos níveis inferiores, aumentando, então, os mecanismos associativos. Em vigília, trabalham tanto os mecanismos de abstração quanto os de associação em sua base. Consequência dos primeiros é a “ideação” e dos segundos, a “imaginação”. A ideação consiste na formulação de abstrações que podemos definir como “conceitos”. Estes são reduções dos objetos a seus caracteres essenciais (por exemplo, de um campo se pode abstrair sua forma triangular e calcular sua área geométrica). A conceituação não trabalha com elementos isolados, mas com conjuntos de elementos, e é a partir dessas conceituações que se podem estabelecer classificações (por exemplo, pode-se fazer a abstração “árvore”, mas há distintos tipos de árvores, por isso aparecem também classificações em categorias, classes, gêneros, etc.). De acordo com isso, a ideação se dá sobre a base de conceituações e classificações, graças aos mecanismos abstrativos da consciência.

A imaginação surge com o trabalho dos mecanismos de associação: por contraste (branco-negro); por contiguidade (ponte-rio); e por similitude (vermelho-sangue). Podem-se distinguir dois tipos de imaginação: a imaginação divagadora e a imaginação plástica ou dirigida. A primeira se caracteriza pela associação livre, sem guia, em que as imagens se soltam e se impõem à consciência (por exemplo, em sonhos e devaneios). Na imaginação plástica ou dirigida, há certa liberdade operativa, admitindo uma direção em torno de um plano de inventiva com interesse de formalizar algo ainda inexistente. Conforme os impulsos que chegam à consciência sejam trabalhados por um ou outro dos mecanismos assinalados (abstração, classificação, divagação ou imaginação dirigida), serão obtidas distintas traduções, formalizando múltiplas representações.

B. Níveis de consciência

A consciência pode encontrar-se submergida em pleno sono, em semissono ou em vigília, mas também em momentos intermediários ou de transição. Há graduações entre os níveis de consciência, não diferenças marcantes. Falar de níveis é falar de diferentes operações e do registro dessas operações. É graças a esse registro que se pode distinguir entre distintos níveis de consciência, e não se pode ter registro dos níveis como se estes fossem âmbitos vazios.

Características dos níveis

Pode-se afirmar que os distintos níveis de consciência cumprem com a função de compensar estruturadamente o mundo (entendendo-se por “mundo” a massa de percepções, representações, etc., que têm sua origem nos estímulos dos meios externo e interno). Não se trata simplesmente de dar respostas, mas de dar respostas compensatórias estruturais. Essas respostas são compensações para restabelecer o equilíbrio nessa relação instável que é a relação consciência-mundo ou psiquismo-meio. Ao restar energia livre do trabalho que se faz no funcionamento vegetativo, os níveis vão ascendendo porque vão recebendo a energia que os abastece.

Sono profundo

Nesse nível, o trabalho dos sentidos externos é mínimo; não há outra informação do meio externo senão aquela que supera o limiar colocado pelo próprio sono. O trabalho do sentido cenestésico é predominante, contribuindo com impulsos que são traduzidos e transformados pelo trabalho dos mecanismos associativos, dando lugar ao surgimento das imagens oníricas. As características substantivas das imagens nesse nível são seu grande poder de sugestionabilidade. O tempo psicológico e o espaço se encontram modificados em relação à vigília, e a estrutura ato-objeto aparece frequentemente sem correspondência entre seus elementos. Do mesmo modo, “climas” emotivos e imagens costumam se independentizar entre si. É típico o desaparecimento dos mecanismos críticos e autocríticos que, a partir desse nível, vão aumentando seu trabalho, à medida que aumenta o nível de consciência. A inércia dos níveis – e o âmbito formal próprio que estes colocam – fazem com que a mobilidade e a passagem de um para outro ocorram paulatinamente. Assim, a saída e a entrada ao sono serão feitas passando-se pelo semissono. O tom desse nível é igual ao dos demais: pode ir de um estado ativo a outro passivo e também podem apresentar-se estados de alteração. O sono passivo se dá sem imagens, enquanto o ativo, com imagens.

Semissono

No nível de semissono, que antecede a vigília, os sentidos externos começam a enviar informação à consciência, informação que não é totalmente estruturada porque há também interferência de devaneios e presença de sensações internas. Os conteúdos do sono perdem poder sugestivo quando continuam aparecendo, devido à semipercepção vígilica, que dá novos parâmetros. A sugestionabilidade continua atuando, sobretudo no caso de algumas imagens muito vívidas (chamadas “hipnagógicas”), que têm grande força. Por outro lado, o sistema de devaneios frequentes, que pode diminuir em vigília e desaparecer no sono, reaparece. Nesse nível, o núcleo de devaneio e os devaneios secundários são mais facilmente registráveis, pelo menos em seus climas e tensões básicas. O modo de devaneio próprio desse nível costuma se transferir por inércia à vigília, proporcionando a matéria-prima para a divagação, embora nesta também apareçam elementos de percepção vígilica. Nesse âmbito, o coordenador já pode realizar algumas operações. Mencionemos também que esse nível é extremamente instável e, por isso, de fácil desequilíbrio e alteração. Também encontramos os estados de semissono passivo e ativo. O primeiro oferece uma passagem fácil para o sono; o outro, para a vigília. É conveniente fazer outra distinção: há um semissono ativo por alteração e outro mais calmo e atento. O semissono alterado é a base das tensões e climas, que com força e insistência

podem chegar à vigília, ocasionando “ruídos” e modificando a conduta, tornando-a inadequada à situação ambiental. O rastreio dos climas e tensões vigílicas pode ser feito no semissono ativo alterado. Os distintos estados, ativos e passivos, estão dados pelo tom e intensidade energética própria de cada nível. Os tons dão a intensidade gradual que tanto os climas emotivos quanto as tensões podem ter.

Vigília

Aqui os sentidos externos contribuem com maior caudal de informação, regulando por inibição os sentidos internos e possibilitando que o coordenador se oriente ao mundo no trabalho do psiquismo de compensação ao meio. Funcionam aqui os mecanismos de abstração e os mecanismos críticos e autocríticos, chegando a altos graus de manifestação e intervenção nas tarefas de coordenação e registro. Os mecanismos de reversibilidade, que nos níveis anteriores tinham uma mínima manifestação, podem aqui operar amplamente, permitindo ao coordenador equilibrar os meios interno e externo. A sugestionabilidade nos conteúdos vigílicos diminui ao aumentarem os pontos de referência. Há um tom de vigília ativa – que pode ser atenta, com máximo manejo da apercepção – ou um tom de vigília alterada. Neste último caso, aparece a divagação silenciosa e os devaneios mais ou menos fixos.

Relação entre níveis

A relação entre níveis produz, em geral, alterações recíprocas. Podem-se citar quatro fatores que incidem nessa relação: a inércia, o ruído, o efeito “rebote” e o “arrasto”.

Inércia

Cada nível de consciência tende a manter seu nível próprio de trabalho, mantendo sua atividade depois de finalizado seu ciclo. Isso faz com que a passagem de um nível para outro se faça com lentidão, diminuindo o primeiro ao se manifestar o novo nível (como no caso de conteúdos de semissono que se impõem em vigília). Os casos que se mencionam a seguir são consequências dessa inércia de cada nível em manter e estender seu tipo de articulação característica.

Ruído

A inércia do nível anterior aparece como ruído de fundo no trabalho do nível posterior; conteúdos da infravigília irrompem, interferindo no trabalho vigílico e vice-versa. Como ruído podemos também distinguir: climas emotivos, tensões e conteúdos não correspondentes ao trabalho do coordenador nesse momento. Por exemplo: se um trabalho intelectual for realizado, certa emoção deverá acompanhar esse trabalho (gosto por fazê-lo), haverá uma tensão produzida pelo próprio trabalho e pela mentalização de conteúdos apropriados para as operações em marcha, mas se houver climas de outro tipo, se as tensões não provierem do trabalho e os conteúdos forem alegorizantes, é óbvio que interferirão na atividade, introduzindo ruído, o que vai alterar a coordenação e consumirá a energia disponível.

Efeito rebote

Esse fenômeno surge como resposta de um nível em que se introduziram conteúdos de outro nível, superando as defesas de inércia. Conteúdos próprios do nível invadido aparecerão mais tarde no nível a partir do qual se produziu a introdução.

Arrasto

Conteúdos, climas e tons próprios de um nível se transferem e permanecem em outro nível como arrasto. Isso será mais relevante no caso de climas, tensões ou conteúdos fixos no psiquismo, que são arrastados por muito tempo e que se representam nos distintos níveis. Esses fatores podem ser especialmente considerados pela importância psicológica que podem ter na adaptação crescente e na evolução do psiquismo.

Tons, climas, tensões e conteúdos

Os *tons* podem ser considerados a intensidade energética. As operações em cada nível podem ser efetuadas com maior ou menor intensidade (com maior ou menor tom). Há vivências que podem se manifestar com maior ou menor intensidade conforme o tom predominante e, em certas ocasiões, podem ser alteradas por este, convertendo-se em fator de ruído.

Os *climas* são estados de ânimo que, por sua variabilidade, aparecem intermitentemente e podem cobrir a consciência durante certo tempo, tingindo todas as atividades do coordenador. Em certas ocasiões, os climas correspondem às operações que se efetuam e acompanham concomitantemente o coordenador sem perturbá-lo, facilitando, nesse caso, seu trabalho. Quando isso não acontece dessa forma, provocam ruído. Esses climas podem se fixar no psiquismo e perturbar a estrutura completa, impedindo a mobilidade e facilidade de deslocamento dos climas oportunos. Os climas fixos circulam pelos distintos níveis e, assim, podem passar da vigília ao sono, continuar ali e voltar para a vigília durante longo tempo, subtraindo liberdade operativa do coordenador. Outro tipo de clima é o situacional, que aparece entorpecendo as respostas adequadas a determinada situação.

As *tensões* têm uma raiz mais física, mais corporal, já que é o sistema muscular o que intervém, sendo na musculatura onde se tem o registro mais direto delas. A vinculação com o psiquismo nem sempre é direta, já que o relaxamento muscular não é acompanhado diretamente por um relaxamento mental, e a consciência pode continuar com tensões e alteração depois que o corpo já tiver conseguido relaxar. Essa diferença entre tensões psíquicas e físicas permite distinções operativas mais precisas. As tensões psíquicas estão vinculadas às expectativas excessivas nas quais o psiquismo é levado a uma busca, a uma “espera de algo” que proporciona fortes tensões.

Os *conteúdos mentais* aparecem como objetos formais de consciência, são formas compensatórias que a consciência organiza para responder ao mundo. Aparece, assim, a correspondência (ou não) entre as atividades ou necessidades do psiquismo e os conteúdos que aparecem no coordenador. Se estiver sendo efetuada uma operação matemática será oportuna ali a representação numérica, mas uma figura alegórica resultará inoportuna e atuará como ruído e como foco de distração. Todos os fatores de ruído, além de entorpecer o trabalho, costumam provocar desorientação e dispersão de energia. Os conteúdos de consciência, enquanto atuam em seu nível de formação, têm uma significação de importância

para o coordenador, mas, ao saírem de seu nível formal característico, entorpecem as tarefas de coordenação.

Também são de grande utilidade os registros dos estados calmos em vigília, já que conseguem restabelecer a normalidade do fluxo de consciência. No caso dos climas que se fixam, há uma operatória para transferir esses climas de suas imagens correspondentes para outras de menor importância para a consciência. Desse modo, os climas podem ir perdendo fixação, diminuindo a perturbação vigílica. Em síntese: os quatro tipos de vivências que mencionamos acima, enquanto tiverem adequação às operações do coordenador, são fatores favoráveis; quando são inadequados por não corresponderem a tais operações, acabam sendo fatores de ruído e distração, alterando o psiquismo.

Erros do coordenador

Deve-se distinguir entre os erros próprios da consciência e os erros de relação entre consciência, sentidos e memória. Chamamos estes últimos genericamente de “disfunções”. A alucinação é o erro típico do coordenador. Ela ocorre quando fenômenos que não chegaram diretamente por via dos sentidos são experimentados como se operassem no mundo externo com todas as características da percepção sensorial. Trata-se de configurações que a consciência faz sobre a base de memória. Essas alucinações podem surgir em situações de grande esgotamento, por carência de substâncias necessárias ao metabolismo cerebral, por anoxia, por carência de estímulos (como em situações de supressão sensorial), por ação de drogas, no “delirium tremens” próprio do alcoolismo e também em situações de perigo de morte. São frequentes em casos de debilidade física e em casos de “consciência emocionada”, em que o coordenador perde sua faculdade de se deslocar no tempo. Como disfunções com os sentidos pode-se mencionar a incapacidade de relacionar dados provenientes de distintas vias sensoriais (são os casos conhecidos como “desintegração eidética”). As disfunções com a memória são registradas como esquecimentos e bloqueios.

Circuito integrado entre sentidos, memória e coordenador

As conectivas entre sentidos, memória e consciência revelam importantes aspectos do funcionamento do psiquismo. Esses circuitos conectivos trabalham em uma complexa autorregulação. Assim, quando o coordenador faz apercepção da percepção, fica inibida a evocação e, inversamente, a apercepção de memória inibe a percepção. Quando os sentidos externos estão atuando, freia-se a entrada de estímulos internos e vice-versa. A maior interregulação aparece nas mudanças de nível de trabalho. Nestas, ao aumentar o sono (ou diminuir a vigília), bloqueiam-se os mecanismos de reversibilidade, soltando-se com força, então, os mecanismos associativos; por sua parte, os mecanismos críticos, ao mesmo tempo em que começam seu trabalho, inibem os mecanismos associativos, ao aumentar a vigília. Entre os sentidos também há interregulação automática: quando a visão amplia seu limiar médio, diminuem o tato, o olfato e a audição, acontecendo o mesmo entre todos os sentidos (por exemplo, costuma-se fechar os olhos para ouvir melhor).

4. Impulsos⁴

Os impulsos que chegam ao coordenador, provenientes dos sentidos e da memória, são transformados em representações, processando-se estas estruturas de percepção e evocação a fim de elaborar respostas eficazes no trabalho de equilibrar os meios interno e externo. Por exemplo, enquanto um devaneio é uma elaboração-resposta ao meio interno, um deslocamento motriz é um movimento-resposta ao meio externo ou, no caso das representações, uma ideação levada a níveis sîgnicos é outro tipo de representação-resposta ao meio externo. Por outro lado, qualquer representação que fique no campo de presença do coordenador suscita cadeias associativas entre o objeto e sua copresença. Assim, enquanto o objeto é captado com precisão de detalhes no campo de presença, no campo de copresença aparecem relações de outros objetos não presentes, mas vinculados a ele. Percebe-se a importância que têm os campos de presença e copresença na tradução de impulsos, como no caso da tradução alegórica, em que muita matéria-prima provém de dados que chegam à copresença vigílica.

É importante um estudo dos impulsos pelo trabalho particular que o coordenador realiza com as representações. São duas as vias possíveis: a abstrativa, que opera reduzindo a multiplicidade fenomênica a seus caracteres essenciais, e a associativa, que estrutura as representações sobre a base de similitude, contiguidade e contraste.

Sobre a base dessas vias de abstração e associação estruturam-se formas que são elos entre a consciência que as constitui e aqueles fenômenos do mundo objetal aos quais estão referidas.

A. Morfologia dos impulsos

Neste nível expositivo, compreendemos as “formas” como fenômenos de percepção ou de representação. A morfologia dos impulsos estuda as formas como estruturas traduzidas e transformadas pelo aparato psicofísico em seu trabalho de resposta aos estímulos.

De um mesmo objeto pode-se ter distintas formas, conforme os canais de sensação utilizados, conforme a perspectiva com respeito a tal objeto e conforme o tipo de estruturação efetuada pela consciência. Cada um dos distintos níveis de consciência coloca seu próprio âmbito formal. Cada nível procede como estrutura de âmbito característico, ligado a formas também características. As formas que emergem na consciência são reais compensações estruturadoras frente ao estímulo. A forma é o objeto do ato de compensação estruturadora. O estímulo se converte em forma quando a consciência o estrutura a partir de seu nível de trabalho. Assim, o mesmo estímulo se traduz de formas distintas, conforme respostas estruturadoras de distintos níveis de consciência. Os diferentes níveis cumprem com a função de compençar estruturadamente o mundo.

A cor tem grande importância psicológica, mas, mesmo quando serve à ponderação das formas, não modifica sua essência.

⁴ Uma exposição sobre o tema dos impulsos encontra-se em *Morfología (símbolos, signos y alegorías)*. J. Caballero. Ed. Antares. Madrid. 1997.

Para compreender a origem e o significado das formas, deve-se distinguir entre sensação, percepção e representação.

Funções da representação interna

1. Fixar a percepção como memória.
2. Transformar o percebido de acordo com as necessidades da consciência.
3. Traduzir impulsos internos a níveis perceptíveis.

Funções da representação externa

1. Abstrair o essencial para ordenar (símbolo).
2. Expressar convencionalmente abstrações para poder operar no mundo (signo).
3. Concretizar o abstrato para recordar (alegoria).

Características do signo, da alegoria e do símbolo

O signo é convencional, operativo, associativo, às vezes figurativo, às vezes não figurativo. A alegoria é centrífuga, multiplicativa, associativa, epocal e figurativa. O símbolo é centrípeta, sintético, não associativo, não epocal e não figurativo.

B. Simbólica

O símbolo como ato visual

O símbolo no espaço e como percepção visual nos faz refletir sobre o movimento do olho. Uma visão de um ponto sem referências permite o movimento do olho em todas as direções. A linha horizontal leva o olho nessa direção sem esforço. A linha vertical provoca tensão, fadiga e adormecimento.

A compreensão do símbolo (inicialmente uma configuração e um movimento visual) permite considerar seriamente a ação que ele efetua a partir do mundo externo sobre o psiquismo (quando o símbolo se apresenta como percepção a partir de um objeto cultural) e permite pesquisar o trabalho da representação (quando a imagem se expressa como símbolo em uma produção pessoal interna ou se projeta em uma produção cultural externa).

O símbolo como resultado da transformação do percebido

Aqui surge a função compensatória do símbolo como referencial e ordenador do espaço. O símbolo contribui para a fixação do centro no campo aberto e para a detenção do tempo. Os monumentos-símbolo dão unidade psicológica e política aos povos. Há também o símbolo que responde a produções não coletivas, em que se observa a função compensatória da consciência frente aos dados da realidade.

O símbolo como tradução dos impulsos internos

O simbolismo no sonho e na produção artística geralmente responde a impulsos cenestésicos traduzidos a níveis de representação visual. Outro caso de manifestação simbólica como tradução de impulsos internos é o de certos gestos conhecidos no Oriente como “mudras”. Algumas atitudes corporais gerais e seus significados são conhecidos em todo o mundo e

correspondem às distinções feitas quanto aos símbolos de ponta e círculo (por exemplo, o corpo erguido e os braços abertos expressam, simbolicamente, situações mentais opostas às do corpo curvado sobre si mesmo, como na posição fetal).

C. Sínica

O signo cumpre com a função de expressar convencionalmente abstrações para operar no mundo, unificando em um mesmo nível de linguagem fenômenos de naturezas diferentes. Expressão e significado são uma estrutura. Quando o significado de uma expressão é desconhecido, o signo perde valor operativo. As expressões equívocas ou multívocas são aquelas que admitem vários significados e sua compreensão surge por contexto. O contexto uniformiza o nível de linguagem. Mas os contextos costumam estar colocados fora do âmbito de um nível de linguagem determinado, surgindo as expressões sincategoremáticas ou ocasionais. Por exemplo, frente ao mesmo chamado à porta, ao perguntar “quem chama?”, diversas pessoas respondem “eu”, entendendo-se em cada caso de quem se trata pela voz, pela hora, pela circunstância de espera de uma visita, etc. Ou seja, por contextos que estão fora do nível de linguagem em que sempre se diz “eu”. Quanto ao signo como tal, este pode ser a expressão de um significado ou cumprir com a função de assinalar outra entidade por caráter associativo.

Diferenças entre signos e categorias sígnicas

As conectivas entre signos são formalizações de relações, sendo elas, por sua vez, signos. Quando os signos perdem seu significado por traslado cultural, costumam ser considerados como símbolos.

A função sínica de símbolos e alegorias

Quando a um símbolo é atribuído um valor convencional e é considerado no sentido operativo, é convertido em signo. As alegorias também cumprem com funções sígnicas.

D. Alegórica

As alegorias são narrações transformadas plasticamente, nas quais se fixa o diverso ou se multiplica por alusão, mas também se concretiza o abstrato. O caráter multiplicativo do alegórico tem a ver com o processo associativo da consciência.

Leis associativas do alegórico

A similitude guia a consciência quando esta busca algo parecido a determinado objeto. A contigüidade, quando procura o próprio ou o que está, esteve ou estará em contato com determinado objeto. O contraste, quando procura aquilo que se opõe ou que está em relação dialética com determinado objeto.

O situacional do alegórico

O alegórico é dinâmico e relata situações referidas à mente individual (sonhos, contos, arte, patologia, mística), ao psiquismo coletivo (contos, arte, folclore, mitos e religiões) e ao homem de distintas épocas frente à natureza e à história.

Funções e tipos de alegorias

Relata situações, compensando dificuldades de abrangência total. Ao captar situações alegoricamente, pode-se operar sobre as situações reais de modo indireto.

O “clima” do alegórico e o sistema de ideação

No alegórico, o fator emotivo não é dependente da representação. O clima faz parte do sistema de ideação e é o que delata o significado para a consciência. O alegórico não respeita o tempo linear nem a estruturação do espaço do estado vigílico.

O sistema de tensão e a alegoria como descarga

O riso, o choro, o ato amoroso e a confrontação agressiva são meios de descarga de tensões internas. Determinadas alegorias cumprem com a função de provocar essas descargas.

Composição do alegórico

Continentes (guardam, protegem ou envolvem aquilo que está em seu interior); conteúdos (o que está incluído em um âmbito); conectivas (entidades que facilitam ou impedem a conexão entre conteúdos, âmbitos ou entre âmbitos e conteúdos); atributos (manifestos, quando se destacam, e tácitos, quando estão encobertos). No alegórico, destacam-se os níveis (importâncias, hierarquias), as texturas (qualidade e significado da qualidade de um objeto) e os momentos de processo (idades). As alegorias se apresentam à consciência com dinâmica e grande capacidade de transformismo, inversão, expansão ou redução.

Para fazer uma interpretação completa de um sistema alegórico é conveniente observar um plano de trabalho que comece por separar os componentes simbólicos e sígnicos. Posteriormente, deve-se tratar de compreender a função com que cumpre cada um dos elementos considerados e a origem da matéria-prima alegórica (no caso de objetos culturais, de lembranças mescladas, de devaneios ou de imagens oníricas).

5. Comportamento

Vimos o psiquismo como coordenador de relações entre meios diferentes: o meio interno do corpo e o meio externo ou ambiente. De ambos os meios o psiquismo obtém informação pelos sentidos, armazena experiência pela memória e procede ao ajuste pelos centros. Chamamos esse ajuste entre meios de “comportamento”, considerando-o como um caso particular de expressão do psiquismo. Seus mecanismos de base são os instintos de conservação individual e da espécie e as tendências intencionais.

O comportamento se estrutura sobre a base de qualidades inatas, próprias da estrutura biológica a que pertence o indivíduo, e qualidades adquiridas codificadas sobre a base das experiências de acerto ou erro, com seus registros de prazer ou desprazer. As qualidades inatas colocam a condição biológica ao coordenador, que conta com elas e não pode isolá-las

sem prejuízo. Essa base biológica tem uma inércia que se expressa, conservando e alcançando condições aptas para sua expansão. As qualidades adquiridas surgem da aprendizagem individual no deslocamento da estrutura psicofísica pelo espaço e tempo. A aprendizagem vai modificando o comportamento com relação às experiências de acerto e erro. Esses ensaios vão dando pautas para a melhor adaptação do indivíduo, o que se alcança com as menores resistências no meio, o menor esforço no trabalho e o menor desgaste energético. Essa forma de adaptação possibilita um adicional energético (energia livre) que pode ser utilizado em novos passos de adaptação crescente.

Em todo processo de adaptação, a estrutura psicofísica se orienta pelos indicadores de prazer e desprazer. O desprazer se conforma como sinal do que é perigoso para a vida, do que é tóxico, repressivo ou, em geral, prejudicial para a estrutura psicofísica. O prazer, ao mesmo tempo em que estimula e motiva o psiquismo, traça as direções ótimas a seguir. Por outro lado, o comportamento encontra limites nas possibilidades do psiquismo, nas possibilidades do corpo e nas possibilidades que as distintas circunstâncias apresentam. Os limites do psiquismo vão se ampliando sobre a base das qualidades adquiridas, mas os limites corporais não podem se ampliar na mesma proporção e, inclusive, a limitação aumenta com a idade. Isso não significa que o corpo não tenha todas as faculdades para atuar eficazmente no meio, mas que o corpo coloca limites e condições que o psiquismo não pode deixar de lado sem prejudicar a si mesmo. Nas relações entre psiquismo, corpo e meio, o corpo efetuará suas operações objetais com maior ou menor acerto. No primeiro caso, haverá adaptação; no segundo, inadaptção.

A. Os centros como especializações de respostas de relação

O simples mecanismo original de estímulo-resposta aparece altamente complexo na estrutura humana, sendo característica desta a “resposta diferida”, que se diferencia da “resposta reflexa” pela intervenção dos circuitos de coordenação e pela possibilidade de canalizar a resposta por distintos centros de atividade neuroendócrina. Os centros trabalham estruturados entre si e com registros próprios, paralelamente ao registro geral que o coordenador tem através da informação que chega dos sentidos internos no momento de atuar no meio e também pelas conexões entre centros e coordenador.

O centro vegetativo

Cada ser vivo, sobre a base do “plano” de seu corpo, de seus códigos genéticos, assimila substâncias do meio externo e gera a energia psicofísica necessária para a conservação e desenvolvimento da vida. No ser humano, o centro vegetativo distribui a energia, dando instruções a partir de suas numerosas localizações nervosas e glandulares. Portanto, é o centro básico do psiquismo. A partir dele atuam os instintos de conservação individual e da espécie, regulando o sono, a fome e o sexo. Basicamente, os sinais que dão instrução (informação) para este centro são registrados cenesteticamente, mas sinais que provêm dos sentidos externos também têm a capacidade de mobilizá-lo ou inibi-lo.

O centro sexual

É o coletor e distribuidor energético que opera por concentração e difusão alternadas, mobilizando a energia psicofísica de forma localizada ou difundida. Seu trabalho é voluntário e involuntário. Da tensão neste centro tem-se registro cenestésico, assim como da distribuição de energia aos demais centros. A diminuição da tensão se produz por descargas próprias deste centro e por descargas através dos outros centros. Ele pode também conectar tensões do corpo e dos outros centros. A estrutura vegetativo-sexual é a base filogenética a partir da qual foram se organizando os demais centros no processo evolutivo de adaptação.

O centro motriz

Atua como regulador dos reflexos externos, condicionados e incondicionados, e dos hábitos de movimento. Permite o deslocamento do corpo no espaço. Trabalha com tensões e relaxamentos musculares ativados por sinais nervosos e químicos.

O centro emotivo

É o regulador e sintetizador de respostas situacionais, mediante um trabalho de adesão ou rejeição. Quando o centro emotivo dá respostas transbordantes, ocorrem alterações na sincronização dos outros centros por bloqueios parciais.

O centro intelectual

Responde sobre a base de mecanismos de abstração, classificação e associação. Trabalha por seleção ou confusão, em uma gama que vai das ideias às distintas formas de imaginação, dirigida ou divagatória, podendo elaborar distintas formas simbólicas, sígnicas e alegóricas. Quando as respostas incorretas deste centro transbordam de seu âmbito, produzem confusão no resto da estrutura e, portanto, no comportamento.

Estruturalidade do trabalho dos centros

Há diferentes velocidades no ditado de respostas ao meio, e estas são proporcionais à complexidade do centro. Enquanto o intelecto elabora uma resposta lenta, a emoção e a motricidade fazem isso com mais velocidade, e o centro vegetativo (em algumas de suas expressões, como o reflexo curto) demonstra maior velocidade de resposta. O trabalho dos centros é estrutural, o que se verifica pelas concomitâncias nos outros centros quando um deles está atuando como primário. Exemplificando: a atividade intelectual é acompanhada por um tom emotivo (“gosto por estudar”), que ajuda a manter o interesse, enquanto o nível de trabalho da motricidade se reduz ao mínimo. Quando se trata da recomposição vegetativa (por exemplo, em caso de enfermidade), toda a energia é ocupada nesse trabalho e a atividade dos outros centros se reduz ao mínimo.

Os centros podem trabalhar dessincronizadamente, ocasionando erros na resposta. Do trabalho estrutural dos centros tem-se registro cenestésico e percepção psicológica. Por isso, nas experiências de muito conflito interno, o trabalho dos centros se experimenta como contradição entre o pensar, o sentir e o atuar.

Caracterologia

As múltiplas tendências das pessoas, suas diferentes conformações físicas e a diversidade de ações com que respondem ao mundo tornam muito difícil a tarefa de estabelecer classificações de caráter com base em traços comuns. Um estudo desse tipo deveria levar em conta que a situação dos indivíduos no meio é dinâmica e variável e que, ao longo da vida, vai se adquirindo experiência e se pode sofrer acidentes que produzem profundas transformações de conduta. Uma possível “caracterologia” deveria considerar o inato combinado com o adquirido. As disposições inatas, também suscetíveis de mudança, refletem-se em atitudes psíquicas e em formas corporais mais ou menos típicas. Por outro lado, essa tipicidade resulta do trabalho predominante de algum dos centros sobre os outros, com sua velocidade de ressonância e direção da energia característica, por isso será modificável conforme a estrutura de situação. Ou seja, seria possível estabelecer também uma tipologia situacional, já que se descobrem distintas respostas nos mesmos tipos básicos. Ao tipo básico são acrescentadas as formas culturais da época, a situação social, o gênero de tarefas cotidianas, etc. e tudo aquilo configura o que chamamos de “personalidade”.

B. Ciclagem do psiquismo

O psiquismo humano, de notável complexidade, tem como antecedentes outras formas orgânicas condicionadas pelos macrociclos da natureza, como as estações e a passagem do dia para a noite. Numerosas variações modificam as condições internas e externas do psiquismo. Há variações de temperatura, de luminosidade e também variações climatológicas de cada estação. Todos os organismos sofrem maior ou menor determinismo dos ciclos naturais. O ser humano não está tão condicionado, como as outras espécies, à ciclicidade orgânica, e seu psiquismo alcança modificações e uma independência cada vez maiores. Um caso muito claro é o exercício do sexo que, diferentemente das outras espécies, torna-se independente dos ciclos estacionais.

Nos mecanismos de consciência há distintos ritmos, como mostram diversas descargas bioelétricas refletidas no eletroencefalógrafo. Os centros têm seu ritmo particular e os níveis de consciência evidenciam seus ciclos de trabalho. Quando a vigília cumpre com seu tempo de trabalho diário, “diminui” sua atividade e se começa a entrar no período de sono. Assim, o período de sono compensa o período de trabalho vigílico. Na mecânica dos distintos níveis de consciência, operam as ciclagens do metabolismo e os ritmos vegetativos em geral.

O ciclo maior do ser humano é dado pelo tempo vital, que vai se completando ao passar pelas distintas etapas existenciais: nascimento, infância, adolescência, juventude, primeira e segunda maturidades, velhice, ancianidade e morte. Em cada etapa há transformação do psiquismo conforme as necessidades orgânicas, conforme os interesses, conforme as possibilidades que o meio oferece, etc. Finalmente, os ciclos e ritmos psicossomáticos mostram modificações importantes, de acordo com as mudanças de direção que ocorrem nos momentos de surgimento e desgaste de cada etapa vital.

C. As respostas ao mundo como compensações estruturadoras

A consciência frente ao mundo tende a compensá-lo estruturadamente mediante um complexo sistema de respostas. Algumas respostas chegam ao mundo objetual diretamente (expressadas através dos centros), mas outras ficam na consciência e chegam ao mundo

indiretamente por alguma manifestação de conduta. Essas compensações da consciência tendem a equilibrar o meio interno em relação ao externo. Tal vinculação se estabelece por exigências, encontrando-se o indivíduo urgido a responder a um mundo complexo: natural, humano, social, cultural, técnico, etc. Surge o “núcleo de devaneio” como uma resposta compensatória importante e os “devaneios secundários” como respostas particulares a essas exigências. Os devaneios são visualizáveis como imagens, mas não o núcleo, que se percebe como um clima alusivo, enquanto vai se conformando com o tempo e vai ganhando poder de direção das tendências, das aspirações pessoais. Na etapa de desgaste do núcleo de devaneio, quando deixa de dirigir o psiquismo, podem-se observar as formas e imagens que foram adotadas por ele. Por isso, o núcleo é mais fácil de registrar tanto no começo quanto no final de seu processo, mas não em sua etapa média, que é aquela na qual mais dirige a atividade psíquica. Dá-se o paradoxo de que o ser humano não percebe aquilo que mais determina sua conduta: o núcleo, operando como pano de fundo que responde de maneira totalizadora às múltiplas exigências da vida cotidiana.

O núcleo de devaneio rege as aspirações, ideais e ilusões que vão mudando em cada etapa vital. Com essas mudanças ou variações no núcleo, a existência se orienta em outras direções e, concomitantemente, ocorrem mudanças na personalidade. Esse núcleo se desgasta individualmente, como se desgastam os devaneios epocais que dirigem a atividade de toda uma sociedade. Enquanto o núcleo, por um lado, dá uma resposta geral às exigências do meio, por outro, compensa as deficiências e carências básicas da personalidade, imprimindo determinada direção à conduta. Pode-se ponderar essa direção conforme se encaminhe ou não na linha da adaptação crescente. Os devaneios e o núcleo imprimem na consciência sua sugestionabilidade, produzindo esse característico bloqueio da crítica e da autocritica, próprio dos níveis infravigílicos. Por isso, é inútil toda confrontação ou oposição direta à sugestão do núcleo de devaneio, já que este termina reforçando sua compulsão. A possibilidade de produzir uma mudança de direção em uma linha evolutiva reside em realizar modificações graduais. O núcleo pode retornar ou pode se fixar. No primeiro caso, o psiquismo volta para etapas anteriores, aumentando os desacordos entre processos e situação no meio. No segundo caso, quando o núcleo se fixa, vai desvinculando o indivíduo de seu meio, produzindo uma conduta que não se ajusta à dinâmica dos acontecimentos.

O núcleo de devaneio lança o ser humano à perseguição de miragens que, ao não se cumprirem, produzem estados dolorosos (des-ilusões), enquanto os cumprimentos parciais produzem situações prazerosas. Assim, descobrimos que na raiz do sofrimento psicológico estão os devaneios e seu núcleo. É nos grandes fracassos, ao caírem as expectativas e desvanecerem-se as miragens, que surge a possibilidade de uma nova direção de vida. Em tal situação, fica descoberto esse “nó de dor”, esse nó biográfico que a consciência sofreu durante tanto tempo.

Personalidade

Os sistemas de resposta (não há respostas isoladas) vão organizando uma personalidade mediadora com o ambiente que, para sua melhor dinâmica, articula distintos papéis como sistemas codificados de resposta.

A personalidade cumpre com uma função precisa, que é buscar a menor resistência no meio. Essa organização de papéis que oferecem menor dificuldade na relação ambiental vai se codificando de acordo com a aprendizagem por acerto e erro. A acumulação de condutas ordena um sistema de papéis ligados a situações, em que uns aparecem enquanto outros se ocultam. Esse caso é muito ilustrativo como sistema de adaptação. Com o tempo, vão se organizando o que poderíamos chamar de “círculos de personalidade” em distintas camadas de profundidade. Esses círculos se articulam de acordo com as indicações dos devaneios e os meios ambientais de maior frequência. Pois bem, nesse jogo de papéis que tratam de oferecer menor resistência ao meio, estes podem se ajustar ou não a um consenso convencionalmente aceito, dando respostas típicas ou atípicas, respectivamente. As respostas típicas não são codificadas apenas pelo indivíduo, mas também por grupos sociais amplos, de tal maneira que, quando nestes grupos surge uma resposta distinta à habitual, ela pode resultar desconcertante. Isso pode ocorrer sobretudo em situações novas, para as quais não há resposta codificada. A resposta que se dá nesses casos pode resultar oportuna ou inoportuna. Assim, aparecem as respostas atípicas sem coincidência com a situação, podendo-se ponderar o grau de inadequação que manifestam. As respostas típicas, embora possam ser adequadas em um meio que se mantém sem maiores mudanças, não o são em um meio mutante que, em sua dinâmica, modifica costumes, valores, etc. Em certas ocasiões, a tipicidade das respostas é um bloqueio para a adaptação à mudança. Há outras manifestações atípicas que atuam como catarse de tensões ou manifestando emoções negativas como catarse de climas. Ambas as respostas atípicas surgem por pressão dos impulsos internos, que se expressam em situações não necessariamente coincidentes. Nesse caso, as tensões e os climas operam como ruído situacional, irrompendo no meio de maneira brusca. Do ponto de vista da adaptação crescente, os tipos de conduta que interessam são aqueles que contam com numerosas opções de resposta, situação que permitirá uma economia de energia utilizável para novos passos de adaptação. Portanto, haverá respostas de adaptação crescente, mas também respostas de adaptação decrescente, e isso haverá de acontecer tanto nas respostas atípicas quanto nas típicas, com seus distintos graus de oportunidade. Assim, a conduta particular pode cumprir ou não com uma função adaptativa.

Podemos ponderar as mudanças de conduta como significativas ou circunstanciais. Uma mudança será significativa se a nova orientação tiver direção evolutiva e será circunstancial quando só houver substituição de papéis, de ideologia, ampliação dos círculos de personalidade, apogeu ou decadência de devaneios, etc. Nada deste último é indicador de uma mudança interna de importância. Há mudança significativa de conduta, do ponto de vista mais geral, quando se esgota uma instância psíquica porque os conteúdos vigentes em uma instância (com sua temática e argumentação características) vão se desgastando até se esgotar. O psiquismo se orienta, então, para uma nova instância como resposta articulada em sua relação com o mundo.

A conduta é um indicador das mudanças que interessam. Muitas decisões de mudança ou planos de mudança ficam encerrados no psiquismo e, por isso, não indicam modificação, ao passo que, quando se expressam em verdadeiras mudanças de conduta é porque ocorreu alguma modificação na estrutura consciência-mundo.

Apêndice

Bases fisiológicas do psiquismo

A. Sentidos

Os sentidos são os limites do sistema neuroendócrino aptos para enviar sinais de informação sobre os meios externo e interno aos centros de processamento, coordenação e resposta. A especialização informativa é realizada por células (ou equipes de células) conversoras de energia ambiental, que têm a propriedade de transformar impulsos heterogêneos provenientes do exterior a elas em impulsos homogêneos comuns a todo tipo de sentido. A forma de energia que chega aos receptores é variada: mecânica (como pressão ou contato), eletromagnética (como luz ou calor), química (como aroma, sabor, conteúdo de oxigênio-dióxido de carbono no sangue). Essas formas de energia heterogênea sofrem já em cada receptor sensorial um primeiro processamento e se convertem em impulso nervoso, chegando aos centros de informação como “bits” (sinais) que diferem entre si quanto à frequência de sinal e silêncio. As células receptoras são numerosas em sua classe e atividade transformadora, reconhecendo-se no momento cerca de 30 tipos distintos, que se estruturam de modo particular, dando lugar aos chamados “sentidos”.

No entanto, as variáveis energéticas do ambiente são muito mais numerosas que a quantidade de sentidos aptos para recolhê-las, como acontece no caso da visão, receptora de apenas 1/70 do espectro eletromagnético aceito e reconhecido como luz visível. Esse caso mostra como os receptores são especializações de detecção fenomênica restrita, derivando disto enormes faixas de silêncio para o equipamento de percepção. Aqui admitimos outros seis casos (audição, olfato, paladar, tato, cinestesia e cenestesia) do qual resulta uma enorme faixa de silêncio perceptual, se somamos as insuficiências de cada sentido. Importa considerar os receptores com relação à distância da fonte emissora (telerrecepção, exterocepção, interocepção, etc.), à distribuição dos receptores no corpo, às vias sensoriais pelas quais se deslocam os impulsos homogêneos e aos centros de processamento e coordenação aos quais chegam esses impulsos homogêneos. Ali se diferenciam novamente, resultando na “vivência informativa”, que permite ao aparato fazer distinções perceptuais para trabalhar posteriormente com estruturas de interpretação e estruturas de resposta adequadas à “porção” de mundo detectado. Chamamos de “faixa perceptível” a forma particular de energia à qual um receptor é mais sensível. Exemplificando: o estímulo adequado para as células receptoras do olho é a luz; a pressão é captada especificamente por outro tipo de receptor, mas a pressão sobre o globo ocular estimulará também os receptores luminosos. Como resultado, existem faixas específicas para cada tipo de receptor e não específicas que, em determinadas condições, podem ampliar ou reduzir seus limiares consideravelmente. Além, disso, é necessário distinguir entre a faixa (que se refere à qualidade do fenômeno) e os limiares (que se referem à quantidade ou intensidade) do fenômeno. Esses limiares trabalham com captações mínimas e com máximas variáveis de tolerância. Cada sentido foi organizado levando em consideração:

1. Órgão: inclui uma mínima descrição anatômico-fisiológica do órgão ou dos receptores, conforme o caso.

2. Mecânica: descreve, de maneira simplificada, os possíveis modos de operação dos receptores ao transformar a energia proveniente do meio em impulso nervoso.

3. Via nervosa e localização: indica brevemente o caminho que esses impulsos seguem até o ponto do destino na zona correspondente do córtex.

Essa explicação vale para os sentidos externos. Quanto aos internos (cinestesia e cenestesia), há pequenas variações expositivas, devido às particularidades que apresentam.

Visão

Órgão. Os olhos são órgãos complexos sensíveis à luz. Por sua localização, permitem ao ser humano uma visão tridimensional dos objetos. Certamente, a visão tridimensional está integrada a um sistema de interpretação perceptual bem mais complexo que o próprio órgão. Equipados com músculos retos e oblíquos, possuem uma amplitude de movimento inferior a 180°. Faz tempo que se vem descrevendo alegoricamente o olho como uma câmera fotográfica: um sistema de “lentes” (córnea e cristalino) foca as imagens sobre um estrato fotossensível (retina) localizado no fundo do olho; pálpebras e íris contribuem para a proteção do sistema e regulação (como um diafragma, no segundo caso) da intensidade luminosa recebida pelos receptores.

Mecânica. Considera-se que a retina é um filme delgado composto por várias camadas de células nervosas. A luz passa através delas até chegar aos fotorreceptores. Estes têm sido agrupados em dois tipos principais: a) de corpos grossos ou “cones”, que se encontram concentrados sobretudo no centro da retina (fóvea) e que informariam sobre cores, trabalhando melhor em plena luz e b) de corpos finos chamados “bastonetes”, concentrados ao máximo na periferia retinal, mais numerosos que os cones e sensíveis à penumbra, informariam sobre claros-escuros. Cones e bastonetes contêm pigmentos que, ao absorver distintos tipos de luz, seriam alterados em sua estrutura molecular. Essa alteração estaria relacionada com o impulso nervoso que é enviado ao cérebro.

Via nervosa e localização. O impulso externo já transformado em impulso nervoso viaja através do nervo óptico, passando, depois de etapas intermediárias, ao córtex occipital de ambos os hemisférios cerebrais.

Audição

Órgão. As ondas sonoras, penetrando pelos condutos do ouvido externo, golpeiam a membrana timpânica, que retransmite as vibrações a três ossículos localizados no ouvido médio. Estes, trabalhando como alavancas, amplificam as vibrações recebidas de 10 a 15 vezes, e as retransmitem aos líquidos da cóclea, onde são convertidas em impulsos nervosos (ouvido interno).

Mecânica. A cóclea (ou caracol) está dividida internamente e em seu comprimento por duas membranas, formando três túneis ou escalas que contêm distintos líquidos. A vibração transmitida em forma de pressões de diversas intensidades pelos ossículos, ao provocar diversas flexões nessas membranas, ativará as células receptoras (células ciliadas) localizadas sobre uma das membranas (a basilar). Essa ativação seria a que dá origem a diferenças de

potencial elétrico e à estimulação das terminações nervosas que conduzem os impulsos à localização cerebral.

Via nervosa e localização. As terminações das fibras nervosas distribuídas na membrana basilar formam o ramo auditivo do nervo acústico, que conduz os impulsos nervosos à parte superior do lobo temporal depois de passar por etapas intermediárias que incluem bulbo raquidiano e tálamo.

Olfato

Órgão. A membrana olfativa, com cerca de 5 cm² de superfície, encontra-se localizada na parte superior da cavidade nasal. As moléculas produtoras de aromas são transportadas pelo ar que chega através das fossas nasais ou da faringe, dissolvendo-se nas secreções das células de sustentação da membrana. Entre essas células se distribuem 10 a 20 milhões de receptores, sendo cada um deles um neurônio.

Mecânica. Os neurônios receptores terminam na parte superficial da mucosa com terminações expandidas (bastonetes olfativos), de onde projetam cílios de cerca de dois microns de longitude. A maneira como as moléculas odoríferas reagem com os receptores é desconhecida, embora existam numerosas hipóteses a respeito. O impulso nervoso gerado é transmitido pelos receptores que terminam no bulbo olfativo situado sobre cada fossa nasal.

Via nervosa e localização. Em cada um dos bulbos olfativos, as terminações dos neurônios formam glomérulos, dos quais saem três feixes de fibras nervosas que terminam no bulbo olfativo oposto, no sistema límbico e na área olfativa do córtex límbico (alocórtex), respectivamente.

Paladar

Órgão. Os órgãos do paladar ou botões gustativos são pequenos corpos formados por células de sustentação e por células ciliadas (receptoras). Encontram-se concentrados sobretudo nas paredes das papilas gustativas, na superfície dorsal da língua.

Mecânica. Os receptores do paladar (células ciliadas) são quimiorreceptores que respondem às substâncias dissolvidas nos líquidos da boca. Não se sabe como as moléculas em solução interagem com as moléculas receptoras para produzir o impulso nervoso, embora existam hipóteses a esse respeito. Há quatro sensações gustativas que se registram em distintas zonas da língua. Salgado e doce na ponta, ácido nas bordas e amargo na parte posterior. Os botões gustativos de cada uma dessas áreas parecem não se diferenciar em sua estrutura celular, mas alguns deles, de acordo como a zona em que se encontram, responderiam apenas aos estímulos amargos, outros aos salgados, etc.

Via nervosa e localização. Os impulsos nervosos partem dos botões gustativos através de três vias nervosas que passam pelo bulbo raquidiano e tálamo, chegando à área de projeção gustativa do córtex cerebral, na parte inferior da circunvolução pós-rolândica.

Tato

Órgão. Os receptores deste sentido encontram-se distribuídos em distintas camadas da pele. Sua concentração é maior em algumas zonas do corpo e menor em outras, determinando distintos graus de sensibilidade. Esses receptores são especializações nervosas que estariam capacitadas diferenciadamente para distinguir variações de temperatura, pressão, contato e dor.

Mecânica. A variação dos estímulos é acompanhada por uma variação na frequência dos impulsos nervosos que os receptores enviam continuamente através das fibras nervosas. Essa variação na frequência dos impulsos é o resultado de um processo eletroquímico pouco elucidado, desencadeado pelo estímulo.

Via nervosa e localização. As fibras procedentes dos receptores sobem pelos feixes medulares até o tálamo e dali até o córtex sensorial somático (circunvolução pós-rolândica).

Cinestesia

Órgão. O sentido cinestésico detecta posturas e movimentos corporais por meio de receptores especializados, que seriam capazes de discriminar entre variações de tom muscular (fusos musculares), posição articular (corpúsculos articulares), tensão tendinosa e aceleração linear e angular da cabeça e do corpo, incluindo fenômenos produzidos pela gravidade (receptores alojados nos canais semicirculares, sáculo e utrículo do ouvido interno).

Mecânica. Ao se produzir ou suprimir um movimento, os receptores (proprioceptores) registram variações em seu tom. Mediante um obscuro sistema eletroquímico, convertem o estímulo primário em variação de impulsos conduzidos como informação.

Via nervosa e localização. Os nervos sensitivos transmitem os impulsos por via espinhal até o cerebelo e o córtex. Alguns ramos nervosos derivam para a camada sensorial e outros para a área de localização motora do córtex cerebral.

Cenestesia

Mecânica. Algumas variações do meio interno são recolhidas por um conjunto de receptores nervosos denominados “interoceptores”. A informação psíquica que proporcionam normalmente se registra de forma distorcida (deformação e tradução de impulsos). Pois bem, essas organelas (receptores) estão relacionadas com pontos de coordenação vegetativa automática (hipotálamo, tálamo e bulbo raquidiano), intervindo basicamente nos ajustes respiratórios, cardiovasculares, de temperatura e incitando ao corpo em geral a satisfazer suas necessidades mediante traduções de “fome” (diferença arteriovenosa na glicose sanguínea), “sede” (pressão osmótica do plasma) e “dor”. A dor visceral, como o somático profundo, inicia a contração reflexa dos músculos esqueléticos próximos, e essas contrações, por sua vez, geram dor, formando um círculo vicioso. Por outro lado, frequentemente a excitação de uma víscera produz dor, não nela, mas em alguma outra estrutura que pode estar distante. Essa dor “referida” tem diversas variantes ou formas de irradiação. As variações na economia do sexo são registradas também cenestesicamente.

Via nervosa e localização. As fibras nervosas sensitivas alcançam o sistema nervoso central através de vias simpáticas e parassimpáticas. A zona cortical de recepção abrange virtualmente

todo o arquicórtex (córtex límbico) e parte do paleocórtex, mantendo conexões especializadas com outras áreas. A teoria da convergência trata de explicar o caso da “dor referida” mencionada: existe convergência de fibras aferentes viscerais e somáticas que atuam sobre os mesmos neurônios espinotalâmicos. Enquanto a dor somática é mais comum e tem “gravada” a via citada, os impulsos provenientes de áreas viscerais são “projetados” sobre áreas somáticas. Em síntese, trata-se de um erro de interpretação do sinal.

B. Memória

No terreno da memória, a investigação fisiológica teve avanços importantes, mas as experimentações ainda não estão totalmente relacionadas entre si (ano 1975). Por isso, não se pode apresentar um panorama satisfatório para acompanhar as explicações psicológicas. Podem-se mencionar como significativos os resultados obtidos pela eletroencefalografia, pela aplicação de eletrodos no cérebro, pelas observações em hipocampo e pelos trabalhos de reflexologia. Entretanto, a própria natureza da reminiscência estável continua sem se revelar. Os progressos no terreno da genética são mais importantes: descobrindo a participação do DNA, atualmente se investiga na memória genética certos aminoácidos básicos que intervêm no fenômeno. Em termos gerais e no estado atual das investigações, podemos estabelecer uma classificação da memória: a herdada ou genética (por transmissão de caracteres da mesma espécie, de progenitores a descendentes) e a individual ou adquirida. No primeiro tipo, além de manter os indivíduos dentro da mesma espécie, o código genético regula as mudanças orgânicas das distintas etapas vitais dos indivíduos. A memória adquirida, por outro lado, vai se formando em camadas de profundidade, da mais antiga até outra recente e a imediata, conforme o tempo vai passando. Não se pode adicionar muito mais, salvo que sua localização cerebral não é precisa.

Faixa. A faixa de gravação é idêntica à dos sentidos (com mudança de tom sensorial, há informação que vai para a gravação) e à da atividade da consciência em seus níveis. Aceita-se que tudo o que chega à consciência ou que esta produz é memorizado, embora nem tudo seja evocável. Teoricamente, não haveria gravação apenas no caso de sono profundo passivo (sem imagens) com um mínimo de cenestesia.

Localizações nervosas. Aceita-se que não haveria localização precisa, mas difundida por todo o sistema nervoso, no qual se mencionam níveis “baixos e altos” de localização de rastros mnemônicos. Entende-se que os primeiros seriam a medula e o sistema límbico, e os segundos, o córtex em suas áreas de associação: frontal, temporal e pário-occipital. A estimulação de áreas temporais permite inferir que não se armazenam ali as recordações, mas que neste lobo funcionam “chaves” de liberação de memória localizada em qualquer parte do sistema nervoso, trabalhando normalmente por semelhança entre recordação e impulso sensorial ou corrente de pensamento. Por outro lado, as áreas de linguagem, visão e escritura fariam gravação específica, assim como trabalho específico. Experimentalmente, teria sido comprovada a imprescindibilidade do córtex para a memória e a importância do hipocampo para a “gravação”. Sabe-se que quando há danos em um hemisfério (do qual ficam rastros), o outro vai regenerando memória, embora não completamente. Assim, supõe-se que a memória seja difusa e difundida pelo encéfalo e tronco cerebral.

Níveis de memória

Conforme informação herdada, pode haver um nível de memória genética e, conforme informação adquirida, há memória adquirida que, por sua vez, tem três níveis, de acordo com o momento de gravação e duração da mesma. Estes são: memória imediata, memória recente e memória remota. A herança tem sua base bioquímica nos cromossomos celulares que transmitem caracteres genéticos de progenitores a descendentes, mencionando-se 22 aminoácidos básicos responsáveis pelo “código genético”. A memória imediata é facilmente passível de perda, ao contrário da memória recente. A memória remota persiste a danos severos do cérebro. Observou-se em experiências controladas com eletroencefalógrafo que o hipocampo está implicado em memória recente; o hipotálamo, em manutenção e retenção de memória; e os tecidos hipocampais dos lobos temporais, em memória duradoura. Por outro lado, a terapia clínica relata casos de amnésia, tais como a anterógrada (esquecimento posterior a um choque), a retrógrada (antes do choque) e sua combinação retroanterógrada (esquecimento antes, durante e depois do choque). Em todo caso, a memória remota é dificilmente afetada, pelo menos em seus traços gerais. A recuperação de memória é gradual, primeiro em imagens isoladas que vão se completando, até aparecerem finalmente os atos de reconhecimento com permanência. A natureza do engrama estável se desconhece totalmente, mas sua resistência ao eletrochoque e à concussão faz presumir que sua base esteja em uma mudança bioquímica no núcleo celular, no ARN. O uso de drogas que facilitam a rememoração ou gravação (como cafeína, nicotina, anfetamina) ou que inibem memória (como a puromicina) mostra a alteração química. Por último, a eletrografia cerebral resgata as ondas elétricas do trabalho celular, evidenciando a base eletroquímica do fenômeno.

Mecanismos de memória

Certas conexões neuronais explicariam os níveis imediatos e recentes por reverberação: o reforço de gravação, a associação lateral e o esquecimento. Isso porque axônios descendentes das células piramidais maiores emitem colaterais que retroalimentam os dendritos originais com neurônios de associação. Os colaterais recorrentes conectam, além disso, com neurônios vizinhos que associam outra informação e com uma inibitória que voltam para o neurônio original. Essas fibras profundas recebem fibras talâmicas específicas e não específicas, que terminam na primeira e quarta camadas do córtex.

Há indícios da participação do hipocampo na memória recente e cifrado de memória, então nele poderia haver uma “coleta” que seria distribuída pela conexão anatômica do circuito fechado que, com tálamo e amígdala, inclui as áreas frontais do córtex. A informação poderia chegar aqui a seguir uma distribuição cortical e sua armazenagem definitiva, tendo em conta que o lobo frontal está mencionado como importante para tarefas de abstração e também relacionado à conduta emotiva. Haveria, assim, “coletor”, “distribuidores” e “armazenamento” da informação. Por outro lado, o tálamo se conecta com a formação reticular. Por essa formação passam vias não específicas e específicas (ou via clássicas) que levam informação a se difundir no córtex. Este seria o circuito sensorial direto ou memória que estaria estreitamente ligado aos níveis de trabalho do sistema nervoso e poderia explicar a melhor gravação de memória em vigília. A difusão que se poderia fazer através de tálamo (sistema reticular ativador) seria uma via indireta de base límbica, que daria o substrato emotivo a toda atividade mnemônica. A hipótese em torno da difusão específica que a substância reticular poderia fazer explicaria uma distribuição de estímulos muito variada. A interconexão entre

lobos explicaria as combinações possíveis (por exemplo, frontal com occipital e temporal e, como no temporal se relacionam tato e visão, o fenômeno de estereognosia seria base de um tipo de rememoração, além de tradução de impulsos). Um ponto problemático é o cifrado e a discriminação do dado: a memória chega como imagem ou esta se forma ali e se grava? Tal pergunta é difícil de responder atualmente. O “circuito interno” faz com que se pense e se recordem os pensamentos próprios ou se recordem imagens de sonhos e devaneios. Esses impulsos se originariam, por exemplo, no neocórtex e, por transmissão de axônios (substância branca), relacionar-se-iam com outras áreas corticais, ou tálamo e substância reticular poderiam também intervir. Como se verá mais adiante (em níveis de consciência), a participação desta é fundamental para ativar e manter a vigília, nível indispensável para a aprendizagem complexa.

A reversibilidade na memória

Quanto à reversibilidade dos mecanismos, esta não é muito clara, mas sim a necessidade do nível vigílico: aqui há uma sincronização entre o amplo grau de percepção externa, que vai diminuindo em direção ao sono, em que aumenta a percepção interna com imaginação transformadora de impulsos, com dados de memória espontânea e involuntária. Dessa maneira, a evocação só pode acontecer em vigília. Poderíamos supor que um dado, ao chegar a seu ponto de armazenagem, ao mesmo tempo em que seria gravado, provocaria uma recordação, o que explicaria o reconhecimento automático (ou seja, reconhecer todos aqueles objetos habituais subitamente, por condicionamento progressivo). Por último, a evocação trabalharia por “vias preferenciais”, ou seja, por aquelas em que vai se construindo o rastro.

Memória e aprendizagem

Sabe-se que para aprendizagem simples basta a medula para trabalhar, mas na aprendizagem mais complexa atua o subcortical e, para grandes áreas de armazenagem, o córtex. A aprendizagem é entendida como condicionamento, no sentido em que, sob certas condições repetitivas, o animal ou o homem responde como está sendo condicionado ou ensinado. No homem não é tão simples por seus complexos mecanismos de entendimento e compreensão, mas, em todo caso, aprender algo exige reiteração de rastro mnemônico para que este saia como resposta. Nos processos de memória e aprendizagem, há distintos casos, como o deciframento de sinais para reter o conceito, ou a associação com imagens similares, contíguas ou contrastantes, simples reflexo motriz repetido e associado a outros, admitindo estas formas numerosas combinações. A mecânica básica é relacionar um reflexo incondicionado (fome, por exemplo) a um estímulo condicionante (luz, por exemplo), de tal maneira que, ao relacionar um estímulo artificial, há uma resposta condicionada. Importa neste simples trabalho, que pode se tornar complexo, a brevidade ou reiteração do condicionamento, a insistência que leva à saturação ou bloqueio. Quando os reflexos são dirigidos a algo específico, fala-se de “reflexos discriminados”, quando se condicionam à resposta veloz, de “reflexo imediato”, e à resposta lenta, de “reflexo retardado”.

Sabe-se que há mais efetividade no condicionamento quando há recompensa ou quando há uma alternativa prêmio-castigo, agrado-desagrado. Há um “reflexo elusivo”, que leva a evitar as situações desagradáveis e um estado de alerta ou vigilância que pode ser considerado como “reflexo de orientação”. Quando o condicionamento é dedicado não somente a responder,

mas também a operar no mundo, menciona-se o “reflexo operante”. Em geral, a habituação e os estímulos contraditórios vão diminuindo a resposta reflexa. Originalmente, pensou-se na base cortical para os reflexos, mas logo se viu que atuava a grande base de estrutura subcortical, talâmica e infratalâmica (observações com EEG). As experiências com eletroencefalógrafo também mostraram que, diante da presença de um objeto desconhecido, havia detecção de respostas evocadas secundárias. Isso permitiu inferir também, com evidência em memória, a atividade constante e estruturadora da consciência. A relação entre aprendizagem e vigília é básica para as gravações complexas, mas é variável em outros aspectos, por exemplo: uma recordação súbita pode despertar o adormecido, ou um estímulo que automaticamente seria reconhecido em vigília não é reconhecido em semissono. Os dados sensoriais bruscos podem despertar o adormecido, mas também o desaparecimento dos estímulos habituais ou a distinção de um estímulo particular entre outros. Essas relações variáveis têm feito pensar em um possível “analisador” de informação, localizado no âmbito do córtex, para fazer todas as distinções do caso. Esse “analisador” seria um fator importante na coordenação do psiquismo.

C. Níveis de consciência

O aparato responsável pela dinâmica dos níveis é o encéfalo. Ele realiza esse trabalho com diversos componentes. Destacamos aqui os mais notáveis.

Via sensitiva (clássica). Feixe nervoso que sobe pelo tronco, levando impulsos sensoriais diretamente ao córtex. Em sua ascensão, desprende ramais ao cerebelo e a FRA, que processam essa informação, distribuindo-a no subcórtex, antes de enviá-la, via tálamo, também ao córtex.

Tronco cerebral. Conecta a medula espinhal (coletor de impulsos de todo o organismo) com o encéfalo. Por sua vez, está conectado com o cerebelo. Contém anatomicamente a formação reticular e, funcionalmente, os centros reguladores de funções vegetativas, como o pulsar, a respiração e a digestão.

Formação reticular ativadora (FRA). Não constitui uma unidade anatômica, e sim uma massa de tecidos formada por uma fina rede de fibras e neurônios de estruturas muito distintas entre si. Localiza-se longitudinalmente no centro do tronco e no mesencéfalo. Todas as fibras provenientes dos sentidos passam por ela que, por sua vez, conecta-se com todas as partes do subcórtex (via hipotálamo) e com o córtex (via tálamo). Nela se analisa e avalia a informação sensorial. Em conjunto com os outros centros subcorticais transmite impulsos “inespecíficos” (sensoriais) que modificam a reatividade do córtex. Considerando a partir de nosso interesse, aparece como o centro de gravidade do circuito alternante dos níveis de consciência.

Hipotálamo. Localizado acima do tronco, é um núcleo nervoso endócrino, conectado ao córtex pelo tálamo e à hipófise por numerosos capilares sanguíneos e fibras nervosas. Com esta última formam uma estrutura de interestimulação neuro-hormonal, através da qual integra e coordena diversas funções vegetativas autônomas em conjunto com todo o sistema hormonal. Coordena, em si mesmo, a informação (especialmente a cenestésica) entre as distintas zonas encefálicas.

Hipófise. Glândula endócrina composta por um lobo anterior, uma parte intermediária (ambas de tecido glandular) e um lobo posterior (de tecido nervoso), cada um com funções distintas. É estimulada e regulada por hormônios hipotalâmicos. Pelo hipotálamo (feedback) conecta-se com o encéfalo e o sistema nervoso em geral. Por outro lado, por via sanguínea, regula e controla todo o sistema hormonal (mais especificamente, estimula a tireóide, as gônadas e as suprarrenais, além de funções como o crescimento, a diurese, a pressão do vaso, entre outras).

Tálamo. Transmissor de informação proveniente do subcórtex ao córtex. Centro de controle e integração de impulsos e re-elevador da tensão.

Sistema límbico. Antigo sistema de regiões nervosas localizadas no subcórtex, no qual se assentam funções emocionais e funções vitais, tais como a nutrição, a vegetativa em geral e, em parte, a sexual. Esta estrutura de funções emotivo-vegetativas explica a psicossoma. Entre outras estruturas importantes, inclui o hipotálamo.

Córtex. Camada encefálica mais externa (2 mm de espessura) ou substância cinzenta (corpos neuronais). Controla o centro límbico, a sensação e o movimento em geral (localização motriz) e é a base das “funções superiores ou pensantes” (intelectual) dada por localizações multirrelacionadas de controle e coordenação de resposta sobre a base do resgate de informação sensorial atual e de memória.

O subcórtex compreende o sistema límbico, hipotálamo, tálamo e mesencéfalo. A substância branca é uma massa de fibras conectivas (axônios) entre o subcórtex e o córtex (substância cinza).

Funcionamento dos níveis de consciência

O sistema nervoso recebe informação sobre as mudanças nos meios externo e interno, através dos órgãos dos sentidos. Diante dessas mudanças, realiza ajuste por mecanismos efetores de resposta, que incluem mudanças na secreção de hormônios e se expressam por ação dos centros.

As diversas vias sensitivas levam impulsos dos órgãos dos sentidos, mediante cadeias de neurônios, a lugares particulares de interpretação e coordenação no córtex cerebral. Além desses sistemas condutores, existe outro sistema de entrada, a Formação Reticular Ativadora (FRA), transmissora-moduladora de impulsos provenientes de todos os sentidos (condutor inespecífico), que está localizada no eixo central do tronco cerebral. Essa modulação dos impulsos sensoriais tem relação com nosso tema, os níveis de consciência. A primeira evidência de que o encéfalo (massa cerebral) regula a geração de impulsos sensoriais ou sua transmissão nas vias específicas foi a observação de que a estimulação da FRA inibe a transmissão em diversos núcleos e vias nervosas sensoriais. Isso demonstrou a existência de mecanismos encefálicos capazes de aumentar ou diminuir o volume da contribuição sensorial, através de efeitos sobre suas vias ou sobre os órgãos dos próprios sentidos. Efeitos adicionais sobre a contribuição sensorial foram observados em experimentos de estimulação elétrica da FRA nos quais se liberava adrenalina, que diminui o limiar dos receptores e aumenta a

capacidade de transmissão nervosa (nas sinapses), mecanismo também presente nos estados de alerta ou emergência.

Ao mesmo tempo, experimentos mais complexos evidenciaram uma segunda função da FRA, ao se observar que sua atividade mantinha o estado de vigília, enquanto sua inibição ou destruição produzia indicadores de sono e coma. Definida, então, a ação reguladora e moduladora da FRA sobre a contribuição e distribuição de impulsos sensoriais no encéfalo, fica evidente também seu papel central na manutenção (ou inibição) de uma atividade cerebral (cortical) característica do nível vigílico.

Por último, soma-se a isso uma ação similar da FRA sobre os impulsos de resposta provenientes do encéfalo para o corpo, que também passam por ela, recebendo uma “ação facilitadora” ou “supressora”, de acordo com o nível. Desse modo, esclarece-se ainda mais sua participação na manutenção da inércia de cada nível e o rebote de estímulos que o modificariam.

Como resultado, a FRA aparece como o centro de gravidade na regulação dos distintos níveis de consciência que, por sua vez, correspondem a graus de integração crescente das funções do sistema nervoso central que coordenam e regulam o sistema sensorial, o sistema autônomo e os demais sistemas orgânicos em conjunto com o sistema glandular. Tais funções se encontram no encéfalo, representadas por estruturas de complexidade crescente, que vão das primitivas localizações vegetativas autônomas, passando pela emocional límbica, até a intelectual no córtex. Cada fração ou nível integrado corresponde a um novo nível de consciência.

Como sabemos, esses níveis podem ser, em princípio, sono, semissono e vigília. Através do EEG, podemos ter registro da atividade elétrica que cada um gera, denominando-as “delta”, “teta”, “alfa” e “beta”, respectivamente, conforme sua intensidade e amplitude. Esses estados estão submetidos a ciclos diários (dependentes, em grande medida, da luz) e biorritmos vegetativos, variando também com a idade. Em síntese, de acordo com a informação sensorial sobre o meio, o estado interno do organismo e o reforço hormonal, ocorrem distintos níveis de atividade e integração das funções reticulares para manter um estado de vigília alerta; das funções do circuito límbico-mesencefálico que intervêm na manutenção dos equilíbrios vegetativos (homeostáticos) e na regulação da conduta instintiva e emocional; e, por último, do córtex a cargo das chamadas funções superiores do sistema nervoso, como a aprendizagem e a linguagem.

Neurofisiologicamente, os níveis de consciência correspondem a distintos níveis de trabalho do sistema nervoso central, que estão dados pela integração de funções nervosas cada vez mais complexas que coordenam e regulam os sistemas nervosos periférico e autônomo, e a outros sistemas orgânicos em conjunto com o sistema glandular. Na dinâmica dos níveis de consciência, esse fator intermédio de amplitude de trabalho do sistema nervoso se conjuga com um fator externo dado pelas características dos impulsos sensoriais e com um fator interno sintético dado pela “capacidade de transmissão” nervosa. A atividade elétrica do cérebro (reflexo de seu nível de trabalho) flutua entre 1 ciclo/seg (estado delta), no caso do sono, até uma frequência máxima não determinada, considerando-se neste caso um limite funcional de 30 ciclos/seg (estado beta), que corresponde à vigília ativa.

Faixa de trabalho. Cada nível de trabalho (estados teta, delta, alfa e beta) corresponde ao predomínio ou maior porcentagem presente de um tipo de frequência (onda) e microvoltagem sobre os demais. Por último, esses níveis estão, em geral, sujeitos às ciclagens diárias típicas do sono, semissono e vigília. Vale destacar que, com a idade, a onda dominante em repouso varia, acelerando-se até alcançar o padrão alfa no adulto.

Vias aferentes

Um estímulo sensorial gera impulsos que chegam ao córtex pela FRA e pelas vias sensoriais. Estes processam lentamente pela FRA (devido a seus múltiplos relevos sinápticos), até alcançar extensas zonas do córtex, enquanto os que seguem as vias sensoriais propagam-se com grande rapidez (apenas 2 a 4 sinapses) até as áreas primárias específicas do córtex. Os estímulos que produzem despertar no córtex (de sincronização) frequentemente produzem hipersincronia no sistema límbico (especificamente, no hipocampo).

É desnecessário dizer que a diminuição dos estímulos sensoriais externos (escuridão, silêncio) predispõe ao sono; que os sistemas de tensões e climas o dificultam (por exemplo, presença de adrenalina); e que o tom baixo o induz (por exemplo, cansaço).

Em todo caso, do ponto de vista dos níveis de consciência, os estímulos devem ser considerados quantitativa e qualitativamente em sua ação. Como características do impulso aferente sensorial, considerar-se-iam: sua natureza ou especificidade (receptor); sua frequência; sua duração; sua extensão; e seu potencial de ação. Logo, os impulsos sensoriais que sobem pelas vias específicas alcançam também a FRA em sua via ascendente, que os modula e regula de acordo com o estado de atividade em que se encontram. Por outro lado, chega informação química geral por via sanguínea, tanto à FRA quanto às demais estrutura nervosas e glandulares do encéfalo.

a) Sono. Quando a FRA está inibida (concomitantemente com um tom vegetativo geral baixo, pouca atividade transmissora neuronal e impulsos de pouca intensidade e/ou qualidade), exerce também uma ação inibidora sobre as estruturas encefálicas, especialmente o córtex. Além disso, a FRA atua como supressora ou inibidora dos impulsos sensoriais ascendentes (e, às vezes, dos órgãos dos próprios sentidos), determinando um predomínio da informação interna (cenestésica) sobre a externa (proveniente do meio).

Sono passivo. Nesse nível, a atividade supressora da FRA bloqueia as funções corticais e límbicas, e diminui as das outras estruturas subcorticais, reduzindo o trabalho encefálico a suas funções mais primitivas. Isso corresponde a um nível de sono sem imagens, com um padrão EEG delta de baixa frequência. Em suma, esse nível integra o circuito tronco-límbico em que os impulsos não excitam o córtex.

Sono ativo. A intervalos regulares distanciados, ativa-se o circuito tálamo-cortical, que se soma ao anterior, produzindo curtos períodos de sono com devaneios, que produzem fusos de atividade (dessincronizações) nas ondas delta e que, externamente, são reconhecidos pelo movimento ocular rápido (MOR).

b) Semissono. Nível progressivo intermediário em que se ativa a FRA, desinibindo as estruturas subcorticais e integrando gradualmente o sistema límbico e o córtex, efeito que é reforçado

pela retroalimentação hipotálamo-cortical que se estabelece. Simultaneamente, desbloqueia as vias sensoriais específicas, ocorrendo um equilíbrio instável entre informação externa e interna, e incrementando o trabalho encefálico, a partir do momento de passagem ou “despertar”. O padrão EEG é de alta frequência e de pouca voltagem, e se denomina Teta. Todas as estruturas encefálicas foram integradas, mas seu nível de atividade não é completo e a capacidade transmissora nervosa (sináptica) ainda é relativa.

c) *Vigília*. A FRA integra e “facilita” os impulsos sensoriais e de associação, mantendo o estado de excitação do córtex, que predomina sobre as funções subcorticais, assim como os impulsos dos sentidos externos sobre os internos. A capacidade transmissora aumentou consideravelmente. A atividade subcortical continua, embora atenuada, o que explicará em parte a base de numerosos fatos psicológicos, como os devaneios e o núcleo de devaneio.

Transformação dos impulsos

O encéfalo apresenta distintos níveis, que ordenamos assim:

a) *Centro de gravidade do circuito*. A FRA, que modula e regula a contribuição de impulsos sensoriais e de associação, a excitabilidade do córtex e os impulsos eferentes de resposta, de modo inespecífico.

b) *Coordenador de estímulos*. O córtex, que opera basicamente como localização das funções motriz e intelectual, e o subcórtex, que opera como localização das funções vegetativa (instintiva) e emotiva (condutual), transformam os impulsos complexos específicos e os relaciona, elaborando impulsos efetores de resposta, também específicos e complexos.

c) *Processadores de estímulos*. O tronco cerebral, cerebelo e mesencéfalo são núcleos nervosos de confluência de impulsos que produzem um primeiro processamento simples, elaborando respostas autônomas reflexas também simples. As demais estruturas nervosas aparecem, basicamente, como vias conectivas condutoras de impulsos. Estas são: o tronco e o mesencéfalo (em suas porções fibrosas), o tálamo e a substância branca.

As vias específicas permitem, em nível cortical, a percepção discriminativa sensorial (função intelectual propriamente dita), enquanto a FRA tem funções relacionadas com os níveis de consciência, entre eles o “despertar”, sem as quais resultaria impossível tal discriminação sensorial e a produção de respostas efetivas.

Vias eferentes

Os impulsos provenientes dos distintos pontos encefálicos passam também pela FRA em sua parte descendente, que os regula e modula conforme o estado de atividade em que se encontra. Outras vias eferentes estarão dadas pela hipófise, a corrente sanguínea e as fibras diretas do hipotálamo como válvula de conexão do encéfalo com o sistema glandular e o organismo em geral, para efetuar as respostas ordenadas de forma coordenada.

a) *Sono*. Em ambos os tipos de sono (passivo e ativo), os impulsos eferentes são inibidos ou suprimidos pela FRA, em especial quando comprometem funções que modificariam o nível (por exemplo, motora). O encéfalo, a partir do subcórtex, mantém latentes as funções

vegetativas e básicas em ritmo mínimo que corresponde a esse momento de regeneração e recuperação energética.

b) *Semissono*. A variação eferente mais notável neste caso é a correspondente ao momento do despertar, em que o encéfalo envia estímulos que ativam fortemente todas as funções orgânicas, incrementando o caudal nervoso que circula. Participam dois mecanismos químicos básicos, que são a descarga massiva de adrenalina (que, em retroalimentação, ativa o encéfalo completo em sua capacidade de transmissão nervosa, e a FRA, em particular) e a mudança na proporção sódio-potássio.

c) *Vigília*. O “incêndio do córtex” produzido pela FRA neste nível, sua ação “facilitadora” e a integração de todas as funções do sistema nervoso central liberam estímulos encefálicos eferentes que, pelas vias descritas, manterão todas as funções próprias desse estado, expressando-se na forma conhecida por todos os centros. Como caso particular, observa-se que ao concentrar-se a atenção sobre um objeto particular, são colocados em marcha alguns desses mecanismos moduladores da FRA. O resultado é que, em parte, o estreitamento do campo de presença, neste caso, deve-se a que se “apagam” alguns dos estímulos entrantes, antes de alcançar o córtex. Como este, há muitos outros casos de controle central encefálico da contribuição sensorial (por exemplo, cinestesia). Também dentro do sistema de alerta existem áreas corticais que, transformando e coordenando impulsos de memória, emitem impulsos de resposta que provocam o despertar, ao desinibir a FRA, mas sem produzir movimento algum.

Aspecto químico da mecânica dos níveis (neuro-hormonal)

O sistema endócrino regula e coordena as diversas funções do organismo, por meio dos hormônios que as glândulas vertem na corrente sangüínea. A participação glandular no fenômeno dos níveis de consciência é regulada a partir do hipotálamo (neuroglândula), localização encefálica do centro vegetativo. Este atua indiretamente via hipófise e, em casos como os de alerta ou emergência, prescinde desta, enviando impulsos eferentes diretamente às glândulas comprometidas na elaboração de respostas requeridas pela situação no meio. O caso mais significativo é o duplo circuito de segurança que estabelece com as glândulas suprarrenais na secreção de adrenalina. Como secundários aparecem no circuito a tireóide (tiroxina) e as gônadas. Essa relação com o sistema hormonal nos interessa quanto a sua participação na atividade encefálica, determinante dos níveis de consciência. Consideramos, então, aquelas substâncias que atuam de modo direto sobre as distintas estruturas encefálicas e/ou capacidade de transmissão de impulsos das fibras conectivas. Atendendo a essas substâncias em sua ação como mediadores sinápticos e seu grau de concentração nas distintas estruturas encefálicas, obtemos outro ponto de vista. As modificações no equilíbrio sódio/potássio, no nível de açúcar no sangue (insulina), no metabolismo do cálcio e nas secreções tireoidianas e paratireoidianas, entre outras, aparecem como realimentadores químicos de maior importância na dinâmica dos níveis de consciência. A queda de glicose, cálcio, potássio e o esgotamento da presença de adrenalina estão todos relacionados com fortes desequilíbrios funcionais dentro de cada nível e, em casos extremos, produzem estresse mental e emotivo. Em contraste, seu metabolismo equilibrado corresponde também a uma adequada integração do trabalho de cada nível. Por outro lado, como aspectos secundários,

observa-se que, a qualquer incremento da pressão sanguínea, corresponde uma maior excitabilidade da formação reticular e, conseqüentemente, sua função ativadora. Simultaneamente, são concomitantes o aumento de nível (ativação reticular e encefálica geral) e o concurso de oxigênio, em seu nível máximo no momento do despertar.

D. Centros

As “chaves de controle” de tipo nervoso encontram-se principalmente no que denominamos aparelho cérebro-espinhal, que está composto pela massa encefálica e a medula espinhal. Não se descuida a intervenção endócrina que, em conexões como hipotálamo-hipófise, determina uma íntima relação entre ambos os sistemas. No entanto, nesse trabalho, acentua-se a ação do nervoso. Se vemos os sentidos com a característica geral de “trazer” informação de um meio (seja externo ou interno), os centros resultam em sistemas de resposta estruturados, embora predomine um deles frente a determinado estímulo. Assim, a íntima conexão emotivo-vegetativo-sexual fará com que, embora atuando principalmente um deles, os outros também se vejam comprometidos. O aspecto endócrino atuará, sobretudo, nos sistemas de resposta lenta, conservando sua atividade de modo inercial e mantendo, além disso, um nível constante de atividade que se mobilizará, aumentando ou diminuindo conforme a oportunidade e o tipo de resposta requerido e sempre relacionado com o sistema nervoso. Este último terá características de resposta veloz e tenderá a romper o equilíbrio ou restabelecê-lo de modo veloz. Referindo-nos aos “centros de controle”, podemos dividi-los por localização em três grupos. Os de localização puramente cortical, os de localização subcortical e os mistos. Assim, localizamos o centro intelectual no córtex; o vegetativo e o emotivo na parte subcortical; e o motriz e o sexual em ambas. A ordem de exposição é a seguinte: vegetativo, sexual, motriz, emotivo e intelectual.

Centro vegetativo

Faixa. Do ponto de vista de sua atividade, listamos: regulação de temperatura, do reflexo da sede e da fome; reações de defesa e regeneração; regulação dos sistemas digestivo, respiratório e circulatório e atividade metabólica das funções de locomoção e reprodução.

Órgão. Principalmente o hipotálamo. Compõe-se de vários núcleos e está localizado no tronco encefálico, debaixo do tálamo. Muito próximo e debaixo dele está a hipófise, glândula com a qual se conecta diretamente.

Vias aferentes. Transformação. Vias eferentes.

a) Vias aferentes: o hipotálamo recebe da formação reticular, hipocampo, amígdala, tálamo, núcleo lenticular, bulbo olfativo e fibras nervosas com impulsos sensoriais.

b) Transformação: como exemplo, tomamos o reflexo do fazer. Quando o hipotálamo registra, por intermédio dos osmorreceptores e quimiorreceptores, a redução na concentração do Cl Na no sangue, produz um aumento do hormônio antidiurético (HAD), elaborado nos núcleos supraópticos hipotalâmicos e também armazenado na neuro-hipófise. Ao liberar-se tal hormônio na corrente sanguínea, ocorrem reações no rim que contribuem para a retenção de líquido. Outro exemplo: ao diminuir a concentração de cortisol e corticosterona na corrente

sanguínea, o hipotálamo estimula a liberação de ACTH da adeno-hipófise. Por sua vez, o ACTH estimula a glândula suprarrenal na liberação daqueles glicocorticoides.

c) Vias eferentes: em complementação com a hipófise e através desta, pela corrente sanguínea para tireóide, córtex suprarrenal e gônadas. Por via nervosa à medula suprarrenal e por intermédio das fibras hipotálamo-reticulares à formação reticular do tegumento e daí aos núcleos motores do bulbo e aos neurônios motores medulares. À hipófise a partir dos núcleos supraópticos.

Síntese. Vemos o centro vegetativo basicamente como um regulador das funções vitais, operando com mecanismos de equilíbrio e servorregulação.

Centro sexual

Faixa. Quanto à sua atividade, referimos o centro sexual ao ato sexual em si, correspondendo-o como “carga e descarga”.

Órgão. São pontos importantes: as gônadas, o centro espinhal, a estrutura hipotálamo-hipófise e a localização cortical no lobo occipital.

Vias aferentes Transformação. Vias eferentes.

a) Vias de origem tátil difundida, que compreendem as zonas erógenas e o tato em geral; b) vias também táteis, mas de caráter concentrado e preciso, do aparelho genital; c) via que compreende estímulos de tipo senso-perceptual, mnemônicos e de associação córtico-subcortical-cenestésica. As duas primeiras, em parte, formam o reflexo curto espinhal e, além disso, percorrem a medula, passando pelo tálamo e pela formação reticular para ir ao córtex. Vias aferentes de tipo endócrino: têm a ver com a produção e manutenção de um nível constante, embora cíclico, de secreção de hormônios sexuais que mobilizam conforme a oportunidade. Aqui, a estrutura hipotálamo-hipófise-gônadas (com participação de outras glândulas) como principais elementos secretores.

b) Transformação: é de caráter complexo e intervêm: a) um reflexo medular curto; b) a atividade de neurônios motores medulares que criam reflexos mais longos, combinados com o anterior; c) os entrecruzamentos nervosos de nível subcortical; d) as projeções corticais e suas interconexões.

c) Vias eferentes: aqui se podem considerar duas possibilidades: a) o ato sexual em si; b) quando se produz a fecundação e continua o processo de gestação. Aqui consideramos o primeiro caso. Procedentes da interconexão córtico-subcortical, descem, através da medula, feixes do sistema autônomo que vão excitar o aparelho genital, facilitando a realimentação estímulo-transformação-excitação, produzindo-se simultaneamente um incremento da atividade, até chegar a um limiar de tolerância em que se produz a descarga.

Síntese. Localizamos o centro sexual operando nos mecanismos da função de reprodução. Essa atividade é, no indivíduo, a expressão do instinto de conservação da espécie com seus mecanismos: ato sexual, fecundação, gestação e parto.

Centro motriz

Faixa. A mobilidade do indivíduo no espaço, que consiste em movimentos voluntários e involuntários, atuando os sistemas ósseo e muscular coordenados por e com o sistema nervoso.

Órgão. O centro motriz que coordena essas atividades se encontra no nível de: a) córtex, nos lobos pré-frontais do córtex, centro dos movimentos voluntários; b) medula espinhal, atuando como centro dos movimentos involuntários, arcos reflexos curtos e como conectiva entre os receptores e o córtex; c) cerebelo, que coordena os movimentos (equilíbrio).

Vias aferentes. Transformação. Vias eferentes.

Em um primeiro nível, estudamos o sistema do reflexo curto.

a) Vias aferentes: do receptor, pela fibra sensitiva ao gânglio pré-espinhal que atua como retentor, à medula onde opera a primeira transformação.

b) Vias eferentes: da medula ao gânglio pós-espinhal e pela fibra neuromotora ao efetor. No segundo nível, encontramos: do receptor por via aferente à medula, daí pelas fibras neuromotoras (feixes piramidais e extrapiramidais) ao córtex, passando pelo cerebelo. Nas localizações corticais, acontece a segunda transformação e sai pelas vias eferentes ao hipotálamo, conectado com a hipófise, à medula e daí ao efetor, neste caso, os músculos.

Síntese. O centro motriz é um transformador de estímulos sensoriais elétrico-nervosos que dá respostas de mobilidade ao indivíduo para a adaptação a seu meio e sua sobrevivência.

Centro emotivo

Faixa. Corresponde ao que habitualmente reconhecemos como sentimentos, estados de ânimo, paixão (com sua implicância motriz) e intuição. Intervém como o “gosto” ou “desgosto” que pode acompanhar uma atividade qualquer.

Órgão. Localizamos a atividade principal no centro límbico, que se localiza no diencéfalo ou rinencéfalo e que está composto por: septum (núcleos septais do hipotálamo), os núcleos anteriores do tálamo, a circunvolução do hipocampo, a parte anterior do hipocampo e a amígdala.

Vias aferentes. Transformação. Vias eferentes.

a) Vias aferentes: as principais vias aferentes são a via olfativa, que se conecta diretamente com a amígdala, e as fibras sensoriais, que chegam ao centro límbico através da formação reticular. Também fibras provenientes do córtex, dos lobos frontal e temporal e do hipocampo chegam à amígdala. Do bulbo olfativo um de seus ramos vai também ao septum.

b) Transformação: os estímulos aferentes (impulsos) produzem modificações quimioelétricas no centro límbico, que têm como resposta uma imediata modificação viscerossomática (relação estrutural com o hipotálamo), incluindo as áreas corticais. A atividade do centro límbico, por sua vez, integra uma expressão estrutural emotivo-vegetativo-sexual.

c) Vias eferentes: essas modificações se expressam não apenas internamente em nível quimioelétrico e hormonal, mas também modificam a atividade condutual do sujeito. Um

elemento que expressa claramente isso é o motriz. Além disso, do centro límbico projetam-se fibras pelo hipotálamo, que são enviadas aos centros autônomos bulbares e à formação reticular do tronco cerebral e daí, pelos neurônios motores somáticos, inervam os órgãos correspondentes, assim como os músculos.

Síntese. Pode-se definir a atividade do centro emotivo como “sintética”, integrando não apenas sua área específica, com características neuro-hormonais próprias, mas também elementos do vegetativo e do sexo. Sua localização e conexão (tálamo-hipotálamo-formação reticular) nos permite compreender sua atividade difundida, mesmo em casos de características “não emotivas”, e sua ação prolongada para além do impulso inicial.

Centro intelectual

Faixa. As atividades de aprendizagem em geral, a relação de dados, a elaboração de respostas (além da resposta reativa), a relação de estímulos de diversas origens.

Órgão. Localizamos este centro no córtex cerebral, constituído por substância cinzenta. Divide-se habitualmente em 3 camadas, de dentro para fora: arquicórtex (a camada filogeneticamente mais antiga); paleocórtex (a camada intermediária); neocórtex (a camada mais recente). Por sua vez, superficialmente se divide em correspondência com os quatro lobos cerebrais: frontal, na parte anterior; parietal, na parte superior média; temporal, na parte inferior média; e occipital, na parte posterior.

Vias aferentes. Transformação. Vias eferentes.

a) Vias aferentes: as principais vias aferentes são as que compõem as vias sensitivas e são aferentes do que se denomina córtex sensorial, que predomina nos lobos parietal e occipital e, em menor grau, no temporal e no frontal. São aferentes: o tálamo, o hipocampo, o hipotálamo, a formação reticular e o cerebelo.

b) Transformação: deste ponto temos uma ideia ao ver as interconexões corticais. Em linhas gerais, encontramos uma das funções complexas no lobo parietal com o caso da estereognosia (reconhecimento tátil sem a visão), em que se requer uma adequada recepção do estímulo (transmissão). Esta informação é sintetizada e comparada com rastros mnemônicos sensoriais similares anteriores para assim reconhecer o objeto dado.

c) Vias eferentes: além das conexões intercorticais, as vias eferentes se dirigem em geral ao subcórtex e principalmente ao núcleo caudado; à protuberância e cerebelo; ao mesencéfalo; ao tálamo; à formação reticular e aos corpos mamilares (hipotálamo).

Síntese. Encontramos neste centro uma especialização máxima no homem com relação ao resto dos mamíferos e de outras espécies. Sua função principal de associação e elaboração, junto com a característica de diferir sua resposta diante do estímulo, parece dar uma ideia geral deste centro.

PSICOLOGIA II

Este é um resumo realizado pelos assistentes às explicações dadas por Silo em Las Palmas de Gran Canaria, em meados de agosto de 1976. Aqui se conservam algumas passagens que respeitam o estilo coloquial dos desenvolvimentos, e isso marca uma diferença importante com relação a “Psicologia I”. Por outro lado, neste trabalho se retoma a temática daqueles apontamentos, reconsiderando-os à luz das teorias dos impulsos e do espaço de representação.

1. As três vias da experiência humana: sensação, imagem e recordação

A experiência pessoal surge pela sensação, pela imaginação e pela recordação. Certamente, também podemos reconhecer sensações ilusórias, imagens ilusórias e recordações ilusórias. Até mesmo o eu se articula graças à sensação, à imagem e à recordação. E, quando o eu percebe a si mesmo, também trabalha com essas vias, sejam elas verdadeiras ou ilusórias. Reconhecemos as mesmas vias para toda operação possível da mente. Nessas vias, qualquer um admite a existência de erros, a existência de ilusões, entretanto, é mais difícil admitir a ilusão do eu, embora isso seja também comprovável e demonstrável.

As três vias do sofrimento e aquilo que registra o sofrimento são temas de especial interesse para nós. Examinaremos, então, a sensação, a imagem e a recordação, e também aquilo que registra e opera com esse material, que se chama “consciência” (ou “coordenador”) e que, às vezes, é identificado com o eu. Estudaremos as três vias pelas quais o sofrimento chega e estudaremos também a consciência que registra o sofrimento.

Por via da sensação, da imaginação e da recordação experimenta-se dor. Há “algo” que experimenta essa dor. Esse “algo” que a experimenta é identificado como uma entidade que, aparentemente, tem unidade. Essa unidade que registra a dor está dada basicamente por uma espécie de memória. A experiência da dor é comparada com experiências anteriores. Sem memória, não há comparação de experiências.

As sensações dolorosas são comparadas com sensações dolorosas anteriores. Mas, há algo mais: as sensações dolorosas são também projetadas, são consideradas em um tempo que não é o atual, em um tempo futuro. Se recordamos as sensações dolorosas ou imaginamos as sensações dolorosas, deste recordar e deste imaginar também temos sensação. A memória não poderia provocar dor, a imaginação não poderia provocar dor, se da memória e da imaginação não tivéssemos também sensação. Temos registro, temos sensação, não apenas por via da sensação primária direta, mas também por via da memória. E, por via da imaginação, temos sensação. A sensação, então, invade o campo da memória, invade o campo da imaginação. A sensação cobre todas as possibilidades dessa estrutura que experimenta a dor. Tudo está trabalhando com sensação e com algo que experimenta, com algo que registra essa sensação. Chame-se mais especificamente sensação propriamente dita, chame-se memória ou chame-se imaginação, a sensação sempre está na base. A detecção de um estímulo está na base, e algo que registra esse estímulo está no outro ponto, no outro extremo dessa relação.

Entre um estímulo e algo que registra esse estímulo temos configurada essa primeira estrutura. E parece que essa estrutura se move, tentando evitar esses estímulos dolorosos. Estímulos que chegam e que são detectados; estímulos que são armazenados; novas situações que se apresentam; e ação dessa estrutura para evitar esses novos estímulos que estão relacionados com dados anteriores. Estímulo que chega a um ponto que recebe esse estímulo e, a partir desse ponto, resposta ao estímulo. Se o estímulo que chega a esse ponto é doloroso, a resposta tende a modificar esse estímulo. Se o estímulo que chega a esse ponto não é doloroso, pelo contrário, experimenta-se como prazer, a resposta tende a fazer esse estímulo permanecer. É como se a dor quisesse o instante e o prazer quisesse a eternidade. É como se houvesse, com a dor e o prazer, um problema de tempos para aquele ponto que o registra.

Sejam estímulos dolorosos ou prazerosos, esses estímulos são armazenados, guardados nesse aparato regulador de tempo que chamamos de “memória”. Chamamos esses estímulos que chegam de “sensações”. No entanto, esses estímulos que chegam, não chegam apenas do que poderíamos chamar “mundo externo” ao centro de registro, mas também chegam do próprio “mundo interno” ao aparato de registro. Já vimos que se pode recordar o doloroso, pode-se recordar o prazeroso. Já vimos que se pode imaginar o doloroso, pode-se imaginar o prazeroso. E recordar e imaginar não estão ligados tão estreitamente à sensação externa quanto as outras sensações primárias diretas.

O esquema é simples: um estímulo que chega, uma resposta que se dá. Mas não simplifiquemos tanto a ponto de considerar os estímulos que chegam como pertencentes exclusivamente ao mundo externo dessa estrutura. Se também há estímulos no mundo interno dessa estrutura, deve haver também respostas no mundo interno dessa estrutura. A sensação, em geral, tem a ver com o registro, com o que chega à estrutura. A imaginação, por outro lado, tem a ver com o que essa estrutura faz para se aproximar do estímulo, se é prazeroso, ou para se afastar do estímulo, se é doloroso. Já nessa imagem está exposta a atividade frente aos estímulos que chegam a essa estrutura. Em outro momento, veremos mais detalhadamente a função com que a imagem cumpre.

A memória, na medida em que entrega dados prazerosos ou dolorosos, mobiliza também a imaginação, e esta mobiliza essa estrutura em uma direção ou outra. Estamos contando com um estímulo que chega, uma estrutura que recebe esse estímulo e uma resposta dada por essa estrutura. Este é um esquema muito simples: estímulo-aparato de recepção-centro de resposta.

O centro de resposta faz com que, frente ao estímulo, essa estrutura seja mobilizada, não em qualquer direção, mas em uma direção mais ou menos precisa, e reconhecemos distintas atividades para responder a esses estímulos, distintas direções, distintas possibilidades de resposta. Distinguimos, então, entre distintos centros possíveis para dar respostas possíveis a distintos tipos de estimulação. Certamente, todos esses centros de resposta estarão movidos em sua base pela dor e pelo prazer, mas, na atividade, as respostas manifestar-se-ão de diversos modos, dependendo do centro que atue. Chamaremos esse mundo de estímulos que chega de “mundo da sensação”. Isso que se expressa para o mundo da sensação vamos chamar de “resposta”. O que responde ao mundo da sensação será chamado de “centro de resposta”. Como as respostas são numerosas e diferenciadas, e cada sistema de resposta tem sua própria classe, vamos distinguir entre diversos centros de resposta.

Toda essa estrutura que engloba o registro da sensação e a resposta a essas sensações que chegam, toda essa estrutura que se manifesta vamos chamar de “comportamento”. E vamos observar que esse comportamento não se manifesta de maneira constante, e sim que sofre diversas variações, conforme o estado em que se encontra essa estrutura, de acordo com o momento em que se encontra essa estrutura. Há momentos em que essa estrutura percebe o estímulo doloroso com mais nitidez. Há momentos em que parece não percebê-lo absolutamente. Há momentos em que essa estrutura parece estar desconectada dessas sensações, como se não tivesse registro das sensações dolorosas. Registrar com maior ou menor intensidade as sensações que chegam e lançar respostas com maior ou menor

intensidade a esses estímulos que chegam depende do estado geral da estrutura. Chamaremos esse estado genericamente de “nível de trabalho” dessa estrutura. Esse nível, de acordo com o momento de processo em que esteja, permitirá que se dêem respostas mais aceleradas, mais intensas, respostas menos aceleradas, respostas apagadas.

Vamos revisar nossos esquemas.⁵

Não se explica muito quando se diz que o ser humano faz determinadas coisas para satisfazer suas necessidades. O ser humano faz determinadas coisas para evitar a dor. O que acontece é que tais necessidades, se não são satisfeitas, provocam dor. Mas não é que alguém se mova por uma ideia abstrata de satisfazer suas necessidades. Se alguém se move é pelo registro da dor. Essas coisas costumam confundir-se bastante e parece que essas necessidades primárias, se não são satisfeitas, são as que provocam maior dor. A sensação de fome é tão dolorosa quanto outros tipos de sensação que, se não são satisfeitos, vão provocando uma tensão cada vez maior. Por exemplo, se um ser humano sofre violência ou queima alguma parte de seu corpo, experimenta dor e, certamente, trata de dar respostas a essa dor para que cesse. Essa é uma necessidade tão grande quanto a de se alimentar ou comer: fazer algo para evitar que se intensifique a sensação dolorosa. Nesse caso, esse ser humano vai tentar fugir daquilo que coloca em perigo a estrutura de seu corpo. Às vezes, alguém tem registros dolorosos de fome e não tem fome. Pensa na fome que poderia ter, pensa na fome que outra pessoa poderia ter, e a fome que o outro poderia ter dá a ele um registro doloroso. Mas, que registro doloroso lhe dá? Por acaso, um registro doloroso físico? Não exatamente. Ele pode recordar a fome, ele está falando da dor da fome, mas ele não registra a dor da fome, ele registra outro tipo de dor. E esse registro que ele tem da dor pode mobilizá-lo em grande medida.

Por via da imagem, por via da recordação, ele pode experimentar também uma gama importante de dores e também de prazeres. Ele sabe que, alimentando-se, satisfazendo suas necessidades imediatas, ocorre essa particular distensão em sua estrutura. E ele sabe que é interessante repetir essa distensão cada vez que essa tensão aumenta. Ele se afeiçoa a determinadas formas de alimentação, habitua-se a certas experiências relaxadoras de tensões.

O estudo dos centros permite diferenciar atividades que o ser humano realiza, tratando primariamente de satisfazer suas necessidades. Por outro lado, os níveis de consciência explicam a variação daquelas atividades, conforme toda a estrutura esteja atuando vigiicamente, no semissono ou no sono.

Observamos nessa estrutura um comportamento que é a forma com que esta se expressa frente aos estímulos, conforme esteja operando determinado nível de consciência.

2. A especialização das respostas frente aos estímulos externos e internos. Os centros.

A ideia de “centro” engloba o trabalho de diferentes pontos físicos, às vezes muito separados entre si. Ou seja, um centro de resposta resulta de uma relação entre distintos pontos do corpo. Se falamos do centro do movimento, percebemos que não está localizado em um lugar físico preciso, e sim que corresponde à ação de muitos pontos corporais. O mesmo acontece com operações mais complexas do que as simples operações de resposta do corpo. Quando se

⁵ Refere-se às explicações dadas em Corfu, em 1975, que foram publicadas sob o título *Psicologia I*.

fala das emoções no ser humano, dá a impressão de que há um ponto a partir do qual se manejam todas as emoções. Isso não é assim. Há numerosos pontos que, ao trabalharem de maneira coordenada, provocam essa resposta que vamos chamar de “emotiva”.

Portanto, os aparatos que controlam a saída dos impulsos para o mundo da resposta são os que conhecemos como “centros”. O mecanismo de estímulo e resposta reflexa vai se tornando mais complexo, até que a resposta se torna diferida e intervenham circuitos de coordenação capazes de canalizar as respostas, precisamente, por diversos centros. Dessa maneira, a resposta diferida realiza numerosos percursos antes de dirigir-se para o mundo externo.

Diferenciamos entre um estímulo que pode chegar dos sentidos à consciência e o impulso que pode chegar da memória. Neste segundo caso, verificam-se numerosas operações e, de acordo com o nível do sinal elaborado na consciência, seleciona-se a saída por um centro ou outro. Exemplificando: damos um golpe em uma parte da perna, no joelho, e a perna se move sem necessidade de que esse estímulo passe pelos complicados mecanismos de consciência que elaboram, finalmente, seu sinal em forma de imagem, imagem que procura o nível correspondente no sistema de representação e a partir daí atua sobre o centro adequado para dar a resposta ao mundo. Certamente, na resposta reflexa, quase simultaneamente a ela, configura-se uma imagem, mas o estímulo passou diretamente do aparato de recepção para o centro. Tomando agora o sinal que se desdobrou como imagem, pode-se seguir sua transformação até chegar à memória como impulso, ser arquivado ali e voltar para o mecanismo de coordenação, no qual se elabora uma nova imagem e, embora o estímulo já tenha desaparecido (quando se efetuou a resposta reflexa), da memória pode-se continuar enviando informação, mantendo uma imagem que, por sua vez, reforça a atividade do centro de saída.

Os centros trabalham estruturados entre si e com registros próprios (além do registro geral que o coordenador possui) pela informação que chega dos sentidos internos no momento de atuar no meio e também pelas conexões entre os centros e o coordenador. Também se tem consciência do que acontece com a atividade dos centros, já que os centros, ao efetuarem trabalhos de resposta, também dão sinal interno ao aparato de sensação. Assim, os centros podem continuar dando sinais de resposta; podem deter esse sinal de resposta; o sinal em questão que chega aos centros pode mover-se e procurar outro canal, etc., graças ao fato de que, na própria saída, há uma volta do sinal para um aparato interno que registra o que está acontecendo com a resposta. Assim, se eu lanço minha mão em uma direção, essa mão poderia passar ao lado, poderia não chegar ao objeto, poderia cometer diversos erros, se deste movimento não tivesse também sensação interna, ao mesmo tempo em que tenho sensação pelos outros sentidos que vão registrando as diversas operações. Agora, se tivesse que empurrar delicadamente este livro que está diante de mim sobre a mesa, teria que regular o impulso de minha mão, porque se me equivocasse nisso, o livro poderia cair no chão. Além disso, a resistência que este livro apresenta me indica quanta pressão tenho que exercer, e sei disso graças à resposta. Ou seja, a ação motriz que realizo sobre o livro encontra determinada resistência da qual tenho sensação interna e, graças a essa sensação interna, vou regulando a atividade. Dessa maneira, temos sensação da atividade dos centros de resposta.

O *centro vegetativo* é a base do psiquismo, no qual se ativam os instintos de conservação individual e da espécie e que, excitados por sinais correspondentes de dor e prazer, mobilizam-se em defesa e expansão da estrutura total. De tais instintos não tenho registro, mas sim determinados sinais. Esses instintos se manifestam fortemente no momento em que uma parte ou a totalidade da estrutura fica comprometida. O centro vegetativo também se mobiliza por imagens, mas imagens de registro cenestésico. Essas imagens vêm promovidas pelo estado de sono ou de fadiga, por exemplo. Tem-se registro cenestésico desse estado, tem-se registro cenestésico do que logo vai se transformar em sensação de fome, tem-se registro do reflexo do sexo. O registro cenestésico aumenta em caso de enfermidade, mas também em caso de ausência de sensações externas. Esse centro dá respostas compensadoras, equilibradoras a esses impulsos cenestésicos que chegam de distintas partes da estrutura. Mesmo quando o sinal sensorial vai ao centro vegetativo e dá resposta, esse sinal pode atuar também sobre a memória, e da memória chegar à coordenação e ter consciência desses sinais. Mas não é a consciência desses sinais o que mobiliza a resposta do centro vegetativo.

O *centro sexual* é o coletor e distribuidor energético principal que opera por concentração e difusão alternadas, com aptidão para mobilizar a energia de forma localizada ou de forma difundida. Seu trabalho é voluntário e também involuntário. Funciona em parte como o centro vegetativo, do qual é uma especialização, a especialização mais imediata. A tensão nesse centro dá fortes registros cenestésicos e, a partir dele, distribui-se a energia aos demais centros. A diminuição da tensão no centro sexual se produz por descargas próprias desse centro, por descargas através dos outros centros e por transmissão de sinal à consciência, que o converte em imagem. Pode, também, coletar tensões do corpo e dos outros centros, já que está fortemente ligado ao aparato vegetativo, que toma os sinais de todos os impulsos cenestésicos. A estrutura vegetativo-sexual é a base a partir da qual se organizam todos os centros e, portanto, todo o sistema de respostas. Isso é assim porque eles estão ligados diretamente aos instintos de conservação individual e de conservação da espécie. Essa base instintiva é o que nutre o funcionamento de todos os outros sistemas de resposta. Se essa base de respostas (sobre a qual se assentam os outros aparatos de resposta) falhar, perturbações serão registradas em toda a cadeia de respostas.

O *centro motriz* atua como regulador dos reflexos externos e dos hábitos do movimento. Ele permite o deslocamento do corpo no espaço, trabalhando com tensões e relaxamentos.

O *centro emotivo* é o regulador e sintetizador de respostas situacionais mediante seu trabalho de adesão ou rejeição. Desse trabalho do centro emotivo se registra essa particular aptidão do psiquismo para experimentar as sensações de se aproximar do que é prazeroso ou se afastar do que é doloroso, sem que o corpo necessariamente atue. Pode acontecer que não exista referência objetual externa e, no entanto, experimente-se a emoção da rejeição ou o estado de aderência, porque se trata de objetos da própria representação que provocam (pelo surgimento de imagens) disparos do centro emotivo. Exemplificando: não seria necessário fugir, já que não existe perigo objetual, mas se está fugindo do “perigo” da própria representação.

O *centro intelectual* responde a impulsos dos mecanismos de consciência conhecidos como abstração, classificação, associação, etc. Trabalha por seleção ou confusão de imagens, em

uma gama que vai das ideias aos distintos tipos de imaginação (dirigida ou divagatória), podendo elaborar formas de resposta como imagens simbólicas, sígnicas e alegóricas. Embora estas pareçam abstratas e “imateriais”, delas se tem registro sensorial interno e se pode recordá-las, seguir sua transformação em uma sequência e registrar sensações de acerto ou erro.

Existem diferenças de velocidade no ditado de respostas ao meio. Essa velocidade é proporcional à complexidade do centro. Enquanto o intelecto elabora uma resposta lenta, a emoção e a motricidade fazem isso com mais velocidade, sendo a velocidade interna do funcionamento vegetativo e do sexo consideravelmente maior que a velocidade dos outros centros.

O funcionamento dos centros é estrutural. Isso se registra pelas concomitâncias nos outros centros quando um deles está atuando como primário. O trabalho intelectual é acompanhado por um tom emotivo (por exemplo, certo agrado pelo estudo que se está efetuando e que ajuda a se manter no trabalho). Ao mesmo tempo, nesse caso, a motricidade se reduz ao mínimo. Quando o centro de resposta intelectual trabalha, a manutenção da carga é feita pela emotividade, mas em detrimento do centro contíguo, que é o motriz e que tende a se imobilizar à medida que se acentua o interesse intelectual. Se fosse um caso de recomposição vegetativa por enfermidade, o sujeito experimentaria fadiga ou debilidade e toda a energia iria para a recuperação do corpo. Esse centro trabalharia plenamente para dar respostas internas equilibradoras, e a atividade dos outros centros seria reduzida ao mínimo.

Os centros podem trabalhar em disfunção, o que ocasiona também erros de resposta. As contradições no trabalho entre centros surgem quando as respostas não se organizam estruturadamente e os centros disparam atividade em direções opostas entre si.

Esses centros, que separamos aqui para sua melhor compreensão, em realidade estão trabalhando em estrutura, circulando entre eles energia psicofísica ou, simplesmente, energia nervosa. Em geral, quando a atividade aumenta em determinados centros, diminui em outros. É como se sempre trabalhássemos com determinada carga. Então, com essa mesma quantidade de carga, quando uns trabalham mais, os outros têm que trabalhar menos. Quando alguém corre, o centro motriz trabalha ao máximo, mas o centro vegetativo deve regular funções internas. A emotividade pode inclusive ser o motivo dessa corrida, dessa pessoa que corre. E o corredor, por último, pode estar fazendo operações intelectuais. Exemplifiquemos: ele está correndo porque alguém o persegue e, enquanto corre, está procurando por onde passar com maior facilidade, está procurando o modo de escapar daquela coisa ameaçadora que está atrás dele. Portanto, são muitas as coisas que se pode fazer enquanto se corre. O mais ponderável, neste caso, é a atividade motriz. A energia no intelecto diminui cada vez que o centro motriz é ativado. Em nosso exemplo, é bastante difícil correr enquanto se é perseguido e, ao mesmo tempo, fazer cálculos matemáticos. Algo acontece no intelecto enquanto se está mobilizando o centro motriz, mas isso não quer dizer que sua atividade desapareça. No sexo, essa energia está praticamente anulada e, na emotividade, essa energia atua, mas de modo variável, de acordo com a incitação que deu início a essa corrida. Se uma pessoa efetua complexas operações matemáticas, seu centro

vegetativo tenderá a se aquietar. Ou se aquieta o centro vegetativo ou se deixa de fazer operações intelectuais.

Todas essas considerações têm importância prática porque explicam que a sobreatividade de um centro diminui a atividade dos outros centros, especialmente dos centros que chamamos de contíguos.

Ordenamos os centros falando do intelectual, do emotivo, do motriz, do sexual e do vegetativo. Consideramos contíguos os centros que, nessa sequência, estão lateralmente colocados frente a determinado centro. Dizíamos que a sobreatividade de um centro diminui a atividade dos outros, especialmente a atividade dos centros contíguos. Isso permite compreender, por exemplo, que os bloqueios emotivos ou as sobrecargas sexuais possam ser modificados a partir de determinada atividade do centro motriz. Esse centro motriz atua “catarticamente” (é a primeira vez usamos essa palavra, que depois usaremos muito), descarregando tensões. Também explica que a atividade negativa do centro emotivo, por exemplo, a depressão (que não é uma sobrecarga, mas o contrário) diminui a carga intelectual e diminui também a carga motriz. Uma carga positiva no mesmo centro, o entusiasmo, por exemplo (ao contrário da depressão), pode fazer o centro emotivo transbordar e produzir sobrecarga nos contíguos: sobrecarga intelectual e sobrecarga motriz.

É claro que, quando um centro transborda e dá energia também a outros, faz isso em detrimento de algum outro centro porque a economia energética do conjunto é mais ou menos constante. Assim, de repente, um centro transborda, “enche-se de entusiasmo”, começa a lançar energia a seus centros contíguos, mas alguém está perdendo com isso. No final, termina por se descarregar esse centro cuja energia está sendo sugada e da qual os demais usufruem. Esse centro termina se descarregando, e essa descarga começa a invadir os outros centros até que, finalmente, todos eles se descarregam. Nesse sentido, se tivéssemos que falar de um centro que dá energia a toda a maquinaria, falaríamos do centro vegetativo.

O centro sexual é um coletor importante da energia psicofísica. Ele ponderará a atividade de todos os outros centros, influenciando neles de modo manifesto ou tácito. Portanto, estará incluído até nas atividades superiores da consciência, nas atividades mais abstratas. E fará com que essa consciência busque em uma ou outra direção abstrata, mas experimentando um especial gosto ou desgosto por essas direções.

Independentemente dos estímulos que chegam do mundo externo, os centros trabalham com uma ciclagem característica. Quando os estímulos chegam, o ritmo normal de um centro é alterado, mas logo retoma seu nível de trabalho com o ritmo que lhe é próprio. Esses ciclos e ritmos são diferentes e produzem certas repetições características. Reconhecemos os ciclos respiratórios, os ciclos circulatórios, os ciclos digestivos. Eles pertencem ao mesmo centro, mas o centro vegetativo não tem apenas um ritmo – nesse centro se verificam distintas atividades e cada uma delas tem ritmos distintos. Esses tipos de ritmo que mencionamos são conhecidos como ciclos curtos. Existem também ciclos diários e outros de maior amplitude. Há ciclos de etapa biológica. O trabalho cotidiano, por exemplo, está organizado de acordo com as idades e é inadequado colocar uma criança de cinco anos ou um senhor de oitenta em atividades próprias de jovens adultos.

Devemos acrescentar, por último, que a atividade dos centros é registrada em certos pontos do corpo, embora esses pontos não sejam os centros. O registro do centro vegetativo, por exemplo, é um registro corporal interno, difuso. Quando sentimos nosso corpo, experimentamo-lo de modo difuso e não apenas em uma parte ou zona precisa. O registro do sexo se experimenta no plexo sexual. O registro de algumas emoções verifica-se no plexo cardíaco e na zona respiratória. O trabalho intelectual se experimenta na cabeça ("pensa-se com a cabeça", diz-se). E não se deve confundir aquilo que mobiliza as atividades com o registro dessas atividades. O que mobiliza atividades é chamado por nós de "centro" e tem sua base neuroendócrina dispersa, enquanto o registro das atividades dos centros se experimenta, preferencialmente, em alguns pontos localizados do corpo.

3. Níveis de trabalho da consciência. Devaneios e núcleo de devaneio.

Recordando o esquema que expomos anteriormente, não havia mais que uma estrutura, um sistema de estímulos e um centro que dava uma resposta a esses estímulos. Esse centro logo se especializava em distintas faixas – eram faixas de atividades de resposta frente aos estímulos. Então, distinguíamos entre centros, porém sabíamos que esses centros também variavam na resposta, não apenas por causa da variação de estímulos, mas também pela variação do estado no qual eles mesmos se encontravam. Esse estado no qual se encontravam os centros em determinado momento chamamos de nível de trabalho. Esse nível de trabalho, portanto, modulava a atividade do centro em suas respostas. Se o nível de trabalho era alto, a resposta para o mundo era mais eficaz, mais evidente. Se o nível de trabalho era baixo, a resposta para o mundo não era tão eficaz.

Nessa estrutura encontramos o nível de vigília, que favorece a atividade para o mundo externo. Por outro lado, consideramos o sono como um nível que aparentemente bloqueia a resposta ao mundo externo, mesmo quando os estímulos parecem chegar plenamente ao adormecido. E há um nível intermediário, o de semissono, pelo qual se transita ao conectar e desconectar do mundo externo.

Falamos dos níveis de trabalho e nos referimos a eles como a mobilidade interna que a estrutura da consciência tem para responder aos estímulos. Esses níveis têm sua própria dinâmica e não se pode considerá-los como simples comportas que se fecham ou se abrem. Na realidade, enquanto se está trabalhando em um nível, nos outros níveis continua existindo mobilidade com energia mais reduzida. Ou seja, se nos encontrarmos, por exemplo, no nível vigílico, o nível de sono continuará trabalhando, embora com atividade reduzida. Dessa maneira, existem fortes pressões dos outros níveis sobre o nível que se expressa nesse momento. Assim, são numerosos os fenômenos próprios da vigília que são afetados por fenômenos dos outros níveis, e são numerosos os fenômenos próprios do sono que são afetados pela atividade dos outros níveis. Considerar os níveis não como compartimentos isolados, mas como um conjunto de potenciais de trabalho que estão em dinâmica simultânea, tem importância para a compreensão de fenômenos que chamaremos de "rebote" de conteúdos, de "pressão" de conteúdos, etc.

Assim como existem localizações neuroendócrinas que regulam as atividades de resposta do ser humano (e que englobamos com a designação de "centros"), existem também localizações que regulam os níveis de trabalho da consciência. De fato, certos pontos enviam sinais para

que se efetue a atividade vigílica, de semissono ou de sono. Por sua vez, esses pontos que enviam sinais recebem instruções de diversas partes do corpo antes de dispararem suas ordens, o que resulta em um circuito fechado. Em outras palavras: quando o corpo necessita do repouso noturno, fornece dados a certos pontos que começam a dar seus sinais e, então, o nível de consciência baixa... Não queremos entrar em nenhuma das complicações fisiológicas ou psicofisiológicas do caso, mas abordar o tema em termos muito gerais.⁶ Quando vão se acumulando determinadas substâncias no corpo ou quando o trabalho cotidiano provoca fadiga no corpo, essas substâncias e essa fadiga acumuladas dão sinais, fornecem sinais a um ponto que os coleta. E o ponto que coleta esses sinais começa a emitir também suas mensagens, o que faz o nível de consciência baixar. Esse nível vai baixando, até que o sujeito experimenta sono e entra nesse estado de sono com o qual inicia a etapa reparadora do circuito. Certamente, não se trata apenas de reparar o corpo com essa “descida” de nível de consciência. A baixa de nível de consciência vai permitir que se produzam numerosos fenômenos complexos e não apenas de reparação. Mas, em princípio, podemos vê-lo assim. Por sua vez, quando o descanso tiver produzido seu efeito reparador, esses pontos começarão a enviar sinais ao ponto de controle que, por sua vez, emitirá seus sinais para ir provocando o despertar. Estímulos externos ou fortes estímulos internos também podem disparar o fenômeno e produzir a subida de nível, mesmo que o sono não tenha cumprido com seu efeito reparador. Isto é bem evidente. Nosso sujeito está reparando, está descansando, mas uma detonação ao lado de seus ouvidos provoca o despertar. Assim, os ciclos vão se manifestando, os ritmos vão se expressando nesses níveis e têm sua rítmica própria, porém, quando ocorre um fenômeno que rompe os limites do limiar, produz-se o disparo a partir desse centro de controle interno e começa o despertar fora de ritmo.

No nível de vigília encontramos a melhor expressão das atividades humanas. Os mecanismos racionais trabalham plenamente e se tem direção e controle das atividades da mente e do corpo no mundo externo.

No nível de sono, por sua vez, os mecanismos racionais se veem muito diminuídos em seu trabalho e o controle das atividades da mente ou do corpo é praticamente nulo. Por momentos, o sono é puramente vegetativo e sem imagens; em outros momentos, é como se o sono estivesse sob o predomínio total e absoluto do centro vegetativo e somente essa estrutura trabalhasse dando respostas a estímulos internos. Nesse momento, não há imagens povoando a tela da consciência; estamos em um estado tal que chegam dados internos e “respondemos” a esses dados também internamente e tudo isso vai sendo feito pelo centro vegetativo com seu automatismo característico. Mas logo começa um ciclo de sono com sonhos, com imagens, que mais adiante volta a ser interrompido, começando outro período sem elas. Isso acontece todas as noites. De maneira que, mesmo no nível de sono, sono profundo, encontramos um estado plenamente vegetativo, sem imagens, e um estado em que aparecem imagens. Tudo isso tem seus ciclos e ritmos.

Certamente, diferenciamos entre níveis e estados. As imagens do sonho são muito velozes, possuem forte carga afetiva e sugestionam fortemente a consciência. O material dessas imagens provém da vida diária, embora articulado caprichosamente. Mais adiante, veremos

⁶ Ver o “Apêndice sobre as bases fisiológicas do psiquismo” em Psicologia I.

que não se dá de forma tão “caprichosa”, já que, chegando ao tema das conformações alegóricas e de outro tipo nas produções oníricas, veremos que isso está submetido a um conjunto de leis bastante precisas. Mas, por enquanto, dizemos que as coisas se articulam caprichosamente. O sono serve para reparar o corpo e ordenar toda a massa de informação recebida durante o dia. Além disso, serve para descarregar numerosas tensões físicas e psíquicas.

No *semissono* mesclam-se fenômenos dos outros dois níveis. Subindo do sono, chega-se ao semissono, antes do despertar completo. Também em plena vigília podemos descer ao semissono nos estados de fadiga e começar a verificar as mesclas de níveis. O nível de semissono é pródigo em fantasias e longas cadeias de imagens que cumprem com a função de descarregar tensões internas.

O devaneio em vigília não é um nível, mas um estado no qual imagens próprias do nível do sono ou semissono abrem caminho, pressionando a consciência. Esses devaneios atuam, manifestam-se na vigília por pressão dos outros níveis. Isso ocorre com a finalidade de aliviar tensões. Porém, os devaneios em vigília servem também para compensar dificuldades de situação ou necessidades que o sujeito experimenta. Isso, em sua última raiz, está relacionado ao problema da dor, e esse é o indicador interno e o registro interno que se tem quando o sujeito não pode se expressar no mundo e, então, aparecem imagens compensatórias. Quando falamos de fantasia ou devaneio em vigília, não nos referimos ao nível de semissono, já que o sujeito pode continuar realizando suas atividades cotidianas mecanicamente, “sonhando acordado”, por assim dizer. O sujeito não desceu ao semissono ou ao sono profundo; o sujeito continua com suas atividades cotidianas, mas os devaneios começam a rondar.

Observamos que a mente passa de um objeto para outro a cada instante e que é muito difícil manter uma ideia ou um pensamento, sem que se infiltrem elementos alheios a eles, ou seja, outras imagens, outras ideias, outros pensamentos. Chamamos esses conteúdos erráticos de consciência de “devaneios”. Esses devaneios (ou divagações) dependem das pressões dos outros níveis, assim como de estímulos externos, tais como ruídos, aromas, formas, cores, etc. e de estímulos corporais, como tensão, calor, fome, sede, desconforto, etc. Todos esses estímulos internos e externos, todas essas pressões que estão atuando nos outros níveis se manifestam formando imagens e pressionando o nível vígilico. Os devaneios são instáveis e mutantes e constituem impedimentos ao trabalho da atenção.

Chamamos de “devaneios secundários” aqueles que se disparam cotidianamente e que têm caráter situacional, ou seja, passageiro. Um indivíduo que se encontra em determinada situação é submetido a um conjunto de pressões externas e surgem respostas de devaneios secundários. Ele passa para outra situação e surgem outras respostas de devaneios secundários. Consideramos que são devaneios secundários ou situacionais porque se disparam como resposta, como compensação de situações mais ou menos precisas.

Mas existem outros devaneios mais fixos ou repetitivos que, mesmo variando, denotam um mesmo clima mental, uma mesma “atmosfera” mental. Aquelas imagens que surgiram uma única vez em determinada situação e depois desapareceram são bem diferentes dessas outras imagens que, apesar da mudança de situação, aparecem repetitivamente. Esses devaneios que não são secundários também podem mudar a seu modo, mas eles têm permanência – mesmo

que seja em seu clima mental, têm um sabor similar. Como digressão, observe que as palavras que estamos usando são puramente sensoriais. Falamos de “clima”, como se a percepção desse fenômeno fosse tátil. Falamos de “sabor”, como pudéssemos degustar um devaneio... Já voltaremos a essas particularidades mais adiante.

Às vezes os próprios devaneios aparecem nas fantasias do semissono e também no sonho noturno. O estudo dos devaneios secundários e dos devaneios nos outros níveis serve para determinar certo núcleo fixo de divagação que é um forte orientador de tendências psíquicas. Em outras palavras, as tendências vitais de uma pessoa, além das condições que as circunstâncias impõem, estão lançadas a alcançar essa imagem, esse devaneio fixo que as guia. Esse núcleo fixo se manifesta como imagem; essa imagem tem a propriedade de orientar o corpo, de orientar as atividades em uma direção. A imagem aponta em determinada direção e para lá vai toda a estrutura.

O *núcleo de devaneio* orienta diversas tendências da vida humana em uma direção não percebida claramente em vigília, e muitas das razões que uma pessoa poderia dar sobre algumas de suas atividades em realidade são motivadas por esse núcleo e não por essas “razões” – em vez disso, essas razões são função desse núcleo. Consequentemente, as mudanças no núcleo provocam mudanças na orientação de algumas tendências pessoais. Essa pessoa está sempre buscando satisfazer suas necessidades, mas esse núcleo está sempre ponderando a direção. Em outros casos, o núcleo fica fixo, fica aderido a uma etapa da vida, embora as atividades gerais se modifiquem. Esse núcleo de devaneio não é visualizado. Ele é experimentado como clima mental. As imagens guiam as atividades da mente e podemos registrá-las, porém esse núcleo de devaneio não é uma imagem; esse núcleo de devaneio é o que determina imagens compensatórias. Assim, o núcleo de devaneio não é uma imagem, mas esse clima mental que se experimenta. O núcleo motiva a produção de determinadas imagens que, consequentemente, vão levar a uma atividade.

Exemplo de núcleo negativo é um permanente sentimento de culpa, por exemplo. Um senhor tem um sentimento de culpa permanente. Ele não fez nada reprovável, ou fez, mas o que ele experimenta é esse estado de culpa, ele se sente culpado. Ele não tem nenhuma imagem, mas experimenta esse especial estado de consciência. Tomemos, em outro exemplo, o sentimento trágico do futuro. Tudo vai dar errado. Por quê? Não se sabe. Tomemos o sentimento contínuo de opressão. O sujeito está oprimido, diz que “não se encontra consigo mesmo” e sente que as coisas desabam em cima dele... Entretanto, não há por que pensar que todos os núcleos são negativos.

Os núcleos permanecem fixos durante anos, aparecendo os devaneios compensatórios de tais núcleos. Esses núcleos estão operando durante um longo tempo. E vão dando lugar ao nascimento de devaneios compensatórios. Assim, por exemplo, se o núcleo que pressiona constantemente é parecido com o sentimento de abandono, se esse sujeito se encontra abandonado, se esse sujeito se encontra desprotegido, se experimenta esse sentimento de desproteção e abandono, é muito provável que surjam devaneios compensatórios de aquisição, de posse e que essas imagens guiem as atividades do sujeito. Sem dúvida, isso não acontece somente no âmbito individual, mas também no âmbito social e em determinados momentos históricos. Certamente, em épocas de fratura histórica aumentam essas imagens de

posse desmedida, porque aumentam os climas de abandono, os climas de desposseção, a falta de referências internas.

Os devaneios secundários dão respostas compensatórias a estímulos, sejam estímulos de situação ou de pressões internas, porque sua função é descarregar as tensões produzidas por essas dificuldades internas. Portanto, os devaneios secundários são muito variáveis, mas se observam neles algumas constantes. Pode-se perceber que esses devaneios giram em torno de um clima particular. Esses devaneios vão variando conforme a situação, vão se expressando de diversas maneiras, mas têm algo em comum. Isso que eles têm em comum nos permite perceber a presença de um clima particular que tem a ver com cada um deles. Esse clima comum que os devaneios secundários têm delata o núcleo de grande fixidade, que não muda de acordo com a situação, que permanece nas diversas situações.

Em um dos exemplos mencionados, o sujeito está em uma situação que lhe é extremamente ingrata e pensa que tudo vai dar errado para ele. Ele passa para uma situação que lhe é extremamente grata e continua pensando que tudo vai dar errado para ele. De maneira que, mesmo variando as situações, esse clima continua pressionando e continua disparando imagens. Quando o núcleo de devaneio começa a se manifestar como imagem fixa, esse núcleo começa a variar, pois sua tensão básica já se orienta para a descarga. Podemos usar uma figura explicativa: não vemos o sol quando ele está em cima, vemos o sol quando ele está no horizonte, ao nascer e ao se pôr. Com o núcleo de devaneio acontece o mesmo: não o vemos em plena atividade, mesmo quando é mais forte sua pressão. Podemos vê-lo quando recém se originou ou quando declina. O núcleo pode durar anos ou toda a vida ou modificar-se por acidente. A mudança de uma etapa vital também pode transformar o núcleo. Se esse núcleo, se esse clima fixo surgiu é porque está relacionado com determinadas tensões e, quando a etapa vital muda, essas tensões se modificam consideravelmente. A orientação da vida começa a mudar e a conduta experimenta modificações importantes. A orientação da vida muda porque esses devaneios que empurram em direção aos objetos mudaram, e esses devaneios que dão direção mudaram porque o clima que os determina mudou, e os climas mudaram porque mudou o sistema de tensões internas, e o sistema de tensões mudou porque mudou a etapa física do sujeito, ou porque surgiu um acidente que provocou também uma mudança no sistema de tensões.

Os centros que examinamos em alguns casos dão ordens a outros centros. Aqueles centros voluntários, como o centro intelectual, dão ordens às partes voluntárias dos outros centros, mas não às partes involuntárias dos outros centros e muito menos aos centros instintivos, particularmente ao centro vegetativo em seu trabalho interno. O centro intelectual não dá ordens e, se der, ninguém responderá. Nem a pressão sanguínea, nem a circulação, nem os tons profundos variam por causa de ordens do intelecto. Isso funciona ao contrário. As pressões internas que produzem o nascimento do núcleo de devaneio estão ligadas ao funcionamento dos centros instintivos. Por isso, esses núcleos variam com as mudanças de etapa fisiológica, do mesmo modo que os acidentes físicos graves exercem efeitos parecidos. Dessa maneira, esses núcleos não mudam por ordens recebidas do centro intelectual, por exemplo. Esses núcleos mudam quando muda a atividade vegetativa, motivo pelo qual é muito difícil modificar voluntariamente esses núcleos. Esses núcleos variam com as mudanças de etapa fisiológica. Dissemos, além disso, que os choques emotivos também podem formar ou

modificar um núcleo de pressão interna, já que a parte involuntária do centro emotivo, conforme explicamos, emite sinais para todos os centros, modificando-os em sua ação. Se o choque emotivo for intenso, pode modificar por muito tempo o funcionamento do centro vegetativo. Há muitos exemplos disso. Esse choque emotivo pode desatar, a partir desse momento, um novo núcleo de pressão, aparecendo a compensação consequente. Os devaneios secundários também deverão mostrar o surgimento de um novo tema permanente, apesar de sua variabilidade, e as buscas ou as intenções vitais do sujeito serão orientadas de outro modo, variando também seu comportamento no mundo. O sujeito recebeu um forte choque e, a partir desse choque, sua vida mudou. A partir desse choque, suas atividades e suas buscas vitais mudaram. Esses choques emotivos podem atuar com tal força que podem, além do mais, provocar alterações sérias em alguns pontos do centro vegetativo, já que o centro emotivo, em sua parte involuntária, atua sobre o centro vegetativo e o modifica. Choques que chegam a esses níveis de profundidade emotiva podem provocar alterações sérias em alguns pontos do centro vegetativo, aparecendo disfunções e somatizações. Somatizações por ação emotiva, ou seja, enfermidades físicas causadas por acidentes emotivos.

Resumindo: falamos dos níveis de consciência, dizendo que existem pontos corporais a partir dos quais se manejam esses níveis, assim como há outros pontos corporais que manejam os centros. Esses pontos corporais detectam sinais e, por sua vez, emitem sinais para que o nível de trabalho dessa estrutura suba ou desça.

Dissemos que, no nível de vigília, as atividades intelectuais se expressam enormemente. Que, no nível de sono, essas atividades diminuem consideravelmente, mesmo que aumente o poder das imagens. E que, no nível de semissono, isso se encontra mesclado.

Diferenciamos entre níveis de consciência e estados em que se pode encontrar determinado nível. Dissemos que os devaneios que aparecem no nível vigílico são produtos de tensões situacionais ou produto das pressões dos outros níveis. Assim, os devaneios que aparecem no nível de vigília não são indicativos de níveis, mas refletem estados.

Falamos também que esses devaneios situacionais têm algum tipo de relação entre si. Uma relação que não passa pela imagem, mas pelo clima. Essa relação de clima que os devaneios secundários mantêm entre si nos permite falar de um núcleo de devaneio. Esse núcleo de devaneio possui grande fixidade e responde a tensões profundas. O núcleo varia com dificuldade com o passar do tempo, mas há determinados choques emotivos profundos que podem bombardeá-lo, e as mudanças de etapa vital também provocam modificações nele.

É o núcleo de devaneio o que orienta as tendências da vida humana. Os devaneios secundários dão respostas compensatórias a estímulos de situação e estão invadidos pelo clima do núcleo de devaneio. As pressões internas que dão lugar ao nascimento do núcleo de devaneio estão ligadas ao funcionamento dos centros instintivos. Dessa maneira, esses núcleos estão ligados fortemente ao centro vegetativo e ao centro sexual. São eles que, em realidade, motivam o surgimento do núcleo de devaneio.

4. Comportamento. Paisagem de formação.

O estudo dos centros, dos níveis de consciência e do comportamento em geral permite articular uma síntese elementar do funcionamento da estrutura psíquica humana; permite compreender, também elementarmente, esses mecanismos básicos que guiam as atividades do ser humano de acordo com o sofrimento ou o prazer; e permite compreender, não apenas a captação real que essa estrutura humana faz da realidade circundante, mas também a captação ilusória que essa estrutura faz da realidade circundante e da própria realidade. Esses são os pontos que importam para nós. Nosso fio condutor está lançado para a compreensão do sofrimento, do prazer e dos dados psicológicos que podem ser verdadeiros ou ilusórios.

Entremos no tema do comportamento.

O estudo do funcionamento dos centros e a descoberta de seus ciclos e ritmos permitem entender velocidades e tipos de reação frente ao mundo em seu aspecto mais maquinal. Por outro lado, o exame dos devaneios e do núcleo de devaneio nos coloca em contato com forças inibitórias ou mobilizadoras de certos comportamentos assumidos frente ao mundo. Entretanto, além do aspecto mecânico psíquico e corporal, além do aspecto mecânico do comportamento, reconhecemos fatores de tipo social, de tipo ambiental e de acumulação de experiência ao longo da vida, que atuam com a mesma força dos fatores mecânicos na formação desse comportamento. E isso é assim porque, além das estimulações que podem chegar à estrutura psíquica (e às quais esta responde imediatamente), há outras estimulações não ocasionais que permanecem na estrutura e continuam dando sinal com relativa persistência. Estamos falando desse fenômeno da retenção dos instantes em que ocorrem os fenômenos. Esses fenômenos não ocorrem simplesmente e desaparecem definitivamente. Todo fenômeno que ocorre, que modifica a postura dessa estrutura é, além disso, armazenado nela. De modo que essa memória com que essa estrutura conta (memória não apenas dos estímulos, mas também memória das respostas aos estímulos e também memória dos níveis que trabalharam no momento dos estímulos e das respostas) pressionará, influirá decisivamente sobre os novos eventos que ocorram no psiquismo. Assim, não vamos contar em cada fenômeno que ocorre com uma primeira situação. *Vamos contar com o fenômeno e tudo o que lhe aconteceu anteriormente.* Quando falamos do comportamento, estamos nos referindo a esse fator de retenção temporal que é de suma importância.

Um importante fator formador de conduta é a própria biografia, que é tudo o que foi acontecendo com o sujeito ao longo de sua vida. Isso pesa na estrutura humana tanto quanto o acontecimento que ocorre neste momento. Vistas assim as coisas, em determinado comportamento frente ao mundo está pesando tanto o estímulo que se recebe neste instante quanto tudo aquilo que faz parte do processo anterior dessa estrutura. Normalmente, tende-se a pensar que esse é um sistema simples de estímulo e resposta, mas, se falamos de estímulo, o que aconteceu anteriormente também é um estímulo atual. Nesse sentido, a memória não é simples acumulação de fatos passados. A memória, nesse sentido, é um sistema de estímulos atuantes a partir do passado. A memória é algo que não simplesmente se acumulou nessa estrutura, mas que está vivo, está vigente e está atuando com intensidade igual à dos estímulos presentes. Esses acontecimentos poderão ou não ser evocados em determinado nível de consciência, mas sejam evocados ou não, sua ação é fatal em todo

instante em que a estrutura recebe estimulações do mundo e se comporta frente ao mundo. Parece importante ter em conta o biográfico, o histórico na vida humana e considerá-lo atuante de modo presente, não simplesmente de modo acumulativo, como se fosse um reservatório que abre suas comportas somente quando se recordam os acontecimentos passados. Recordem-se ou não aqueles acontecimentos, eles foram os formadores do comportamento.

Falar de biografia é o mesmo que falar de história pessoal. Mas essa história pessoal, como a entendemos, é uma história viva e atuante. Essa história pessoal nos leva a considerar um segundo aspecto, o que aparece como código frente a situações dadas. Ou seja, os acontecimentos provenientes de um meio suscitam não uma resposta, mas um sistema estruturado de resposta. E esse sistema de resposta serve, em momentos posteriores, para efetuar comportamentos similares.

Esses códigos de situação, ou seja, condutas fixas que o ser humano adquire (provavelmente para economizar energia e também provavelmente como proteção de sua integridade) são o conjunto de papéis.

Os papéis são hábitos fixos de comportamento que vão se formando pela confrontação com distintos meios em que uma pessoa vive: um papel para o trabalho, um papel para a família, um papel para as amizades, etc. Esses papéis não estão atuando somente quando surge a confrontação com determinado meio. Esses papéis estão atuando em todo momento, mesmo que não estejamos confrontados com a situação dada. Eles se manifestam, ficam em evidência quando o estímulo de situação entra em determinada faixa do comportamento humano.

Distinguimos os papéis familiares, os papéis laborais, distintos papéis de situação que uma pessoa pode ter fixado, pode ter gravado. Então, é claro que, quando essa pessoa entra em seu trabalho, seu comportamento se adequa, ela assume um papel próprio de seu trabalho, que é diferente do papel que assume frente a sua família. Mas, no papel que assume nessa determinada situação, há também muitos componentes próprios dos papéis de confrontação com outras situações. É como se numerosos papéis de outras situações se infiltrassem na situação que está gravada para responder a esse meio. Às vezes, esses outros papéis não se infiltram apenas por ação, não se manifestam com suas características por ação, mas por inibição. Por exemplo, uma pessoa gravou seu papel no trabalho, gravou seu papel na família e gravou diversos outros papéis. Mas, enquanto seu papel na família é inibitório, seu papel no trabalho não tem nenhum motivo para se manifestar de maneira inibitória e, então, acontece que aparecem essas infiltrações próprias da relação familiar na relação de trabalho, surgindo fenômenos inibitórios que não foram gravados no papel de trabalho. Isso é muito frequente e, então, ocorre uma espécie de transfusão de dados inibitórios ou ativadores de papéis que correspondem a distintas faixas de confrontação com o mundo.

Assim como falamos de um trabalho de centros de tipo dinâmico e estrutural e não falamos desses centros como se fossem compartimentos estanques e isolados; assim como falamos de um trabalho de níveis sumamente dinâmico, estrutural, em que esses níveis são mutuamente atuantes, estamos falando também do comportamento de uma estrutura (nesse caso, de papéis) em que acontece algo mais que soltar um arquivo de computador frente a determinado estímulo.

Pode-se perceber uma dinâmica contínua na estrutura humana. Procurando alguns exemplos, vemos que pessoas muito jovens ainda não têm essa camada protetora de papéis formada. Essas pessoas jovens se encontram desprotegidas na confrontação com o mundo porque ainda não gravaram determinados códigos. Podem haver gravado o código básico de relação familiar e alguns outros. À medida que avançam em idade e à medida que o meio vai exigindo uma quantidade de comportamentos, essas camadas de papéis vão se ampliando. Isso é o que deveria acontecer. Em realidade, isso não acontece completamente porque há numerosos fenômenos que impedem esse ganho em segurança no manejo do meio. Acontecem erros de papel. Este é o caso de um indivíduo que se comporta em um lugar com o papel de outras situações. Por exemplo, em seu trabalho se comporta com papéis familiares. Então, ele se relaciona com seu chefe do mesmo modo com que se relaciona com seu irmão e isso traz, logicamente, diversos problemas e confrontações. Também pode haver erro de papel quando a situação é nova e o sujeito não acerta adaptar-se.

O estudo da história pessoal, o estudo da biografia e o estudo desses códigos de comportamento, desses papéis de comportamento esclarecem alguns aspectos e lançam luz sobre algumas inibições em outros campos. Por exemplo, no trabalho dos centros e também na estruturação dos devaneios. De maneira que esses centros e esses níveis de trabalho também são modificados em sua ação por essas codificações que vão sendo feitas, por essa história pessoal, por essa biografia.

Podemos afinar um pouco mais nosso estudo sobre o comportamento, adotando alguns conceitos que resultarão simples e operacionais. Assim, chamamos de “paisagem de formação” o conjunto de gravações que configuram o substrato biográfico sobre o qual se vão sedimentando hábitos e traços básicos de personalidade. A formação dessa paisagem começa no nascimento. As gravações básicas estruturadas comprometem não apenas um sistema de recordações, mas também os tons afetivos, uma forma característica de pensar, uma maneira típica de agir e, em suma, um modo de experimentar o mundo e atuar nele.

A estruturação que, progressivamente, vamos fazendo do mundo que nos rodeia é fortemente influenciada por essa base de recordações que compreende objetos tangíveis, mas também intangíveis, como valores, motivações sociais e relações interpessoais. Podemos considerar nossa infância como a etapa vital em que a paisagem de formação se articulou plenamente. Recordamos a família funcionando de maneira diferente da atual; mudou também nossa concepção de amizade, de companheirismo e, em geral, das relações interpessoais. Os estratos sociais tinham, naquela época, uma definição diferente e também mudou o que se devia e o que não se devia fazer (a normativa da época), os ideais pessoais e grupais. Em outras palavras, os objetos intangíveis que constituíram nossa paisagem de formação se modificaram. No entanto, a paisagem de formação continua se expressando em nossa conduta como um modo de ser e de relação com as pessoas e as coisas. Essa paisagem é também um tom afetivo geral e uma “sensibilidade” de época não concordante com a atual.

Devemos considerar o “olhar” próprio e o dos outros como determinantes importantes de nossa paisagem de formação. São numerosos os fatores que atuaram em nós para gerar um comportamento pessoal com o passar do tempo, uma codificação sobre a qual damos respostas e nos ajustamos ao meio. O próprio olhar sobre o mundo e os olhares alheios sobre

nós atuavam, então, como reajustes de conduta, e graças a tudo isso um comportamento foi se formando. Hoje contamos com um enorme sistema de códigos cunhado naquela etapa de formação, que experimentamos como um “pano de fundo” biográfico ao qual nossa conduta responde, aplicando-se a um mundo que, no entanto, mudou.

Numerosas condutas fazem parte de nosso comportamento típico atual. Podemos entender essas condutas como “táticas” que utilizamos para nos desenvolvermos no mundo. Muitas dessas táticas resultaram adequadas até agora, mas há outras que reconhecemos como inoperantes e até como geradoras de conflito. Tudo isso tem importância considerável ao julgarmos nossa própria vida com relação ao tema da adaptação crescente. A essa altura, estamos em condições de compreender as raízes de numerosas compulsões associadas a condutas iniciadas na paisagem de formação. Mas a modificação de condutas ligadas a valores e a determinada sensibilidade dificilmente pode ser realizada sem tocar a estrutura de relação global com o mundo em que se vive atualmente.

5. O sistema de detecção, registro e operação. Sentidos, imaginação, memória, consciência.

As três vias experienciais que mencionamos no começo (sensação, imagem e recordação) devem ser estudadas mais cuidadosamente.

Sem sensação, não há dor, não há prazer. É necessário que a imaginação seja registrada. Sem esse registro, não podemos falar de imaginação. Se registramos o trabalho da imaginação é porque esta chega ao ponto de registro como sensação. A dor também abre caminho através da memória. O registro dessa dor que abre caminho a partir da memória é possível porque a memória se expressa como sensação. Trate-se de imaginação ou memória, tudo é detectado como sensação. A dor não está na imaginação, a dor não está na memória, a dor está na sensação à qual se reduz todo impulso. Tem-se memória de algo porque se registra esse fato; imagina-se algo porque se registra esse fato. Desse modo, esse registro, essa sensação é o que nos dá informação sobre o que se memoriza, sobre o que se imagina. É claro que, para não confundir as coisas, vamos distinguir entre a sensação propriamente dita (aquela que provém dos sentidos) de outras sensações (que não provêm dos sentidos), como as que provêm da memória ou da imaginação. Não vamos chamar essas duas últimas de sensação para que não se confunda a descrição.

Porém, se vamos reduzir as coisas a seus últimos elementos, comprovamos que uma imagem e um dado mnêmico chegam a algo que os registra como sensação. Dizemos que se registra a atividade desses sentidos, dizemos que se registra a atividade da memória, que se registra a atividade da imaginação. Ao dizer “registro”, fazemos distinções entre a chegada por uma via e a chegada por outra via. E anotamos que há “algo” que registra. Sem esse “algo” que registra não podemos falar do registrado. E o que registra deve ter também sua constituição. Certamente, teremos sensação dele também. Estamos falando do registro da entidade que registra, e chamamos essa entidade de “consciência”.

Esse aparato que registra está em movimento e as atividades que ele registra também são móveis. Entretanto, tem certa unidade. Às vezes se identifica esse aparato com o eu. Mas o eu, diferentemente da consciência, não parece estar constituído desde o começo, senão que vai se constituindo no ser humano. Por outro lado, não se pode falar do eu, se não se fixam seus limites, e parece que estes estão dados pela sensação do corpo. Esse eu deve se constituir no ser humano à medida que se constitui o conjunto das sensações do corpo... Certamente, a memória está no corpo, a imaginação está no corpo, os sentidos estão no corpo e o aparato de registro de tudo isso está no corpo e está ligado às sensações do corpo.

Como as sensações do corpo operam desde o nascimento (e até antes), desde o começo vai se constituindo essa sensação geral do corpo, que alguns identificam com o eu, mas em realidade está se falando da consciência como aparato de registro. Digamos que bem cedo na infância, muito perto do nascimento, o eu não funciona. Não se nasce com um eu. A identificação com o próprio eu se realiza à medida que as sensações do corpo se codificam graças ao aparato de memória. Não há eu sem memória, e esta memória não pode funcionar se não há dados. Esses dados começam a se articular à medida que a experiência se desenvolve. Estamos dizendo que uma criança não tem eu. Uma criança pode perceber um nós, mas não sabe se seu corpo começa ou termina em um objeto. Uma criança não sabe se ele é eu ou se sua mãe é eu. Esse eu vai se articulando por acumulação de experiência.

Dizemos que todos os fenômenos e processos psíquicos estão no corpo, mas onde está o corpo? O corpo para o eu que se constituiu está fora dele e está dentro dele. Quais são os limites do corpo? Os limites do corpo têm a ver com a sensação. Mas, se a sensação se estendesse além do corpo, quais seriam, então, os limites do corpo? Isso tem certa importância, porque se distinguimos como limite do corpo o tato externo, por exemplo, o corpo termina onde termina o tato externo. O corpo começa onde se registram sensações sobre a pele. Mas poderia acontecer que não se tivesse limite tátil, que a temperatura dessa pele estivesse no mesmo nível térmico do meio que rodeia essa pele, então não se saberia exatamente quais são os limites desse corpo, até onde chega esse corpo. Conhecemos muitas ilusões sensoriais e sabemos que quando uma pessoa se deita relaxadamente e a temperatura ambiente é uma temperatura muito aproximada à temperatura da pele, experimenta-se a sensação de que o corpo aumenta, não porque esteja ocorrendo um fenômeno extraordinário, mas justamente o contrário: está acontecendo a ilusão de ampliação do corpo porque não há limite do corpo, porque a temperatura dessa pele e desse meio são iguais. Portanto, conforme se colocam limites às sensações, constitui-se a sensação do próprio corpo.

Dizemos que uma das vias da dor é a via da sensação. E, ao falar de sensação, estamos nos referindo a isso que se percebe mediante certos aparatos de que o corpo dispõe. Vejamos. Tenho a sensação de um objeto externo. Mas tenho também a sensação de uma dor interna. Onde está a sensação dessa dor interna? Certamente, registro essa sensação nesse aparato que mencionávamos no princípio. Mas, onde está a sensação? A sensação parece estar no interior de meu corpo. E, quando vejo o objeto externo, onde está a sensação? A sensação também está no interior de meu corpo. E o que faz distinguir o objeto que está no interior do objeto que está no exterior? Certamente não é a sensação, já que tanto a sensação do que ocorre fora quanto do que ocorre dentro é registrada em meu interior. Não posso registrar fora de meu corpo uma sensação do que há fora. Tenho que registrar as sensações (seja de

objetos externos ou de objetos internos) dentro de meu corpo. Entretanto, digo que um objeto que percebo está fora. E o que digo de um objeto que percebo que “está fora” e de outro que “está dentro”, se de qualquer maneira o registro sempre está dentro? Deve haver algum funcionamento particular da estrutura que permita estabelecer essas distinções.

Eu recorro um trabalho que estive realizando. Onde registro a lembrança desse acontecimento? Registro-a em meu interior. Imagino um trabalho que vou realizar em seguida ou que vou realizar no futuro. Onde registro isso que vou fazer? Certamente, registro-o em meu interior, mas os acontecimentos que aparecem em minha tela de representação aparecem como “fora”. Estou recordando, percebendo ou imaginando atividades que parecem ocorrer fora. A representação interna que tenho de tudo isso se apresenta como se ocorresse no mundo externo.

Se agora observo onde registro essas imagens (sejam próprias da imaginação ou próprias da memória), vejo que as registro em uma espécie de “tela”, em uma espécie de “espaço” de representação. E esse *espaço de representação* está em meu interior. Se fecho os olhos e recorro algo, observo que isso que recorro aparece em uma espécie de tela, em um *espaço de representação*. E o que estou fazendo, então, com tudo isso que acontece dentro, com relação aos objetos e aos acontecimentos que ocorrem no exterior? Certamente, estou fazendo algo diferente do que acontece no exterior. Direi que “reflito”, direi que “traduzo”, direi o que quiser, mas em todos os casos estou fazendo operações em meu interior que têm algo a ver com fenômenos que não lhe são próprios... O funcionamento de toda essa maquinaria é questão de estudo detalhado.

Em que podem se diferenciar uma sensação que atribuo a um objeto do mundo externo e uma sensação que atribuo a um objeto do mundo interno? Nas sensações em si ou em certos limites que o corpo coloca a esses mundos?

Devemos reconhecer que há certa relação entre as sensações que tenho do mundo externo, as recordações que tenho do mundo externo e a imaginação que tenho do mundo externo. Não podemos dizer levianamente que tudo aquilo é ilusão. Não é ilusão pela simples razão de que, se penso em um objeto e logo me mobilizo na direção desse objeto e tenho a sensação desse objeto, há algo que concorda entre o que recordei do objeto, o que imaginei do objeto e o que agora percebo do objeto. É evidente que eu posso memorizar esse objeto, depois abrir os olhos e me encontrar com o objeto. Mais formas, menos formas, mais cores, menos cores, maiores ou menores distâncias, mas posso me encontrar com tudo aquilo. Além do mais, posso dizer a alguém que há um objeto ali e esse alguém pode representar ou encontrar o objeto. Ou seja, há alguma coisa que concorda, deformada ou não. No entanto, está claro também que poderia ser, por exemplo, daltônico e perceber esse objeto com uma cor diferente da que possui. Portanto, apesar de haver acordo entre todas essas funções, também pode haver acordo de ilusões. Para nós, é importante compreender como é possível que funções tão heterogêneas concordem, porque de algum modo concordam e o fazem graças a esse aparato coordenador e processador de todos esses dados diferentes. É evidente que esses sinais estão coordenados entre si e há uma consciência que os coordena. Entre as funções da consciência aparece o eu, que registro como ponto de decisão de minhas atividades no mundo externo e de certas atividades que regulo voluntariamente em meu

mundo interno. O eu está no corpo. Mas, como esse eu está no corpo? Está no corpo como uma localização física ou esse eu foi se constituindo por uma massa de experiência, uma soma de experiências? Ou talvez esse eu seja uma estrutura que se articula pelos distintos sinais que chegam a determinado ponto? Pode ser que esse eu que coordena comece a coordenar depois de contar com uma massa informativa crítica, porque se essa massa não se formou ainda, o eu não aparece e o próprio corpo é confundido.

Vamos estudar por partes as sensações que se registram no exterior do corpo e no interior do corpo.

Temos um esquema em que aparece essa estrutura à qual chegam impulsos e da qual saem respostas. Esses impulsos chegam a determinado aparato que os detecta. Esse aparato detector de impulsos é o aparato dos sentidos. Esse aparato coleta dados do mundo externo e também do interno. Os dados chegam a esse aparato, mas, além disso, percebo que esses dados podem ser reatualizados, mesmo quando não estão chegando neste momento. Digo, então, que esses dados que chegam a esse ponto de registro também chegam simultaneamente a um aparato que os armazena. Esses dados são armazenados. Sejam dados do meio externo ou do meio interno, esses dados que chegam são armazenados. Onde tenho registro desses dados simultaneamente sofro a gravação dos mesmos e isto me deixa em condições de extrair agora dados anteriores. Tudo isso ocorre diante de sentidos que têm distintas localizações físicas e que estão em contínuo movimento, mas que têm relação entre si e que não estão absolutamente compartimentados. Assim, quando detectamos algo, os outros sentidos sofrem modificações. Se percebemos através ou por meio dos olhos é graças ao fato de que o sentido do olho está em movimento (não simplesmente em movimento físico externo muscular para localizar a fonte de luz), está em atividade. O olho não se coloca em atividade simplesmente ao receber a luz. O sentido do olho está em movimento, está em atividade e ocorre nele uma variação quando chega um impulso. Todos os outros sentidos também estão em atividade e, quando o olho percebe um fenômeno externo a ele, nos outros sentidos também ocorrem variações em seus movimentos.

Isso que está acontecendo nos sentidos externos está acontecendo também nos sentidos internos. Os sentidos internos também estão em atividade, então pode muito bem acontecer que alguém esteja percebendo com o olho um objeto e que também esteja percebendo internamente uma dor de estômago. E esse perceber o objeto com o olho, ao mesmo tempo em que se percebe a dor de estômago com sentidos internos, faz com que essa informação vá para a memória simultaneamente. Exemplificando. Chego a uma cidade e tudo dá errado. Logo recordo essa cidade e o que digo dessa cidade? Digo que “essa é uma cidade desastrosa”. E por que digo que essa é uma cidade desastrosa? Porque tudo deu errado para mim nessa cidade. E o que significa “tudo deu errado”? Simplesmente pelas percepções que tive? Ou por uma quantidade de situações em que estive, uma quantidade de registros de outra natureza que não são os perceptuais externos? Sem dúvida, estiveram trabalhando outros registros, outras sensações internas. Certamente é o que acontece com tudo, não com aquela cidade desagradável. Parece que, quando registro algo, gravo isso e, se registro isso simultaneamente com os dados de outros sentidos, gravo isso também em simultaneidade. Parece que continuamente estamos recebendo informação de todos os sentidos e continuamente

estamos gravando toda essa informação. E parece que essa informação de um sentido se condiciona e se engancha com a informação de outro sentido.

Às vezes, ao captarem-se certas fragrâncias pelo olfato, a memória evoca situações visuais completas. E o que tem a ver o olfato com todas essas situações visuais? É óbvio que os sentidos estão encadeados entre si. Às vezes, quando um sentido se ativa, os outros diminuem seu nível de atividade. Quando todos os sentidos estão sendo bombardeados, há problema para o registro. Porém, quando se coloca atenção (e já veremos o que é essa “atenção”) sobre um sentido, os outros sentidos tendem a se aquietar. É como se todos os sentidos estivessem fazendo ruído em sua varredura e estivessem alertando esse eu. É como se todos os sentidos estivessem em busca. Então, quando um sinal chega a um sentido, todos os outros tendem a se aquietar. Os sentidos, mesmo quando não percebem nenhum dado externo, estão em movimento e estão produzindo seu ruído, estão dando informação deles mesmos. Há um fundo de ruído que vai diminuindo à medida que os sentidos se especializam em determinada área de percepção.

E o que a memória faz? Ela toma dados dos sentidos e toma dados também das operações daquele aparato de registros. Eu recordo, por exemplo, as operações mentais que estive realizando: primeiramente, tenho sensação das próprias operações mentais, posso falar de minhas operações mentais porque tenho sensação delas. Tenho sensação de minhas operações, estas são sensações internas tão sentidas quanto uma dor de estômago. Estamos tomando certas precauções e estamos discutindo com determinadas posturas que circulam por aí, posturas que supõem que as operações mentais nada têm a ver com o corpo, porque o corpo tem a ver com as operações do aparelho digestivo ou com o que os olhos percebem e, quando se fala das coisas do “espírito”, essas coisas não devem ser relacionadas com o corpo (?). Estamos discutindo com os que supõem que há um espírito que nada tem a ver com o corpo. E, se houver um espírito que nada tem a ver com o corpo e é ele que realiza essas operações, quem registra essas operações? Onde se registram essas operações? E como se evocam depois essas operações? Se falo de um espírito é porque tenho registro desse espírito e, se tenho registro desse espírito, é porque algo pode ser impressionado por esse espírito. E, se não tenho sensação desse espírito, não posso falar dele.

Há outros que pensam que o aparato psíquico é uma soma de sensações, como se não houvesse outros aparatos complicados e delicados que coordenassem essas sensações, que as fizessem funcionar em estrutura. Com eles também se discutiu em seu momento, com aqueles que acreditavam que as atividades da mente eram simples soma de sensações. É muito distinto dizer que do trabalho dos sentidos, da memória e da imaginação tenho sensações e dizer que eles são sensação. Há distinções entre eles e há funções muito diferentes com que cumprem os aparatos de sentido e os aparatos de representação. De maneira que esse pensamento tosco e sensualista não é exatamente o que compartilhamos. Tampouco compartilhamos esse outro pensamento esquisito que fala do “espírito” como se houvesse uma entidade que não tivesse a ver com os registros nem com as sensações. Há aqueles que falam da mente, da dor da mente, porque a dor do corpo nada tem a ver com eles. E essa dor da mente, como é que se experimenta? Experimenta-se no espírito, dizem, assim como as sensações artísticas se experimentam no espírito. E quem é esse cavalheiro (o “espírito”) que realiza tantas operações fora do corpo, e como eu obtenho os dados desse cavalheiro?

Por “aparatos” entendemos a estrutura dos sentidos, a estrutura de memória e a estrutura de consciência com seus distintos níveis. Esses aparatos trabalham integradamente e a conexão que há entre eles se efetua mediante impulsos que, por sua vez, vão sofrendo distribuições, traduções e transformações.

A. Sentidos

O aparato dos sentidos encontra sua origem em um tato primitivo que foi se especializando. Os sentidos químicos (paladar e olfato) trabalham com partículas que produzem certas transformações químicas e, como resultado, entregam o dado. O sentido mecânico (tato) funciona por pressão e temperatura. Os sentidos internos de cenestesia e cinestesia funcionam, às vezes, quimicamente e, às vezes, mecanicamente. Tem-se registro do que acontece no intracorpo também por pressão, por temperatura e por transformações e reações químicas. Conhecemos os sentidos da audição e da visão como sentidos físicos. A audição funciona por percussão, a visão recebe fisicamente uma ação vibratória.

Nos sentidos internos, o cenestésico fornece informação do intracorpo. Sabemos que há diversos organúsculos, diversos órgãos pequenos do intracorpo que tomam amostras químicas, amostras térmicas, amostras de pressão. A detecção da dor também desempenha um papel importante. Quase todos os sentidos, quando chegam a certo ponto de tolerância, dão um registro de dor. Poderíamos pensar que há um aparato especializado na detecção da dor, mas a realidade é que todos os sentidos, quando chegam a certo limite de tolerância, lançam sensações dolorosas. Essas sensações são as que imediatamente colocam em marcha uma atividade da estrutura para provocar a rejeição, a eliminação dessas sensações intoleráveis. Dessa maneira, a sensação que se capta em algum sentido está imediatamente ligada à atividade de rejeição do doloroso. O trabalho dos centros é detectado cenestesicamente, internamente, assim como os distintos níveis de trabalho da consciência. Também se pode experimentar a sensação de sono, a sensação de cansaço. A cenestesia é um sentido extremamente importante e ao qual se tem dado pouca atenção. O sentido interno logo se especializa e se diferencia entre cinestesia e cenestesia. Quando a vigília baixa em seu nível de trabalho, quando baixa o nível de consciência, esse sentido interno aumenta sua emissão de impulsos.

Como os sentidos estão trabalhando em dinâmica e em estrutura, todos eles estão em busca e estão fazendo uma varredura e produzindo um fundo de ruído na informação. Quando uma pessoa dorme e fecha os olhos, não desaparece completamente o contato com o mundo externo, mas diminui consideravelmente o fundo de ruído e, ao diminuir a informação do mundo externo, aumenta relativamente a informação dos sentidos internos. Não podemos dizer com exatidão se aumentam os impulsos internos quando baixa o nível de consciência ou, ao baixar o nível de consciência, diminui também o trabalho dos sentidos externos, mas fica evidente o trabalho dos sentidos internos. Ao baixar o nível de consciência, os impulsos do mundo interno se manifestam com maior intensidade.

Esses sentidos internos não estão localizados no rosto, como quase todos os outros, nem estão localizados pontualmente. Tampouco se pode dirigi-los com precisão. Eles estão invadindo tudo e fornecendo seus dados sem nenhuma voluntariedade de nossa parte. Podemos, por exemplo, fechar os olhos e fazer desaparecer essa percepção que estava chegando ao olho.

Podemos direcionar o olho em uma direção ou outra, porém não podemos fazer o mesmo com os sentidos internos. Pode-se atender melhor a determinadas sensações internas, mas esses aparatos sensoriais internos não têm essa mobilidade e não podem ser tampados. Por um lado, eles têm um caráter de localização não pontual e, por outro, não têm mobilidade, não podem ser dirigidos como os outros sentidos. Dentre os sentidos internos, distinguimos o sentido cinestésico, do qual dizemos que fornece dados de movimentos, posturas corporais, equilíbrio e desequilíbrio físico.

Assim, aqui temos essa soma de aparatos em dinâmica, que fornecem dados do mundo externo e do mundo interno. Os rastros dessas informações internas e externas e também os rastros das próprias operações da consciência em seus distintos níveis de trabalho são recebidos no aparato de memória.

A estrutura psíquica (a consciência) coordena dados dos sentidos e gravações de memória.

Como dissemos antes, o dado não chega simplesmente a um aparato que o percebe e que está inativo, mas chega a um aparato que está em movimento. Esse dado que chega ao aparato que está em movimento configura a percepção. Assim, a sensação é um átomo teórico, mas o que acontece em realidade é que esse dado chega a um sentido que está em movimento e que é configurado e estruturado. Chamamos isso de “percepção”, que é a sensação mais a atividade do sentido. O registro é, então, uma estruturação que o sentido faz do dado, e não o dado simplesmente.

Características comuns a todos os sentidos

a) Todos efetuam atividades de abstração e de estruturação de estímulos conforme suas aptidões. Estamos dizendo que o sentido elimina muitos dados que chegam a ele e configura outros dados que não chegam até ele. Considerando alguns exemplos sobre a percepção do olho da rã, recordarão que esse bichinho tinha a percepção de que havia outro ser vivo diante dele somente quando aparecia uma forma determinada (curva e abaulada) e quando essa forma tinha também movimento; se não aparecia essa forma, mas tinha movimento, ou o contrário, não se produzia registro no aparelho de detecção desse bichinho. Se recordarem isso, compreenderão a que estamos nos referindo quando falamos da abstração e da estruturação que o sentido realiza. A partir dessa estruturação de diversos dados surge a percepção.

b) Todos os sentidos estão em contínuo movimento. São como radares que estão varrendo distintas faixas, do qual também se tem provas experimentais.

c) Todos trabalham em uma faixa, de acordo com um tom particular que deve ser alterado pelo estímulo. Ou seja, todo sentido está em movimento em determinado tom. Quando surge a percepção é porque variou o tom desse sentido. Vocês recordam os experimentos com o nervo óptico da rã, que sempre estava ciclando a um pulso por segundo e, quando chegava o estímulo nervoso, começava a ciclar com maior velocidade. O sentido estava em movimento. Para que se produza a percepção é necessário que o estímulo apareça entre limiares sensoriais. O sentido está pulsando, mas, se o estímulo que chega não tem energia suficiente, não é percebido. Se ultrapassa a potência de tolerância, não é percebido como sensação ou

percepção desse mesmo sentido, mas como dor. Esses limiares têm mobilidade. Os limiares também se expandem ou se contraem. Assim, normalmente, quando certas atividades internas como a atenção se referem a um sentido, seu limiar tende a se dilatar e os limiares dos outros sentidos tendem a se contrair. Quando os sentidos internos trabalham plenamente, ampliando suas faixas de percepção, os sentidos externos tendem a reduzir suas faixas. Quando a atenção está colocada nos sentidos externos, as faixas, os limiares de percepção interna tendem a se contrair. Assim, para que haja percepção, é necessário que o estímulo apareça entre limiares sensoriais. Um limiar mínimo sob o qual não se percebe e um limiar de máxima tolerância que, quando ultrapassado, produz irritação sensorial, saturação ou o que genericamente denominamos “dor”. Caso exista fundo de ruído proveniente do mesmo sentido ou de outros sentidos; ou exista fundo de ruído proveniente da memória, que está fornecendo dados enquanto se está percebendo; ou exista fundo de ruído porque a consciência em geral está fornecendo dados, o estímulo deve aumentar sua intensidade para que seja registrado, sem ultrapassar o limiar máximo para que não haja saturação e bloqueio sensorial. Quando um senhor está divagando, sonhando acordado e suas imagens estão ocupando seu campo de consciência, o estímulo que aparece deve incrementar sua atividade para que seja detectado. De qualquer maneira, quando se está divagando ou sonhando acordado, a atividade cenestésica interna está aumentando. Portanto, estão baixando as faixas de percepção externa. É necessário, então, que aumentemos a atividade do mundo externo e digamos, por exemplo: “Acorde, amigo!” Quando se ultrapassa o limiar máximo ou há bloqueio sensorial, é imprescindível fazer o ruído de fundo desaparecer para que o sinal chegue ao sentido. Outro caso é o estabelecido na lei de diminuição de estímulo constante por adaptação de limiar. Ou seja, no começo, esta roupa que estamos vestindo nos dá um registro de sensação tátil, mas depois de algum tempo já não sentimos a roupa. Não apenas porque nos esquecemos da roupa e estamos em outra coisa, não só por isso, mas também porque esse estímulo constante diminui de intensidade. À medida que passa o tempo, o estímulo constante diminui para a percepção. Assim, quando um estímulo está dentro do limiar, mas se torna constante, o limiar se acomoda a ele para deixá-lo em seu limite e não continuar tendo registro que perturbaria outras atividades do aparato. Assim, temos numerosos estímulos, porém, quando os estímulos se tornam constantes, os limiares dos sentidos se acomodam para que o fundo de ruído desapareça. Caso contrário, nosso bombardeio de percepções seria constante e contaríamos com um fundo de ruído tal que poderia haver pouca distinção entre as novas percepções que aparecessem. Portanto, a percepção se verifica entre faixas, limiares mínimos e máximos de tolerância. Esses limiares estão em contínua mobilidade. Quando existem estímulos constantes que aparecem dentro dessas faixas, estas se acomodam para que diminua a percepção desse estímulo. Chamamos isso de lei de diminuição do estímulo constante por adaptação de limiar.

d) Todos os sentidos trabalham entre limiares e limites de tolerância que admitem variações, conforme a educação e de acordo com necessidades metabólicas (em realidade, é ali onde se encontra a raiz da existência sensorial). As características de variabilidade são importantes para distinguir os erros sensoriais.

e) Todos os sentidos traduzem as percepções a um mesmo sistema de impulsos. Esses impulsos são distribuídos de diversas maneiras. Não queremos entrar na questão fisiológica, mas consideremos que todos os sentidos traduzem as percepções em um mesmo sistema de

impulsos. Chamamos isso de homogeneidade dos impulsos dos diversos sentidos. Assim, por um lado vejo, por outro lado ouço, por outro lado degusto, mas tudo isso de ouvir, degustar, ver, etc., tudo isso é traduzido em um mesmo sistema de impulso homogêneo. Trabalha-se com o mesmo tipo de impulso. Sons não vão pelo interior da cabeça, nem imagens visuais, tampouco sensações gustativas e olfatórias.

f) Todos têm localizações físicas, localizações terminais físicas, precisas ou difundidas, conectadas com um sistema que os coordena. Todos os sentidos têm localizações terminais nervosas, precisas ou difundidas, sempre conectadas ao sistema nervoso central e ao sistema periférico ou autônomo, de onde o aparato de coordenação atua.

g) Todos os sentidos se encontram vinculados com o aparato de memória geral do organismo.

h) Todos os sentidos apresentam registros próprios, dados pela variação do tom ao se apresentar o estímulo.

Todos os sentidos podem cometer erros na percepção do dado. Esses erros podem ser provenientes do bloqueio do sentido, por exemplo, por irritação sensorial. Irritamos um sentido, vamos ao limiar de tolerância e a percepção que temos sobre o dado que irrita o sentido é uma percepção fortemente modificada, que nada tem a ver com o objeto. Assim, esses erros podem ser provenientes do bloqueio do sentido por irritação sensorial, mas também por falta ou deficiência do sentido. Vocês reconhecem a miopia, a surdez, etc. Também por falta de intervenção de outro ou outros sentidos que ajudam a dar parâmetros, que ajudam a dar referências à percepção. Por exemplo, ouve-se algo aparentemente distante e, ao ver o objeto em questão, começa-se a escutá-lo de modo diferente. Este é um caso muito frequente de ilusão auditiva. Acredita-se que o objeto está longe, e somente quando se vê e localiza o objeto visualmente, a percepção se reacomoda. Como sabemos que todos os sentidos estão trabalhando em estrutura, então normalmente estão recebendo dados, recebendo informação dos diversos sentidos. E com eles vão se configurando percepções sobre o mundo que nos rodeia. De maneira que, quando falham os parâmetros e temos apenas um dado sensorial, ocorre nesses casos a ilusão na percepção. Também existem erros da sensação ou da percepção motivados por agentes mecânicos. Esse é o caso em que se vê luz por pressão dos globos oculares. Em quase todos os sentidos achamos exemplos de ilusões produzidas por ação mecânica.

C. Imaginação

É muito difícil diferenciar entre o estímulo que, proveniente de um sentido, chega a um aparato de registro e a imagem que este estímulo suscita ou desperta. É bastante difícil distinguir entre o impulso do sentido e a imagem que corresponde a esse impulso. Não podemos dizer que a imagem e o impulso do sentido sejam o mesmo. Tampouco podemos distinguir, psicologicamente, as velocidades do impulso interno e a velocidade da imagem. É como se a imagem e o impulso fossem a mesma coisa, quando em realidade não são.

Ao considerar a imagem, é necessário tomar algumas precauções. Em primeiro lugar, devemos reconhecer que as imagens não apenas correspondem aos estímulos sensoriais, mas também são suscitadas a partir da memória e, em segundo lugar, devemos estar sempre alertas diante

da interpretação ingênua que faz a imagem aparecer como correspondente somente ao sentido visual.

Para alguns estudiosos primitivos desses assuntos, a imagem cumpre com uma função de segundo grau na economia do psiquismo. Para eles, uma imagem é uma espécie de percepção degradada, uma percepção de segunda classe. Em outras palavras, se um senhor olha um objeto e logo fecha os olhos e evoca esse objeto, observa que essa evocação que faz do objeto é de qualidade inferior à da percepção. Com o olho, percebe um objeto melhor e mais claramente do que evocando-o. Essa recordação, além do mais, está tingida por uma quantidade de elementos estranhos que influenciam a confusão que se faz com o objeto. Então, essa representação que se tem da apresentação do objeto aparece como uma degradação, como uma queda da percepção. Compreendidas assim as coisas, aqueles estudiosos deixaram a imagem arquivada no inventário das secundariedades dos fenômenos do psiquismo. Tampouco tiveram muita clareza quanto ao fato de que as imagens não apenas correspondiam ao sentido visual, mas que cada sentido era produtor de imagens correspondentes. E se acreditou, por último, que a imagem tinha a ver apenas com a memória e não estava estreitamente ligada ao sentido.

Na realidade, a imagem cumpre com numerosas funções. Precisamos compreender a função da imagem para depois entender que essa imagem, ao mobilizar-se, atua sobre os centros e leva energia de um ponto a outro, produzindo transformações de suma importância para a economia do psiquismo. Portanto, se os sentidos aparecem para dar informação sobre os fenômenos do mundo externo ou interno, as imagens que acompanham as percepções dos sentidos não servem simplesmente para repetir os dados da informação recebida, mas para mobilizar atividades com relação ao estímulo que chega. Vejamos isso em um exemplo cotidiano. Estou em minha casa e soa a campainha. O timbre é um estímulo para mim que o percebo. Então, rapidamente salto da cadeira em que estou e vou abrir a porta. No dia seguinte, soa a campainha e se trata do mesmo estímulo, mas em vez de saltar da cadeira e ir abrir a porta, fico na cadeira. No primeiro caso, eu estava contando com a espera de uma carta que o carteiro deveria trazer esta manhã. No segundo caso, eu estava esperando que o vizinho chamasse à minha porta para me pedir uma panela. Se em minha presença ou em minha copresença estava um dado ou estava outro, esse estímulo em um caso ou em outro limitou-se a mobilizar determinada imagem. No primeiro caso, o estímulo mobilizou a imagem do carteiro que eu estava esperando. Claro, eu estava em outra coisa e nesse momento não estava esperando o carteiro. Certamente, estava em outra coisa, mas ao chegar esse estímulo mobilizou-se o conjunto de imagens com que eu de algum modo contava. Ao mobilizarem-se essas imagens, eu saltei dessa cadeira e fui à porta. Porém, no segundo caso, contava com outro sistema de ideiação e, ao surgir o estímulo, este não mobilizou a imagem do carteiro, mobilizou a imagem do vizinho porque, entre outras coisas, já recebi a carta que esperava no dia anterior. De maneira que, ao surgir essa segunda imagem, meu corpo se mobilizou de outro modo ou não se mobilizou.

Então, essa concepção antiga de que tudo funciona simplesmente por questão de estímulos e respostas que correspondem a esses estímulos... Isso não é assim. Mesmo em um circuito elementar como o do reflexo, em um arco reativo curto, o estímulo chega e sem nenhuma voluntariedade sai a resposta. Além de se colocar em marcha uma resposta, imediatamente se

gera uma imagem que também está produzindo seu efeito. Assim, a sensação sempre vai acompanhada do surgimento de uma imagem. E o que realmente mobiliza as atividades não é a percepção, mas a imagem.

Vamos ver como essa imagem tem propriedades que estudamos quando falamos da “tonicidade muscular”, em que os músculos se colocam em determinado tom de atividade seguindo as imagens visuais. As imagens visuais vão em determinada direção e os músculos se acomodam nessa direção. Por acaso é o estímulo o que está movendo os músculos? De maneira alguma. É a imagem o que está movendo os músculos. Devemos reconhecer que determinadas imagens não apenas ativam nossa musculatura externa, mas também a musculatura interna e que numerosos fenômenos fisiológicos são ativados. A imagem mobiliza fenômenos internos, o que gera atividade para o mundo externo, como se a função da imagem fosse devolver energia ao mundo externo do qual chegaram as sensações.

Os sentidos internos têm que receber também informação do que está acontecendo nas atividades de minha consciência, porque se não tivesse informação do que acontece nas atividades de minha consciência, eu não poderia dar continuidade a esses processos. Dessa maneira, os sentidos internos estão captando não apenas dados viscerais, dados do intracorpo, mas também o que acontece com minhas atividades e com as operações de minha consciência.

O “aparato” formador de imagens funciona em diversos níveis de trabalho, contribuindo para modificar a atividade não apenas dessa consciência, desse coordenador, mas também dos próprios aparatos de informação da memória e da atividade dos centros.

Certamente, chegam dados do funcionamento da consciência aos sentidos internos. Por sua vez, a consciência também pode atuar para orientar os sentidos em uma ou outra direção e fazer com que se atenda a uma faixa sensorial e se desatenda a outra. Essas, em realidade, são funções da consciência mais que funções dos sentidos. Devemos estudar isso quando entrarmos no tema da estruturação que a consciência efetua. Mas, de qualquer maneira, é bom considerar que os sentidos estão movidos pela atividade dos fenômenos que chegam até eles e também estão movidos pela direção que o aparato coordenador imprime. Quando os sentidos não se limitam apenas a receber impressões do mundo externo ou interno, mas são intencionalmente direcionados, então estamos diante do fenômeno da reversibilidade. É muito diferente sentir ruído, porque esse ruído se produz sem a participação de minha intenção, de buscar determinado ruído. Quando estou buscando algo com meus sentidos, estou dirigindo a atividade do sentido a partir dos mecanismos do coordenador. E, além de dirigir os sentidos, é muito diferente quando simplesmente percebo um dado ou quando tenho consciência da percepção desse dado. Eu escuto a campainha e isso não significa grande coisa. Porém, quando escuto a campainha e esse escutar a campainha é para mim conscientizado, no sentido que o isolo de uma massa indiferenciada de estímulos e lhe presto atenção, então estou trabalhando, não com a percepção de um estímulo indiferenciado, mas com a apercepção sobre esse estímulo. Há um trabalho, então, que não é de simples detecção e logo percepção, mas um trabalho no qual coloco atenção na percepção. Chamo isso de “apercepção”. Além do mais, posso colocar todos os meus sentidos na direção da apercepção. Observem que é muito diferente limitar-se a estar montado em uma massa de percepções ou

estar em uma atitude aperceptiva. Nessa atitude, todos os estímulos que chegam são registrados com atenção. Posso estar em uma atitude entediada e, de qualquer maneira, chegarem os estímulos, ou posso estar em uma atitude atenta ao momento em que saltem os estímulos, como o caçador que espera o salto da lebre. Posso estar muito atento, esperando o surgimento de determinados estímulos e, mesmo que os estímulos não surjam, estou em atitude aperceptiva. Ter em conta o mecanismo de reversibilidade vai ser importante para compreender o problema dos níveis de trabalho da consciência e para precisar alguns fenômenos ilusórios.

Estamos tentando destacar, entre outras coisas, que os sentidos não estão levando apenas informação do mundo externo, mas também trabalham de maneira muito complexa, que são dirigidos em algumas de suas partes pela atividade da consciência. Os sentidos não são influenciados simplesmente pelos fenômenos do mundo externo ou fenômenos internos viscerais. A atividade da consciência influencia o trabalho dos sentidos. Se não fosse assim, não poderíamos explicar como certas perturbações da consciência modificam o registro que se tem do mundo externo. Exemplificando: dez pessoas podem, sobre um mesmo objeto, ter uma percepção distinta (embora estejam colocadas à mesma distância, nas mesmas condições de luminosidade, etc.), porque há determinados objetos que se prestam para que a consciência projete sobre eles seu trabalho. Em realidade, a consciência não projeta seu trabalho sobre os objetos; a consciência projeta seu trabalho sobre os sentidos e, então, modifica o sistema de percepção. A consciência pode projetar suas imagens sobre o aparato de recepção, o aparato de recepção pode devolver essa estimulação interna e, então, pode-se ter o registro de que o fenômeno chegou do exterior. Se isso é assim, então determinados funcionamentos da consciência podem modificar a estruturação que os sentidos fazem dos dados do mundo externo.

D. Memória

A memória tampouco está trabalhando isoladamente, como não estão trabalhando os sentidos, nem qualquer um dos outros componentes do psiquismo. A memória também está trabalhando em estrutura. A memória, como já dissemos antes, tem como função gravar e reter dados provenientes dos sentidos, dados provenientes da consciência e também fornecer dados à consciência quando esta necessita desses dados. O trabalho da memória dá referência à consciência para sua localização temporal entre os fenômenos. Sem esse aparato de memória, a consciência teria sérios problemas para localizar os fenômenos com relação ao tempo. Não saberia se esse fenômeno ocorreu antes ou depois e não poderia articular o mundo em uma sucessão temporal.

É graças ao fato de que existem diversas faixas de memória e existem também limiares de memória que a consciência pode se localizar no tempo. Certamente, também é graças à memória que a consciência pode se localizar no espaço, já que de maneira alguma o espaço mental está desvinculado dos tempos de consciência, tempos que são fornecidos por fenômenos que provêm da memória. Assim, essas duas categorias de tempo-espaço funcionam na consciência graças ao fornecimento de dados pela memória. Podemos ver isso mais detalhadamente.

Assim como se fala de um átomo teórico de sensação, também se menciona um átomo teórico de reminiscência. Entretanto, isso é teórico porque não existem nos fenômenos que se experimentam. O registrável é que na memória se recebem, processam e ordenam dados provenientes dos sentidos e da consciência na forma de gravações estruturadas. A memória recebe dados dos sentidos, recebe dados das operações da consciência, mas, além disso, ordena e estrutura esses dados; faz um trabalho muito complexo de compilação e ordenamento dos dados. Quando o nível de consciência baixa, a memória começa a ordenar todos os dados que foram arquivados em outro nível de consciência. Em um nível, a memória está trabalhando, registrando, arquivando todos os dados cotidianos, os dados do dia que vão chegando. Em outro nível de trabalho, a memória começa a catalogar e ordenar esses dados que se formaram em vigília.

No sono, que é outro nível de consciência, vamos encontrar a memória processando dados. E o ordenamento que se faz na memória dos dados que foram recebidos não é o mesmo ordenamento que se faz quando os dados estão sendo recebidos.

Dessa maneira, neste momento estou recebendo informação pelos sentidos e essa informação que recebo vai sendo arquivada na memória. Porém, quando baixa meu nível de consciência e vou ao sono, encontro-me também com esses dados do mundo cotidiano, do mundo da vigília. Aparece toda essa matéria-prima que recebi e gravei durante o dia, mas essa matéria-prima não se articula do mesmo modo em meu sistema de representação interna. O que teve uma sequência durante o dia, ao baixar o nível de consciência, vai seguindo outra ordem. Então, o que aconteceu no final agora acontece no princípio; elementos recentes se ligam com elementos muito antigos de minha memória e aí se faz toda uma estruturação interna com a matéria-prima que se recebe do dia e com os dados anteriores de distintas faixas de memória que correspondem a uma memória antiga, a uma memória mais ou menos mediata. A memória é um “aparato” que cumpre com diversas funções, conforme o nível de trabalho em que se encontre a estrutura de consciência.

Os dados são gravados pela memória de diversas maneiras.

- 1) Um forte estímulo é gravado com força na memória.
- 2) Também se grava com força por entrada simultânea através de diversos sentidos.
- 3) Grava-se também quando um mesmo dado sobre um fenômeno é apresentado de diversas maneiras. Se apresento o objeto, gravo-o de um modo, se o apresento de outra maneira, gravo-o de outro modo. Minha consciência está estruturando, está articulando o objeto, mas, além disso, tive uma impressão A e uma impressão B. É gravado porque há uma repetição e, além do mais, porque estão sendo gravados os dados que a consciência está estruturando sobre o objeto em questão.
- 4) Também se grava por repetição propriamente dita.
- 5) Os dados são mais bem gravados em contexto do que individualmente.
- 6) Também são mais bem gravados quando se sobressaem ou são ressaltados por falta de contexto. Isso que se sobressai, isso que não pode ser, predispõe a maior atenção e, por conseguinte, grava-se também com maior força.
- 7) A qualidade da gravação aumenta quando os estímulos são distinguíveis e isso ocorre em ausência de fundo de ruído por nitidez dos sinais.

Quando há saturação por reiteração ocorre bloqueio. Os publicitários exageraram um pouco a lei da repetição. Por repetição se incorpora um dado, mas por repetição também se produz fadiga dos sentidos. Além disso, vale para a memória o que vale para os sentidos em geral. Ou seja, aquela lei do estímulo decrescente, à medida que o estímulo permanece. Se mantivermos um contínuo gotejar de água, essa repetição do gotejo fará com que não se grave o gotejar de água. O que se consegue é que se feche o limiar de gravação, assim como também se fecha o limiar de percepção e, então, o dado deixa de influir. Quando uma campanha publicitária se torna excessivamente reiterativa e insiste desconsideradamente, apoiando-se nessa lei da gravação por repetição, produz saturação na memória e o dado já não entra, produz irritação sensorial e saturação na memória. Em alguns bichinhos se trabalha com reiteração do estímulo e, em vez de gravar-se fortemente o estímulo e uma resposta adequada corresponder a esse estímulo, o bichinho dorme.

Quando há ausência de estímulos externos, o primeiro estímulo que aparece é gravado fortemente. Também quando a memória não está entregando informação à consciência, há maior disponibilidade para gravar. A memória solta informação, compensatoriamente, quando não estão chegando dados à consciência. Imaginemos um caso. Um senhor se fecha em uma caverna aonde não chegam estímulos do mundo externo. Não chega luz, não chega som, não há rajadas de vento que impressionem sua sensibilidade tátil... Há uma sensação de temperatura mais ou menos constante. Os dados externos se reduzem. Então, a memória começa a soltar seus dados armazenados. Esse é um funcionamento curioso da memória. Tranca-se uma pessoa em uma prisão ou se coloca uma pessoa em uma caverna e, então, como não há sentidos externos trabalhando e como não há dados externos, de qualquer maneira a memória fornece dados ao coordenador. Se eliminamos os dados sensoriais externos, imediatamente a memória começa a compensar, fornecendo informação. A memória faz isso porque, de qualquer maneira, a consciência necessita de todos esses dados para se localizar no tempo e no espaço, e quando a consciência não tem referências de dados que a estimulem, perde sua estruturalidade. E o eu, aquele que havia surgido por somatória de estímulos e somatória de trabalhos de aparatos, encontra-se agora com o fato de que não tem estímulos e não tem dados que provenham dos aparatos. O eu perde sua estruturalidade e experimenta a sensação de que se desintegra, de que perde coesão interna. Então, apela a referências de dados, embora estes provenham somente da memória e isso mantenha a precária unidade do eu.

A recordação, ou mais precisamente a evocação, surge quando a memória entrega dados já gravados à consciência. Essa evocação é produzida intencionalmente pela consciência, o que a distingue de outro tipo de rememoração que se impõe à consciência.

Fazendo um símile, para que todos esses mecanismos resultem mais ou menos simétricos com isso que acontece com os sentidos e a consciência: aqui chegam os estímulos da memória à consciência e dizemos “rememoração”; quando consciência vai até os estímulos, falamos de “apercepção”; e quando a consciência vai até os dados de memória, ou seja, localiza o dado que lhe interessa, então falamos de “evocação”. Evoca-se quando a atenção se dirige a determinada faixa de recordações armazenadas.

Sabemos que chegam à consciência dados dos sentidos externos e também dos sentidos internos. Essa informação chega simultaneamente à consciência. Quer dizer que, quando evoco, quando vou até a memória procurar o dado externo, muito frequentemente esse dado que trago da memória vem misturado com outros dados que acompanharam a percepção. Em outras palavras, se estou agora recebendo informação externa e isso vai para a memória, também estou recebendo informação interna que vai para a memória. Quando eu evocar aquilo que aconteceu, não se apresentará na consciência somente o dado externo, mas também o dado interno que acompanhou aquele momento. Isso é de suma importância.

Considerem o que acontece quando recordo. Observo o objeto, fecho os olhos, recordo o objeto. Conforme minha educação visual seja boa, regular ou ruim, a reprodução daquela impressão será mais ou menos fiel. Recordo somente o objeto ou há algumas outras coisas que recordo? Notem bem. Não estamos falando das cadeias de ideias, das associações que a lembrança desse objeto suscita – que também existe: recordo o objeto e também surgem outras tantas coisas. Vamos à recordação do objeto em si. Observo o objeto, fecho os olhos, o objeto se reproduz a partir da memória: aparece uma imagem do objeto. Mas essa imagem que aparece do objeto, além de ter outros componentes visuais, já que estou trabalhando com o olho, tem componentes para mim, em meu registro interno, de tons musculares e um certo sabor, um certo clima que nada tem a ver com a percepção. De maneira que estou recordando desse objeto, não apenas a gravação que o objeto me propõe, mas também a gravação de meu estado no momento em que se produziu. Certamente, isso tem grandes consequências. Porque se isso fosse simplesmente um arquivador de dados sensoriais, a coisa seria fácil; mas acontece que a informação que recebo do mundo externo é associada ao estado em que essa estrutura se encontrava no momento da gravação. E dizemos mais. Dizemos que pode haver evocação e os dados que estão armazenados na memória podem chegar à consciência, graças ao fato de que os dados dos fenômenos são gravados acompanhando os dados da estrutura. Porque a evocação, se observarem bem, não trabalha buscando imagens, trabalha buscando estados. E as imagens que correspondem a uma situação ou outra são identificadas, não pela imagem em si, mas pelo estado que lhes corresponde. Observem o que fazem quando recordam: agora querem recordar suas casas. Como fazem para recordar essa casa? Notem bem o que fazem. Não experimentam uma espécie de sensação interna? E essa sensação, antes que surja a imagem da casa de vocês, essa sensação interna é uma sensação de imagens? Não. É uma sensação cenestésica. Essa sensação cenestésica está procurando entre distintos estados internos o clima geral que corresponde às gravações de imagens visuais da casa de vocês.

E quando vocês vão evocar uma imagem horrorosa, vão procurar entre as distintas máscaras de monstros para encontrar a precisa ou vão procurá-la no clima que corresponde nesse nível particular da memória que impressiona como horroroso? Não vão procurar entre imagens, vão procurar entre massas de estímulos internos que acompanham as gravações dadas. Quando a imagem é finalmente evocada pela consciência, ficamos de prontidão para que a imagem efetue operações, provoque descargas, mobilize muscularmente ou mobilize um aparato para que comece a trabalhar com essa imagem, e então apareçam operações intelectuais ou mobilize emoções, etc. Quando a imagem salta, então, na tela de representação, já estamos prontos para atuar. Mas o sistema de evocação não trabalha entre imagens. Ele trabalha buscando entre estados. Aproximando-nos, assim, da fisiologia é como se disséssemos que

não se gravam imagens visuais nos neurônios, não ficam imagens pequenas, microscópicas, dentro dos neurônios. Em vez disso, há correntes eletroquímicas que não são imagens, e quando se produz o fenômeno de evocação, não se busca essas imagens microscópicas até encontrá-las, mas se busca níveis eletroquímicos que dão o registro que corresponde a esse nível dentro do qual se articula posteriormente a imagem. Não se evoca, pois, por imagens, mas pelos estados que acompanharam a percepção sensorial daquele momento.

Vejamos um exemplo que sempre utilizamos: saio de um lugar e me dou conta em determinado momento que esqueci algo. O que vocês registram – uma imagem ou registram uma sensação curiosa? Uma imagem não, certamente, porque senão saberiam o que esqueceram. Vocês têm o registro de uma curiosa sensação de algo que esqueceram. E o que fazem imediatamente? Começam a buscar imagens, aparece uma e dizem: “Esta não.” Aparece outra e dizem: “Esta não.” Vão trabalhando por descarte de imagens. O que os guia nessa busca? São guiados pela imagem? Não são guiados pela imagem, mas pelo estado que faz as diversas imagens surgirem e, quando a imagem incorreta surge, vocês dizem “não, isso não esqueci porque está comigo”. E assim vocês vão se guiando pelos estados internos até que, finalmente, acontece o encontro do objeto e vocês experimentam a sensação de encontro. E dizem: “É isso o que esqueci!” Em todo esse trabalho, vocês estiveram procurando entre estados e esses estados foram fazendo saltar imagens e vocês foram produzindo esse reconhecimento. O estado do ato em busca de um objeto é muito diferente do estado do ato no encontro do objeto (na impleção). São muito distintos os registros que se têm. Mas, em todos os casos, estamos falando de estados que são acompanhados a grande velocidade pelas imagens.

Em um exemplo que demos anteriormente, daquela “cidade desagradável” que lembro, posso dizer que a reconheço não apenas porque aparecem suas imagens, mas porque aparece o estado em que eu me encontrava no momento em que gravei os dados da cidade. E essa cidade será desagradável ou será uma cidade amável ou será uma cidade com tais características, não pela evocação de simples imagens que eu tenha, mas pelos estados que suscitados no momento em que os gravei. Observem uma fotografia de outra época. Uma espécie de cristalização dos tempos passados. Vocês veem essa fotografia e imediatamente essa fotografia que suscita o fato feliz daquele momento desperta em vocês a sensação nostálgica de algo que está presente, claro, mas que está perdido. E há uma comparação, uma confrontação entre isso que está presente e aquilo que se perdeu; esse estado que teve a ver com as gravações daquele momento e o estado atual em que estou gravando tal dado.

Havíamos dito que a lembrança, mais precisamente a evocação, surge quando a memória entrega à consciência dados já gravados. Essa evocação é realizada intencionalmente pela consciência, o que a diferencia de outro tipo de rememoração que invade a consciência, como quando certas lembranças invadem a consciência, coincidindo em certas ocasiões com buscas ou com contradições psicológicas que aparecem sem participação da própria consciência. Há uma diferença entre buscar um dado na memória e o surgimento espontâneo de dados de memória que invadem a consciência com maior ou menor força, de acordo com a carga que têm. Há estados de memória que chegam à consciência, soltam imagens e essas imagens se impõem obsessivamente. Essa imagem que chega da memória ou que a memória solta, que invade a consciência e se impõe obsessivamente o faz pela imagem em si, pela lembrança em

si ou pelo estado que acompanha essa imagem? Sem dúvida, é pelo estado que acompanha essa imagem. E essa imagem obsessiva que corresponde a uma situação que aconteceu há muito tempo, essa imagem que se impõe tem forte carga (vamos dizer depois) “climática”. De maneira que vem associada a um estado, ao estado em que se gravou aquele fenômeno.

Há graus de evocação, distintos graus de evocação, conforme o dado seja registrado com maior ou menor intensidade. Quando os dados roçam levemente o limiar de registro, a evocação também é leve. Inclusive há casos em que não se recorda, mas ao voltar a perceber o dado, este é reconhecido. E há dados que estão trabalhando no limiar de percepção, que para nós neste caso é também o limiar de memória. Isso que esteve na moda em certo momento, a ação “subliminar” ou a propaganda subliminar, isso que parecia ser um fenômeno interessante e que depois demonstrou ser um fiasco, era um mecanismo simples, bastante elementar, em que se lançava um estímulo no limiar de percepção. O sujeito não terminava de registrar o dado, mas de qualquer maneira o dado entrava. E sabemos que o dado entrava porque logo esse dado aparecia, por exemplo, nos sonhos do sujeito. E, além disso, porque o sujeito em certo estado podia recordar aquilo que, naquele momento, parecia não haver percebido, não ter visto. Assim, há uma quantidade de dados que, de qualquer maneira, entram no limiar de percepção, não são registrados nesse momento pela consciência, mas vão para a memória. Esses dados, se vão para a memória, vão também relacionados com o estado particular que lhes acompanhava. Além disso, para que esses dados pudessem influir publicitariamente era necessário associar determinada emoção ao disparo do objeto subliminar. Se a intenção era fazer propaganda de uma bebida, não era questão somente de colocar a bebida em um fotograma a cada dezesseis quadros do filme publicitário (sabemos que, se colocarmos esse objeto a cada dezesseis quadros do filme, veremos o filme, mas não veremos o disparo subliminar, que está trabalhando justamente na faixa de percepção). Se escolhíamos determinadas partes do filme (as partes que tinham maior calidez emotiva) e nessas partes colocávamos o produto em questão, então, quando o sujeito evocava aquele filme, atuava sobre ele com maior intensidade o fenômeno gravado subliminarmente. Essa era a ideia, funcionava de maneira muito elementar. E não parece que tenha aumentado a venda de produtos promovidos com esse sistema publicitário. Mas ainda há pessoas que continuam acreditando no “poder daquela terrível arma secreta”. Nossa questão não é o problema da propaganda subliminar. Nossa questão é o problema da imagem ou do fenômeno que apenas toca o limiar e é gravado, mas simultaneamente um estado está sendo gravado. A partir dos limiares mínimos de evocação, aparecem gradações mais intensas até chegar à lembrança automática, que é de veloz reconhecimento. Tomemos o caso da linguagem. Quando estamos falando e temos determinada linguagem muito incorporada, não estamos recordando as palavras que devem ser articuladas para que a voz saia. Isso acontece nos momentos de aprendizagem, quando se está aprendendo outro idioma, mas não no momento em que se incorporou automaticamente o sistema de linguagem. Aí estamos trabalhando com ideias, aí estamos trabalhando com emoções e, então, a memória vai fornecendo dados de acordo com os estados que vão sendo suscitados em quem quer desenvolver suas ideias. Que curioso seria se a memória fosse simplesmente gravação de dados sensoriais! Para poder falar, teríamos que reproduzir tudo aquilo que se produziu no momento em que aprendemos a falar, pelo menos teríamos que reproduzir todo o sistema sógnico. Entretanto, quando estou falando, não estou buscando o sistema sógnico, o que estou procurando são minhas ideias, minhas emoções

e, assim, vão se soltando as articulações sígnicas, essas imagens sígnicas que logo vou lançando na linguagem. Está atuando a lembrança automática, uma lembrança de veloz reconhecimento. E o reconhecimento de um objeto ocorre quando essa percepção é comparada com dados percebidos anteriormente.

Sem reconhecimento, o psiquismo experimentalia um estar sempre pela primeira vez diante dos fenômenos, mesmo que estes se repetissem. Seria sempre o mesmo fenômeno e não poderia haver reconhecimento e, assim, o psiquismo não poderia avançar, apesar do que opinam algumas correntes na moda. Opinam que é um “interessante progresso psicológico” o fato de que a consciência trabalha sem memória. Trabalhando sem memória, esses pregadores não poderiam nem sequer explicar esse sistema a outros.

O esquecimento, por sua vez, é a impossibilidade de trazer para a consciência dados já gravados. É muito curioso como às vezes se esquecem faixas completas de situações ou de conceitos ou de fenômenos. Em alguns casos, o que poderia suscitar determinado clima é apagado e, por tanto, são apagados todos os fenômenos gravados na memória, que têm algo a ver com aquele estado. Apagam-se faixas inteiras porque poderiam suscitar essa imagem associada a climas dolorosos.

Em geral, o esquecimento é a impossibilidade de trazer para a consciência dados já gravados. Isso ocorre por um bloqueio na reminiscência, que impede o reaparecimento da informação. Mas há também espécies de esquecimentos funcionais que impedem a aparição contínua de lembranças graças a mecanismos de interregulação que operam inibindo um aparato enquanto o outro funciona. Isso quer dizer que, felizmente, não estamos recordando tudo continuamente, que felizmente podemos recordar situando os objetos e os fenômenos em distintos momentos, em distintos tempos. Felizmente, não recordamos continuamente porque, então, a recepção dos dados do mundo externo seria muito perturbada. Com tal fundo de ruído de recordação contínua é claro que teríamos problemas ao observar os fenômenos novos. E é claro que nossas operações intelectuais também seriam fortemente perturbadas se estivéssemos submetidos ao bombardeio contínuo da memória. Inclusive, veremos como o esquecimento, ou a amnésia, ou o bloqueio também operam, não por defeito, mas cumprindo com uma função importante para a economia do psiquismo. Não é que essa estrutura esteja mal armada, mas cumprindo com alguma função mesmo nos erros que comete.

Podemos observar diversos níveis de memória. Na aquisição da memória individual, nos primeiros momentos em que se começa a perceber e já se começa a gravar, forma-se uma espécie de “substrato” (para lhe dar um nome), uma espécie de substrato antigo de memória, um substrato profundo de memória. Sobre essa base de memória, que é a base de dados com que a consciência trabalhará, vai se estruturando o sistema de relações que a consciência logo efetua. É a memória mais antiga do ponto de vista do fundamento das operações que se realizam. Sobre essa memória mais antiga vão se “depositando” todas as gravações que se continuam registrando ao longo da vida – este é um segundo nível de memória. E há um terceiro nível de memória, que é a memória imediata, dos dados imediatos com os quais trabalhamos. Normalmente, a memória profunda fica arquivada fortemente sem que operações de importância ocorram em seu substrato.

Ao contrário, na memória recente é necessário todo um trabalho de ordenamento, classificação e arquivamento de dados. Também se estabelecem entre esses níveis (o nível mais recente, o nível imediato, e o nível mediato) espécies de “diferenças de potencial”, diríamos, em que os novos dados vão ingressando e também vão modificando a memória mediata. Se quiséssemos fazer uma classificação pedagógica, falaríamos de uma memória antiga, uma memória mediata e uma memória imediata. E daríamos o maior trabalho de classificação à memória imediata do que aos outros tipos de memória. Embora não se trabalhe fortemente com os dados mais antigos, estes estão muito arraigados. É como se criassem um campo dentro do qual caem os novos. Por isso, temos sérias dificuldades para realizar trabalhos com a memória antiga. Podemos fazer trabalhos com a memória imediata, atuar indiretamente sobre a memória mediata, mas custa muito modificar rastros profundos do substrato. Esse é o pano de fundo que ficou e esse pano de fundo, fortemente gravado, é o que está influenciando sobre os novos potenciais que vão chegando ao arquivador. Portanto, em realidade, essas tensões internas da memória, essas espécies de climas internos da memória estão influenciando sobre os novos dados.

Em toda gravação e também na memorização do gravado, o trabalho das emoções tem um papel muito importante. Dessa maneira, emoções dolorosas ou estados dolorosos que acompanham uma gravação nos dão um registro diferente ao das gravações feitas em estados emotivos de agrado. Assim, quando se evoca determinada gravação sensorial externa, também surgem os estados internos que a acompanharam. Se esse dado externo é acompanhado de um sistema de emoções de defesa, um sistema de emoções dolorosas, a evocação daquilo que se gravou virá tingida com todo esse sistema de ideação doloroso que acompanhou a gravação do dado externo. E isso tem consequências importantes.

Há também uma espécie de memória de tipo situacional. Você grava uma pessoa em determinada situação. Pouco tempo depois, vê essa mesma pessoa, mas em uma situação que não tem nada a ver. Então, você encontra essa pessoa, registra-a como conhecida, mas não a reconhece plenamente; as imagens não coincidem porque aquela imagem da pessoa não coincide com a situação em que foi gravada. Em realidade, todo tipo de gravação é situacional e podemos falar de uma espécie de memória situacional em que o objeto é gravado pelos contextos. Modificando depois o contexto em que está esse objeto, encontramos uma espécie de sabor conhecido nesse objeto, mas não podemos reconhecê-lo porque os parâmetros de referência mudaram. Então, temos dificuldades no reconhecimento pela variação do contexto ao confrontar aquela imagem com a nova. Nos mecanismos de evocação, na rememoração em geral, há problemas porque às vezes não se sabe como localizar o objeto, se não se encontra tudo aquilo que o acompanhou. O que dissemos da evocação – que não se buscam imagens, mas certos tons – também vale neste caso.

As vias de entrada dos impulsos mnêmicos (impulsos de memória) são os sentidos internos, os sentidos externos e as atividades do aparato de coordenação. Por sua parte, os estímulos que chegam seguem uma via dupla: uma via que vai diretamente ao aparato de registro e uma via que vai ao aparato de memória. É suficiente que os estímulos ultrapassem levemente os limiares sensoriais para que sejam registráveis. E é suficiente uma mínima atividade nos distintos níveis de consciência para que haja gravação. Por outro lado, ao atualizar-se a memória pela tradução de impulso em imagem e de imagem para o centro, como, por sua vez,

há registro do funcionamento do centro, reforça-se memória. Estamos dizendo isto: se um impulso de memória chega à consciência e na consciência esse impulso se transforma em imagem, esta imagem atua sobre os centros e estes dão sinal para fora. Ao lançar-se esse sinal para fora, de qualquer maneira registra-se a atividade do centro em sentidos internos. Por conseguinte, como se aprende realmente? Aprende-se realmente pelo dado que chega aos sentidos e se arquiva na memória ou se aprende quando se atua? Um pouco pelas duas coisas.

Na educação escolar, supõe-se que uma fonte emissora lança o sinal, uma fonte receptora o recebe e nisso consiste a aprendizagem. Parece que as coisas não funcionam exatamente assim. Parece que se aprende quando o dado que sai da memória chega à consciência, traduz-se em imagem, mobiliza o centro e vai como resposta (seja uma resposta intelectual, emotiva ou motriz). Quando esse impulso convertido em imagem mobiliza o centro e este centro atua, dessa ação do centro, por sua vez, tem-se registro interno. Quando se estabelece toda essa realimentação, esse “feedback”, a gravação se acentua. Em outras palavras: aprende-se fazendo e não simplesmente registrando. Se vocês trabalharem com uma criança dando-lhe explicações e a criança simplesmente ficar em atitude receptiva, sua condição de aprendizagem será muito diferente da condição em que se fornecem dados à criança e se pede a ela que estruture relações com esses dados e explique o que aprendeu. Como, por sua vez, há um circuito entre o que se ensina e o que se aprende, as próprias operações daquele que aprende, o perguntar daquele que aprende para aquele que ensina faz com que aquele que ensina tenha que efetuar trabalhos e relações inclusive não pensadas por ele. De tal maneira que, nesse sistema de relação, todos aprendem. É um sistema de relações entre ambos interlocutores em que, obviamente, o esquema de causa e efeito não funciona. Funciona uma contínua acomodação em estrutura, em que o dado é visto de distintos pontos e em que não há somente a atitude ativa, daquele que fornece o dado, e passiva, daquele que recebe o dado.

No circuito entre sentidos e coordenador, a memória atua como uma espécie de conectiva, como uma ponte, compensando às vezes a falta de dados sensoriais, seja por evocação, seja por recordação involuntária. E, no caso do sono profundo, em que não há entrada de dados externos, estão chegando à consciência dados cenestésicos combinados com dados de memória. Neste caso, os dados mnêmicos não aparecem evocados intencionalmente, mas de qualquer modo o coordenador está realizando um trabalho, está ordenando dados, está analisando, está fazendo operações com participação da memória – mesmo no estado de sono profundo todas essas operações estão sendo realizadas. A consciência está fazendo isso. Como vocês sabem, nós não identificamos consciência com vigília. Consciência para nós é algo muito mais vasto, por isso falamos de níveis de consciência. Bem, a consciência, em seu nível de sono está dedicada a esse trabalho mecânico de classificação e ordenamento dos dados. No nível de sono profundo há reordenamento da matéria-prima vígilica, ou seja, da memória recente. Por isso, os sonhos desse dia têm a ver preferencialmente com a matéria-prima que se recebeu durante o dia. Certamente aí se estabelecem longas cadeias associativas e os dados desse dia, a matéria-prima desse dia, por sua vez, engancha e conecta com dados anteriores, mas é basicamente a matéria-prima do dia (a memória recente) que está trabalhando na formação do devaneio do sono.

O coordenador pode se dirigir à memória mediante a evocação. Chamamos essa evocação de “mecanismo de reversibilidade”. Exige uma atividade do coordenador na busca das fontes. Existe também uma quantidade numerosa de erros de memória. O erro mais geral de memória é o do falso reconhecimento, que surge quando um dado novo é relacionado incorretamente com um anterior. Essa situação em que estou agora é extremamente similar a outra situação em que estive antes, mas o objeto que tenho agora não o vi antes. Como existem gravações do tipo situacional, eu agora experimento a sensação de já ter visto esse objeto, e não é que tenha visto esse objeto alguma vez, mas reconheço situações similares à qual me encontro agora e que já aconteceram em outro momento. Então, localizo esse novo objeto dentro dessa memória situacional e este aparece como reconhecido. Às vezes, acontece o contrário. Um objeto que reconheço suscita uma situação que nunca vivi, mas que me parece tê-la vivido. Uma variante disso, a variante chamada de “recordação equivocada” é substituir um dado por outro que não aparece na memória, como se preenchesse o vazio de informação.

Genericamente chamamos de amnésia um registro de impossibilidade total para evocar dados ou sequências completas de dados. Há distintas classificações dessas amnésias, desses esquecimentos. Pode haver amnésias não apenas referidas a determinado objeto ou a objetos que se encadeiam com ele contiguamente, contraditoriamente ou similarmente. Também pode haver amnésia em que não se apaga determinado objeto, mas determinada situação, e que está atuando nos distintos níveis de memória. Exemplificando: não me esqueço o que aconteceu há apenas cinco dias, mas me esqueço de algumas situações em diversas etapas de minha vida, que estão relacionadas entre si. Então, o esquecimento não é somente linear em uma faixa temporal, mas às vezes é também seletivo de determinada situação que se repete em distintas etapas vitais. Toda aquela faixa fica apagada, aparentemente, porque em realidade é muito difícil que algo se apague da memória. O que acontece normalmente é que o dado não pode ser evocado porque não se tem registro de tal sensação, porque essa sensação do registro que corresponde a essa faixa foi influenciada por outros tipos de sensação (entre outras, as sensações dolorosas). As sensações dolorosas que acompanham as gravações de determinados fenômenos são as que tendem a desaparecer na evocação. Como essas sensações dolorosas são rejeitadas por toda a estrutura, então tudo o que as acompanha é rejeitado. É basicamente o mecanismo de dor na gravação de um dado o que, mais cedo ou mais tarde, vai fazer o dado evanescer, vai fazer o dado desaparecer, pelo menos em seu aspecto evocativo. De qualquer maneira, aquilo que foi gravado com dor, ou é esquecido, ou é evocado novamente na consciência, mas transformados os conteúdos laterais que o acompanharam. Há gravações “a fogo”, diriam alguns, que são gravações dolorosas. Porém, nessas gravações dolorosas, se as examinarmos bem, veremos que diversos fenômenos que as acompanham foram transformados fortemente. Toda gravação está associada a outras contíguas. Não há, portanto, lembrança isolada – o coordenador seleciona entre as recordações aquelas que lhe são necessárias.

Referindo-se ao problema da gravação do doloroso e do prazeroso, pergunta-se isto: o que acontece quando um estímulo sensorial é gravado prazerosamente, mas, por outras circunstâncias, isso provoca dor moral ou dor intelectual? Suponhamos uma pessoa que, por sua formação moral, tenha problemas com determinados dados sensoriais de tipo prazeroso. Aí há dor e prazer misturados. Acontece que essa pessoa registra prazer físico e esse registro de prazer físico, por sua vez, cria problema de valoração moral. Como vai evocar, então, esse

registro? O mais provável é que no futuro não queira nem se lembrar do que aconteceu. Contudo, também é provável que surja uma espécie de estado obsessivo com relação àquela situação. E, então, vamos nos encontrar com essa boa pessoa que, por um lado, reprime a evocação dos registros prazerosos e, por outro lado, surgem os registros prazerosos e se impõem à sua consciência.

E. Consciência

Entendemos a consciência como o sistema de coordenação e registro que o psiquismo humano efetua. Às vezes falamos de “consciência”, às vezes de “coordenador” e, às vezes, de “registrador”. O que acontece é que, mesmo se tratando da mesma entidade, está cumprindo com funções distintas, mas não se trata de entidades diferentes. Muito diferente é isso que chamamos de eu. Não identificamos esse eu com a consciência. Consideremos os níveis de consciência como distintos âmbitos de trabalho da consciência e identifiquemos o eu com aquilo que observa os processos psíquicos, não necessariamente vigílicos, que se desenvolvem. Em vigília, registro e efetuo numerosas operações. Se alguém me perguntar “quem é você?”, vou dizer: “eu” e agregarei a isso um documento de identidade, um número, um nome ou coisas desse tipo. Tenho a impressão de que esse eu registrará de dentro as próprias operações, observará as operações da consciência. De imediato, já temos uma distinção entre as operações da consciência e esse observador que se refere a essas operações da consciência. E se presto atenção em como observo as coisas, vejo que observo as coisas “de dentro”. E se observar meus próprios mecanismos, vejo que meus mecanismos estão vistos “de fora”. Se agora eu baixo o nível de consciência e vou ao sono, como eu me vejo? Eu vou caminhando pela rua, em um sonho, vejo automóveis que passam, gente que passa... De onde vejo as pessoas que passam, os automóveis que passam? De dentro de mim? (Como agora vejo vocês e sei que estão fora de mim e, portanto, vejo-os de dentro de mim). Eu me vejo assim? Não, eu me vejo de fora. Se observo como vejo no nível de sono, vejo a mim mesmo vendo os automóveis que passam, as pessoas que passam e me observo de fora. Façam de outro modo, experimentem com a memória. Vocês agora se recordam de uma situação em que eram crianças. Bem. O que veem nessa cena? Veem vocês de dentro, como veem agora as coisas que os rodeiam, veem de dentro (sendo crianças) as coisas que os rodeiam? Vocês se veem de fora. Nesse sentido, onde está o eu? O eu está dentro do sistema de estruturação que a consciência faz e percebe as coisas ou o eu está fora? Por um lado, a impressão que se tem é que em alguns casos está dentro e em outros casos está fora. Por outro lado, vê-se que ao observar as próprias operações da consciência, o observador é separado dessas operações. Em todos os casos, o eu aparece como separado, esteja dentro ou esteja fora. O que sabemos é que não está incluído nas operações.

Então, como identifico esse eu com a consciência, se todos os registros que tenho são de separação entre eu e consciência? Se observo todos os registros que tenho do eu, vejo que todos esses registros são de separação entre isso que chamo de “consciência e operações da consciência” e isso que chamo de “eu”.

Como se constitui esse eu, por que surge esse eu e por que cometo o erro de associar o eu à consciência? Primeiramente, não consideramos consciente nenhum fenômeno que não seja registrado, tampouco qualquer operação do psiquismo em que não participem tarefas de

coordenação. Quando falamos de registro, falamos de registro em distintos níveis. Porque não identificamos consciência com vigília. Consciência é algo mais amplo. Costuma-se vincular consciência com atividade vigílica, deixando o resto fora da consciência.

Quanto aos mecanismos fundamentais da consciência, entendemos como tais os mecanismos de reversibilidade, que são as faculdades que a consciência tem para se dirigir, por meio da atenção, até suas fontes de informação. Se se dirige para a fonte sensorial, falamos de “apercepção”, se se dirige para a fonte de memória, falamos de “evocação”. Pode existir também a “apercepção na evocação” quando se apercebe um dado que se gravou no limiar de registro. Esse é o caso da gravação subliminar da qual não se cai em conta no momento em que ocorre e que, no entanto, depois pode ser evocada.

Chamo de “percepção” o simples registro do dado sensorial. Aqui estamos juntos, escuta-se um ruído, percebo o ruído. Meu interesse logo poderá dirigir-se à fonte de ruído, mas o fato é que o dado se impõe a meu registro. Vou considerar isso como percepção. Certamente, é sumamente complexo, houve estruturação e tudo aquilo. Chamo, por outro lado, a busca do dado sensorial de “apercepção”. Assim, percebo quando o dado se impõe, apercebo quando busco o dado. Chamo de “recordação” isso que, não vindo dos sentidos, mas da memória, chega à consciência. Chamo de “evocação” essa atividade da consciência que se dirige a buscar os dados de memória. Contudo, há também outros casos que nos complicam um pouco: a “apercepção na evocação”, por exemplo, em que parecem mesclar-se atos dos dois aparatos. Esse é o caso em que o dado foi gravado no limiar sensorial e nesse momento não tenho consciência vigílica do que aconteceu com esse dado, mas esse dado foi registrado na memória. E, então, mais adiante, em um trabalho de evocação, esse dado se evidencia. Exemplificando. Vejo diversas pessoas na rua, vou passando meu olhar automaticamente diante delas e logo, recordando o que aconteceu, digo: “Mas, passou um amigo na minha frente e não o cumprimentei!” Aí estou trabalhando com apercepção na evocação. Ou seja, estou me fixando no que aconteceu na memória, estou evocando e, ao evocar, surge aquilo que foi gravado, mas do qual não tive a devida conta no momento em que aconteceu. Então, entre todas as sensações de registro que tenho agora no ato de evocar, seleciono e vou a uma delas.

A atuação dos mecanismos de reversibilidade está diretamente relacionada com o nível de trabalho da consciência. E dizemos que, à medida que se desce nos níveis de consciência, diminui o trabalho desses mecanismos e vice-versa. Isso terá para nós grande importância prática em trabalhos posteriores. À medida que diminui o nível de trabalho da consciência, os mecanismos de reversibilidade vão se bloqueando, vão diminuindo suas atividades. E, à medida que subimos o nível de trabalho da consciência, a reversibilidade (a direção da consciência sobre seus próprios mecanismos) eleva-se em seu trabalho.

Há uma estruturação mínima sobre a qual funcionam todos os mecanismos de consciência, que é esta de ato-objeto. Assim como funcionam estímulos-registros, também funcionam atos-objetos na consciência, ligados por esse mecanismo de estruturalidade da consciência, esse mecanismo intencional da consciência. Os atos estão sempre referidos a objetos, sejam objetos tangíveis, intangíveis ou meramente psíquicos.

Assim como os sentidos e a memória estão sempre trabalhando, a consciência está continuamente lançando atos dirigidos a objetos. Essa ligação entre um ato e um objeto não é permanente, já que existem atos lançados em busca de seu objeto, e é precisamente essa situação que dá dinâmica à consciência.

Alguns psicólogos pensaram que era característica fundamental da consciência que o ato de consciência estivesse ligado ao objeto. Que não poderia haver ato sem objeto e não poderia haver objeto sem ato. Certamente, eles não descartaram que o objeto ao qual se refere a consciência pudesse mudar. Se isso não fosse assim, a consciência teria sérias dificuldades para transitar de um objeto a outro, porque no momento de trânsito nos encontraríamos com o fato de que esse ato se encontra sem o mesmo objeto. Graças ao fato de que esse ato pode trabalhar em busca de objetos, a consciência pode se transladar de uns a outros. A rigor, aqueles psicólogos descobriram uma grande verdade: que o ato de consciência sempre se refere a um objeto e, embora mude o objeto, a consciência se dirige “a”. A consciência, portanto, é intencional e se comporta como uma estrutura ato-objeto. Dessa maneira, os objetos de consciência – sejam estas percepções que chegam à consciência, recordações, representações, abstrações, etc. – aparecem todos eles como objetos dos atos de consciência. Agora, então, posso buscar determinada recordação: esta é um objeto. Agora posso buscar determinada percepção: esta é um objeto. Agora posso fazer uma abstração: esta é um objeto. Entretanto, as operações que realizo são de diversas naturezas. Há diversos tipos de atos.

Essa intencionalidade da consciência (os atos de consciência se dirigirem a determinados objetos) sempre está lançada para o futuro, para coisas que devem aparecer. É muito importante essa atividade de futurização do ato de consciência. A intencionalidade sempre está lançada para o futuro, o que se registra como tensão de busca.

Se vou recordar o que aconteceu há meia hora, estou me dispondo a lançar meu ato de consciência para o futuro. Neste momento, “ainda não” encontrei o que aconteceu há dez minutos, mas estou procurando; certamente no futuro encontrarei o que estou procurando; agora, finalmente, encontrei o que estava procurando. Inevitavelmente, a consciência vai se movendo no futuro e assim trabalha voltando sobre os acontecimentos passados. Inevitavelmente, o tempo da consciência é de futurização: vai em direção ao que acontecerá a ela, mesmo no caso da recordação. Assim, essas pessoas que vão em direção ao passado e ficam presas ao passado, que ficam fixadas no passado, como se sua dinâmica de consciência estivesse cristalizada, mesmo para essas pessoas a dinâmica da consciência continua atuando. De qualquer maneira, vou fazendo registros de coisas passadas, mas a direção de minha consciência sempre é buscar, sempre é avançar, mesmo que seja tentando trazer acontecimentos que já se passaram há muito tempo. A estruturação dos tempos de consciência é distinta conforme varie o nível de trabalho da consciência. Em sucessão, os dados vão se armazenando de um modo particular e logo posso ir evocando a ordem sucessiva, mas isso não funciona assim em outros níveis de trabalho da consciência. A sucessão do transcorrer se modifica conforme os níveis de consciência. Então, as coisas anteriores podem parecer como posteriores, as posteriores como anteriores, e aí se produz essa mescla particular que ocorre nos sonhos.

Há duas características importantes na estruturação que a consciência faz, conforme o nível de trabalho que esteja operando: por um lado, o ordenamento dos tempos e, por outro lado, a variação da reversibilidade.

A eficácia dos mecanismos de reversibilidade e o ordenamento dos objetos nos tempos de consciência são características puramente vigílicas. Podemos falar de outra espécie de mecanismo ou de outra espécie de função da consciência, como a atenção, que é uma aptidão da consciência que permite observar os fenômenos internos e externos. Quando um estímulo supera o limiar, desperta o interesse da consciência, ficando em um campo central ao qual se dirige a atenção. Ou seja, a atenção funciona por interesses, por algo que de algum modo impressiona a consciência.

Surge um estímulo que ultrapassa o limiar e, então, não havendo outras coisas que tratar, minha atenção se dirige ao estímulo que o solicita. Ou seja, essa atenção sempre é guiada por interesses, que são registros. O objeto pode ficar em um campo central e, nesse caso, estou considerando-o plenamente. Se considero plenamente esse objeto, os objetos que o rodeiam perdem interesse, no sentido de que minha atenção abrange o objeto e, secundariamente, seu campo se amplia a outros. Mas, minha atenção está dirigida a um objeto. Chamo isso de campo de presença: tudo aquilo que aparece em minha atenção de modo soberano. E tudo o que não aparece ligado estritamente a esse objeto vai se diluindo em minha atenção. É como se eu me desinteressasse por outras coisas que rodeiam o objeto. Considero esse desinteresse objetual gradual, ingressando no campo da copresença, mas essa copresença é também atuante e acompanha a presença do objeto central. Portanto, não devemos confundir os campos de presença e copresença com a velha representação do “foco atencional” que se supunha ressaltar o objeto ao qual se atendia e desvanecia gradualmente os outros objetos, colocando-os em situação de inatividade.

Esses campos de copresença, embora apareçam como fenômenos estritamente do mecanismo de consciência, têm a ver com a memória. Em um primeiro momento, estou observando um objeto. Esse objeto está rodeado de outros. O objeto que atendo é o mais importante, mas também há outros. Essas operações têm a ver com a atenção e têm a ver com a percepção. Se evoco o objeto central que observei anteriormente, então entrará em meu campo de presença; mas agora posso também evocar e colocar em meu campo de presença os objetos que foram secundários no momento da percepção. De maneira que, na evocação, posso deslocar meu campo de presença para as copresenças. Aquilo que era secundário pode se converter na evocação, no primário. Eu posso fazer tudo isso porque, de qualquer maneira, houve registro do objeto presente e dos objetos copresentes.

E essas copresenças em memória vão cumprir com funções muito importantes porque vão permitir que eu ligue uma quantidade de objetos que não estão presentes em um momento de gravação, mas que foram gravados antes. E isso vai me permitir dizer: “Ah, isso se parece com tal coisa que vi antes! Ah, isso se parece com essa outra coisa! Ah, isso é diferente daquilo! Ah, isso se relaciona com aquilo!” Porque, à medida que vou percebendo, também está trabalhando a memória e, copresentemente, estão trabalhando numerosos dados frente ao que vejo. Esse trabalho de presenças e copresenças permite estruturar os dados novos que

vão chegando, mesmo que seja pelas percepções. Se não houvesse a pressão desses dados de copresença, não poderia estruturar os dados novos que chegam.

Assim, dizemos muito simplesmente que, quando a atenção trabalha, há objetos que aparecem como centrais e objetos que aparecem na periferia, objetos que aparecem copresentemente. Essa presença e copresença atencional ocorre tanto com os objetos externos quanto com os objetos internos.

Ao atender a um objeto, torna-se presente um aspecto evidente, e o não evidente opera de modo copresente. Esse objeto que estou vendo está presente somente no que consigo perceber dele, o resto está “tapado”. Mas isso que está tapado atua de modo copresente. Eu não imagino que é apenas uma linha que tenho diante de mim ou apenas um plano ou dois planos que simplesmente percebo. Eu me dou conta de que se trata de um corpo. Tudo isso está trabalhando copresentemente. E tudo isso é mais que a percepção que tenho. Cada vez que percebo, percebo o objeto mais o que o acompanha. Isto é o que a consciência faz sobre a percepção. E sempre estou percebendo, estou estruturando mais do que percebo. Às vezes, faço isso bem, às vezes, não tão bem. Inferir mais do que se percebe de um objeto é característico da consciência. A consciência trabalha com mais do que precisa atender, ultrapassa o objeto observado. Nos distintos níveis de consciência se experimenta o mesmo. Por exemplo, em vigília há copresença de devaneio e nos sonhos pode haver vigília copresente. Quem não teve a sensação, enquanto dormia, de que estava acordado? Quem não teve a sensação de saber, enquanto dormia, que estava sonhando? Quem não teve a sensação, em vigília, de estar mais ou menos dormido ao perceber a força de uma sequência de devaneios? Os níveis estão trabalhando copresentemente e, às vezes, temos registro desse fato. Às vezes, afloram conteúdos de distintos níveis para a vigília e, então, tomo consciência da pressão desses conteúdos. Minha vigília é invadida por um estado, meu nível de consciência vigílico é invadido por um estado que não corresponde ao mundo da percepção, por objetos que nada têm a ver com os objetos que percebo cotidianamente. Os estados que surgem em minha vigília me mostram que estão operando outros níveis simultaneamente ao nível de vigília. Isso também é copresença do trabalho dos outros níveis, simultaneamente ao trabalho de determinado nível.

Há também nessa consciência singular alguns mecanismos abstrativos e associativos. A capacidade de abstração da consciência também aumenta no nível vigílico. Dizemos que, em geral, em vigília aumenta a reversibilidade, aumenta o manejo da atenção, aumenta a ordem dos acontecimentos no tempo e também aumenta o trabalho abstrativo da consciência. Em semissono e no sono, descem em seu nível de trabalho todos os mecanismos que descrevemos antes e diminui, também, a capacidade de abstração. À medida que se baixa de nível, diminui a capacidade de abstração, pode-se abstrair menos. Faz-se menos operações matemática quando se tem sono e poucas operações matemática quando se dorme. Mas, à medida que baixa o nível de consciência aumenta a capacidade associativa. Na base da vigília está também a associação, mas a vigília se especializa nos mecanismos abstrativos. Falando da imaginação, dizemos que seu trabalho se manifesta ativando os mecanismos associativos. Comprovamos que há uma imaginação espontânea, por assim dizer, simplesmente associativa e uma imaginação dirigida. É muito diferente associar coisas desordenadamente e relacionar distintas ocorrências como pode fazer, por exemplo, um romancista. Ele escreve: “primeiro capítulo”,

“segundo capítulo” e vai ordenando a imaginação. É bem diferente a imaginação espontânea, desordenada e associativa da imaginação que ordena todo o associativo que ocorreu. Esta costuma ser chamada de “imaginação dirigida”. A arte trabalha muito com esse tipo de imaginação.

Há importantes distinções entre as operações abstrativas e as operações imaginativas. As abstrativas têm mais lógica, ordenam o mundo dos dados. Já a imaginação não se ocupa de ordenar, mas sim de trabalhar com imagens que funcionam conforme associações e que vão do igual ao igual ou do parecido ao parecido. Essa é uma via que chamamos de similitude. Similitude é, por exemplo, a associação vermelho-sangue. Por contiguidade, ou proximidade, pode-se associar ponte-rio. E por contraste pode-se associar branco-negro, alto-baixo e assim por diante. A imaginação divagatória se caracteriza pela associação livre, sem guia, em que as imagens se soltam e se impõem à consciência, sobretudo em sonhos e devaneios. Na imaginação dirigida, ao contrário, há certa liberdade operativa da consciência em seu nível vígilico, admitindo uma direção em torno de um plano de criatividade com o interesse de formalizar algo ainda inexistente. Alguém segue um plano e diz: “Vou escrever sobre tal coisa” e solta a imaginação, mas vai seguindo, mais ou menos, o plano.

Conforme os impulsos que chegam à consciência sejam trabalhados por um ou outro dos mecanismos assinalados, ou seja, pelos mecanismos de abstração ou pelos mecanismos de associação, obteremos distintas traduções que serão formalizadas em distintas representações. Normalmente, os trabalhos abstratos têm pouco a ver com a imagem. Ao contrário, quando se soltam os mecanismos associativos, a base do trabalho é a imagem. Essa questão da imagem nos leva a questões de suma importância.

6. Espaço de representação⁷

Alguns psicólogos acreditaram ver na imagem uma “cópia” ruim da percepção e, em suma, um erro da consciência. Para nós, a imagem cumpre com numerosas funções. E uma das mais importantes funções da imagem é levar impulsos ao aparato de resposta. Assim, quando surge uma imagem, uma resposta tende a se mobilizar. Quando surge uma abstração não se mobiliza necessariamente uma resposta. Com as “coisas que imagino” acontece que vou levando impulsos da representação ao aparato de resposta. Veremos isso mediante o exemplo da “tonicidade muscular”. Se imaginar um objeto à direita de meu corpo, pouco a pouco este tenderá a se inclinar nessa direção. Se imaginar à esquerda, acontecerá o mesmo para essa direção. É mais fácil a mão se mover em direção ao objeto que se pensa; é mais difícil que se mova na direção oposta. A imagem está predispondo o trabalho do centro motriz em uma ou outra direção.

Vamos desenvolver isso. Uma pessoa sente fome em sua casa e vai imediatamente à geladeira. Qualquer um diria que, frente ao estímulo, essa resposta atua. Assim tão fácil! No entanto,

⁷ Sobre o espaço de representação, ver Silo, *Psicologia da Imagem*, Obras Completas, Vol. I

como o “estímulo-fome” corresponde à “resposta-ir à geladeira”? Por que, por exemplo, quando uma pessoa sente fome não vai para o banheiro? Como ela faz para que apareça a geladeira e não o banheiro? Certamente, aconteceu algo muito veloz que ela nem sequer chegou a visualizar, mas atuou. É de suma importância compreender a função com que cumpre a imagem porque esta é a que prepara o tom corporal e, finalmente, move o corpo em uma direção. Ao dizer que “a imagem leva cargas psíquicas a níveis físicos” estamos a muita distância do que pensavam os psicólogos que consideravam a imagem como uma percepção degradada. Relacionemos o trabalho das imagens com o dos glóbulos vermelhos. Esses glóbulos do sangue chegam até os pulmões e se carregam de oxigênio; dali se transportam pela corrente para descarregar o oxigênio em distintos pontos do corpo; quando o fazem, carregam-se de gases viciados e, então, voltam para os pulmões para descartar sua carga neles. Da mesma maneira, essas conectivas do trabalho psíquico (as imagens) pegam cargas de um lado, levam para outro, descarregam e voltam a pegar cargas, e assim vão fazendo esse transporte de energia psicofísica. As imagens transportam impulsos que, às vezes são tensões, às vezes são irritações, às vezes são dados de percepção, às vezes são dados de memória. Esses impulsos vão sendo traduzidos em imagens que, ao se manifestarem, lançam-se aos centros de resposta. Então, os centros se movem, defendendo o corpo e provocando fuga ou se aproximando de coisas prazerosas. Graças a essas imagens, os registros do que é prazeroso ou doloroso podem se transformar em atividade do corpo. Mas também acontece isso com o prazeroso e o doloroso nas próprias atividades da mente. Algumas imagens estão cumprindo com a função de descarregar tensões na representação pela função de evocar objetos ou situações prazerosas que sirvam à economia do psiquismo. Essas imagens sempre tendem a abrir caminho e, ao fazê-lo, vão encontrando resistências. Há, precisamente, certas imagens que se impõem obsessivamente porque não podem abrir caminho. Certamente, existem procedimentos para permitir que a imagem abra caminho e se manifeste em direção ao centro em questão. E isso nos faz ver claramente a função catártica da imagem. A imagem se transforma depois em palavras, por exemplo, e pelas palavras algumas tensões se descarregam ou continuam se transformando em seu deslocamento em direção aos centros. Além disso, vamos encontrar não apenas a função “catártica” (o transporte de carga da imagem), mas também a função “transferencial” da imagem, quando vai se desprendendo do campo de impulsos que a motivou.

Perguntemos: como é possível que, no nível de sono, as imagens que são tão poderosas não movam o corpo? Deveriam, por tonicidade, mover o corpo mais que em vigília. Se à medida que baixa o nível há mais imagens, então durante o sono o corpo deveria mover-se mais. Entretanto, o normal é que, no sono, o corpo não se mova seguindo as imagens. Aí opera um mecanismo de bloqueio que, fisiologicamente, pode ser rastreado; um mecanismo que atua quando baixa o nível de consciência, cortando a conexão com o trabalho do centro motriz. Então, as imagens surgem e não acontece a descarga que mobiliza o corpo.

Quando falamos de imagens, não estamos falando apenas das imagens visuais. Cada sentido produz seu tipo de imagem e, graças a isso, pode-se ter representação de fenômenos olfativos, gustativos, auditivos, etc. Normalmente, sobretudo neste tipo de cultura e de educação, as imagens estão associadas ao visual. Entretanto, vocês podem comprovar, em vocês mesmos, que também podem representar aromas ou podem recordar vozes, sem que isso necessariamente dependa da representação visual. Isso que recordam enquanto olfato ou som

ocorre em “algum lugar” da representação. Certamente, vocês vão distinguir, quanto à localização do fenômeno de representação auditiva, entre o som que chega de fora e o som que vocês representam ou imaginam. Este último não apenas está “dentro” (e isso já demarca um *espaço de representação*), como também “dentro” está localizado em algum “lugar”. Esse lugar não é necessariamente visto, mas é experimentado e é sentido. Vocês agora estão em um concerto, frente à orquestra. Vocês fecham os olhos, estão muito atentos ao que acontece com os instrumentos. Vocês escutam um instrumento à esquerda. Escutam depois um instrumento à direita. Se prestarem atenção em seus próprios olhos, verão que, quando escutam à esquerda, os olhos se movem para a esquerda e, quando escutam o instrumento da direita, os olhos se movem para a direita. Dessa maneira, vocês vão seguindo não exatamente a música, mas as fontes produtoras do som também com o movimento dos olhos. Daí pode-se concluir (em mais um caso de tonicidade) que, para onde vai a atenção sobre o fenômeno, embora não seja visual, os olhos também seguem essa fonte. De tal maneira que, embora o olho nada tenha a ver com a música e o olho nada tenha a ver com o som, o olho vai seguindo no espaço os estímulos que vão chegando ao ouvido. Além disso, diz-se de um som que é “alto” ou que é “baixo” porque também (se observam o que acontece com a representação desses sons e observam o registro do movimento do olho) comprovarão que, à medida que se aguçam os sons, o olho tende a se mover para cima. À medida que os sons se tornam graves, o olho tende a se mover para baixo. Aparentemente, o olho e o ouvido não têm conexão. *Entretanto, como todos os sentidos produzem sua representação e essa representação ocorre em um espaço mental, esse espaço coloca um âmbito no qual se situam as representações que provieram de distintas fontes perceptuais. Esse espaço não é senão o conjunto de representações internas do próprio sistema cenestésico.* De tal modo que o espaço mental é uma espécie de tela que reproduz os impulsos da própria cenestesia. Assim, todo fenômeno de percepção que chega ao aparato de coordenação se localiza em algum ponto da tela de representação. Seja um som, seja um odor ou um objeto que entra pela via visual, em todos os casos ele se localiza em algum ponto do *espaço de representação*. Esse espaço não tem apenas gradação em dois planos, mas também profundidade, volume e reproduz, aproximadamente, o próprio corpo. Trata-se de um “corpo” de representação ou, se preferirem, de um “pano de fundo referencial espacial”.

Se você recordar aquela orquestra do exemplo, talvez se recorde também da música e da localização “espacial” em que se situavam os distintos instrumentos e os distintos sons. Podemos comprovar também que no ato de recordar se verifica o movimento do olho em busca da fonte produtora de som, localizando os “lugares” de onde provém tal “som”. Quando se recordam sons “distantes e à frente”, estes são situados em uma profundidade do espaço diferente das recordações de sons localizados “perto e à frente”, e essa gradação de distâncias internas está acompanhada pela acomodação do olho, como se este percebesse fenômenos do mundo externo. Estes “longe” e “perto”, combinados com as posições “à frente” e “atrás”, “à direita” e “à esquerda”, “acima” e “abaixo” nos mostram claramente a volumetria do *espaço de representação*. Se este espaço tem pelo menos três dimensões, então todo fenômeno (mesmo tátil, gustativo ou olfativo) terá possibilidade de se situar quanto a altura, largura e profundidade. Esta profundidade do *espaço de representação* é o que permite localizar os fenômenos – se partiram do mundo interno ou do mundo externo.

Aqui é necessário precisar que a “barreira” separadora dos mundos “interno” e “externo” é o tato, desdobrado correspondentemente como tato interno e tato externo. Uma importante localização da “barreira tátil” está no rosto que é, precisamente, onde se encontra concentrada em pouco espaço a maior parte dos sentidos externos.

Existe, então, um sistema de gradação no *espaço de representação* que permite localizar os fenômenos a partir da fonte de onde provêm e, além disso, distinguir, em alguma medida, entre o mundo da cenestesia e o mundo dos sentidos externos. Graças ao fato de que existe esse *espaço de representação*, um sistema de impulsos chega à consciência e se traduz em imagem, esta imagem se traduz novamente, disparando atividade sobre um centro e este se ativa em direção a alguma faixa e profundidade do espaço mencionado. Por outro lado, do trabalho do centro também se tem percepção, esta gera sua imagem correspondente e, assim, em um circuito de retroalimentação, a atividade geral vai se ajustando.

Se a representação interna se localiza no nível dos fenômenos cenestésicos, essas imagens que se convertem em respostas mobilizarão fenômenos em níveis cenestésicos. Se a representação se dispara nas gradações próprias das atividades externas, então mobilizará centros em direção externa. Certamente, pode haver numerosos erros na localização de uma imagem em um nível de representação e, então, seria de interesse contar com procedimentos que permitissem deslocar a imagem (que é a base da resposta) para o ponto adequado do *espaço de representação* interno.

O espaço de representação assume distintas características, conforme atue em um nível ou outro de consciência. O surgimento de um fenômeno no *espaço de representação* em vigília é diferente do surgimento no nível de sono. Quando veem a si mesmos em um sonho, vocês se localizam em algum ponto do *espaço de representação* diferente de quando recordam um fenômeno. No primeiro caso se veem incluídos, como imagem, dentro desse espaço, mas se observam de um ponto de observação externo (veem a si mesmos de “fora”). No segundo caso, reconhecem o fenômeno dentro do *espaço de representação* e o observam a partir de si mesmos (ou seja, seu ponto de observação está “fora”, como no caso anterior, mas vocês não se veem de um ponto de observação externo, e sim veem o objeto a partir de si mesmos, como se olhassem a partir de seus olhos, reconhecendo o objeto incluído no *espaço de representação*). Se vocês têm o ponto de observação “fora”, o espaço interno aparece como continente e a imagem de si mesmo aparece contida dentro desse espaço. Nesse caso, as consequências da tradução de imagem em movimento serão diferentes se vocês estiverem “fora” como ponto de observação e como imagem (já que veem a partir de si mesmos e, portanto, são continentes e o objeto observado é conteúdo).

O primeiro acontece nos sonhos. Vocês veem a si mesmos dentro do *espaço de representação*. O que mobilizam, então? Mobilizam a imagem de vocês mesmos. Porém, é bem diferente se vocês não virem a si mesmos, mas sim o fenômeno incluído em tal espaço. Assim, embora existam explicações fisiológicas da desconexão da motricidade que ocorre na descida dos níveis de consciência, certamente existem registros psicológicos que permitem compreender que, precisamente nos sonhos, paralisa-se a mobilização de imagens para o mundo porque o registro que o sujeito tem de si mesmo é observado de um ponto externo e, portanto, acaba incluído no espaço interno. Devemos sublinhar novamente que os registros que estamos

mencionando sobre a própria imagem e o ponto de observação não necessariamente devem ser considerados imagens visuais. Em cegos de nascimento e, conforme eles explicam, não aparecem representações visuais e recordam, sem dúvida nenhuma, muito bem, fenômenos auditivos, fenômenos gustativos e de outra natureza. Não necessitam da imagem visual. De qualquer maneira, neles as representações dos outros sentidos aparecem localizadas espacialmente.

Convém agora fazer algumas observações sobre a estruturação da consciência e o *espaço de representação* e sobre alguns erros que acontecem em seu funcionamento. Conforme os impulsos que chegam à consciência sejam trabalhados por um ou outro mecanismo de abstração, classificação, divagação ou imaginação dirigida, distintas traduções serão obtidas, formalizando diversas representações. Quanto aos erros de trabalho da consciência, podemos considerá-los diferentes dos *erros que ocorrem na relação entre consciência, sentidos e memória, que chamamos genericamente de “disfunções”*. A *alucinação, por exemplo, não é uma disfunção, mas um erro do coordenador*. Ocorre quando aparecem representações que são “projetadas” e percebidas “fora” da consciência e são experimentados como reais objetos ou situações localizados no mundo externo com as características próprias dos fenômenos que se percebem sensorialmente. *Nesse sentido, todos os fenômenos que ocorrem nos níveis de sono e semissono ativo são fenômenos alucinatórios pelo registro de realidade fortemente sugestiva que se apresenta ao observador, cujo ponto de observação está “fora” da cena de modo parecido ao da vigília*.

As alucinações (em vigília) são configurações que a consciência faz sobre a base da memória. *Costumam surgir em situações de grande esgotamento, por carência de estímulos, em determinadas enfermidades e em situações de perigo de morte. São frequentes em caso de debilidade física e em casos de consciência emocionada (que trataremos mais adiante), nos quais o coordenador perde sua faculdade de se deslocar no tempo e no espaço*.

Como disfunção da consciência com os sentidos, pode-se mencionar a incapacidade de relacionar dados coerentemente, ao confundir dados provenientes de uma via que se atribuem a outra.

As disfunções da consciência com a memória são numerosas e ocorrem nos distintos níveis de consciência. Pode-se afirmar que os diversos níveis cumprem com a função de compensar a massa de informação dando, ocasionalmente, respostas estruturadoras, ou melhor, respostas compensatórias. Isso nos faz pensar que, se um fenômeno cai no campo de um nível de consciência, imediatamente tende a ser estruturado, relacionado com outros. A partir desse nível também se gera imediatamente uma resposta compensatória. Trata-se de níveis que estão submetidos a desequilíbrios sucessivos pela irrupção de novos fenômenos. No nível de sono profundo, o trabalho dos sentidos externos é mínimo. Não há outra informação do meio externo que aquela que supera o limiar colocado pelo próprio sono. O trabalho do sentido cenestésico é predominante, contribuindo com impulsos que são traduzidos e transformados pelo trabalho dos mecanismos associativos, dando lugar ao surgimento das imagens oníricas, as imagens do sonho. As características das imagens nesse nível são seu grande poder de sugestionabilidade, sua grande capacidade hipnótica. O tempo psicológico e o espaço se encontram modificados em comparação com a vigília. A estruturação ato-objeto aparece

frequentemente sem correspondência entre seus elementos. Busca-se determinado objeto e surge outro que completa a busca de modo extraordinário. Da mesma maneira, climas e situações costumam se independizar mutuamente. De maneira que os atos de consciência nos diversos níveis não coincidem com os objetos de consciência, como ocorre em vigília. Além do mais, as cargas que acompanham as representações do nível de sono profundo se independizam dos objetos que, em vigília, manteriam uma ligação mais estreita. É típico o desaparecimento de crítica e autocrítica no sono, mas à medida que vai subindo o nível de consciência aqueles mecanismos aumentam seu trabalho.

A inércia dos níveis e o âmbito em que os fenômenos se colocam fazem com que a mobilidade e a passagem de um nível para outro ocorra paulatinamente, mais ou menos lentamente, que tenha certa continuidade. Assim, a saída e a entrada no sono ocorrem passando-se pelo semissono, e é um caso muito extraordinário a passagem direta da vigília ao sono, sem ter registros mínimos da passagem por níveis intermediários. Quando se parte do nível do sono e o sujeito acorda com alteração, nessa vigília está operando a inércia da etapa anterior de semissono que arrasta conteúdos do momento anterior.

No nível de semissono que antecede a vigília, os sentidos externos começam a enviar informação à consciência, informação que não é totalmente estruturada porque há também interferência de devaneios e presença de fortes registros cenestésicos. Os conteúdos do sono perdem poder sugestivo, mesmo que continuem aparecendo, devido a uma espécie de semipercepção vigílica que já dá novos parâmetros, dá novas referências. A sugestibilidade continua atuando, sobretudo no caso de algumas imagens muito vívidas, que chamamos de “imagens hipnagógicas”. Por outro lado, o sistema de devaneios intermitentes reaparece. É nesse nível que o núcleo de devaneio e os devaneios secundários são mais facilmente registráveis, pelo menos em seus climas e tensões básicas. O nível de semissono tem diferentes características, conforme atue em pré-sono (arrastando conteúdos de vigília) ou em pós-sono (arrastando conteúdos oníricos). Pode-se observar também o caso de um estado alterado de consciência que ocorre somente em determinadas condições. O modo de devaneio próprio desse nível (continuamos falando do semissono) costuma se transportar por inércia para a vigília, proporcionando a matéria-prima para a divagação, embora nesta também apareçam elementos de percepção vigílica. Certamente, no traslado de um nível a outro vai se modificando o *espaço de representação* e vai se modificando a localização que o sujeito faz de si mesmo nesse espaço. O coordenador nesse âmbito já pode realizar algumas operações coerentes. Mencionamos também que esse nível é extremamente instável e, por isso, de fácil desequilíbrio e alteração. Encontramos também os estados de semissono passivo e ativo. O passivo oferece uma passagem fácil para o sono, como se o sujeito se deixasse simplesmente “cair” e corresponde a um sistema de relaxamento progressivo. Falamos, por sua vez, de semissono ativo quando o semissono está se dispondo em direção à vigília. Esse estado pode tornar-se “alterado” quando se passa para uma “falsa vigília”, conectando o sistema de relações com o mundo externo, mas sem abandonar o sistema de ideação do semissono.

Em vigília, os sentidos externos contribuem com maior caudal de informação regulando, por inibição, os sentidos internos e possibilitando que o coordenador se oriente ao mundo no trabalho compensatório do psiquismo. Funcionam aqui os mecanismos de abstração, os

mecanismos de crítica e autocrítica, chegando a altos graus de manifestação e intervenção nas tarefas de coordenar e registrar. Os mecanismos de reversibilidade, dos quais se tinha mínima manifestação nos níveis anteriores, podem aqui atuar amplamente. A sugestão dos conteúdos infravigílicos diminui ao crescer o sistema de referência baseado nos dados externos. Há um tom de vigília ativa, que pode ser atenta com máximo manejo da apercepção, e há também um tom de vigília alterada. A vigília passiva também pode ser atenta ou alterada. Neste último caso, aparece a divagação silenciosa e os devaneios mais ou menos fixos.

Existem numerosas relações entre níveis que produzem alterações recíprocas. Não é possível que um nível atue sobre outro, que haja transporte de carga de um nível sobre outro, sem que este nível seja afetado. Todo nível que atua sobre outro é, por sua vez, afetado. Podemos citar pelo menos quatro fatores que incidem na relação entre níveis. Chamamos esses fatores de inércia, ruído, rebote e arrasto. Façamos um pouco da inércia. Cada nível de consciência tenta manter seu nível próprio de trabalho, mantendo sua atividade até finalizar seu ciclo. Já falamos em determinado momento que tudo isso estava submetido a ciclagem, em geral. E é claro que a vigília tenta se manter em vigília, durante um ciclo, durante um tempo mais ou menos adequado. É o tempo em que as pessoas realizam suas atividades cotidianas. Quando aumenta a fadiga (não somente muscular, mas profunda), então o ciclo da vigília já está declinando. Mas, enquanto isso, em plena vigília este estado tenta se manter.

Os casos que mencionamos a seguir são consequências da inércia estrutural de cada nível, que tende a manter e estender seu tipo de articulação característica. O caso de “ruído” se verifica quando a inércia do nível anterior aparece como fundo de perturbação no trabalho do nível superior. A inércia do semissono aparece como fundo de perturbação nesse estado de vigília ao qual o sujeito chegou ao despertar. Como ruído, podemos distinguir os climas emotivos, as tensões e os conteúdos não correspondentes ao trabalho do coordenador nesse momento. O “efeito rebote” surge como resposta de um nível em que se introduziram conteúdos de outro nível, superando as defesas da inércia ou ao chegar às defesas da inércia. De tal maneira que pode existir um conteúdo que vai se deslocando e, chegando a determinado nível, encontra fortes resistências, encontra “defesas do nível”. Dizemos que o conteúdo “rebota”, volta para seu campo original. Às vezes, conteúdos, climas e tons próprios de um nível se transportam e permanecem em outro nível como “arrasto”. Não permanece o nível de consciência anterior, mas aquilo que foi visualizado em um nível, ao mudar o nível, permanece como arrasto. Aqueles que despertam alterados pelo sonho anterior já estão em plena vigília e mantêm as imagens do sonho ou o clima em que aconteceu aquele sonho, mantêm-no como arrasto em vigília e por um bom tempo.

Existem importantes casos de climas, tensões ou conteúdos fixos no psiquismo que são arrastados por muito tempo e se apresentam nos distintos níveis. Esses são casos de arrasto, não de um nível sobre outro, mas de um conteúdo fixo que aparece nos distintos níveis de consciência e que pode aparecer com imagens diferentes, mas com o mesmo clima que lhe é característico. Estamos falando de arrasto em sentido muito genérico.

Devemos fazer algumas distinções entre tons, climas, tensões e conteúdos. Consideramos os “tons” quanto à intensidade energética. As operações em cada nível podem ser efetuadas com maior ou menor intensidade, com maior ou menor tom. Às vezes, um tom pode se transformar

em um fator de ruído. Muito volume em uma atividade torna-se desproporcional ao contexto das outras atividades. Os “climas” sempre foram denominados (pelo menos nesta língua que falamos aqui) “estados de ânimo”. Os climas, por sua variabilidade, aparecem intermitentemente e podem cobrir a consciência durante certo tempo, tingindo todas as suas atividades. Devemos diferenciar esses estados de ânimo, que têm forte carga emotiva, das operações emotivas que acompanham todo o funcionamento do psiquismo. Se o estado de ânimo, o pano de fundo emotivo é de desgosto em geral, qualquer objeto que cair nesse campo ganhará essa característica de desgosto. Os climas podem se fixar no psiquismo e perturbar a estrutura completa, impedindo a mobilidade e o deslocamento para outros climas oportunos. Esses climas fixos circulam pelos distintos níveis e, assim, podem passar da vigília para o sono, continuar ali, voltar para a vigília e, assim seguindo, durante muito tempo. Tudo isso é diferente do clima situacional que aparece em situações precisas. As “tensões” têm uma raiz mais física, mais corporal. Certamente, tudo é corporal, mas essas tensões têm uma raiz mais “corporal” no registro que se tem delas, já que as percebemos diretamente na musculatura. Os climas, ao contrário, são registrados de maneira difusa. A vinculação dessas tensões com o psiquismo nem sempre é direta, já que o relaxamento muscular não é diretamente acompanhado por um relaxamento mental – a consciência pode continuar com tensões e alterações enquanto o corpo já conseguiu relaxar. Isso tem alguma importância ao se considerar os sistemas de descarga de tensões. Costuma-se acreditar que uma descarga física, muscular, sempre corresponde a uma distensão mental. E isso às vezes não acontece. Às vezes, gera-se uma curiosa contradição no sujeito, que experimenta fisicamente essa descarga de tensões e, no entanto, continua registrando tensões indefinidas.

Deveríamos levar em conta como se integra esse circuito entre sentidos, memória, coordenador, níveis e centros. As conectivas entre sentidos, memória, consciência e centros revelam aspectos importantes do funcionamento do psiquismo. Esses circuitos conectivos trabalham em inter-regulação. Estão regulados entre si, ajustados entre si em dinâmica contínua, levando assim todo o psiquismo a uma complexa autorregulação. Quando o coordenador faz apercepção da percepção, por exemplo, a evocação fica inibida. O coordenador agora está atento a um objeto de percepção e, enquanto está atento a esse objeto, os dados que a memória fornece mecanicamente ficam bloqueados. Pode-se dizer que, de qualquer maneira, a memória fornece informação para que se possa reconhecer o dado que vem da percepção. Porém, a evidência das operações da memória desaparece e, então, fica aberta a porta de entrada à percepção e a atenção se dirige para ela. Inversamente, a apercepção da memória inibe a percepção. Notem o olhar de um sujeito quando evoca. Ele tende a fechar os olhos, tende a diminuir a atividade dos sentidos externos. Por outro lado, observem o que acontece nas mentes perturbadas, quando se mesclam esses processos, que deveriam estar inter-regulados e compensados. Ao contrário, o sujeito está submerso em um mundo evocatório e seu olhar se torna fixo, vidrado e aberto, dando a entender uma espécie de atividade alucinatória, em que aquilo que está acontecendo com sua evocação é transportado ao mundo objetual, cobrindo-o, como se recebesse informação externa.

Quando os sentidos externos estão atuando, freia-se a entrada de estímulos internos e vice-versa. A maior inter-regulação aparece nas mudanças de nível de trabalho quando, ao baixar ao sono, bloqueiam-se os mecanismos de reversibilidade. Vamos baixando de nível de

consciência e vão se bloqueando os mecanismos de reversibilidade, soltando-se então com força os mecanismos de associação.

Entre os sentidos também há inter-regulação automática. Quando a visão amplia seu limiar médio, diminui o tato, o olfato e a audição, acontecendo o mesmo com os demais sentidos. Fecham-se os olhos para ouvir melhor, etc.

Quanto ao *espaço de representação*, em que ocorrem as imagens provenientes de distintos sentidos, ocorrem fenômenos muito interessantes. À medida que se desce de nível de consciência, o *espaço de representação* aumenta em dimensão, torna-se “volumétrico”. Isso acontece porque, à medida que se desce de nível de consciência, diminui o registro dos sentidos externos e aumenta o registro cenestésico interno. Portanto, à medida que se desce de nível, ao aumentar o registro dos sinais de todo o intracorpo, aumenta também a tradução da configuração de volume do espaço mental. Este ganha dimensão e amplitude. À medida que sobe o nível de consciência, os sinais provenientes da cenestesia se apagam, diminuem e começam as confrontações com os dados das operações mentais e com os dados que provêm de sentidos externos. Assim, *subida de nível de consciência significa “aplainamento do espaço de representação”, falta de registro das outras configurações feitas nos níveis mais profundos.*

Certamente, o *espaço de representação* está atuando em plena vigília, mas esse espaço, em vez de ganhar volume, “aplaina-se”, marcando as diferenças na representação dos fenômenos internos e dos fenômenos externos. De qualquer maneira, também tem sua profundidade. Quando em plena vigília represento um fenômeno que está atrás de mim, represento-o em uma espécie de espaço mental que, neste caso, inclui a parte detrás de minha cabeça, embora nela não haja olhos. Como os olhos e os outros sentidos externos estão situados na superfície externa e anterior do corpo, quando ocorre um tipo de representação como a que mencionamos (ver o que está detrás de mim), tenho referências para marcar diferenças entre os fenômenos externos de percepção e os internos de representação. Isso não acontece quando se desce de nível e se observa o fenômeno em qualquer direção, porque os registros cenestésicos provêm de todas as direções. E, então, posso ver a mim mesmo como acontece nos sonhos, de fora, como se estivesse me percebendo a partir dos registros que tenho em diversas partes do *espaço de representação*. Ao observar as representações em um espaço diferente do vígílico (no nível de sono), esses conteúdos aparecem fora do observador, já que este se encontra (como ponto de observação) situado nos limites do *espaço de representação*, sendo “continente” dos objetos que se representam. Mas ocorre que eu mesmo (como representação) posso estar colocado dentro desse espaço e ser observado a partir dos limites do continente. Certamente, esse “eu mesmo” pode ser representado de diversas maneiras: como imagem visual ou como soma de registros não visuais. No nível vígílico se observa o mundo externo como não incluído no *espaço de representação* e “eu mesmo” fica identificado com o ponto de observação que aparece no outro extremo da relação, estando excluído do mundo do qual provêm as percepções, salvo nos casos alucinatórios em vigília, nos quais o *espaço de representação* se modifica e os conteúdos internos são “projetados” ao mundo externo e tomados, conseqüentemente, como percepções provenientes dos sentidos externos. Por sua vez, isso acontece porque os mecanismos de reversibilidade foram bloqueados, alterando o nível de consciência.

7. Impulsos: tradução e transformação.

Morfologia dos impulsos: signos, símbolos e alegorias.

Os impulsos que chegam ao coordenador, provenientes dos sentidos e da memória, são transformados em representações, em imagens. A consciência processa essas estruturas de percepção e reminiscência a fim de elaborar respostas eficazes em seu trabalho de equilibrar os meios externo e interno. Enquanto um devaneio é uma imagem-resposta ao meio interno da consciência, um deslocamento motriz é um movimento-resposta ao meio externo do psiquismo, e esse deslocamento está levado também por imagens. No caso das ideias intelectuais levadas a níveis sígnicos, contamos com outro tipo de imagem-resposta que vai cumprir com funções de comunicação, como é o caso da linguagem. Mas também sabemos que há determinados signos e ideias puras, abstratas, que voltam sobre o interior do psiquismo.

Por outro lado, qualquer representação que surge no campo de presença do coordenador suscita cadeias associativas entre o objeto apresentado e sua copresença. Assim, enquanto o objeto é captado com precisão de detalhes no campo de presença, no campo de copresença aparecem relações com objetos que não estão presentes, mas que estão vinculados com ele, desempenhando a memória um papel fundamental.

O tema dos impulsos tem importância pela forma particular do coordenador de trabalhar as representações, fazendo isso por duas vias. Pela *via abstrativa*, opera reduzindo a multiplicidade fenomênica a seus caracteres essenciais. Sejam fenômenos do mundo externo ou interno, existe *atividade abstrativa*, por um lado, e *atividade associativa*, por outro. As representações se estruturam sobre a base de similitude, contiguidade, contraste e outras formas menores, estabelecendo-se distintos ordenamentos conforme o nível em que operam.

Partindo dessas duas vias de abstração e associação, a consciência organiza imagens dentro de um *espaço de representação*. Essas imagens são nexos entre a consciência que as forma e os fenômenos do mundo objetual (interno ou externo) aos quais estão referidos. Não haveria comunicação entre o mundo objetual e a consciência, se não existissem esses fenômenos que partiram como impulsos de algumas das vias que produzem essas imagens, que se situam no nível que corresponde no *espaço de representação* e que efetuam seu disparo de sinal sobre o centro correspondente para que o sinal transformado se manifeste no mundo externo ou interno.

Os impulsos serão fortemente traduzidos e transformados antes de chegar à consciência, antes de chegar a esses aparatos abstrativos e associativos, conforme as condições sensoriais prévias e, posteriormente, conforme o trabalho dos níveis de consciência. Estamos dizendo que os impulsos que partem do aparato sensorial e chegam à consciência – e na consciência abrem a via abstrativa ou a via associativa – esses impulsos, já antes de chegar à consciência, podem estar transformados ou traduzidos. Ao estarem transformados ou traduzidos, abrem as distintas vias com informação que não corresponde exatamente ao dado que chegou ao sentido. Outro tanto vai acontecer com dados que, provenientes da memória, abrem as vias

associativas ou abstrativas na consciência, mas que antes de chegar a ela sofreram traduções e transformações.

Destaquemos uma vez mais que de cada sentido brotam impulsos que se traduzem logo como imagens correspondentes, embora tais imagens não sejam visuais (salvo, obviamente, as da visão). Todos os sentidos fazem seu disparo sensorial que vai se traduzir em imagem correspondente ao sentido: imagens auditivas, imagens táteis, cenestésicas, etc. Desse modo, os impulsos cenestésicos produzirão imagens, mas os fenômenos de tradução e transformação complicarão as coisas, a tal ponto que aparecerão imagens correspondentes a um sentido, quando em realidade tais imagens provieram dos impulsos de outro sentido. Assim, por exemplo, um dado cenestésico interno chega à consciência e abre uma via associativa ou abstrativa, mas esse dado ao chegar à consciência aparece ou se configura como imagem visual, quando em realidade sua primeira fonte foi cenestésica. A cenestesia não informa com dados visuais, mas ocorreu uma tradução do impulso e chegou à consciência. O dado foi primeiramente cenestésico, mas agora aparece uma representação visual, auditiva ou de outro tipo. É muito difícil seguir o impulso em questão, precisamente por essas transformações que ocorrem no caminho. Isso impediu que estudiosos do tema compreendessem o funcionamento do aparato psíquico, a mobilidade de um impulso, sua transformação, sua tradução e sua última expressão, tão afastada das condições que o originaram.

O problema da dor adquire outra valoração, ao se compreender aquilo que produz dor em um ponto, que pode ser ilusoriamente transformado, traduzido e experimentar novas deformações na evocação. Quanto ao sofrimento, já não à dor, valem as mesmas considerações, já que ao transformarem-se os impulsos em imagens não correspondentes, mobilizam-se respostas que tampouco correspondem aos impulsos iniciais de sofrimento. Assim, o problema da dor e do sofrimento considerados simplesmente como sensações tem sua mecânica, mas como os impulsos chegam deformados e transformados em representação, é necessário apelar ao trabalho da imaginação para compreendê-los em sua totalidade. Por conseguinte, não basta explicar a dor somente como sensação. É necessário compreender que essa sensação dolorosa ou sofridora se transforma e se traduz pela imaginação e também pelos dados que provêm da memória. A dor e o sofrimento terminam fortemente deformados, traduzidos e transformados pela imaginação em geral. Assim, diversos sofrimentos não existem em lugar nenhum, a não ser nas imagens traduzidas e transformadas pela mente.

Vamos falar dos impulsos produzidos na consciência de modo característico, depois de ter tomado vias particulares que conhecemos como abstrativas e associativas. Esses impulsos na consciência poderiam abrir outros canais, mas vamos nos ater somente a esses dois.

Ao chegar à consciência, os impulsos se estruturam de modo característico, dependendo essa estruturação, entre outras coisas, do nível de trabalho em que se acha a consciência nesse momento. As imagens que logo serão geradas foram estruturadas de modo característico. Em geral, chamamos essas estruturas feitas com os impulsos de “forma”. Se pensamos nas formas como entidades separadas do processo psicológico, podemos chegar a considerá-las como existentes em si, acreditando que as representações vêm para preencher essas formas. Houve alguns antigos que pensaram assim, que essas formas existiam e que, então, os processos internos deviam encher essas formas. As formas, em realidade, são âmbitos mentais

de registro interno que permitem estruturar distintos fenômenos. Quando falamos da “forma” de um fenômeno interno de consciência, estamos mencionando a estrutura particular desse fenômeno. Não falamos de “formas” independentes, mas de como esses fenômenos se estruturam. O senso comum menciona isso de modo simples: “as coisas estão organizadas de uma forma especial”, as pessoas dizem. “As coisas se fazem de determinada forma, de determinada maneira.” Estamos nos referindo a isso quando falamos de forma. E podemos identificar as formas com as imagens, uma vez que estas imagens já partiram das vias associativas ou abstrativas.

Podemos falar de formas como estruturas de percepção, por exemplo. Cada sentido tem sua forma de estruturar esses dados. A consciência estruturará esses dados com formas características correspondentes às distintas vias. De um mesmo objeto, por exemplo, podem-se ter distintas formas, conforme os canais de sensação usados, conforme a perspectiva com relação a esse objeto e conforme o tipo de estruturação que a consciência efetue. Todas essas formas que se têm de um mesmo objeto podem fazê-lo parecer diferente dele mesmo, como se fossem objetos diferentes, conforme seja percebido pela audição, por exemplo, ou pela visão. Aparentemente, são objetos diferentes porque a estruturação que se faz dos dados que provêm desse objeto é diferente.

Na aprendizagem há um problema porque é necessário fazer com que correspondam, na medida em que se está obtendo uma imagem total do objeto, formas perceptuais diferentes. Assim, surpreendo-me ao escutar o som de um objeto que não coincide com a imagem (auditiva) que me parecia que deveria corresponder. Sustentei esse objeto em minhas mãos e percebi seu peso, observei-o com a visão, mas o objeto caiu no chão e emitiu um som que não teria imaginado. Como faço, então, com dados estruturados de maneiras tão diferentes, com dados sensoriais auditivos, táteis, olfativos, etc., para fazê-los corresponder em minha estrutura de consciência? Isso é possível porque todo esse sistema de percepção diverso se estrutura dentro de uma forma de percepção que está ligada a registros internos. Quando reconheço um objeto, digo que este pode usar distintos sinais, distintos signos que são codificações de registro. Quando tenho um registro codificado de um objeto e este objeto aparece diante de minha percepção, posso considerá-lo completo, embora dele tenha somente uma faixa de sua totalidade. Os signos despertam em mim registros codificados. Não são signos apenas os signos da linguagem. Escuto uma palavra e, considerada conceitualmente, posso dizer que se trata de uma expressão que tem um significado. No entanto, considerada a partir da estrutura da consciência, essa palavra que chega é um impulso cujo registro, para mim, está codificado. Assim, uma palavra coloca em movimento diversas atividades de minha mente, porque solta o registro que lhe corresponde; outra palavra solta outro tipo de registro e assim por diante. Mas acontece que essas expressões que chegam a mim são estruturadas com determinada forma. Muitas palavras vão articulando frases, vão articulando orações, vão articulando conjuntos e esses conjuntos, às vezes, também funcionam como signos codificados. Já não se trata de que considere a palavra “casa” como signo, porque está codificada como registro em mim. Agora se trata de que todo um conjunto de palavras está codificado de modo estruturado. De maneira que essas estruturas, essas formas de organizar a linguagem também aparecem como codificadas em mim.

Cada um dos distintos níveis de consciência coloca seu próprio âmbito formal. Isso quer dizer que os distintos níveis de consciência estruturam os dados que chegam à minha consciência de modo diferente, de forma diferente. Cada nível procede como a estrutura de âmbito mais geral e está ligado (esse nível) a formas características. As formas que emergem na consciência vão depender, em grande medida, desse nível que está colocando seu âmbito estruturador. O estímulo vai se converter em forma, ou seja, o estímulo vai se converter em imagem quando a consciência estruturá-lo a partir de seu nível de trabalho. Assim, um mesmo estímulo será traduzido de formas distintas, em imagens distintas. E essas imagens podem se transportar na consciência.

Como o signo codificado em mim aparece novamente, reconheço-o e aparece com uma forma característica localizado em meu *espaço de representação*. Minha consciência pode perfeitamente transportar a imagem que veio de um sentido a imagens que correspondem a outros sentidos, porque, para fins de reconhecimento, uma só característica ou faixa de percepção pode ser suficiente para estruturar o todo objetual. Assim, poderia acontecer que um dado proveniente do olho fosse transladado internamente a um dado proveniente do ouvido. Ou seja, poderia atuar na consciência a tradução de um dado perceptual, como se esse dado fosse proveniente de outro sentido. Assim, embora esse signo desperte imagens diferentes, elas correspondem entre si quanto à localização que têm no *espaço de representação* e quanto à função com que vão cumprir depois como imagem ao dar seus disparos ao centro correspondente. Nesse caso, que eu escute o crepitar do fogo muito próximo de mim, que veja o fogo muito próximo de mim, que sinta o cheiro do fogo muito próximo de mim, em todos os casos essas percepções que chegam a mim por canais diferentes se estruturam em uma representação global característica e todas as percepções são permutáveis, substituíveis umas por outras. Substituíveis e, portanto, traduzíveis. Estão situadas no mesmo nível de representação, preparadas para dar o mesmo tipo de disparo de perigo. Assim, que se escute, cheire ou veja o fogo, essas percepções iniciais podem ser traduzidas. O deslocamento dos dados perceptuais externos coloca em movimento meu registro interno. Se observar uma linha no espaço, e esta linha for seguida por meu olho em uma direção, também em meu registro interno vou notar esse deslocamento. Dessa maneira, o que acontece com o olho acontece em meu espaço interno de representação. De modo que não vai ser indiferente o tipo de imagem que aparece fora, pois a imagem correspondente vai seguir determinados movimentos, vai se localizar em distintos pontos e profundidades de meu espaço interno. Assim, bastaria estudar o que faz o olho seguindo determinados fenômenos de percepção para compreender o que acontece internamente em meu sistema de registro.

A. Signos

Existe o que convencionalmente se chama “símbolo” e o que se chama “alegoria”, embora não se tenha definido com muita precisão cada uma dessas representações. Internamente, *símbolo é uma imagem que surge do canal abstrativo e alegoria é uma imagem que surge do canal associativo*. Ambos têm diferenças na estruturação e em sua forma geral. As imagens que partiram da via abstrativa são redutivas, estão despossuídas de caracteres secundários, sintetizam uma quantidade de características ou abstraem o mais essencial de todas as características presente, enquanto as imagens que correspondem à via associativa são imagens multiplicativas.

Também existem representações que cumprem com a função de codificar registros. Denominamo-las “signos”. Nesse sentido, a palavra, por exemplo, é um signo que está codificado, que suscita um tipo de registro em mim e que desperta, além disso, uma gama de fenômenos e processos. Se a uma pessoa se diz: “incêndio”, provavelmente ela não perceberá mais que a palavra incêndio, mas como esse registro está codificado, desperta em seu interior um complexo sistema de reações. E com cada palavra que se lança, com cada signo, evoca-se essa codificação e as codificações que lhe são imediatas.

Os signos, certamente, provêm de distintas vias. Por exemplo, eu posso estabelecer um sistema de relação *sínica* com outra pessoa, movendo os braços, gesticulando de determinado modo. Se eu gesticulo de determinada maneira frente a uma pessoa, esta recebe esse dado que está codificado internamente. E o que acontece com a codificação interna desse dado? Acontece que suscita em seu interior o mesmo processo que deu lugar à imagem no outro que lançou o signo. De tal maneira que se produz um fenômeno de desdobramento, em que no final chegamos ao mesmo registro. Se não chegássemos ao mesmo registro, não haveria possibilidade de comunicação entre as pessoas. Se alguém me indica algo com um gesto, devo ter desse gesto o mesmo tipo de registro interno que a outra pessoa tem, porque de outra maneira não poderia compreender o significado que tem para ela tal operação. Graças aos registros codificados, podem-se estabelecer relações entre pessoas. Sejam palavras, gestos, olhares ou posturas corporais gerais, em todos os casos estamos falando de signos que estabelecem comunicação porque temos deles a mesma codificação de registro. Basta um gesto para soltar todo um sistema complexo de registros codificados. Com um só gesto, por exemplo, pode-se inquietar muito a outra pessoa.

Podemos falar de uma *sínica* e estudá-la no mundo da comunicação entre as pessoas. Expressão e significado formam uma estrutura e são inseparáveis. Quando o significado de uma expressão é desconhecido, perde sua operatividade. As expressões que admitem diferentes significados se compreendem pelo contexto. Um signo pode ser a expressão de um significado ou assinalar por caráter associativo. Os códigos de sinalização estão realizados com signos que indicam objetos, fenômenos ou atividades. É claro que tanto o símbolo quanto a alegoria podem cumprir com funções *sínicas*. No primeiro caso, um triângulo invertido colocado em uma placa à beira de um caminho pode assinalar a ação de uma instituição rodoviária. No segundo, um raio desenhado em um cartaz pendurado em uma cerca pode indicar “perigo: eletricidade”.

Nosso interesse está colocado nos signos internos ou naqueles signos que disparam registros codificados no interior de nós mesmos. Assim como o gesto é lançado para fora como signo que o outro interpreta, também numerosos signos, símbolos e alegorias podem ser localizados no mundo externo e ser interpretados por outros.

B. Símbolos

Um *ponto* no espaço externo funcionará do mesmo modo que o ponto no *espaço de representação* interno. Comprovamos que a percepção de um ponto sem referências faz os olhos se moverem em todas as direções, pois o olho procurará parâmetros perceptuais para enquadrá-lo. O mesmo acontecerá com um ponto de representação. Frente a um ponto imaginado buscam-se parâmetros, referências, mesmo que seja com os limites do *espaço de*

representação. O ponto vai subir, vai descer, vai para um lado ou para outro, pode-se fazer o esforço para manter esse ponto, mas é como se o “olho interno” procurasse referências dentro do espaço mental. Assim, um ponto sem referências faz os olhos se moverem em todas as direções.

A *linha horizontal* leva o olho nessa direção, na direção horizontal, sem maior esforço. Entretanto, a *linha vertical* provoca certo tipo de tensão. No *espaço de representação* se apresentam maiores dificuldades para deslocar a imagem por “alturas” e “profundidades” do que em sentido horizontal. Internamente, você poderia seguir um movimento “horizontal” constante que terminasse voltando para a posição original, enquanto seria mais difícil “subir” e, circularmente, chegar de “baixo” ao ponto de origem. Da mesma maneira, o olho, pode se deslocar com maior facilidade em sentido horizontal.

Duas *linhas* que se cruzam levam o olho a se dirigir para o centro e ficar enquadrado.

A *curva* leva o olho a incluir espaço. Provoca a sensação de limite entre o interno e o externo a ela, deslizando o olho para o incluído no arco.

O *cruzamento de curvas* fixa o olho, fazendo surgir novamente o ponto.

O *cruzamento de curva e reta* fixa o ponto central e rompe o isolamento entre os espaços incluídos e excluídos no arco.

As *retas quebradas* rompem a inércia do deslocamento do olho e exigem um aumento da tensão no olhar. O mesmo acontece com os arcos descontínuos. Se no *espaço de representação* se observa uma linha horizontal e se quebra e faz descer essa linha horizontal, a inércia que esse fenômeno tinha se rompe, “freia-se”, produzindo um aumento da tensão. Se isso for feito com a horizontal, mas quebrando-a para cima, em vez de para baixo, vai ocorrer outro tipo de fenômeno. Mas, em todo caso, vai se romper a inércia.

A *repetição de segmentos iguais de retas ou curvas descontínuas* coloca novamente o movimento do olho em um sistema de inércia. Por isso, diminui a tensão do ato de olhar e ocorre a distensão. Ou seja, o prazer do ritmo que se registra nas curvas que se repetem ou nas retas em segmentos que se repetem e que foi tão importante para fins de decoração. Também no caso da audição se verifica com facilidade o efeito do ritmo.

Quando retas e curvas terminam se conectando em circuito, *surge o símbolo do enquadramento e do campo*. No *espaço de representação*, o *enquadramento maior* está dado pelos limites de dito espaço interno que, certamente, é variável. Mas, em todo caso, seus limites são o *enquadramento maior*. O que acontece dentro desse enquadramento está no *campo de representação*. Tomando, por exemplo, um quadrado e colocando um ponto dentro de seu campo, nota-se um sistema de tensões diferentes, conforme o ponto esteja próximo a uma reta descontínua (um ângulo do quadrado) ou esteja equidistante de todos os ângulos. No segundo caso, comprova-se uma espécie de equilíbrio. Pode-se tirar esse ponto do quadrado e colocá-lo fora dele, comprovando uma tendência do olho a incluí-lo no campo do quadrado. Certamente, na *representação interna* ocorrerá outro tanto.

Quando retas e curvas se separam do circuito, surge um símbolo de expansão (se aquelas têm uma direção de abertura) ou surge um símbolo de contração (se têm direção de fechamento).

Uma *figura geométrica elementar* atua como referencial de centros manifestos. Existe diferença entre centro manifesto (onde se cruzam linhas) e centro tácito (aonde se dirige o olho sem direção de linhas). Dado um quadrado, no cruzamento de suas diagonais (embora tais linhas não estejam desenhadas), surge o centro tácito, mas este se faz manifesto quando se coloca ali um ponto. Os centros manifestos, portanto, surgem quando se cortam curvas ou retas e a visão estanca. Os centros tácitos são aqueles que aparecem como se estivessem colocados, que operam como se existisse o fenômeno. Não existe tal fenômeno, mas existe o registro de estancamento do olho.

No círculo, não há centros manifestos. Há somente centro tácito, o que provoca movimentos do olho para o centro.

O ponto é o centro manifesto por excelência. Como não há enquadramento nem centro tácito, esse centro se desloca em qualquer direção.

O vazio é o centro tácito por excelência. Como não há enquadramento nem centro manifesto, esse centro provoca um movimento geral em direção a ele.

Quando um símbolo inclui outro em seu campo, o segundo é o centro manifesto. Os centros manifestos atraem o olho para eles. Um centro manifesto colocado no *espaço de representação* atrai todas as tensões do psiquismo para ele.

Dois centros de tensão provocam vazio no centro tácito, deslocando a visão para ambos os polos e logo para o centro do vazio, criando tensões intermitentes.

No campo de um símbolo de enquadramento, todos os símbolos estão em relação, e colocando um dos símbolos fora do enquadramento se estabelece uma tensão entre ele e o conjunto incluído. Com o *espaço de representação* como inclusivo maior acontece isso mesmo. Todas as imagens tendem a ser incluídas presentemente nesse espaço e as imagens copresentes tenderão a se expressar nesse espaço. Outro tanto ocorre entre níveis em sua relação de imagens. E poderia haver no *espaço de representação* determinada imagem (uma imagem obsessiva, por exemplo) que impedisse a aproximação de outras representações. Além do mais, isso acontece quando a atenção está ativa sobre um conteúdo, impedindo a interferência de outros. Mas poderia existir um grande vazio que permitisse manifestar com facilidade conteúdos profundos que chegassem a seu campo.

Os símbolos externos ao enquadramento têm relação entre si somente por sua referência ao enquadramento.

Signos, alegorias e símbolos podem servir-se mutuamente de enquadramento ou servir de enlace entre enquadramentos.

As curvas concentram a visão em direção ao centro e as pontas dispersam a atenção fora do campo.

A cor não modifica a essência do símbolo, embora o pondere como fenômeno psicológico.

A ação de forma do símbolo se verifica na medida em que se registra dito símbolo, ou seja, se alguém está colocado no interior de um recinto e não sabe que este é cúbico, esférico ou piramidal a ação de forma não se verifica. Mas, se alguém sabe ou acredita (por exemplo, experimentalmente, com os olhos vendados) que está incluído em um recinto piramidal, vai experimentar registros muito diferentes dos que registraria se acreditasse estar em um recinto esférico. O fenômeno da “ação de forma” se verifica, não pela forma em si, mas pela representação que corresponde à forma. Esses símbolos que operam como continentes produzirão numerosas tensões em outros conteúdos – a alguns darão dinâmica, a outros incluirão, a outros excluirão, etc. Em suma, será estabelecido um sistema de relações específicas entre os conteúdos, de acordo com o tipo de continente simbólico que se configure.

C. Alegorias

As alegorias são aglutinações de conteúdos diversos em uma única representação. Pelas origens de cada componente, costuma-se compreender as alegorias como representações de seres “imaginários” ou fabulosos – por exemplo, uma esfinge. Essas imagens, embora fixas em uma representação, cumprem uma função “narrativa”. Se a alguém se mencionasse “a justiça”, poderia resultar uma expressão da qual não tivesse registro ou poderia ter vários significados que se apresentassem em cadeias associativas. Se fosse este o caso, “a justiça” poderia ser representada como uma cena em que diversas pessoas cumprem com atividades judiciais ou poderia lhe aparecer uma senhora com os olhos vendados, uma balança em uma mão e uma espada na outra. Essa alegoria teria sintetizado o diverso, apresentando uma espécie de narração em uma única imagem.

As alegorias no espaço de representação têm uma curiosa aptidão para mover-se, modificar-se, transformar-se. Enquanto os símbolos são imagens fixas, as alegorias são imagens que vão se transformando, que vão realizando uma sequência de operações. Basta que se solte uma imagem dessa natureza para que ela ganhe vida própria e comece a fazer operações divagatoriamente, enquanto um símbolo colocado no espaço de representação vai contra a corrente da dinâmica da consciência e representa um esforço tentar mantê-lo sem divagações que o transformariam, fazendo-lhe perder suas propriedades.

Pode-se tirar uma alegoria da interioridade e colocá-la fora, por exemplo, como estátua em uma praça. As alegorias são narrações transformadas nas quais se fixa o diverso ou se multiplica por alusão, mas também em que se concretiza o abstrato. O caráter multiplicativo do alegórico está claramente ligado aos processos associativos.

Para compreender o alegórico é conveniente revisar as características da associação de ideias. Em um primeiro caso, diz-se que a *similitude* guia a mente, quando esta busca o que é parecido com determinado objeto. A *contiguidade*, quando busca o próprio ou o que está, esteve ou estará em contato com determinado objeto. O *contraste*, quando procura aquilo que se opõe ou que está em relação dialética com determinado objeto.

Observamos que o alegórico é fortemente situacional. É dinâmico e relata situações referidas à mente individual, como acontece nos sonhos, em algumas divagações pessoais, na patologia e

na mística. No entanto, isso também acontece com o psiquismo coletivo, como ocorre com o conto, a arte, o folclore, o mito e a religião.

As alegorias cumprem distintas funções. Relatam situações, compensando dificuldades de abarcamento total. Quando surge um fenômeno e este não é convenientemente compreendido, ele é alegorizado e se conta um conto, em vez de fazer uma descrição precisa. Se não se sabe bem o que acontece com o trovão, é provável que se conte um conto sobre alguém que anda correndo pelos céus e, se não se entende como funciona o psiquismo, então vêm os contos ou os mitos para explicar o que acontece no interior de nós mesmos.

Ao capturar situações alegoricamente, pode-se operar sobre as situações reais de modo indireto, pelo menos é o que acredita o alegorizante.

No alegórico, o fator emotivo não é dependente da representação. Nos sonhos, surgem alegorias que, se correspondessem exatamente à vida cotidiana, provocariam disparos de emoções típicas. Entretanto, no sonho se provocam disparos de emoções que não têm a ver com as representações atuantes.

Por exemplo: a pessoa que está sonhando se vê presa aos trilhos do trem; o trem se aproxima com velocidade e estrondo, mas a pessoa, em vez de experimentar desespero, começa a rir de tal modo que até acorda surpresa.

Pode-se alegorizar um estado interno e se pode dizer: “é como se me sentisse caindo por um tubo”, por exemplo. A sensação interna que se experimenta e que se registra é de certo desespero, de certo vazio, etc., mas se pode alegorizar como a “queda por um tubo”.

Para entender um sistema alegórico é necessário levar em conta o clima que acompanha a alegoria, porque é este o que vai delatar o significado. E quando não há acordo entre imagem e clima, devemos nos orientar por este, e não pela imagem, para compreender os significados profundos. Quando o clima está perfeitamente ligado à imagem correspondente não há problema em seguir a imagem, que é mais fácil de seguir. Mas se há discordância, sempre nos inclinamos a favor do clima.

As imagens alegóricas tendem a transportar energia para os centros para efetuar resposta. Certamente, existe um sistema de tensão e um sistema de descarga dessas tensões. E o alegórico faz essa “conectiva de glóbulo vermelho”, que leva cargas pela corrente, neste caso pelo circuito da consciência. Quando acontece uma translação dessas cargas, da alegoria que atua sobre um centro, ocorre uma manifestação energética. Essas manifestações energéticas podem ser apreciadas com força no riso, no choro, no ato amoroso, na confrontação agressiva, etc. Esses são os meios mais adequados para o alívio da tensão interna e, quando essas alegorias surgem, normalmente tendem a cumprir essa função de descarga.

Considerando a *composição do alegórico*, pode-se fazer uma espécie de inventário dos recursos com que conta. Assim, podemos falar dos “continentes”, por exemplo. Os continentes guardam, protegem ou encerram aquilo que está em seu interior. Os “conteúdos”, por sua vez, são aqueles elementos que estão incluídos em um âmbito. As “conectivas” são entidades que facilitam ou impedem a conexão entre conteúdos, entre âmbitos ou entre âmbitos e conteúdos. Os “atributos”, que podem ser manifestos ou tácitos (quando estão encobertos),

referem-se às propriedades dos elementos alegóricos ou da alegoria total. Também destacamos os “níveis”, as “texturas”, os “elementos” e os “momentos de processo”. Estes momentos de processo se alegorizam como idades, por exemplo. Por último, devemos mencionar os “transformismos” e as “inversões”.

Ao nos interessarmos por uma alegoria, ao tentar compreender uma alegoria, tentamos estabelecer certas *regras de interpretação* que nos ajudem a compreender o que significa essa alegoria e com qual função está cumprindo na economia do psiquismo.

1. Quando queremos fazer uma interpretação alegórica, reduzimos o alegórico a símbolo para compreender o sistema de tensões em que se situa essa alegoria. O continente de uma alegoria é o símbolo. Assim, se em um sistema alegórico aparecem várias pessoas discutindo em uma praça (quadrada ou oval, por exemplo), esta é o continente maior (com seu especial sistema de tensões, de acordo com a conformação simbólica) e em seu interior estão as pessoas discutindo (conteúdos desse símbolo). A redução simbólica considera a praça como continente que impõe seu sistema de tensões (por exemplo, tensão bifocal, se a praça for oval) à situação em que se desenvolvem de maneira conflitante os conteúdos (pessoas discutindo).

2. Tentamos compreender a matéria-prima do alegórico, ou seja, de quais canais provém o impulso principal. Provém de sentidos (e de qual ou quais) ou de memória; provém de uma mescla de sentidos e memória; provém de um estado característico de consciência que tende a fazer essas articulações particulares.

3. Tratamos de interpretar de acordo com leis associativas, conforme padrões usualmente aceitos. Assim, quando vamos interpretar essas associações, devemos nos perguntar o que significa essa alegoria, o que quer dizer para nós. E, se queremos interpretar uma alegoria que está colocada no mundo externo, como um quadro, por exemplo, deveríamos perguntar ao autor o que significa para ele tais alegorias. No entanto, poderia haver uma diferença de muitas centenas de anos entre nós e o alegorizante e, com nossos significados epocais ou culturais, dificilmente chegaríamos a interpretar o que significou para a economia do psiquismo do alegorizante. Mas, poderíamos chegar a intuir ou obter informação dos significados próprios daquela época. Dizemos, então, que é sempre bom interpretar de acordo com leis associativas e conforme os padrões usualmente aceitos. E, se estudamos uma alegoria social, devemos investigar o significado, consultando as pessoas que são ou foram agentes de tal sistema alegórico. Serão essas pessoas que esclarecerão o significado e não nós, já que não somos ou não fomos agentes desse sistema alegórico e, portanto, “infiltraríamos” nossos conteúdos (pessoais ou culturais), deformando os significados. Exemplificando: alguém me fala de um quadro no qual se vê uma anciã. Se, ao perguntar a meu interlocutor o que significa para ele a anciã da pintura, ele me responde que significa “a bondade”, então terei que aceitar isso e não será legítimo dar outra interpretação, infiltrando meus próprios conteúdos e meu sistema de tensões. Se pedir a alguém que me conte a respeito da alegoria da anciã bondosa, terei que me ater ao que a pessoa disser, porque de outro modo eu, ditatorial e ilegitimamente, ignoro a interpretação do outro e prefiro explicar tudo de acordo com o que me acontece. Assim, se o alegorizante me falar da “bondade”, não tenho por que interpretar tal “bondade” como um conteúdo sexual reprimido e deformado. Meu interlocutor não vive em uma sociedade reprimida sexualmente ao estilo de Viena do século XIX e não participa da

atmosfera neoclássica dos culteranos que liam as tragédias de Sófocles; ele vive no século XX, no Rio de Janeiro e, em todo caso, participa de uma atmosfera cultural neopagã. Assim, a melhor solução será ater-me à interpretação dada pelo alegorizante que vive e respira o clima cultural da cidade do Rio de Janeiro. Bem sabemos onde foram parar as interpretações de certas correntes psicológicas e antropológicas que substituíram os relatos e interpretações das pessoas diretamente envolvidas pelas especiais devoções do investigador.

4. Tentamos compreender o argumento. Distinguimos entre argumento e temas. Um argumento é o conto, mas dentro do conto há temas particulares. Às vezes, os temas permanecem e o argumento varia, ou os temas mudam, mas é sempre o mesmo argumento. Isso acontece, por exemplo, em um sonho ou em uma sequência de sonhos.

5. Quando há coincidência entre clima e imagem, segue-se a imagem.

6. Quando clima e imagem não coincidem, o fio condutor é o clima.

7. Consideramos o núcleo de devaneio, que aparece alegorizado como imagem ou como clima contínuo (fixo), através de distintas alegorizações e ao longo do tempo.

8. Tudo aquilo que cumpre com uma função é ela mesma e não outra. Se em um sonho se mata com uma palavra, essa palavra é uma arma. Se com uma palavra se ressuscita alguém ou se cura alguém, essa palavra é um instrumento para ressuscitar ou para curar, não outra coisa.

9. Trata-se de interpretar a cor, reconhecendo que nas representações alegóricas o espaço de representação vai do escuro ao claro, de tal modo que, à medida que as representações sobem, o próprio espaço clareia e, à medida que descem, o espaço escurece. Em todos os planos do espaço de representação podem aparecer diversas cores com diferentes gradações.

10. Quando se compreende a composição dos distintos elementos que configuram um sistema alegórico, quando se entende a relação entre os componentes e quando se pode fazer uma síntese da função com que cumprem os elementos e suas relações, pode-se considerar resolvido um nível de interpretação. Certamente, poderíamos aprofundar em novos níveis de interpretação, se fosse necessário.

11. Para entender o processo e desenvolvimento de um sistema alegórico, devemos obter várias sínteses interpretativas ao longo do tempo. Assim, pode não ser suficiente uma interpretação completa em determinado momento, se não se pode entrever o processo ou as tendências para onde poderia derivar o sistema alegórico em questão. Talvez seja necessário contar com várias interpretações ao longo do tempo.

8. Operativa

Esse espaço mental que corresponde exatamente ao corpo é registrável por mim como soma de sensações cenestésicas.

Esse “segundo corpo” é um corpo de sensação, memória e imaginação. Não tem existência em si, embora às vezes alguns tenham pretendido lhe dar entidade separada do corpo. É um “corpo” que se forma pela soma das sensações que provêm do corpo físico, mas conforme a energia da representação vai para um ponto ou outro, mobiliza uma parte ou outra do corpo. Assim, se uma imagem se concentra em um nível do espaço de representação mais interno ou externo, a uma altura ou outra, são ativados os centros do caso, mobilizando energia para o ponto corporal correspondente.

Essas imagens surgem, por exemplo, por determinada tensão corporal e, então, vamos procurar a tensão no corpo, no ponto que corresponde.

Mas o que acontece quando não há essa tensão no corpo e, no entanto, na tela de representação aparece um fenômeno de alegorização? Pode ser que tal tensão não esteja presente no corpo. Porém, pode ser que um sinal, partindo da memória, atue sobre a consciência e, na consciência, lampeje como imagem, revele que o impulso de memória influenciou em algum lugar do corpo. Ocorreu nesse momento uma contradição e ela lançou o impulso que, registrado na consciência, apareceu na tela como alegorização, e isso nos dá a entender que o fenômeno está lançando seu pulso a partir de um ponto do corpo. Esses fenômenos pertencem ao passado, não estão presentes, não há uma tensão permanente atuando e, entretanto, essa tensão (que não é uma tensão em si, mas um impulso gravado na memória) coloca em marcha uma tensão com o registro cenestésico correspondente e logo aparecerá como imagem. Conforme se evoque no sistema de registro determinado “bit”, determinado sinal e este sinal seja liberado para o mecanismo de consciência, poderão aparecer simultaneamente fenômenos de contração do corpo ou fenômenos irritativos do corpo.

Estou pesquisando fenômenos que não existem atualmente. Fenômenos que posso registrar em meu próprio corpo, na medida em que são evocados, mas que não existem constantemente no corpo, senão na memória e, ao serem evocados, expressam-se no corpo. De maneira que esse espaço de representação tem caráter de intermediário entre uns e outros mecanismos porque é formado pela soma de sensações cenestésicas. Nele se manifestam fenômenos transformados de sensações externas ou internas e nele se expressam fenômenos já produzidos há muito tempo e que estão situados na memória. Também nele aparecem fenômenos que não existem nesse momento no corpo, mas que sendo produtos do trabalho imaginário do próprio coordenador terminam atuando sobre o corpo.

É oportuno agora fazer uma revisão de atividades que se orientam para a modificação de certos comportamentos psíquicos.

O conjunto de técnicas que chamamos de “Operativa” nos permite operar sobre os fenômenos, modificar fenômenos. Englobamos diversas técnicas em Operativa: técnicas que chamamos de *catarse*, técnicas que chamamos de *transferência* e diversas formas de *autotransferência*.

Em épocas recentes voltou-se a usar a palavra “catarse”. Aparecia de novo esse senhor que, diante de alguém que tinha problemas psíquicos, dizia-lhe novamente, como há milhares de anos: “Veja meu amigo, solte sua língua e explique os problemas que você tem”. E, então, a

pessoa soltava sua língua, explicava seus problemas e se produzia uma espécie de lavagem interna (ou “vômito” interno). Essa técnica era chamada “catarse”.

Outra técnica de Operativa foi chamada também de “transferência”. Tomava-se uma pessoa que já tinha feito sua catarse e que já tinha aliviado suas tensões para entrar em um trabalho um pouco mais complexo. Esse trabalho consistia em fazer essa pessoa “transitar” por diferentes estados internos. Ao transitar por esses estados, aquela pessoa que já não sofria importantes tensões podia se mover em sua paisagem interna deslocando, “transferindo” problemas ou dificuldades. O sujeito transferia imaginariamente conteúdos oprimentes para outras imagens que não tinham carga afetiva, nem representavam um comprometimento biográfico...

Anteriormente, falamos dos registros das tensões no simples fato de atender. Vocês reconhecem bem isso. Vocês podem atender com tensão ou sem ela. Há diferença. Vocês podem, às vezes, soltar essa tensão e atender. Normalmente acreditam que, quando soltam a tensão para atender, desinteressam-se pelo tema. Não é assim. Entretanto, vocês associaram há muito tempo certa tensão muscular com o fato de atender e acreditam que atendem quando estão tensos. No entanto, a atenção não tem nada a ver com isso.

E o que acontece com as tensões em geral, não apenas com as tensões da atenção? Em geral, localizamos as tensões em diversas partes do corpo, especialmente nos músculos. Estamos falando das tensões musculares externas. Tensiono um músculo voluntariamente e tenho um registro dessa tensão. Tensiono voluntariamente os músculos faciais, tenho um registro dessa tensão. Tensiono diversos músculos de meu corpo e tenho registro dessa tensão. Vou me familiarizando com essa técnica da tensão artificial. Interessa-me muito poder obter a maior quantidade de registros possíveis, tensionando os diversos músculos de meu corpo. Também me interessa dissociar essas tensões que tive antes. Observei que, ao tensionar um ponto, outros se tensionam. Logo, tento distender o ponto, mas às vezes não se distendem os outros músculos que acompanharam a tensão. Se trabalhar com certas partes do corpo, comprovará que, ao querer tensionar um ponto, tensionará esse ponto e outros e, depois, ao distender esse ponto, distenderá esse ponto, mas não os outros.

Isso acontece não somente por esses trabalhos voluntários, isso acontece na vida cotidiana. De tal maneira que, diante de um problema de confrontação cotidiano, por exemplo, um sistema de músculos fica tenso; desaparece a confrontação com o objeto, os músculos em questão se distendem, mas não os outros que os acompanharam no momento da tensão. Um pouco mais de tempo e tudo termina se distendendo. Mas, às vezes, acontece que passa muito mais tempo e os outros pontos não se distendem.

Quem de vocês não reconhece tensões musculares mais ou menos permanentes? Há quem registre essas tensões, às vezes no pescoço, às vezes em outro lugar de seu corpo. Agora mesmo, se vocês observarem, poderão descobrir tensões desnecessárias que estão atuando em diversas partes do corpo. Vocês podem registrar isso. E, como veem, isso que registram em diversos pontos de seu corpo não está cumprindo com nenhuma função.

Pois bem. Distinguímos entre tensões musculares externas de tipo situacional e tensões musculares externas de tipo contínuo. Nas tensões situacionais, o sujeito tensiona

determinadas partes de seu corpo e, ao desaparecer a dificuldade (em nosso exemplo, a confrontação), desaparece também a tensão. Essas tensões situacionais certamente cumprem com funções muito importantes e se compreende que não pretendemos acabar com elas. Há outras, as contínuas, não as situacionais, e essas contínuas têm o agravante de que, se ocorre determinado fenômeno de confrontação, além disso, aumentam. Depois diminuem novamente, mas conservando o nível de tensão contínua.

Posso, com certos procedimentos, distender as tensões contínuas, mas isso não garante que não permaneçam distintos sistemas de tensões em meu interior. Posso trabalhar com toda a musculatura externa, posso fazer quanto exercício queira e, no entanto, internamente, as tensões continuam atuando. Qual a natureza dessas tensões internas? Às vezes, são do tipo *muscular profundo* e, às vezes, registro essas tensões como *irritações profundas*, como irritações viscerais que dão impulsos e que vão configurando um sistema de tensão.

Quando falamos dessas tensões profundas, estamos falando de tensões que não são muito diferentes das externas, mas que têm um componente emotivo importante. Poderíamos considerar esses dois fenômenos como gradações de um mesmo tipo de operação. Falamos agora dessas tensões *internas tingidas emotivamente, que definimos como climas, não muito diferentes das tensões em geral, mas com um forte componente emotivo*.

O que acontece com alguns fenômenos como a depressão e as tensões? Uma pessoa se sente entediada (o tédio é parente da depressão). Para ela é indiferente uma coisa ou outra, não tem especiais preferências, diríamos que está sem tensão. Possivelmente, ela registra a si mesma com falta de vitalidade, mas por trás disso é muito possível que exista um forte componente emotivo. Na situação em que se encontra essa pessoa, notamos que há fortes correntes emotivas de tipo negativo e pensamos que, se essas correntes emotivas aparecem é porque, mesmo não existindo tensão muscular externa, há tensões internas que podem ser tensões musculares internas ou, às vezes, fenômenos de irritação interna. Às vezes acontece que não existe um sistema de tensões contínuo ou de irritação contínua, mas pela confrontação com determinada situação se disparam fenômenos mnêmicos, fenômenos de memória que fazem seu disparo interno e surge esse registro de falta de vitalidade ou tédio, ou opressão interna, ou sensação de recolhimento, etc.

Normalmente podemos manejar voluntariamente as tensões musculares externas. Os climas, por outro lado, não podemos dirigir voluntariamente porque eles têm outra característica: acompanham o sujeito, mesmo depois que este saiu da situação que o motivou. Vocês lembram dos fenômenos de arrasto, estes que acompanham o sujeito, mesmo que a situação tenha passado. Esses climas seguem tanto o sujeito que este pode mudar toda sua situação, transitar ao longo dos anos por distintas situações e continuar com esse clima que o persegue. Essas tensões internas são traduzidas de modo difuso e totalizador. Esse ponto explica também as características da emoção em geral que trabalha totalizando, sintetizando; não trabalha referindo-se a um ponto particular de uma tensão do corpo, não se refere tampouco a um ponto de dor no intracorpo, que pode ser muito bem localizado; refere-se, na verdade, a um estado de invasão da consciência. Trata-se, então, de impulsos cenestésicos não pontuais, isso está claro.

Quando o mecanismo de tradução de impulsos contribui com imagens que correspondem a esse clima difuso, falamos de correspondência entre *clima e tema* (há um tema que tem correspondência com esse clima). Então, é muito provável que essa pessoa que experimenta determinado clima diga que “se sente enclausurada”, por exemplo. Esse “enclausuramento” é um tipo de representação visual que coincide com o registro emotivo e há alguns mais exagerados que não apenas falam de “enclausuramento”, em geral, mas também explicam que se sentem enclausurados em determinada caixa com estas e aquelas características. Isso, em vigília, não é muito claro, mas assim que baixa um pouco seu nível de consciência, aparece essa caixa dentro da qual eles se encontram. Certamente, quando os mecanismos de tradução trabalham com força, quando os registros cenestésicos são mais intensos e quando a via alegórica se coloca em marcha, é mais fácil rastrear esses fenômenos.

Às vezes, aparecem imagens que *não correspondem aos climas*. Por último, existem casos em que se registra o *clima sem imagens*. Em realidade, há imagem cenestésica em todos os casos, e a localização dessa imagem difusa geral no espaço de representação perturba as atividades de todos os centros, porque é a partir desse espaço de representação que as imagens disparam sua atividade para os centros.

Os climas diminuem de potencial por descargas catárticas, por ab-reações motrizes, que são manifestações dessa energia para fora do corpo e, apesar de ocorrer nessas ocasiões uma diminuição da tensão, nem por isso acontece seu deslocamento, sua eliminação.

As técnicas que correspondem à transformação e deslocamento de climas são as técnicas transferenciais. Seu objetivo não está colocado na diminuição do potencial de uma tensão interna, mas no traslado da carga de uma imagem para outra imagem.

Não é suficiente dizer que os climas se geram somente por tradução de sinais de contrações involuntárias profundas e que tais contrações, captadas por cenestesia, transformam-se em imagens difusas que ocupam o espaço de representação. Dizer isso não é completo. Em primeiro lugar, porque o registro pode não ser pontual, mas geral, como no caso das emoções violentas. E esses estados correspondem a descargas que circulam por todo o organismo e não se refere à pontualidade de uma tensão.

Quanto à origem desses fenômenos, pode estar em sentidos internos, atuar a partir da memória ou atuar a partir da consciência. Quando o impulso corresponde a um fenômeno puramente corporal, a cenestesia toma esse dado e envia o sinal correspondente, que aparece como imagem difusa, ou seja, não visualizável (como imagem cenestésica, não como imagem visual). A cenestesia, então, envia o sinal correspondente e aparece a imagem difusa, que de qualquer maneira ocorre no espaço de representação.

Há quem diga que, quando se enfurece, “vê tudo vermelho” ou que se modifica seu espaço de representação e vê o objeto que provoca raiva “menor”; outros dizem que o veem “mais ressaltado”, etc. Não estamos falando do impulso localizado, mas do estado difundido, emotivo, que de qualquer maneira partiu do registro cenestésico e se traduziu em imagem cenestésica não visualizável. Às vezes, tem-se também traduções visualizáveis, mas este não é o caso. Esse posicionamento da imagem não visualizável ocorre no espaço de representação e mobiliza basicamente os centros instintivos. De tudo isso que aconteceu tem-se registro na

memória. Se, ao contrário, o primeiro impulso provém de sentidos externos e ao final do circuito do impulso também se mobilizam os centros instintivos, isso se grava na memória associado à situação externa. Isso motiva uma gravação em que o impulso externo, o impulso que veio do exterior fica agora ligado a um estado corporal interno.

Voltando ao primeiro caso, o da partida de impulso interno por desarranjo vegetativo, por exemplo. Também nesse caso há gravação situacional associada, se os sentidos externos estão, por seu lado, trabalhando. Mas se isso acontece quando os sentidos externos não trabalham ou trabalham muito levemente (como no nível do sono), a gravação situacional poderia referir-se somente a dados de memória, já que se atualizaria nesse momento, ficando por sua vez na memória ao final do circuito uma estranha associação de fenômenos de um tempo 2 (ou seja, o registro cenestésico) com fenômenos de um tempo 1 (ou seja, o dado de memória).

Vimos casos em que a partida do impulso é do intracorpo e se associa a situações de percepção externa. E casos do mesmo impulso, mas associado a *memória*, porque os sentidos externos não estão trabalhando nesse momento. Também vimos o caso do impulso *que parte de sentidos externos e termina mobilizando registros internos cenestésicos*, sendo possível a partir desse momento que a situação externa e o registro interno fiquem gravados em memória.

Por sua parte, a *memória* pode entregar impulsos e, ao mobilizar registros, desatar cadeias associativas de imagens (não apenas visuais, mas também de qualquer outro sentido, incluindo a cenestesia) que, por sua vez, despertam novas entregas de dados, configurando um estado emotivo climático, mas que agora se associa a uma nova situação que está sendo percebida por sentidos externos.

Por último, a própria *consciência*, em sua elaboração de imagens pode colocar em marcha todo o anterior e, além disso, adicionar sua própria atividade, gravando-se ao final em memória situações externas associadas a elementos imaginários. De qualquer maneira, o encadeamento sentidos-memória-consciência é indissolúvel, não linear e, obviamente, estrutural.

Assim, se o primeiro disparo é fisicamente doloroso, a configuração final pode ser de sofrimento moral e podem estar presentes ali verdadeiros registros cenestésicos fortemente gravados em memória, mas associados simplesmente à imaginação. A dor física frequentemente termina em sofrimento moral articulado com elementos ilusórios, mas registráveis. Esse fato nos ensina que o ilusório, embora não tenha existência “real”, é registrável por diversas concomitâncias que possuem indubitável realidade psíquica. Não se explica muito ao dizer que um fenômeno é “ilusório”, nem se explica muito mais ao dizer que as ilusões se registram, como se registram as percepções chamadas “não ilusórias”. O sofrimento ilusório tem seu registro real para a consciência. É ali que a transferência tem seu melhor campo de trabalho, no sofrimento ilusório. Diferente é o que acontece com os impulsos dolorosos básicos, traduzidos ou transformados, dos quais se podem retirar outros componentes ilusórios, sem que por isso desapareça a dor física. Mas esse não é tema próprio da transferência.

Pode-se dissociar o encadeamento automático do sofrimento. Esse é o principal objetivo da transferência. *Vemos a transferência como uma das tantas ferramentas de Operativa, destinada basicamente a desarticular o sofrimento, a liberar a consciência de conteúdos opressivos.* Assim como a catarse libera cargas e produz alívios provisórios, embora às vezes necessários, a transferência aponta ao traslado dessas cargas de modo permanente, pelo menos no que diz respeito a um problema específico.

Vejamos agora alguns aspectos do funcionamento compensatório dos aparatos do psiquismo. Os limiares dos distintos sentidos variam em estrutura, e os limiares dos sentidos internos variam compensatoriamente com relação aos limiares dos sentidos externos. Os fenômenos do limiar cenestésico, ao diminuírem os impulsos dos sentidos externos, entram na percepção e começam a dar sinal. Estamos dizendo que, quando o impulso externo diminui, aqueles outros fenômenos internos que estavam trabalhando no nível do limiar – e que não registrávamos – aparecem de modo registrável. Portanto, pode-se perceber na queda do nível de consciência o surgimento de fenômenos do intracorpo que em vigília não apareciam. Ao desaparecer o ruído dos sentidos externos, aqueles se tornam manifestos. Na queda de nível, aparecem os impulsos internos que dão sinal à consciência, tomando canais associativos. Quando se desperta essa via associativa, os fenômenos de tradução atuam com muita força.

Voltemos aos problemas dos fenômenos de tradução e transformação de impulsos. Em um objeto que percebo visualmente reconheço outras características não visuais que posso perceber conforme a situação. Essas diversas percepções de um mesmo objeto foram se associando em minha memória ao longo de minha experiência vital. Tenho um registro articulado de percepções. Estamos considerando agora algo mais que a estruturação que a percepção faz de um sentido singular. Estamos considerando a estruturação que se realiza frente a um objeto pela soma de dados de diversos sentidos que, com o passar do tempo, foram se incorporando à memória. Conto com a articulação de diferentes características de cada objeto, de tal modo que, tomando uma delas, soltam-se as outras características associadas a ele. Esse já é o mecanismo básico da tradução de impulsos. E o que se traduz? Vejamos um exemplo. Um impulso auditivo desperta registros mnêmicos, registros nos quais os impulsos visuais daquele momento estavam associados a impulsos auditivos. Agora, chega somente o impulso externo auditivo e aparece em meu espaço de representação o registro visual. Isso é frequente em vigília. Graças a esse mecanismo de associação de sentidos, a essa estruturação dos sentidos, podemos configurar faixas importantes do mundo externo.

Assim como o espaço de representação vai se articulando da primeira infância em diante, o mundo objetual também vai se articulando da primeira infância em diante. Nessa etapa de aprendizagem, as crianças não parecem articular coerentemente os distintos registros que têm de um mesmo objeto. Como comentamos antes, as crianças não distinguem bem entre seu próprio corpo e o corpo de sua mãe. Além disso, não relacionam bem o tipo de estímulo que chega a um sentido com a função que esse objeto pode cumprir. Confundem, além disso, o aparato de registro, de tal modo que muitas vezes vemos as crianças levando um objeto que querem comer ao ouvido, à orelha, e vemos que fazem vários tipos de troca; não articulam todo esse sistema de percepção, não o articulam mais ou menos coerentemente. Tampouco seu espaço de representação está articulado coerentemente. Um edifício que está longe certamente é percebido menor do que quando está perto, mas eles estendem suas mãos em

sua direção para tocar uma chaminé ou talvez uma janela e comê-la. Há crianças que fazem isso com a Lua que, como vocês sabem, está fora do alcance da mão ou estava fora do “alcance da mão”... A visão estereoscópica, que nos dá profundidade e permite articular diversas distâncias no espaço, vai se configurando lentamente na criança. O espaço de representação interno também vai ganhando volume. É claro que não se nasce com a mesma articulação objetal dos adultos. Os dados que os sentidos vão fornecendo logo permitem que o aparato psíquico vá fazendo seu trabalho, sempre se apoiando na memória.

Estamos estudando esses primeiros fenômenos de *tradução de impulsos*. Por exemplo, um fenômeno que incide sobre um sentido solta uma cadeia em que aparecem as imagens correspondentes a outros sentidos, porém relacionados com o mesmo objeto. O que acontece nesses estranhos casos de associação das características de um objeto que se colocam em outro objeto? Aí já há uma tradução muito mais interessante. Porque agora um senhor escuta o som de um sino e não evoca a imagem do sino, mas a imagem de um parente. Agora não se está relacionando o objeto que se ouve com o objeto que em outro momento se viu ou com o objeto que em outro momento se cheirou; agora se está associando esse objeto com outros fenômenos, com outras imagens que acompanharam a gravação de um momento, mas que não se referem ao objeto em questão, e sim a outro tipo de objeto. Associam-se, de determinado objeto, principalmente suas distintas características perceptuais. Mas falamos de algo mais, de um objeto ao qual se associam não apenas suas distintas características, mas também todos aqueles fenômenos que estiveram relacionados com ele. E esses fenômenos comprometem outros objetos, comprometem outras pessoas, comprometem situações inteiras. Então, falamos do fenômeno da tradução de impulsos que se refere não apenas às características de um mesmo objeto, mas também às de outros objetos e estruturas de situação que se associaram ao objeto dado. *Parece, então, que a estruturação se faz relacionando percepções distintas sobre um mesmo objeto e de acordo com contextos situacionais.*

Algo mais. Acontece que, como há impulso interno, se esse impulso interno tem potencial de sinal suficiente para chegar ao limiar de registro, ao perceber o som do sino, o sujeito experimenta uma curiosa emoção. Já não está traduzindo impulsos ou associando impulsos entre as distintas características desse objeto e outros que o acompanham ou entre estruturas de percepção completas, mas algo mais: está traduzindo entre estruturas de percepção completas e estruturas do registro que o acompanhou naquele momento.

Se vemos que se pode traduzir o impulso que corresponde a um sentido e trasladá-lo a outro, por que não poderíamos traduzir também impulsos que são registrados por sentidos externos e que contiguamente evocam impulsos que foram gravados a partir de sentidos internos? Não há maior dificuldade nisso. Acontece que o fenômeno é um pouco assombroso e tem características estranhas, à medida que baixa o nível de consciência. Mas sua mecânica não é muito estranha.

Recordemos que a memória estudada por camadas, como memória antiga, memória mediata e memória recente, está em mobilidade. A matéria-prima mais próxima é a do dia e aí temos os dados mais frescos. Mas há numerosos fenômenos associados que se referem à memória antiga e apresentam dificuldades, pois o registro de um objeto que pode estar associado a

fenômenos recentes é acompanhado “tradutivamente” por fenômenos de memória antiga. Isso é muito extraordinário e acontece particularmente com determinados tipos de sentido. Por sua estruturação, o sentido olfativo é o mais rico nesse tipo de produção. O sentido do olfato costuma despertar cadeias associativas muito grandes de tipo situacional e muitas delas muito antigas. Vocês conhecem este exemplo: percebe-se a qualidade de certo aroma e se soltam imagens completas da infância. E como se soltam essas imagens? Vocês se lembram do mesmo aroma, simplesmente do mesmo aroma de vinte anos atrás? Não, vocês se lembram de toda uma antiga situação que foi disparada pela percepção atual desse aroma.

A tradução de impulsos, que apareceu primeiramente como simples e de fácil pesquisa, acaba tornado-se complexa. Faixas diversas de memória, estruturações de percepção aparentemente incoerentes, registros internos que se associam a fenômenos percebidos externamente, produções imaginárias que interferem, por sua vez, no registro externo e se associam a ele, operações de memória que, traduzindo-se, vão tomando em um nível de consciência as vias associativas – tudo isso dificulta a compreensão do esquema geral.

Até agora, vimos os impulsos se associando e se traduzindo uns em outros. Mas há também fenômenos muito curiosos que são os fenômenos de transformação. A imagem, que estava estruturada de um modo, em pouco tempo começa a ganhar outras configurações. Esse processo que ocorre nas vias associativas, nas quais os impulsos associados que surgem no espaço de representação ganham vida própria e começam a se deformar, a se transformar, mostram uma mobilidade sobre outra mobilidade. Nas técnicas transferenciais, deparamo-nos com esses problemas. Devemos dar fixidez a tudo isso, contar com algum tipo de leis gerais que nos permitam atuar nesse caos móvel. Precisamos algumas leis operativas, algo que responda sempre, nas mesmas condições, dando os mesmos resultados. E isso existe porque, felizmente, o corpo tem certa fixidez. É graças ao fato de que o corpo tem certa permanência que nós podemos atuar. Mas, se isso acontecesse exclusivamente no mundo psíquico, não haveria forma possível de atuar, não haveria nenhuma referência.

A referência objetual corpórea é o que nos permite dizer que, embora uma dor em uma zona do corpo seja traduzida de diversas maneiras, evoque distintas contiguidades de imagens, faça mesclas de memória e tempos, esse fenômeno é detectado em determinada zona do espaço de representação. Podemos compreender muitos outros fenômenos curiosos e muitas funções, graças à fixidez do corpo. Este corpo é um velho amigo, um bom companheiro que nos dá referências para nos movermos no psiquismo. Não temos outro modo.

Vejamos o que acontece com o espaço de representação e os fenômenos que se disparam a partir dele. Imagino uma linha horizontal diante de meus olhos. Fecho os olhos. Onde a imagino? Bem, imagino-a em frente e fora. Imagino agora meu estômago. Onde o imagino? Abaixo e dentro. Imagino agora aquela linha no lugar em que se encontra o estômago e isso me traz um problema de localização. Imagino agora o estômago em frente e fora, e isso também me traz um problema de localização. Quando imagino o estômago abaixo e dentro, não apenas imagino o estômago, mas tenho também um registro cenestésico do mesmo e isso é um segundo componente da representação. Agora posso imaginar o estômago em frente, acima e fora, mas não tenho o mesmo registro cenestésico. Assim, quando a imagem se localiza no lugar que corresponde, tem o componente cenestésico de registro, que nos dá uma

referência importante. Se vocês fizerem um pequeno esforço, poderão imaginar também o estômago acima e fora. Mas como vão imaginar isso? Talvez como um desenho, como viram nos livros. Mas se, em vez disso, imaginam abaixo e dentro, como imaginam? Como um desenho? De maneira alguma. Vocês têm uma imagem visual? De maneira alguma. Poderiam tê-la associada pelo fenômeno de tradução, mas como é imaginar abaixo e dentro no espaço de representação? É trabalhar com outro tipo de imagem, com uma imagem cenestésica.

Então, conforme se posicione a imagem no espaço de representação em um ponto ou em outro e com um nível ou outro de profundidade, não apenas se tem o registro de tal imagem, mas também a representação cenestésica que corresponde a esse espaço e a essa profundidade. Quando os objetos situados no espaço de representação são observados “do fundo” desse espaço, dizemos que estamos trabalhando com a articulação vigílica. Ou seja, vemos os fenômenos externos a nós (ou chamados “externos” a nós) como fora de nossa cabeça.

Eu agora posso imaginar objetos distantes que estão fora de minha cabeça. De onde registro essas imagens? De dentro de minha cabeça, essa é a sensação que tenho. Entretanto, não digo que esses objetos estejam dentro de minha cabeça. Se agora coloco dentro de minha cabeça esse objeto que imagino fora, tenho um registro cenestésico, além dessa imagem que tenho situada no interior de minha cabeça.

Conforme o nível de profundidade no espaço de representação, chegamos a ter um tipo de registro externo ou um tipo de registro cenestésico. Isso tem bastante importância para compreender o fenômeno transferencial posterior.

Posso imaginar, do fundo dessa espécie de tela, os fenômenos que estão fora de minha cabeça e também, ao imaginar fenômenos que estão dentro de minha cabeça, ter uma localização dentro desse espaço mental. Posso fazer um esforço maior e imaginar esse objeto dentro de minha cabeça como visto ao mesmo tempo e de diversos lugares. É possível ver o objeto de diversos pontos, como se “quem representa” estivesse ao redor do objeto, mas normalmente se representa o objeto a partir de certo “fundo”.

Há muitos inconvenientes com o espaço mental situado da cabeça para trás, não da cabeça para frente. Quase todos os sentidos externos estão localizados na zona dianteira da cabeça, e assim se percebe o mundo, e assim se articula o espaço mental que lhe corresponde, mas das orelhas para trás a percepção e a representação tornam-se difíceis.

Atrás de vocês estão as cortinas dessa sala e podem imaginar sem vê-las. Mas, quando no espaço de representação se observam as cortinas que estão atrás, pode-se perguntar: de onde se veem essas cortinas? São vistas a partir da mesma tela, mas nesta se produziu uma espécie de inversão. Não se colocam atrás das cortinas, ficam no mesmo lugar de localização interna, e agora as cortinas parecem estar fora de vocês, mas atrás. Isso cria problemas, mas de qualquer maneira continuamos situados no pano de fundo do espaço de representação.

Esse espaço de representação cria alguns problemas “topográficos”. Eu imagino agora fenômenos que estão longe desta sala, fora desta sala. Não posso pretender que minha consciência esteja fora desta sala. Entretanto, incluo esses objetos em meu espaço de

representação. Esses objetos estão situados no interior de meu espaço de representação. Onde está, então, o espaço de representação, se se refere a objetos que estão fora? Esse fenômeno ilusório é extremamente interessante, pois a representação dos objetos pode se estender para fora do espaço imediato à percepção de meus sentidos, mas nunca para fora de meu espaço de representação. E acontece que meu espaço de representação é precisamente interno e não externo.

Se alguém não repara nisso, acredita que o espaço de representação se estende do corpo para fora. Em realidade, o espaço de representação se estende para o interior do corpo. Essa “tela” se configura graças à soma de impulsos cenestésicos que dão referências contínuas. Essa tela é interna e não é que nessa tela cintilem os fenômenos que imagino fora – em todo caso, vou imaginando dentro, mas em distintos níveis de profundidade dessa tela interna.

Quando dizemos que as imagens que surgem em distintos pontos do espaço de representação atuam sobre centros, fica claro que não poderiam atuar sobre centros se a tela estivesse situada fora. As imagens atuam sobre os centros porque esses impulsos vão para dentro, mesmo quando o sujeito acredita que esses fenômenos se situam fora. E aqui é bom esclarecer que não estou negando a existência dos fenômenos externos, estou questionando sua configuração, pois se apresentam (ditos fenômenos) diante dos filtros da percepção e se articulam na tela de representação.

À medida que cai o nível de consciência, muda a estruturação do espaço de representação e aqueles fenômenos que antes eram vistos de dentro acreditando-se fora, na queda de nível de consciência são vistos fora acreditando-se dentro, ou bem são vistos dentro acreditando-se fora. Aquele fundo de tela no qual eu estava situado quando me referia a fenômenos externos imaginados, onde está agora em meus sonhos, quando “eu” mesmo me vejo colocado fora “daquilo” que vê? E me vejo de cima, de baixo, à distância, mais perto, etc. Acontece que agora o espaço de representação verdadeiramente ganha características internas em seus limites. O espaço de representação se torna interno na queda de nível de consciência porque desapareceram os estímulos dos sentidos externos e se reforçou o trabalho dos sentidos internos. Ao reforçarem-se os impulsos cenestésicos, o espaço de representação interno ganhou plenitude e agora temos esses fenômenos ocorrendo no “interior” do espaço de representação como tal. Aparecem imagens nas quais o espaço de representação ganha características ressaltadas de acordo com a varredura que os impulsos da cenestesia fazem. Nos sonhos, o espaço de representação aparece com limites semelhantes a paredes ou como continentes de todo tipo e, às vezes, aparece como a própria cabeça dentro da qual ocorrem os demais fenômenos oníricos. O maior dos continentes na queda de nível de consciência é, precisamente, o limite do espaço de representação.

Os centros instintivos (o vegetativo e o sexual) se mobilizam fortemente na queda de nível de consciência, embora existam algumas concomitâncias de tipo emotivo e também algumas intelectuais e quase nenhuma concomitância motriz. Quando a localização dos fenômenos ocorre no espaço de representação correspondente ao nível de consciência baixo, o disparo maior das imagens vai ao centro vegetativo e ao sexo, que são os centros mais internos e que trabalham com registros de sensações cenestésicas, enquanto os outros centros costumam estar muito ligados a impulsos que vêm dos sentidos externos. Por outro lado, imagens que na

vida cotidiana não mobilizam cargas nem descargas importantes nos centros mencionados, podem ser de grande potência na queda de nível de consciência. Por sua vez, do trabalho desses dois centros se configuram fortes imagens internas, já que do trabalho dos centros se tem percepção que se transforma em imagem. Esse fenômeno é reversível e, assim como o espaço de representação se configura pelos impulsos cenestésicos, também qualquer imagem que se situa em determinado nível do espaço de representação em sua camada interna atua sobre o nível corporal que lhe corresponde.

Reconsideremos agora o dito em torno a associações objetais de distintos sentidos, em torno a traduções dos impulsos com relação a um mesmo objeto, a associações objetais entre objetos e situações, e a traduções dos impulsos de um objeto com respeito a outros objetos que o rodeiam. As associações objetais referidas a situações externas e a situações internas (ou seja, a impulsos cenestésicos) são registros complexos que vão sendo gravados em memória. Essas gravações existem sempre como pano de fundo de todo fenômeno de representação (ou seja, de imagem) e estão ligadas a zonas e profundidades precisas do espaço de representação.

Já contamos com alguns elementos para compreender o que acontece com o trânsito das imagens no espaço de representação nos níveis de sono e semissono. Já compreendemos os primeiros passos do que vamos chamar de “técnicas de transferência”. Tais técnicas serão efetivas, poderão cumprir seus objetivos, se efetivamente esses fenômenos que aparecerem na tela de representação nos níveis baixos de consciência (ao transformarem-se) mobilizarem distintas partes do corpo, distintas tensões no corpo ou deslocarem fenômenos mnêmicos que produzem tensões expressas em imagens correspondentes. Atuando sobre essas imagens, modificamos o sistema de associações que motivaram aquelas tensões.

Nosso problema será, nessas técnicas transferenciais, associar ou dissociar os climas das imagens. Ou seja, separar os climas dos temas.

Às vezes, vão se apresentar situações nas quais teremos que associar um clima a uma imagem, porque sem essa imagem nos encontramos somente com imagens cenestésicas, mas não visualizáveis e, ao não serem visualizáveis, não podemos trasladá-las em distintas alturas e distintos níveis no espaço de representação. Então nos veremos obrigados a associar determinados climas a determinadas imagens para, então, mobilizar essas imagens no espaço de representação e com isso “arrastar” os climas. Se não procedermos assim, esse clima difuso estará distribuído de tal modo no espaço de representação que não poderemos atuar com ele. E, às vezes, por outro peculiar funcionamento dos fenômenos nos níveis de sono, encontramos imagens visuais às quais aderiram cargas que não correspondem exatamente a elas e, então, trataremos de *dissociar essas cargas e transferir-lhes outras cargas correspondentes*.

Assim, teremos que resolver numerosos problemas na transferência de cargas, na transferência de imagens, no deslocamento de imagens e na transformação de imagens.

PSICOLOGIA III

Este escrito é um resumo realizado pelos assistentes das explicações dadas por Silo em Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, no princípio de agosto de 1978.

1. Catarse, transferência e autotransferência.

A ação no mundo como forma transferencial.

Devemos considerar dois circuitos de impulsos que terminam fornecendo registro interno. Um circuito corresponde à percepção, representação, nova tomada de representação e sensação interna. E outro circuito nos mostra que, de toda ação que lanço no mundo, tenho também sensação interna. Essa tomada de retroalimentação é o que nos permite aprender fazendo coisas. Se não houvesse em mim uma tomada de retroalimentação dos movimentos que estou fazendo, jamais poderia aperfeiçoá-los. Eu aprendo a escrever em meu teclado por repetição. Quer dizer, vou gravando atos entre acertos e erros. Entretanto, só poderei gravar atos se realizá-los.

A partir do meu fazer, tenho registro. Existe um grande preconceito, que por vezes invadiu o campo da Pedagogia, segundo o qual se aprendem as coisas simplesmente por pensá-las. Sem dúvida, algo se aprende, porque também do pensar se tem a recepção do dado. No entanto, a mecânica dos centros nos diz que estes se mobilizam quando chegam imagens até eles, e a mobilização dos centros é uma sobrecarga que dispara sua atividade no mundo. Deste disparo de atividade há uma dose de retroalimentação que vai para a memória e, por outro lado, vai para a consciência. Essa tomada de realimentação é o que nos permite dizer, por exemplo, “errei a tecla”. Assim, vou registrando a sensação do acerto e do erro, vou aperfeiçoando o registro de acerto, e aí vai se fluidificando e automatizando a correta ação de escrever à máquina, por exemplo. Estamos falando de um segundo circuito que me entrega o registro da ação que efetuo.

Em outra ocasião,⁸ vimos as diferenças existentes entre os atos chamados “catárticos” e os “transferenciais”. Os primeiros se referiam, basicamente, às descargas de tensões. Os segundos permitiam transladar cargas internas, integrar conteúdos e ampliar as possibilidades de desenvolvimento da energia psíquica. Sabe-se que ali onde existem “ilhas” de conteúdos mentais, de conteúdos que não se comunicam entre si, ocorrem dificuldades para a consciência. Se, por exemplo, pensamos em uma direção, sentimos em outra e, finalmente, atuamos em uma terceira, ocorre um registro de “desencaixe”, um registro que não é pleno. Parece que somente quando estendemos pontes entre os conteúdos internos, o funcionamento psíquico se integra e podemos avançar mais alguns passos.

Conhecemos os trabalhos transferenciais entre as técnicas de Operativa. Mobilizando determinadas imagens e realizando percursos com tais imagens até os pontos de resistência, podemos vencer estas últimas. Ao vencer essas resistências, provocamos distensões e transferimos as cargas a novos conteúdos. Essas cargas transferidas (trabalhadas em elaborações pós-transferenciais) permitem a um sujeito integrar algumas regiões de sua paisagem interna, de seu mundo interno. Conhecemos essas técnicas transferenciais e outras,

⁸ Refere-se ao ponto 8 de *Psicología II*.

como as autotransferenciais, nas quais não se requer a ação de um guia externo, senão que, internamente, guia-se a si mesmo com determinadas imagens anteriormente codificadas.

Sabemos que a ação, e não somente o trabalho das imagens que mencionamos, pode operar fenômenos transferenciais e fenômenos autotransferenciais. Não será indiferente um tipo ou outro de ação. Haverá ações que permitam integrar conteúdos internos e haverá ações tremendamente desintegradoras. Determinadas ações produzem tal carga de pesar, tal arrependimento e divisão interna, tal profundo desassossego, que se gostaria de jamais tornar a repeti-las. No entanto, essas ações já ficaram fortemente aderidas ao passado. Ainda que não se volte a repetir tal ação no futuro, ela seguirá pressionando a partir do passado, sem se resolver, sem permitir que a consciência translate, transfira, integre seus conteúdos e permita ao sujeito essa sensação de crescimento interno tão estimulante e liberadora.

Está claro que não é indiferente a ação que se realiza no mundo. Existem ações das quais se tem registro de unidade e ações que dão registro de desintegração. Se estudarmos a ação no mundo, à luz do que sabemos sobre os procedimentos catárticos e transferenciais, ficará muito mais claro o tema da integração e do desenvolvimento dos conteúdos da consciência. Já voltaremos sobre isso, depois de uma visão geral sobre o esquema de nossa Psicologia.

2. Esquema do trabalho integrado do psiquismo

Nós apresentamos o psiquismo humano como uma espécie de circuito integrado de aparatos e impulsos, em que alguns aparatos, chamados de “sentidos externos”, são os receptores dos impulsos do mundo externo. Existem também aparatos que recebem impulsos do mundo interno, do intracorpo, aos quais chamamos de “sentidos internos”. Estes sentidos internos, muito numerosos, são de grande importância para nós, e devemos destacar que têm sido muito descuidados pela Psicologia ingênua. Também observamos que existem outros aparatos, como os da memória, que tomam todo sinal que chega do exterior ou do interior do sujeito. Existem outros aparatos que regulam os níveis de consciência e, por último, os aparatos de resposta. Todos esses aparatos, em seu trabalho, utilizam, às vezes, a direção de um sistema central que chamamos de “consciência”. A consciência relaciona e coordena o funcionamento dos aparatos, e pode fazer isso graças a um sistema de impulsos. Os impulsos vêm e vão de um aparato a outro. Impulsos que percorrem o circuito a grande velocidade, impulsos que se traduzem, deformam-se, transformam-se e, em cada caso, vão dando lugar a produções altamente diferenciadas de fenômenos de consciência.

Os sentidos, que estão continuamente tomando amostras do que acontece nos meios externo e interno, estão sempre em atividade. Não há sentido que esteja quieto. Mesmo quando uma pessoa dorme e tem as pálpebras fechadas, o olho está tomando amostras desse telão escuro, o ouvido está recebendo impulsos do mundo externo e assim acontece com os clássicos e escolares cinco sentidos. Mas, além disso, os sentidos internos estão tomando amostras do que está acontecendo no intracorpo. Sentidos que tomam dados do pH do sangue, da alcalinidade, da salinidade, da acidez, sentidos que tomam dados da pressão arterial, que

tomam dados do açúcar no sangue, que tomam dados da temperatura. Os termorreceptores, barorreceptores e outros estão continuamente recebendo informação do que acontece no interior do corpo, enquanto, simultaneamente, os sentidos externos também tomam informação do que acontece no exterior do corpo.

Todo sinal que os introrreceptores recebem passa para a memória e chega à consciência. Melhor dizendo, esses sinais do intracorpo se desdobram e tudo que é tomado como amostra chega, simultaneamente, à memória e à consciência (aos distintos níveis de consciência que se regulam pela qualidade e intensidade desses impulsos). Existem impulsos muito fracos, subliminares, no limite da percepção. Por outro lado, existem impulsos que se tornam intoleráveis porque, precisamente, chegam ao limiar de tolerância e, acima desse limiar, esses impulsos perdem a qualidade de simples percepções de determinado sentido para se transformarem em uma percepção homogênea, não importa de qual sentido provenham, entregando uma percepção dolorosa. Existem outros impulsos que deveriam chegar à memória, à consciência e, no entanto, não chegam porque houve um corte em um sentido interno ou externo. Também acontece que outros impulsos não chegam à consciência, não porque existe um corte no receptor, mas porque algum fenômeno desafortunado produziu um bloqueio em algum ponto do circuito. Podemos dar como exemplo alguns casos de cegueira, conhecidos como “somatizações”. Examina-se o olho, examina-se o nervo óptico, examina-se a localização occipital, etc. Tudo funciona bem no circuito e, no entanto, o sujeito está cego, e está cego não devido a um problema orgânico, mas a um problema psíquico. Outro sujeito fica mudo ou surdo e, no entanto, tudo funciona bem no circuito no que diz respeito às suas conexões e localizações... Porém, algo bloqueou o percurso dos impulsos. O mesmo acontece com os impulsos que provêm do intracorpo e isto não é tão reconhecido, mas é de suma importância porque existem numerosas “anestesias”, por assim dizer, de impulsos do intracorpo. As mais frequentes são as anestésias que correspondem aos impulsos do sexo, de modo que há muitas pessoas que, por algum tipo de problema psíquico, não detectam adequadamente os sinais que provêm desse ponto. Ao ter-se produzido um bloqueio e não se detectar esses sinais, o que normalmente deveria chegar à consciência (seja em seu campo atencional mais notório, seja em níveis subliminares) sofre fortes distorções ou não chega. Quando um impulso proveniente de sentidos externos ou internos não chega à consciência, esta faz um trabalho como se tentasse recompor essas ausências “pedindo emprestados” impulsos à memória, compensando a falta do estímulo que necessitaria para sua elaboração. Quando, por alguma falha sensorial externa ou interna, ou simplesmente por bloqueio, algum impulso não chega do mundo externo ou interno, então a memória lança seu trem de impulsos tratando de compensar. Se isto não acontece, a consciência se encarrega de tomar registro dela mesma. Um trabalho estranho realizado pela consciência é como se uma câmera de vídeo fosse colocada frente a um espelho e você visse agora na tela um espelho dentro de um espelho, e assim seguindo, em um processo multiplicativo de imagens, em que a consciência reelabora seus próprios conteúdos e se tortura, tentando tirar impulsos de onde não existem. Esses fenômenos obsessivos são um pouco como a câmera de vídeo frente a um espelho. Assim como a consciência compensa, tomando impulsos de outro ponto, também quando os impulsos do exterior ou do intracorpo são muito fortes, ela se defende, desconectando o sentido, como se tivesse suas válvulas de segurança. Além disso, sabemos que os sentidos estão em contínuo movimento. Quando se dorme, por exemplo, os sentidos correspondentes

ao ruído externo diminuem seu limiar. Então, muitas coisas que seriam percebidas em vigília, não entram quando o limiar está fechado, mas de qualquer maneira os sinais estão sendo captados. E, normalmente, os sentidos estão diminuindo e aumentando seu limiar de acordo com o ruído de fundo que nos rodeia nesse momento. Claro, este é o trabalho normal dos sentidos, mas quando os sinais são irritativos e os sentidos não podem eliminar o impulso diminuindo o limiar, a consciência tende a desconectar o sentido globalmente. Imaginemos o caso de uma pessoa submetida a contínuas irritações sensoriais externas. Aumenta o ruído da cidade, aumenta o estímulo visual, aumenta toda essa confusão de notícias do mundo externo, então, nessa pessoa pode ocorrer uma espécie de reação. O sujeito tende a desconectar seus sentidos externos e “cair para dentro”. Começa a estar à mercê dos impulsos do intracampo, a desconectar seu mundo externo em um processo de enrarecimento da consciência. No entanto, a coisa não é tão dramática. Trata-se de uma entrada em si mesmo ao tentar evitar o ruído externo. Neste caso, o sujeito que desejava diminuir o ruído sensorial se encontra nada menos que com a amplificação dos impulsos do intracampo porque, assim como existe uma regulação de limites em cada um dos sentidos externos e internos, da mesma maneira o sistema de sentidos internos compensa o sistema de sentidos externos. Podemos dizer que, em geral, quando o nível de consciência desce (para o sono), os sentidos externos diminuem seus limiares, aumentando o limiar da percepção dos sentidos internos. Inversamente, quando sobe o nível de consciência (para o despertar), no sujeito começa a diminuir o limiar de percepção dos sentidos internos e se abre o limiar de percepção externa. Porém, ocorre que, mesmo na vigília, no exemplo anterior, os limiares de sentidos externos podem ser reduzidos e o sujeito entrar em situação de “fuga” frente à irritação que o mundo lhe causa.

Seguindo com a descrição dos grandes blocos de aparatos, observamos os trabalhos que a memória efetua ao receber impulsos. *A memória sempre toma dados e assim se formou um substrato básico desde a primeira infância. Com base nesse substrato, serão organizados todos os dados de memória que vão se acumulando.* Parece que os primeiros momentos da vida são os que determinam, em grande medida, os processos posteriores. Porém, a memória antiga vai ficando cada vez mais afastada da disponibilidade vígil da consciência. Sobre o substrato vão se acumulando os dados mais recentes até chegar aos dados imediatos do dia. Imaginem vocês as dificuldades que existem para resgatar conteúdos de memória muito antigos que estão na base da consciência. É difícil chegar até lá. Há que enviar “sondas”. Ainda por cima, essas sondas que se lançam são, às vezes, rejeitadas por resistências. Então, devem-se utilizar técnicas bastante complexas para que essas sondas possam chegar a tomar sua amostra da memória, com a intenção de reacomodar esses conteúdos que, em alguns casos desafortunados, estavam mal encaixados.

Existem outros *aparatos*, como os centros, que fazem um trabalho bem mais simples. *Os centros trabalham com imagens.* As imagens são impulsos que, provenientes da consciência, disparam até os centros correspondentes, e estes centros movem o corpo em direção ao mundo. Vocês conhecem o funcionamento dos centros intelectual, emotivo, motriz, sexual, vegetativo e sabem que para mobilizar qualquer um deles é necessário que se disparem imagens adequadas. Pode acontecer também que a carga, a intensidade do disparo seja insuficiente. Nesse caso, o centro em questão se move debilmente. Também pode acontecer que a carga seja excessiva e, então, no centro se provoca um movimento desproporcionado. Por outro lado, esses centros, que também estão em contínuo movimento e trabalham em

estrutura, ao mobilizarem cargas até o mundo, tomam energia dos centros contíguos. Uma pessoa tem alguns problemas que se refletem em sua motricidade intelectual, mas seus problemas são de natureza afetiva. Assim, as imagens próprias da motricidade do intelecto estão contribuindo para que se reordenem conteúdos, mas não se resolve o problema emotivo com essa reelaboração de imagens desenfreadas ou por “ruminar” imagens fantásticas. Se essa pessoa, em vez de abandonar-se a seus devaneios, se colocasse de pé e começasse a mover o corpo, trabalhando com sua motricidade, extrairia as cargas negativas do centro emotivo e a coisa mudaria. Porém, normalmente, pretende-se manejar todos os centros a partir do centro intelectual e isso traz diversos problemas porque, como estudamos em outro momento, manejamos os centros de “baixo” (onde há mais energia e velocidade) e não de “cima” (onde se transforma a energia psíquica em tarefas intelectuais). Enfim, todos os centros trabalham em estrutura, todos os centros ao lançarem sua energia para o mundo extraem energia dos outros centros. Às vezes, um centro se sobrecarrega e, ao transbordar seu potencial, também energiza os outros centros. Esses transbordamentos nem sempre são negativos, porque apesar de que em um tipo de transbordamento alguém pode se encolerizar e promover ações reprováveis, em outro tipo de transbordamento alguém pode ser entusiasmar, pode se alegrar e essa sobrecarga energética do centro emotivo pode terminar distribuída muito positivamente por todos os outros centros. Às vezes, por outro lado, ocorre uma grande carência, um grande vazio, uma grande sucção do centro emotivo. O sujeito começa a trabalhar em negativo com o centro emotivo. Em uma imagem, é como se surgisse no centro emotivo um “buraco negro” que concentra matéria, que contrai o espaço e absorve tudo para ele. Nosso sujeito se deprime; suas ideias se obscurecem e também vai diminuindo seu potencial motriz e, inclusive, vegetativo. Dramatizando um pouco, acrescentamos que até mesmo suas defesas vegetativas diminuem e, então, uma quantidade de respostas que seu organismo normalmente dá encontra-se agora atenuadas; seu organismo está agora mais propenso à enfermidade.

Todos os aparatos trabalham com maior ou menor intensidade, de acordo com o nível de consciência. Se nosso sujeito está vígilico, está desperto, acontecem coisas muito diferentes das que acontecem quando está dormindo. Claro que existem muitos estados e níveis intermediários. Existe por ali um nível intermediário de semissono, que resulta de uma mescla entre vigília e sono. Existem também diferentes níveis dentro do próprio sono. Um sono paradoxal, um sono com imagens não é igual a um sono profundo, vegetativo. Neste sono profundo vegetativo, a consciência não toma dados, pelo menos em seu campo central; é um sono que se parece com a morte, que pode durar bastante tempo e, ao acordar, se a pessoa não tiver passado pelo sono paradoxal, tem a sensação de contração do tempo. É como se o tempo não tivesse passado porque o tempo de consciência é relativo à existência dos fenômenos que nela existem, de modo que, não havendo fenômenos, não há tempo para a consciência. Nesse sono em que não há imagens, as coisas acontecem rápido demais. Mas isso não é bem assim, porque quando alguém se deita para dormir e dorme umas quantas horas, o que aconteceu, em realidade, é que houve muitos momentos de ciclos. Assim, passou pelo sono paradoxal, depois pelo sono profundo, depois pelo paradoxal, depois pelo profundo, e assim seguindo. Se despertarmos o sujeito quando estiver no sono profundo, sem imagens (que podemos comprovar de fora graças ao E.E.G. e ao M.O.R.), é possível que não se lembre de nada dos trens de imagens que apareceram na etapa do sono paradoxal (na qual se observa

de fora o Movimento Ocular Rápido sob as pálpebras daquele que dorme); mas, se o despertarmos no momento em que estiver sonhando com imagens, é possível que se lembre do sonho. Por outro lado, para aquele que despertou, parece que o tempo encolheu porque não lembra tudo o que aconteceu em diferentes ciclos do sono profundo. Nos níveis baixos de consciência, assim como nos níveis de sono paradoxal, os impulsos do intracorpo trabalham com maior soltura. Aí trabalha também a memória com muita atividade. Acontece que, quando dormimos, o circuito se recompõe: aproveita, não apenas para eliminar toxinas, mas também para transferir cargas, cargas de conteúdos da consciência, de coisas que durante o dia não foram bem assimiladas. O trabalho do sono é intenso. O corpo está quieto, mas há trabalhos intensos da consciência. Reordenam-se conteúdos, rebobinando e avançando a filmagem, classificando e ordenando de outro modo os dados perceptuais do dia. Durante o dia vai se acumulando uma desordem perceptual muito grande porque os estímulos são variados e discordantes. No sono, ao contrário, produz-se uma ordem muito extraordinária. Classificam-se as coisas de um modo muito correto. Certamente, temos a impressão de que acontece o contrário, de que o que percebemos durante o dia é muito ordenado e que no sono há uma grande desordem. Na realidade, as coisas podem estar muito bem ordenadas, mas as percepções que temos das coisas são muito fortuitas, são muito aleatórias, enquanto o sono, em sua mecânica, vai reelaborando e colocando os dados em suas “pastas”. O sono não faz apenas essa tarefa extraordinária, mas, além disso, trata de recompor situações psíquicas que não foram solucionadas. O sono trata de lançar cargas de um lado para outro, de produzir descargas catárticas porque existem sobretensões. No sono solucionam-se muitos problemas de carga, produzem-se distensões profundas. Mas, no sono também ocorrem fenômenos transferenciais de cargas que vão se dispersando de uns conteúdos para outros e destes para terceiros em um claro processo de deslocamento energético. Muitas vezes as pessoas experimentam, depois de um belo sonho, a sensação de que algo “encaixou” bem, como se houvesse ocorrido uma transferência empírica, como se o sonho tivesse feito sua transferência. Porém, existem também os sonhos “pesados” e a pessoa desperta com a sensação de que um processo interno não está bem digerido. O sono está fazendo sua tentativa de reelaborar conteúdos, mas não consegue e, então, o sujeito sai desse nível com uma sensação muito ruim. Sem dúvida, o sono está sempre a serviço da recomposição do psiquismo.

3. A consciência e o eu

O que faz a consciência enquanto os diversos aparatos trabalham incansavelmente? A consciência conta com uma espécie de “diretor” de suas diversas funções e atividades, que é conhecido como o “eu”. Vejamos assim: de algum modo reconheço a mim mesmo e isto se dá graças à memória. Meu eu se baseia na memória e no reconhecimento de certos impulsos internos. Tenho noção de mim mesmo porque reconheço alguns de meus impulsos internos que estão sempre ligados a um tom afetivo característico. Não apenas me reconheço como eu mesmo por minha biografia e meus dados de memória; eu me reconheço por minha forma particular de sentir, por minha forma particular de compreender. E se tirássemos os sentidos,

onde estaria o eu? O eu não é uma unidade indivisível; ele resulta da soma e da estruturação dos dados dos sentidos e dos dados da memória.

Um pensador observou, há algumas centenas de anos, que podia pensar sobre seu próprio pensamento. Então, descobriu uma atividade interessante do eu. Não se tratava de lembrar coisas, nem se tratava de que os sentidos dessem informação. E mais: esse senhor que percebia esse problema muito cautelosamente tratou de separar os dados dos sentidos e os dados da memória; tratou de fazer uma redução e ficar com o pensamento de seu pensar e isso teve enormes consequências para o desenvolvimento da Filosofia. Mas agora estamos preocupados em entender o *funcionamento psicológico do eu*. Perguntamo-nos: “o eu, então, pode funcionar, mesmo que tiremos os dados da memória e dos sentidos?” Vejamos o ponto com cuidado. O conjunto de atos pelos quais a consciência pensa a si mesma depende de registros sensoriais internos; os sentidos internos dão informação do que acontece na atividade da consciência. Esse registro da própria identidade da consciência está dado pelos dados dos sentidos e pelos dados da memória mais uma peculiar configuração que outorgam à consciência a ilusão de identidade e permanência, apesar das contínuas mudanças que nela se verificam. *Essa configuração ilusória de identidade e permanência é o eu.*

Comentemos algumas provas realizadas na câmara de silêncio. Alguém se colocou ali e pôs seu corpo em imersão, digamos a uns 36º centígrados (ou seja, colocou-se em uma banheira em que a temperatura do meio é igual à temperatura da pele). O recinto está climatizado para conseguir que os pontos do corpo que emergem estejam umedecidos e à mesma temperatura do líquido. Suprimiu-se todo som ambiente, todo rastro de odor, de luz, etc. O sujeito começa a flutuar na escuridão e, em pouco tempo, começa a experimentar alguns fenômenos extraordinários: uma mão parece crescer notavelmente e seu corpo perdeu os limites. Mas algo curioso ocorre quando diminuímos ligeiramente a temperatura do recinto. Quando diminuímos em um par de graus a temperatura do meio externo em relação à temperatura do líquido, o sujeito sente que “sai” pela cabeça ou pelo peito. Em determinados momentos, o sujeito começa a experimentar que seu eu não está em seu corpo, mas fora dele. Essa estranheza extraordinária da localização espacial de seu eu deve-se, precisamente, à modificação dos impulsos da pele em pontos precisos (do rosto e do peito), sendo que o restante deles está totalmente indiferenciado. Porém, se voltamos a uniformizar a temperatura do líquido com a do recinto, começam a ocorrer outros fenômenos. Ao faltarem dados sensoriais externos, a memória começa a lançar trens de dados, compensando essa ausência, e pode-se começar a recolher dados de memória muito antigos. O mais notável é que esses dados de memória às vezes não aparecem como normalmente acontece quando recordamos imagens da vida, mas aparecem “fora” da cabeça. Como se essas lembranças “se vissem lá, fora da pessoa”, como alucinações projetadas em uma tela externa. É claro, não se tem muita noção de onde termina o corpo, então, tampouco se tem muita referência de onde estão situadas as imagens. Sentem-se as funções do eu fortemente alteradas. Produz-se uma espécie de alteração das funções do eu, pelo simples expediente da supressão sensorial externa.

4. Reversibilidade e fenômenos alterados de consciência

Neste esquema que estamos descrevendo, *o aparato de consciência trabalha com mecanismos de reversibilidade*. Isso quer dizer que, assim como percebo um som, mecanicamente, involuntariamente, também posso colocar a atenção na fonte do estímulo e, nesse caso, minha consciência tende a levar a atividade para a fonte sensorial. Perceber não é igual a aperceber. Aperceber é atenção mais percepção. Não é o mesmo lembrar, ou seja, isto que agora passa pela minha mente e chega de minha memória (em que a consciência passivamente recebe o dado), ou rememorar, em que minha consciência vai até a fonte da memória, trabalhando por singulares procedimentos de seleção e descarte. Assim, a consciência dispõe de mecanismos de reversibilidade que trabalham de acordo com o estado de lucidez em que se encontra a consciência nesse momento. Sabemos que, diminuindo o nível, é cada vez mais difícil ir às fontes dos estímulos voluntariamente. Os impulsos se impõem, as lembranças se impõem, tudo isso com grande força sugestiva controla a consciência, enquanto esta, indefesa, limita-se a receber os impulsos. Desce o nível de consciência, diminui a crítica, diminui a autocrítica, diminui a reversibilidade com todas as suas consequências. Isso não acontece somente nas quedas de nível de consciência, mas também nos estados alterados de consciência. É claro que não confundimos níveis e estados. Podemos estar, por exemplo, no nível de consciência vígil, mas em estado passivo, em estado atento, em estado alterado, etc. Cada nível de consciência admite diferentes estados. São diferentes, no nível de sono paradoxal, os estados de sono tranquilo, de sono alterado e de sono sonambúlico. *A reversibilidade pode cair em algum dos aparatos de consciência também por causa de estados alterados, e não porque o nível tenha descido.*

Poderia acontecer que uma pessoa estivesse vígil e, no entanto, por uma circunstância especial, sofresse fortes alucinações. Observaria fenômenos que, para ela, seriam do mundo externo, quando na realidade estaria projetando “externamente” algumas de suas representações internas. Estaria fortemente sugestionada por esses conteúdos, por essas alucinações, do mesmo modo que uma pessoa em pleno sono está fortemente sugestionada por seus conteúdos oníricos. No entanto, nosso sujeito estaria desperto e não dormindo. Também por uma febre muito alta, pela ação de drogas ou de álcool, sem haver perdido o nível de consciência vígil, ele se encontraria em um estado alterado de consciência, com a consequente aparição de fenômenos anormais.

Os estados alterados não são tão globais, senão que podem afetar determinados aspectos da reversibilidade. Podemos dizer que uma pessoa qualquer, em plena vigília, pode ter bloqueado algum aparato de reversibilidade. Tudo funciona bem, suas atividades diárias são normais, é uma pessoa convencional. Tudo anda às mil maravilhas... Menos em um ponto. Quando se toca nesse ponto, o sujeito perde o controle. Existe um ponto de bloqueio de sua reversibilidade. Quando se toca nesse ponto, diminui o sentido crítico e autocrítico, diminui o controle de si mesmo e estranhos fenômenos internos se apoderam de sua consciência. Mas isso não é tão dramático e acontece com todos nós. Em maior ou menor medida, todos temos nossos problemas com algum aspecto dos mecanismos de reversibilidade. Não dispomos, a nosso bel-prazer, de todos os nossos mecanismos. Pode acontecer, então, que nosso famoso eu não seja tanto o diretor da orquestra, quando alguns aspectos da reversibilidade são afetados, no momento em que ocorrem disfunções entre os distintos aparatos do psiquismo.

O exemplo da câmara de silêncio é muito interessante. Nele compreendemos que não se trata de uma queda de nível de consciência, mas da supressão de impulsos que deveriam chegar à consciência, e ali a própria noção do eu se altera, se perde. Também se perdem faixas de reversibilidade, de sentido crítico e ocorrem alucinações compensatórias.

A câmara de silêncio nos mostra o caso da supressão de estímulos externos e poucas vezes ocorrem ali fenômenos de interesse, se não se eliminam todas as referências sensoriais. Ocorre, às vezes, a falta ou insuficiência de impulsos provenientes dos sentidos internos. Chamamos esses fenômenos, genericamente, de “anestesias”. Por algum bloqueio, os sinais que deveriam chegar não chegam. O sujeito se torna estranho, seu eu se distorce, bloqueiam-se alguns aspectos de sua reversibilidade. Assim, *o eu pode ver-se alterado por excesso de estímulos ou por carência deles*. Mas, em todo caso, se nosso eu-diretor se desintegra, as atividades de reversibilidade desaparecem.

Por outro lado, *o eu dirige as operações utilizando um “espaço” e, conforme se situe nesse “espaço”, a direção dos impulsos mudará. Falamos do “espaço de representação” (diferente do espaço de percepção).*⁹ Nesse espaço de representação, do qual o eu também toma amostras, vão se situando impulsos e imagens. De acordo com a profundidade ou com o nível do espaço de representação em que uma imagem seja lançada, sairá uma resposta diferente ao mundo. Se, para mover minha mão, imagino-a visualmente, como se a visse de fora, imagino-a deslocando-se até um objeto que quero pegar, nem por isso minha mão realmente se deslocará. Essa imagem visual externa não corresponde ao tipo de imagem que deve ser disparada para que a mão se mova. Para que isso ocorra é necessário que eu utilize outros tipos de imagens: uma imagem cenestésica (baseada na sensação interna) e uma imagem cinestésica (baseada no registro muscular e de posição que minha mão vai adquirindo ao mover-se). Eu poderia me equivocar quanto ao tipo e à localização da imagem em direção ao mundo. Eu poderia ter sofrido um “trauma”, como gostavam de dizer em outras épocas e, então, ao querer me levantar da cadeira em que me encontrasse, poderia me equivocar na localização da imagem no espaço de representação. Ou então, confundir o tipo de imagem. O que estaria acontecendo comigo? Eu estaria dando sinais, estaria me vendo levantar da cadeira, mas poderia acontecer que não estivesse disparando as imagens cenestésicas e cinestésicas corretas, que são as que movem meu corpo. Se me equivocasse no tipo de imagem ou na localização dela, meu corpo poderia não responder e ficar paralisado. Poderia acontecer, ao contrário, que essa pessoa que está paralisada desde aquele famoso “trauma” e que não pode situar corretamente sua imagem recebesse um forte impacto emotivo de um xamã curandeiro ou de uma imagem religiosa e, como resultado desse fenômeno de fé (de um forte registro emotivo cenestésico), reconectasse a correta localização ou discriminasse corretamente a imagem (cenestésica) do caso. E seria bastante vistoso o fato de que alguém, frente a esses estranhos estímulos externos, rompesse sua paralisia e saísse caminhando. Poderia acontecer, se pudesse reconectar corretamente a imagem. E, assim como existem muitas somatizações, podem existir também muitas “des-somatizações” de acordo com os jogos de imagens que comentamos. Empiricamente, isso aconteceu muitas vezes, e numerosos e diversos casos estão devidamente registrados.

⁹ Para ampliar este ponto, pode-se consultar a conferência intitulada “Sobre o enigma da percepção”, em Silo. *Obras Completas Vol. I, Fala Silo*.

Esse assunto das imagens não é uma questão menor. Aí está nosso eu disparando imagens e, cada vez que uma imagem vai, um centro se mobiliza e uma resposta sai ao mundo. O centro mobiliza uma atividade, seja em direção ao mundo externo ou em direção ao intracorpo. O centro vegetativo, por exemplo, mobiliza atividades de disparo para dentro do corpo, e não para a motricidade externa. Entretanto, o interessante desse mecanismo é que, uma vez que o centro mobiliza uma atividade, os sentidos internos tomam amostra dessa atividade que se disparou para o intracorpo ou para o mundo externo. Então, se movo o braço, tenho noção do que faço. A noção que tenho de meu movimento não está dada por uma ideia, mas por registros cenestésicos próprios do intracorpo e por registros cinestésicos de posição, entregues por diferentes tipos de introceptores. Acontece que, conforme movo o braço, vou tendo registro de meu movimento. Graças a isso, posso ir corrigindo meus movimentos até encontrar exatamente o objeto. Posso ir corrigindo-o com mais facilidade que uma criança, porque esta ainda não tem a memória, a experiência motriz para realizar movimentos tão direcionados. Posso ir corrigindo meu movimento porque, de cada movimento que faço, tenho os sinais correspondentes. Claro que isso vai a grande velocidade e, de cada movimento que efetuo, tenho sinal do que vai acontecendo, em um circuito contínuo de realimentação, que permite corrigir e, além disso, aprender os movimentos. Assim, de toda ação que mobiliza um centro ao mundo tenho uma tomada de realimentação que volta ao circuito. E essa tomada de realimentação que volta ao circuito mobiliza, por sua vez, distintas funções dos outros aparatos de consciência. Sabemos que existem formas de memória motriz (por exemplo, algumas pessoas estudam melhor caminhando do que sentadas). Em outro exemplo, alguém interrompe seu diálogo com outra pessoa com a qual debatia enquanto caminhava, e você esqueceu o que estava por dizer. No entanto, ao voltar ao lugar em que perdeu o fio de seu discurso, pode recuperá-lo completamente. E, para terminar com isto, vocês sabem que, quando esquecem algo, se repetem os movimentos corporais prévios ao momento do esquecimento, podem retomar a sequência esquecida. Em realidade, há uma retroalimentação complexa do ato que sai: tomam-se amostras do registro interno, reinjeta-se no circuito, vai até a memória, circula, associa-se, transforma-se e traduz-se.

Para muitos, sobretudo para a Psicologia clássica, a coisa termina quando se realiza um ato. E parece que a coisa recém começa quando alguém realiza um ato, porque este ato se reinjeta e essa reinjeção desperta uma longa cadeia de processos internos. Assim, vamos com nossos aparatos, conectando-os entre si por meio de complexos sistemas de impulsos. Esses impulsos se deformam, transformam e substituem uns aos outros. Assim, conforme alguns exemplos que foram dados em seu momento, essa formiga que percorre meu braço é rapidamente reconhecida. Mas, essa formiga que percorre meu braço enquanto durmo não é facilmente reconhecida, pois esse impulso deforma-se, transforma-se e às vezes se traduz, suscitando numerosas cadeias associativas, segundo a linha mental que esteja trabalhando nesse momento. Complicando um pouco mais as coisas: quando meu braço está mal localizado, dou-me conta disso e me movo. Porém, quando estou dormindo e meu braço está mal localizado, essa soma de impulsos que chega é tomada pela consciência, traduzida, deformada e associada de modo singular. Então, acontece que imagino um exército de vespas atacando meu braço e, então, essas imagens levarão carga até meu braço, e o braço se moverá em um ato de defesa (que conseguirá uma acomodação) e continuarei dormindo. Essas imagens servem, precisamente, para que o sono continue. Essas traduções e deformações de impulsos

estarão a serviço da inércia do nível. Essas imagens do sono estão servindo para a defesa do próprio nível. Existem muitíssimos estímulos internos que dão sinal durante o sono. Então, no momento do sono paradoxal, esses impulsos aparecem como imagem. Acontece que há uma tensão visceral profunda, por exemplo. O que acontecerá? O mesmo que aconteceu com o braço, mas por dentro. Essa tensão visceral profunda envia sinal e ele se traduz como imagem. Suponhamos algo mais fácil: uma irritação visceral envia o sinal que se traduz como imagem. O sonhador agora se vê dentro de um incêndio e, se o sinal for demasiado intenso, o “incêndio” terminará rompendo a inércia do nível, então o sujeito despertará e tomará algum digestivo ou algo do tipo. Entretanto, se não for assim, a inércia do nível será mantida e se associarão ao incêndio outros elementos que contribuirão para ir diluindo a situação, porque a própria imagem pode trabalhar disparando-se para dentro e provocando distensões.

Nos sonhos, impulsos estão continuamente sendo recebidos de distintas tensões internas, imagens correspondentes estão sendo traduzidas, e estas imagens que mobilizam centros também mobilizam o centro vegetativo que dá respostas de distensão interna. De maneira que as tensões profundas dão seus sinais, e as imagens vão rebotando para dentro, provocando as distensões equivalentes às tensões que foram disparadas.

Quando o sujeito era criança, sofreu um forte choque. Ele ficou fortemente impressionado por uma cena. Muitos de seus músculos externos se contraíram. Também se contraíram algumas zonas musculares mais profundas. Cada vez que ele recorda aquela cena, produz-se o mesmo tipo de contração. Agora acontece que essa cena está associada (por similitude, contiguidade, contraste, etc.) com outras imagens que, aparentemente, não têm nada que ver. Então, ao evocar essas imagens, saltam as primigências e se produzem as contrações. Acontece, por último, com o passar do tempo, que já se perdeu na memória antiga a primeira imagem, que era a que produzia a tensão. E, agora, inexplicavelmente, ao receber um impulso e soltar uma imagem, produzem-se essas contrações. Acontece que, frente a certos objetos, ou situações, ou pessoas, despertam-se no sujeito fortes contrações e um estranho temor, com o qual não se encontra relação com aquilo que se passou na infância. Uma parte foi apagada e ficaram as outras imagens. Cada vez que, em seus sonhos, soltam-se imagens que colocam em marcha essas contrações e delas se tomam amostras que voltam a traduzir-se em imagens, está se realizando na consciência uma tentativa de distender e transferir as cargas que estão fixadas a uma situação não resolvida. No sonho está se tratando de resolver, com o disparo de imagens, as tensões opressivas e, além disso, está se tratando de deslocar cargas de certos conteúdos para outros de menor potencial, a fim de que se separe ou se redistribua a carga dolorosa original.

Tendo em conta o trabalho empírico catártico e transferencial que se realiza durante o sono, as técnicas de Operativa podem seguir o processo de tomar impulsos e disparar imagens aos pontos de resistência. No entanto, é necessário fazer aqui algumas breves digressões em torno da classificação das técnicas de Operativa, dos procedimentos gerais e do objetivo de tais trabalhos.

Agrupamos as distintas técnicas de Operativa¹⁰ do seguinte modo: 1. Técnicas catárticas: sondagem catártica, catarse de realimentação, catarse de climas e catarse de imagens; 2.

¹⁰ Consultar L. Amman, Autoliberación, Segunda parte: Operativa. Ed. Planeta, 1991

Técnicas transferenciais: experiências guiadas,¹¹ transferências e transferências exploratórias;
3. Técnicas autotransferenciais.

Nas transferências, o sujeito se localiza em determinado nível e estado de consciência, em um nível de semissono ativo no qual ele vai descendo e subindo por sua paisagem interna; vai avançando ou retrocedendo; vai se expandindo ou vai se contraindo e, ao fazê-lo, nosso sujeito vai encontrando resistências em determinados pontos. Essas resistências que encontra são, para quem guia a transferência, indicadores importantes de bloqueio, fixação ou contração. O guia vai procurar que as imagens do sujeito cheguem suavemente a essas resistências e as superem. Dizemos que, quando se pode superar uma resistência, ocorre uma distensão ou uma transferência de carga. Às vezes essas resistências são muito grandes e não se pode atacá-las de frente porque ocorrem reações ou rebotes, e o sujeito não vai se sentir animado para novos trabalhos, se sofrer algum fracasso ao tratar de vencer suas dificuldades. Assim, com as grandes resistências, o guia não avança frontalmente, senão que retrocede e, “dando voltas”, chega novamente a elas, porém, conciliando conteúdos internos e não atuando com violência. O guia se orienta pelas resistências, sempre com o procedimento das imagens. O sujeito trabalha no nível do semissono para que possa apresentar um conjunto de alegorias conhecidas e manejáveis. Trabalhando com alegorias no nível do semissono ativo, o guia pode mobilizar imagens, vencer resistências e liberar sobrecargas.

O objetivo final dos trabalhos de Operativa é integrar conteúdos que estão separados, de maneira que essa incoerência vital que alguém percebe em si mesmo possa ser superada. Esses mosaicos de conteúdos que não se encaixam bem; esses sistemas de ideação em que se reconhecem tendências contraditórias; esses desejos que não se quer desejar; essas coisas que aconteceram e não se gostaria de repetir; essa complicação enorme de conteúdos não integrados; essa contradição contínua é o que se pretende ir superando com o apoio das técnicas transferenciais de integração de conteúdos. Conhecendo bem as técnicas transferenciais, interessa incursionar em diversos tipos de trabalhos autotransferenciais, nos quais já se prescinde de um guia externo, utilizando um sistema de imagens codificado para orientar o próprio processo. Nas autotransferências resgatam-se conteúdos biográficos que não estão conciliados e se podem trabalhar temores e sofrimentos imaginários situados em um presente ou em um futuro psicológico. Os sofrimentos que se introduzem na consciência em seus distintos tempos e por suas distintas vias podem ser modificados mediante a utilização de imagens autotransferenciais disparadas ao nível e âmbito adequados do espaço de representação.

Orientamos nossos trabalhos na direção da superação do sofrimento. Também dissemos que o ser humano sofre pelo que acredita que aconteceu em sua vida, pelo que acredita que acontece, e pelo que acredita que acontecerá. E sabemos que esse sofrimento que o ser humano sente pelo que acredita é um sofrimento real, mesmo que não seja real o que ele acredita. Trabalhando sobre si mesmo pode-se chegar a essas crenças dolorosas, reorientando a direção da energia psíquica.

¹¹ Para compreender e utilizar esta técnica, ver *Experiencias Guiadas* e, especialmente, a conferência de apresentação desse livro em *Habla Silo. Obras Completas*, Vol. I.

5. O sistema de representação nos estados alterados de consciência

Nos deslocamentos pelo espaço de representação, chegamos a seus limites. À medida que as representações descem, o espaço tende a se escurecer e, inversamente, para cima vai aumentando a claridade. Essas diferenças de luminosidade entre “profundidades” e “alturas” certamente têm a ver com a informação de memória que, desde a primeira infância, vai associando a gravação de luminosidade aos espaços altos. Também se pode comprovar a maior luminosidade que tem qualquer imagem visual situada no nível dos olhos, enquanto sua definição diminui à medida que se situe fora desse nível. Logicamente, o campo de visão abre-se com mais facilidade para frente e para cima dos olhos (em direção à cúspide da cabeça) do que para frente e para baixo (em direção ao tronco, pernas e pés). Apesar disso, alguns pintores de zonas frias e nebulosas nos mostram nos planos baixos de suas telas uma iluminação especial nas quais, frequentemente, estão os campos nevados, assim como uma crescente escuridão em direção aos espaços altos, que costumam aparecer cobertos de nuvens.

Nas profundidades ou nas alturas, aparecem objetos mais ou menos luminosos, no entanto, ao representar tais objetos, não se modifica o tom geral da luz que pode existir nos distintos níveis do espaço de representação.

Por outro lado e somente em determinadas condições de alteração de consciência, ocorre um fenômeno curioso que irrompe iluminando todo o espaço de representação. Esse fenômeno acompanha as fortes comoções psíquicas que entregam um registro emotivo cenestésico muito profundo. Essa luz que ilumina todo o espaço de representação se torna presente de tal maneira que, mesmo que o sujeito suba ou desça, o espaço permanece iluminado, não dependendo isto de um objeto particularmente luminoso, senão que todo o “ambiente” aparece agora afetado. É como se definisse a tela da TV com o brilho máximo. Em tal caso, não se trata de alguns objetos mais iluminados que outros, mas do brilho geral. Em alguns processos transferenciais, e logo após registrar esse fenômeno, alguns sujeitos saem para a vigília com uma aparente modificação da percepção do mundo externo. Assim, os objetos parecem mais brilhantes, mais claros e com mais volume, segundo as descrições que se costumam fazer nesses casos. Ao ocorrer esse curioso fenômeno de iluminação do espaço, algo aconteceu com o sistema de estruturação da consciência que agora interpreta de modo diferente a percepção externa habitual. Não é que se “tenham depurado as portas da percepção”, senão que se modificou a representação que acompanha a percepção.

De modo empírico e por meio de diversas práticas místicas, os devotos de algumas religiões tratam de se colocar em contato com um fenômeno transcendente à percepção e que parece irromper na consciência como “luz”. Por diferentes procedimentos ascéticos ou rituais, por meio do jejum, da oração ou da repetição, tenta-se alcançar o contato com uma espécie de fonte de luz. Nos processos transferenciais e nos processos autotransferenciais, seja por acidente no primeiro caso ou de modo dirigido no segundo, tem-se experiência desses curiosos acontecimentos psíquicos. Sabe-se que estes podem ocorrer quando o sujeito recebe uma forte comoção psíquica, ou seja, seu estado é, aproximadamente, um estado alterado de consciência. A literatura religiosa universal está repleta de numerosos relatos acerca desses

fenômenos. Também é interessante perceber que essa luz, em algumas ocasiões, “comunica-se” e até “dialoga” com o sujeito, tal como está ocorrendo nestes tempos com as luzes que se vêem nos céus e que, chegando aos temerosos observadores, dão-lhes suas “mensagens de outros mundos”.

Há muitos outros casos de variações de cor, qualidade e intensidade lumínica, como acontece com certos alucinógenos, mas esses casos nada têm a ver com o comentado anteriormente.

Segundo se descreve em muitos textos, algumas pessoas que aparentemente morreram e voltaram à vida tiveram a experiência de abandonar seu corpo e se orientar para uma luz cada vez mais viva, sem poder relatar bem se eram eles que avançavam até a luz, ou se esta avançava em direção a eles. O fato é que os protagonistas vão se encontrando com semelhante luz que tem a propriedade de comunicar-se e até dar indicações. Mas, para poder contar essas histórias, terá que receber um choque elétrico no coração, ou algo do tipo e, então, nossos heróis se sentirão retrocedendo e afastando-se da famosa luz com que estavam por tomar um interessante contato.

Existem numerosas explicações para esses fenômenos, explicações relacionadas a anoxia, acumulação de dióxido de carbono, alteração de certas enzimas cerebrais. No entanto, para nós, como de costume, não nos interessam tanto as explicações, que hoje são umas e amanhã serão outras, senão que nos interessa o sistema de registros, o posicionamento afetivo do sujeito e essa espécie de grande “sentido” que parece irromper surpreendentemente. Aqueles que acreditam terem voltado da morte experimentam uma grande mudança pelo fato de ter registrado um “contato” com um fenômeno extraordinário que emerge de repente e que não se alcança compreender se é um fenômeno de percepção ou de representação, mas que parece de grande importância, já que tem aptidão para mudar subitamente o sentido da vida humana.

Sabe-se, além do mais, que *os estados alterados de consciência podem ocorrer em distintos níveis e, certamente, no nível vigílico*. Quando alguém se encoleriza, ocorre, em vigília, um estado alterado. Quando alguém, de repente, sente euforia ou uma grande alegria, também está roçando um estado alterado de consciência. Mas quando se fala de “estado alterado”, pode-se pensar em algo infravigílico. No entanto, os estados alterados são frequentes, acontecem em diferentes graus e com diferentes qualidades. Os estados alterados sempre implicam o bloqueio da reversibilidade em algum de seus aspectos. Existem estados alterados de consciência mesmo em vigília, como são os estados produzidos pela sugestibilidade. Todo mundo está mais ou menos sugestionado pelos objetos exibidos pela publicidade ou glorificados pelos comentaristas midiáticos. Muita gente no mundo acredita nas bondades dos artigos que, repetidamente, são propostos nas diversas campanhas. Esses artigos podem ser objetos de consumo, valores, pontos de vista sobre diferentes tópicos, etc. A diminuição da reversibilidade nos estados alterados de consciência está presente em cada um de nós e a cada momento. Nos casos mais profundos de susceptibilidade, já nos encontramos com o transe hipnótico. O transe hipnótico trabalha no nível de consciência vigílica, ainda que o criador da palavra “hipnose” tenha pensado que era uma espécie de sonho. O sujeito hipnotizado caminha, vai, vem, anda com os olhos abertos, realiza operações e, também, durante o efeito pós-hipnótico o sujeito continua atuando em vigília, mas cumprindo o

mandamento que lhe deram no momento da sessão hipnótica. Trata-se de um forte estado alterado de consciência.

Existem os estados alterados patológicos nos quais se dissociam importantes funções da consciência. Existem também estados não patológicos nos quais, provisoriamente, podem cindir-se, dividir-se as funções. Por exemplo, em certas sessões espíritas alguém pode estar conversando e, ao mesmo tempo, sua mão se pôr a escrever automaticamente e começar a passar “mensagens” sem que o sujeito repare no que está acontecendo.

Com os casos de divisão de funções e de cisões de personalidade, poderia organizar-se uma lista bastante extensa dos estados alterados. Muitos estados alterados acompanham fenômenos de defesa que se põem em marcha quando ocorrem disparos adrenalínicos frente a um perigo e isto produz sérias modificações na economia normal da consciência. Sem dúvida, assim como existem fenômenos muito úteis na alteração de consciência, existem também fenômenos muito negativos.

Por ação química (gases, drogas e álcool), por ação mecânica (giros, respirações forçadas, opressão de artérias) e por ação da supressão sensorial podem produzir-se estados alterados de consciência. Também por procedimentos rituais e por “colocar-se em situação”, graças a condições musicais especiais, danças e operações devocionais.

Existem os chamados “*estados crepusculares de consciência*”, nos quais há bloqueio da reversibilidade geral e um posterior registro de desintegração interna. Distinguimos, também, alguns estados que podem ser ocasionais e que poderiam ser chamados de “*estados superiores de consciência*”. Estes podem ser classificados como: *êxtase*, *arrebatamento* e *reconhecimento*. Os estados de *êxtase* costumam ser acompanhados por suaves concomitâncias motrizes e por certa agitação geral. Os de *arrebatamento* são mais de registros emotivos fortes e inefáveis. Os de *reconhecimento* podem ser caracterizados como fenômenos intelectuais, no sentido em que o sujeito acredita, por um instante, “compreender tudo”, por um instante não ter diferenças entre o que ele é e o que é o mundo, como se o eu tivesse desaparecido. A quem não aconteceu alguma vez que, de repente, experimentou uma alegria enorme sem motivo, uma alegria súbita, crescente e estranha? A quem não ocorreu, sem causa evidente, uma “caída em conta” de profundo sentido, em que se fez evidente que “as coisas são assim”?

Também pode-se penetrar em um curioso estado de consciência alterada pela “suspensão do eu”. Isto se apresenta como uma situação paradoxal, porque para silenciar o eu é necessário vigiar sua atividade de modo voluntário, o que requer uma importante ação de reversibilidade que robustece, novamente, aquilo que se quer anular. Assim, a suspensão se alcança unicamente por caminhos indiretos, deslocando progressivamente o eu de sua localização central de objeto de meditação. Esse eu, soma de sensação e memória, começa logo a silenciar-se, a se desestruturar. Isso é possível porque a memória pode deixar de entregar dados, e os sentidos (pelo menos os externos) também podem deixar de entregar dados. A consciência, então, está em condições de encontrar-se sem a presença desse eu, em uma espécie de vazio. Em tal situação, é experimentável uma atividade mental muito diferente da habitual. Assim como a consciência se nutre dos impulsos que chegam do intracorpo, do exterior do corpo e da memória, também se nutre de impulsos de respostas que dá ao mundo

(externo e interno) e que realimentam novamente a entrada ao circuito. Por esta via secundária, detectamos fenômenos que se produzem quando *a consciência é capaz de internalizar-se até o “profundo” do espaço de representação*. O “profundo” (também chamado de “si mesmo” em alguma corrente psicológica contemporânea) não é exatamente um conteúdo da consciência. A consciência pode chegar ao “profundo” por um trabalho especial de internalização. Nesta internalização irrompe aquilo que sempre está escondido, coberto pelo “ruído” da consciência. É no “profundo” onde se encontram as experiências dos espaços e dos tempos sagrados. Em outras palavras, no “profundo” encontra-se a raiz de toda mística e de todo sentimento religioso.

PSICOLOGIA IV

Conferência realizada por Silo no Parque La Reja, Buenos Aires, em meados de maio de 2006.

1. Impulsos e desdobramento de impulsos

Afirmou-se em Psicologia III que o trabalho de um impulso em qualquer circuito termina produzindo registro interno no sujeito. Um dos circuitos compreende a percepção, a representação, a nova tomada de representação e a sensação interna em geral. Outro circuito nos mostra o percurso de impulsos que terminam nas ações lançadas para o mundo externo, das quais o sujeito tem também sensação interna. Essa tomada de realimentação é a que permite aprender com as próprias ações por aperfeiçoamento da ação anterior ou por descarte do erro cometido. Tudo isso ficou claro com o exemplo de aprendizagem no uso de um teclado.¹²

Por outro lado, todo impulso que termina no intracorpo ou no exterior do corpo produz registros de distintas localizações no espaço de representação, podendo-se destacar que os impulsos do intracorpo se localizam do limite tátil-cenestésico para "dentro", e os impulsos que terminam em ações no mundo externo se registram do limite tátil-cinestésico para "fora" do corpo. Qualquer que seja a direção do impulso, que necessariamente conta com um correlato de informação ou sensação interna, sempre modificará o estado geral do circuito. Com relação a essa aptidão transformadora dos impulsos, podemos considerar dois tipos: 1. aqueles capazes de liberar tensões ou provocar descarga de energia psicofísica, que chamaremos de "catárticos" e 2. os que permitem transladar cargas internas, integrar conteúdos e ampliar as possibilidades de desenvolvimento da energia psicofísica, que chamaremos de "transferenciais". Portanto, todo impulso, independentemente de sua direção, terá uma aptidão predominantemente catártica ou transferencial. Além disso, em todo impulso existirá uma cota de gratificação ou mal-estar, de agrado ou desagrado, que permitirá ao sujeito selecionar seus atos de consciência ou de suas ações corporais.

Os impulsos se "desdobram" através de realimentações diversas, como as que permitem comparar registros de percepções com registros de representações e que necessariamente acompanham "retenções" ou memorizações das mesmas. Existem outros desdobramentos que "enfocam", mais ou menos voluntariamente, as percepções e as representações. Esses desdobramentos foram designados como "apercepções", ou seja, como seleção e direção da consciência para as fontes de percepção, e como "evocações", ou seja, como seleção e direção da consciência para as fontes de retenção. A direção e seleção voluntária e involuntária da consciência para suas distintas fontes constituem a função que genericamente é chamada de "atenção".

2. A consciência, a atenção e o "eu"

Chamamos de "consciência" o aparato que coordena e estrutura as sensações, as imagens e as lembranças do psiquismo humano. Por outro lado, não se pode localizar a consciência em um

¹² Ver *Catarse, transferências e autotransferências. A ação no mundo como forma transferencial*, em "Psicologia III"

lugar preciso do sistema nervoso central ou em algum ponto e profundidade cortical ou subcortical. Tampouco é o caso de confundir pontos de trabalho especializado, como os “centros”, com estruturas de funcionamento que se verificam na totalidade do sistema nervoso.

Para maior clareza expositiva, designamos como “fenômenos conscientes” todos os que ocorrem nos diferentes níveis e estados de vigília, semissono e sono, incluídos os subliminares (que acontecem no limite do registro do percebido, do representado e do recordado). Certamente, ao falar de “subliminar”, não estamos nos referindo a um suposto “subconsciente” ou “inconsciente”.

Frequentemente se confunde a consciência com o “eu”, quando na realidade este não tem uma base corporal, enquanto aquela pode-se localizar como “aparato” registrador e coordenador do psiquismo humano. Em outro momento dissemos: “(...) Esse registro da própria identidade da consciência está dado pelos dados dos sentidos e pelos dados de memória mais uma peculiar configuração que outorga à consciência a ilusão de permanência, apesar das contínuas mudanças que nela se verificam. *Essa configuração ilusória de identidade e permanência é o eu.*¹³ Nos estados alterados de consciência se comprova frequentemente que esta se mantém em vigília, enquanto determinados impulsos que deveriam chegar a seu registro são bloqueados, sofrendo a noção do eu uma alteração ou estranhamento; perde-se reversibilidade, sentido crítico e, às vezes, as imagens descontextualizadas adquirem “realidade” externa alucinatória. Nessa situação, o eu é registrado como situado em zonas limites externas do espaço de representação e a certa “distância” do eu habitual. O sujeito pode experimentar a si mesmo registrando e sentindo fenômenos que provêm do mundo externo quando, a rigor, os fenômenos mencionados não são de percepção, mas de representação. Esses fenômenos nos quais a representação substitui a percepção e, portanto, situam-se em um “espaço externo” para cujo limite se desloca o eu, costumamos chamar de “projeções”.

Espacialidade e temporalidade da consciência¹⁴

Em vigília ativa, o eu se situa nas zonas mais externas do espaço de representação, “perdido” nos limites do tato externo, mas se faço apercepção de algo que vejo, o registro do eu sofre um deslocamento. Nesse momento, posso dizer a mim mesmo: “vejo a partir de mim o objeto externo e me registro dentro de meu corpo”. Mesmo estando conectado com o mundo externo por meio dos sentidos, existe uma divisão de espaços, e é no interno onde eu me situo. Se posteriormente apercebo minha respiração, poderei dizer a mim mesmo: “experimento a partir de mim o movimento dos pulmões, estou dentro de meu corpo, mas não dentro de meus pulmões”. Está claro que experimento uma distância entre o eu e os pulmões, não somente porque registro o eu na cabeça, que está afastada da caixa torácica, mas porque em todos os casos de percepção interna (como ocorre com uma dor de dente ou uma dor de cabeça), os fenômenos estarão sempre a “distância” de mim como observador.

¹³ Ver *A consciência e o eu*, em “Psicologia III”

¹⁴ Ver *Espaço de representação*, em “Psicologia II”

Mas aqui não nos interessa essa “distância” entre o observador e o observado, e sim a “distância” entre eu e o mundo externo e entre eu e o mundo interno. Certamente, podemos destacar matizes muito sutis na variabilidade das posições “espaciais” do eu, mas aqui estamos ressaltando as localizações diametrais do eu em cada caso mencionado. E, nessa descrição, podemos dizer que o eu pode se localizar na interioridade do espaço de representação, mas nos limites táteis-cinestésicos que dão noção do mundo externo e, opostamente, nos limites táteis-cenestésicos que dão noção do mundo interno¹⁵. Em todo caso, podemos usar a figura de uma película bicôncava (como limite entre mundos) que se dilata ou se contrai e, com isso, focaliza ou difunde o registro dos objetos externos ou internos. A atenção se dirige, mais ou menos intencionalmente, para os sentidos externos ou internos na vigília, e perde o manejo de sua direção no semissono, no sono e ainda na vigília dos estados alterados, já que em todos esses níveis e estados a reversibilidade é afetada por fenômenos e registros que se impõem à consciência. É muito evidente que na constituição do eu intervêm não somente a memória, a percepção e a representação, mas também a posição da atenção no espaço de representação. Não se está falando, por conseguinte, de um eu substancial, mas de um epifenômeno da atividade da consciência.

Esse "eu-atenção" parece cumprir com a função de coordenar as atividades da consciência com o próprio corpo e com o mundo em geral. Os registros do transcorrer e da posição dos *fenômenos mentais se imbricam nessa coordenação e se tornam independentes da própria coordenação*. Assim, a metáfora do "eu" termina ganhando identidade e “substancialidade”, tornando-se independente da estrutura de funções da consciência.

Por outro lado, os reiterados registros e reconhecimentos da ação da atenção vão se configurando no ser humano muito cedo, à medida que a criança dispõe de direções mais ou menos voluntárias em direção ao mundo externo e ao intracorpo. Gradualmente, com o manejo do corpo e de certas funções internas, vai se robustecendo a presença pontual e também uma copresença em que o registro do próprio eu se constitui em concentrador e pano de fundo de todas as atividades mentais. Estamos diante dessa grande ilusão da consciência que chamamos de "Eu".

Devemos considerar agora a localização do eu nos distintos níveis de consciência. Em vigília, o eu ocupa uma posição central dada pela disponibilidade da atenção e da reversibilidade. Isto varia consideravelmente no semissono, quando os impulsos que provêm dos sentidos externos tendem a se debilitar ou flutuar entre o mundo externo e uma cenestesia generalizada. Durante o sono com imagens, o eu se internaliza. E, por último, durante o sono vegetativo, o registro do eu se esfumaça¹⁶. As transformações dos impulsos nos devaneios vigílicos aparecem nas sequências de associações livres com numerosas traduções alegóricas, simbólicas e sígnicas que conformam a linguagem especial de imagens da cenestesia. Certamente, estamos nos referindo às sequências imaginárias sem controle, próprias das vias

¹⁵ Ver “Psicologia da imagem”, em *Contribuições ao Pensamento*, Silo, Obras Completas Vol. II, Madri, Ediciones Humanistas, 2002

¹⁶ No "sono paradoxal" ou com imagens, o registro do eu se "afasta" do mundo externo e se dilui em imagens desconexas até desaparecer em uma situação que dificilmente está sob controle daquele que dorme. Quanto ao sono vegetativo profundo, a detecção eletroencefalográfica mostra uma total ausência de imagens. Tampouco se verifica o MOR (Movimento Ocular Rápido), coincidindo isto com uma amnésia posterior dos fatos psíquicos ocorridos em um total esquecimento do eu.

associativas, e não às construções imaginárias que seguem um desenvolvimento mais ou menos premeditado¹⁷ ou às traduções dos impulsos canalizados nas vias abstrativas que também se manifestam como imagens simbólicas e sígnicas. Os impulsos, transformando-se em distintos níveis, também fazem o registro do eu variar na profundidade ou superficialidade do espaço de representação. Usando uma figura, podemos assinalar que os fenômenos psíquicos se registram sempre entre coordenadas “espaciais” *x* e *y*, mas também com relação a *z*, sendo “*z*” a profundidade do registro no espaço de representação. Certamente, o registro de qualquer fenômeno se experimenta na tridimensionalidade do espaço de representação (quanto a altura vertical, lateralidade horizontal e profundidade dos impulsos, conforme maior externalidade ou maior interioridade), coisa que podemos comprovar ao aperceber ou representar impulsos provenientes do mundo externo, do intracampo ou da memória.

Sem nos complicarmos com descrições próprias da Fenomenologia, devemos considerar agora alguns tópicos estudados exaustivamente por ela¹⁸. Assim, dizemos que em vigília os *campos de presença e copresença* permitem localizar os fenômenos em sucessão temporal, estabelecendo-se a relação de fatos do momento atual no qual estou localizado com os momentos anteriores dos quais provêm o *fluir* de minha consciência e com os posteriores para os quais se lança esse *fluir*. Em todo caso, o instante presente é a barreira da temporalidade e, embora não possa dar ciência dele porque ao pensar nele conto apenas com a *retenção* do ocorrido na dinâmica de minha consciência, sua aparente “fixação” me permite ir para “trás” dos fenômenos que já não são ou para “frente” dos fenômenos que ainda não são. É no *horizonte da temporalidade* da consciência onde se inscreve todo acontecimento. E no horizonte restringido que fixa a presença *de atos e objetos* sempre estará atuando um campo de copresença no qual se conectarão todos eles.

Diferentemente do que ocorre no transcorrer do mundo físico, os fatos de consciência não respeitam a sucessão cronológica – eles retornam, perduram, atualizam-se, modificam-se e futurizam-se, alterando o instante presente. O “instante presente” se estrutura pelo entrecruzamento da retenção e da protensão. Exemplificando: um acontecimento doloroso imaginado a futuro pode atuar sobre o presente do sujeito, desviando a tendência que levava seu corpo em direção a um objeto previamente desejado. Assim, as leis que se cumprem no espaço-temporalidade do mundo físico sofrem um desvio considerável nos objetos e nos atos mentais. Essa independência do psiquismo, por “desvio” das leis físicas, faz lembrar a ideia de “*clinâmen*” que Epicuro apresentou para introduzir a liberdade em um mundo dominado pelo mecanicismo¹⁹.

Dando por compreendida a estruturalidade da consciência na relação entre os “aparatos” e as diferentes vias pelas quais o impulso circula, podemos considerar este em suas distintas

¹⁷ Ver a conferência sobre Experiências Guiadas, realizada no Ateneu de Madri em 1989. *Fala Silo, Apresentação de Livros, Experiências Guiadas*, Silo, Obras Completas Vol. I, Madri, Ediciones Humanistas, 1998

¹⁸ Para melhor compreensão deste ponto, consultar *Meditações cartesianas, Segunda meditação, 19. Atualidade e potencialidade da vida intencional*, Husserl E, Madri, Ediciones Paulinas, 1979. Consultar também *O ser e o tempo, Segunda seção, IV. Temporalidade e cotidianidade. 70. A temporalidade da espacialidade peculiar ao “ser aí”*, Heidegger M, México, Fondo de Cultura Económica, 1980.

¹⁹ Ao que parece, Epicuro defendeu a Teoria de Demócrito, segundo a qual os átomos se movem formando o mundo físico, mas frente à objeção de Aristóteles acrescentou que os átomos sofrem desvios, inclinações que lhes permitem encontrar-se. A doutrina correspondente à ideia de “*clinâmen*” parece ter sido formulada completamente 300 anos depois de Epicuro. Ver Lucrecio, *De rerum natura*, II, 289- 93.

transformações como o “átomo” básico da atividade psíquica. No entanto, esse átomo não se apresenta isolado, mas em “trens de impulsos”, em configurações que dão lugar à percepção, à lembrança e à representação. Desse modo, a inserção do psíquico na espacialidade externa começa pelos impulsos que, transformados em protensões de imagens cinestésicas, deslocam-se em direção ao exterior da tridimensionalidade do espaço de representação, movendo o corpo. É claro que as imagens cenestésicas e as correspondentes aos sentidos externos atuam de modo auxiliar (como “sinais compostos”) em todo fenômeno no qual vai se selecionando e regulando a direção e intensidade motriz. Definitivamente, nesse fluir de impulsos relativos ao tempo e ao espaço de consciência, ocorrem os primeiros eventos que terminarão modificando o mundo.

Não é redundante aqui uma reflexão geral sobre os fatos nos quais o psiquismo atua de e para sua exterioridade. Para começar, observamos que os objetos materiais se apresentam como espacialidade para a captação “tátil” dos sentidos externos que diferenciam o corpúsculo, a onda, a molécula, a pressão, a temperatura, etc. Para terminar, dizemos que essas “impressões”, ou impulsos externos ao psiquismo, colocam em marcha um sistema de interpretação e resposta que não pode funcionar, a não ser em um espaço interno.

Estamos afirmando do modo mais amplo que, por variação de impulsos entre “espaços”, o psiquismo é penetrado e penetra o mundo. Não estamos falando de circuitos fechados entre estímulos e respostas, mas de um sistema aberto e crescente que capta e atua por acumulação e protensão temporal. Por outro lado, *esta “abertura” entre espaços não ocorre por transpor as barreiras de uma mônada²⁰, mas porque a consciência, já em sua origem, constitui-se a partir, em e para o mundo.*

4. Estruturas de consciência

Os diferentes modos de o ser humano estar no mundo²¹, as diferentes posições de seu experimentar e fazer respondem a estruturas completas de consciência. Assim, “consciência desafortunada”, “consciência angustiada”, “consciência emocionada”, “consciência enojada”, “consciência nauseada”, “consciência inspirada” são casos relevantes que foram descritos convenientemente²². É pertinente assinalar que tais descrições podem se aplicar ao pessoal, ao grupal e ao social. Por exemplo, para descrever uma estrutura de

²⁰ Desde Pitágoras se concebeu a “mônada” como a primeira unidade ou unidade fundamental da qual derivam os números. Com o passar do tempo, a ideia de mônada foi sofrendo importantes mudanças até que, no Renascimento e com Giordano Bruno em *De monade*, os átomos constitutivos da realidade são viventes e animados. No século XVIII, Leibniz em *Os princípios da natureza* caracterizou as mônadas como “átomos” sem começo nem fim que se combinam sem interpenetrar-se e que possuem força própria. Contemporaneamente, Kant em sua *Monadologia physica* descreveu a mônada como ponto indivisível, a diferença do espaço que é imensamente divisível.

²¹ Entendendo-se “mundo” como a síntese mundo interno-externo.

²² Em *Fenomenologia do espírito*, Hegel chama de “alienação” a “consciência desventurada”, que se registra como uma ruptura da consciência consigo mesma ao encontrar-se separada e despossuída da realidade à qual pertence. Em *Conceito da angústia*, Kierkegaard estuda a “consciência angustiada” que se manifesta com relação a seu objeto que é o “nada”. Muitos “filósofos da existência” recorrem ao método fenomenológico para descrever os atos e os objetos de síntese de consciência. Sartre, em *Esboço de uma teoria das emoções*, descreve a “consciência emocionada” e Kolnai, em *O asco*, descreve a “consciência enojada”.

consciência em pânico, deve-se partir de uma situação coletiva, como se reconhece nas origens (legendárias e históricas) da palavra "pânico", que designa um especial estado de consciência. Com o passar do tempo, o vocábulo "pânico" foi usado cada vez mais frequentemente para explicar uma alteração de consciência individual²³.

Pois bem, os casos anteriormente citados podem ser entendidos individualmente ou em um conjunto (em atenção à intersubjetividade constitutiva da consciência). Sempre que ocorrerem variações nessas estruturações globais, ocorrerão também variações nos fenômenos concorrentes, como é o caso do eu. Assim, em plena vigília, mas em estados de consciência diferentes, registramos o eu localizado em distintas profundidades do espaço de representação.

Para compreender o anterior, devemos apelar às diferenças entre níveis e estados de consciência. Os níveis clássicos de vigília, semissono, sono profundo paradoxal e sono profundo vegetativo não oferecem dificuldades de compreensão. Mas em cada um desses níveis temos a possibilidade de reconhecer posições variáveis dos fenômenos psíquicos. Colocando exemplos extremos, dizemos que, quando o eu mantém contato sensorial com o mundo externo, mas se encontra perdido em suas representações ou evocações, ou tem em conta a si mesmo sem interesses relevantes sobre sua ação no mundo, estamos diante de uma *consciência vigílica em estado de ensimesmamento*. O corpo atua externamente em uma espécie de "irrealidade" que, aprofundando-se, pode chegar à desconexão e à imobilidade. Trata-se de um "deslocamento" do eu para uma presença constante dos registros de evocação, representação ou percepção tátil-cenestésica e, portanto, a distância se "alonga" entre o eu e o objeto externo. No caso oposto, o eu perdido no mundo externo se desloca para os registros táteis-cinestésicos, sem crítica nem reversibilidade sobre os atos que realiza. Estamos diante de um caso de *consciência vigílica em estado de alteração*, como pode ocorrer na chamada "emoção violenta". Neste caso, a importância que o objeto externo adquire é decisiva, encurtando-se a distância entre o eu e o objeto percebido.

5. Estruturas, estados e casos não habituais

Chamamos de "não habituais" os comportamentos que mostram anormalidades com relação a parâmetros do indivíduo ou do grupo considerado. Obviamente, se a população de um país ou grupo humano enlouquece, não deixamos de considerar esses casos entre os comportamentos "não habituais" pelo fato de contar com numerosos representantes. Em todo caso, esse conjunto humano deve ser comparado com situações estáveis em que viveu e nas quais a reversibilidade, o sentido crítico e o controle de seus atos têm características previsíveis. Por outro lado, há casos "não habituais" que são fugazes e outros que parecem enraizar-se ou ainda desenvolver-se à medida que o tempo passa. Não é de nosso interesse tipificar essas

²³ Pan era uma divindade pré-helênica benéfica para os campos, pastores e rebanhos. Uma lenda o faz aparecer na batalha de Maratona, semeando o "terror pânico" entre os persas e ajudando os atenienses, que a partir desse momento propagam seu culto em toda a Grécia. O adjetivo "pânico" se refere a essa divindade em geral, mas "pânico" se usou para assinalar o estado de consciência que denota um perigo iminente e que é coletivo e contagioso. Atualmente, a Psiquiatria cunhou a "síndrome do pânico", debilitando o significado coletivo inicial.

condutas sociais do ponto de vista do Direito, da Economia ou da Psiquiatria. Talvez seja possível encontrar mais motivos de reflexão sobre esses casos na Antropologia e na História...

Se nosso interesse pelos comportamentos “não habituais” nos leva ao campo do pessoal ou, no máximo, do interpessoal imediato, continuarão válidos os critérios de reversibilidade, sentido crítico e controle dos próprios atos em relação a essa história pessoal ou interpessoal. Aqui também se aplica o comentado anteriormente com relação aos casos “não habituais” fugazes e aos que parecem enraizar-se ou ainda desenvolver-se em sua anormalidade à medida que o tempo passa.

Levemos, então, nosso estudo sobre os comportamentos “não habituais” para fora do terreno da patologia para nos concentrar, dentro de nossa Psicologia, em dois grandes grupos de estados e casos que chamamos de grupo da “consciência perturbada” e grupo da “consciência inspirada”.

A. A “consciência perturbada”

Existem posições diametralmente opostas do eu em estados alterados, que vão da atividade cotidiana à emoção violenta, e estados ensimesmados, que vão da calma reflexiva à desconexão com o mundo externo. Há, entretanto, outros estados alterados nos quais as representações se exteriorizam projetivamente, de tal modo que realimentam a consciência como “percepções” provenientes do mundo externo e outros, de ensimesmamento, nos quais a percepção do mundo externo se internaliza introjetivamente.

Temos escutado e lido histórias e informes seriamente controlados sobre as alucinações que padecem aqueles que se encontram em situações comprometedoras nas altas montanhas, nas solidões polares, nos desertos e nos mares. O estado físico de fadiga, anoxia e sede; o estado psíquico de abandono na monotonia do silêncio e da solidão; as condições ambientais térmicas extremas são elementos que chegaram a conformar casos de alterações alucinatórias e, muito mais frequentemente, casos de alterações ilusórias pontuais.

Por outro lado, no ensimesmamento introjetivo, a sensação externa chega à consciência, mas a representação correspondente trabalha desconectada do contexto geral perceptivo, realimentando a consciência, que interpreta e registra o fenômeno como interioridade “significativa”, como representação que parece “dirigir-se” à interioridade do sujeito de modo direto. Por exemplo: as luzes coloridas dos semáforos de uma grande cidade, aos olhos de um angustiado pedestre, de repente, começam a “enviar” misteriosos códigos e chaves. O sujeito, a partir desse momento, considera-se como a única pessoa capaz de “receber” e compreender o significado dessas mensagens.

Os estados alterados projetados e os estados ensimesmados introjetados correspondem a perturbações transitórias ou permanentes da consciência vigílica, que mencionamos aqui como casos de posicionamentos diametralmente opostos na localização do eu. Além disso, devemos mencionar também os estados de alteração e ensimesmamento no nível de sono com imagens e no semissono.

Em Psicologia III, examinamos diversos casos de perturbações transitórias de consciência.²⁴ Mencionou-se a situação de alguém que projeta suas representações internas e fica fortemente sugestionado por elas, de modo parecido ao que ocorre em pleno sono, quando se sofre a sugestão das imagens oníricas. Trata-se de alucinações que também ocorrem por estados febris intensos; por ação química (gases, drogas e álcool); por ação mecânica (giros, respirações forçadas, opressão de artérias); por supressão de sentidos externos (câmara de silêncio) e por supressão de sentidos internos (microgravidade em astronautas).

Devemos considerar também as perturbações acidentais cotidianas. Estas se manifestam nas mudanças súbitas de humor, como acessos de cólera e explosões de entusiasmo que, em maior ou menor medida, permitem-nos experimentar o deslocamento do eu para a periferia, enquanto cai a reversibilidade e o estado torna-se mais alterado. Observamos o contrário frente a um perigo súbito, diante do qual o sujeito se contrai ou foge, tratando de colocar distância entre ele e o objeto ameaçador. Em todo caso, o deslocamento do eu se dá para a interioridade. Também podemos comprovar, na mesma direção, certas condutas infantis curiosas. De fato, as crianças costumam utilizar brinquedos monstruosos com os quais “freiam” ou “combatem” outros monstros que estão à espreita ou se aproximam na noite... E, quando essa tecnologia não dá resultado, sempre resta o recurso dos lençóis, que ocultam o corpo diante das ameaças atroz. É claro, nestes casos, que o eu se ensimesma e se introjeta.

B. A “consciência inspirada”

A consciência inspirada é uma estrutura global capaz de obter intuições imediatas da realidade. Por outro lado, é apta para organizar conjuntos de experiências e priorizar expressões que costumam se transmitir através da Filosofia, da Ciência, da Arte e da Mística.

Seguindo a ordem de nosso desenvolvimento, podemos perguntar e responder de maneira um pouco escolar: a consciência inspirada é um estado de ensimesmamento ou de alteração? A consciência inspirada é um estado perturbado, uma ruptura da normalidade, uma extrema introjeção ou uma extrema projeção? Sem dúvida, a consciência inspirada é mais que um estado, é uma estrutura global que passa por diferentes estados e que pode se manifestar em distintos níveis. Além disso, a consciência inspirada perturba o funcionamento da consciência habitual e rompe a mecânica dos níveis. Por último, é mais que uma extrema introjeção ou uma extrema projeção, já que alternativamente se serve delas para seu propósito. Este último é evidente quando a consciência inspirada responde a uma intenção presente ou, em alguns casos, quando responde a uma intenção não presente, mas que atua copresentemente.

Na Filosofia não têm importância os sonhos inspiradores, nem as inspirações súbitas, e sim a intuição direta que alguns pensadores aplicam para apreender as realidades imediatas do pensamento sem a intermediação do pensar dedutivo ou discursivo. Não se trata das correntes “intuicionistas” na Lógica e na Matemática, mas de pensadores que privilegiam a intuição direta, como no caso de Platão com as Ideias, de Descartes com o pensar claro e

²⁴ Ver *O sistema de representação nos estados alterados de consciência*, em “Psicologia III”

distinto, descartando o engano dos sentidos, e de Husserl com as descrições da noese, "na suspensão do juízo" (epoché).²⁵

Na história da Ciência resgatam-se exemplos de inspirações súbitas que permitiram avanços importantes. O caso mais conhecido, embora duvidoso, é o da famosa "queda da maçã de Newton".²⁶ Se tivesse acontecido assim, deveríamos reconhecer que a súbita inspiração foi motivada por uma lenta, mas intensa busca orientada para o sistema cósmico e a gravidade dos corpos. Como exemplo, podemos ter em conta outro caso como o ocorrido ao químico Kekulé.²⁷ Este sonhou uma noite com várias serpentes entrelaçadas que lhe serviram de inspiração para desenvolver as notações da química orgânica. Sem dúvida, sua preocupação constante em formular os enlaces entre substâncias continuou atuando até mesmo no nível de sono paradoxal para tomar a via da representação alegórica.

Na Arte há muitos exemplos de sonhos inspiradores. Este é o caso de Mary Shelley.²⁸ Ela havia declarado diante de seus amigos que sentia essa "vazia incapacidade de invenção, que é a maior infelicidade do autor", mas nessa noite viu em seus sonhos o horrendo ser que motivou sua novela *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. Algo parecido aconteceu com o sonho de R. L. Stevenson,²⁹ que colocou em marcha seu relato fantástico *O estranho caso do doutor Jekyll e Mr. Hyde*. Certamente, as inspirações vigílicas de escritores e poetas são as mais abundantemente conhecidas no campo das artes. Entretanto, por outros meios chegamos a conhecer inspirações de pintores como Kandinsky³⁰ que, em *Do espiritual na arte*, descreve a necessidade interior que se expressa como inspiração na obra artística. Artistas plásticos, literatos, músicos, dançarinos e atores buscaram a inspiração, tratando de se colocar em ambientes físicos e mentais não habituais. Os diferentes estilos artísticos, que respondem às condições de época, não são simplesmente modas ou modos de gerar, captar e interpretar a obra artística, e sim maneiras de "dispor-se" para receber e dar impactos sensoriais. Essa "disposição" é a que modula a sensibilidade individual ou coletiva e é, portanto, o predialógico³¹ que permite estabelecer a comunicação estética.

Na Mística, encontramos um vasto campo de inspiração. Devemos destacar que, quando falamos de "mística" em geral, estamos considerando fenômenos psíquicos de "experiência do sagrado" em suas diversas profundidades e expressões. Existe uma vasta literatura que dá conta dos sonhos³², das "visões" do semissono³³ e das intuições vigílicas³⁴ dos personagens

²⁵ Platão e Aristóteles conheceram as diferenças entre o pensar intuitivo e o discursivo, com Platão privilegiando o primeiro tipo. Para ele, as Ideias do Bom e do Belo são de contemplação direta e são reais, enquanto as coisas boas ou belas derivam daquelas Ideias e não possuem a mesma realidade imediata. Em Descartes, reconhecemos essa grande contribuição do pensamento que pensa sobre si mesmo sem intermediação e, em Husserl, o contato direto com as noeses – os atos do pensar – e os noemas – os objetos ligados intencionalmente aos atos do pensar.

²⁶ Isaac Newton, em 1666, em Woolsthorpe, Reino Unido.

²⁷ August Kekulé em 1865, em Bonn, Alemanha, estabeleceu a teoria da quadrivalência do carbono e a fórmula hexagonal do benzeno.

²⁸ Mary Godwin. A história está nas notas escritas por Polidori em seu jornal, em 18 de junho de 1816, em Vila Diodati, ao lado do lago Lemano, na Suíça.

²⁹ R.L. Balfour nas Ilhas Samoa, em 1886.

³⁰ Wassily Kandinsky, em 1911, em Moscou.

³¹ Silo, *Fala Silo, Conferência sobre as condições do diálogo*, realizada na Academia de Ciências de Moscou, em 1999. Obras Completas Vol. I, Madri, Ediciones Humanistas, 2002

³² IV Brihadaranyaka Upanishad. "Quando o espírito humano se retira para o repouso, retém consigo os materiais deste mundo em que estão contidas as coisas todas e, então, cria e destrói sua própria glória e irradiação, pois o espírito brilha com sua própria luz."

referenciais de religiões, seitas e grupos místicos. São inúmeros, além disso, os estados anormais e os *casos extraordinários de experiências do sagrado que podemos tipificar como Êxtase, ou seja, situações mentais em que o sujeito fica absorto, deslumbrado dentro de si e suspenso; como Arrebatamento, pela agitação emotiva e motriz incontável, em que o sujeito se sente transportado, levado para fora de si a outras paisagens mentais, a outros tempos e espaços; e, por último, como Reconhecimento, em que o sujeito acredita compreender tudo em um instante*. Neste ponto estamos considerando a consciência inspirada em sua experiência do sagrado, que varia em seu modo de estar frente ao fenômeno extraordinário, embora por extensão esses funcionamentos mentais tenham sido atribuídos também aos arrebatos do poeta ou do músico, casos em que o "sagrado" pode não estar presente.

Mencionamos estruturas de consciência às quais chamamos de "consciência inspirada" e demos exemplos em grandes campos conhecidos, como a Filosofia, a Ciência, a Arte e a Mística. Mas, na vida cotidiana, a consciência inspirada atua com frequência nas intuições ou nas inspirações da vigília, do semissono e do sono paradoxal. Exemplos cotidianos de inspiração são os do "palpite", da paixão, da compreensão súbita de situações complexas e da resolução instantânea de problemas que perturbaram o sujeito durante muito tempo. Esses casos não garantem o acerto, a verdade ou a coincidência do fenômeno com relação a seu objeto, mas os registros de "certeza" que os acompanham são de grande importância.

6. Fenômenos acidentais e fenômenos desejados

A consciência pode se estruturar de distintas formas, variando por ação de estímulos pontuais (internos e externos) ou por situações complexas que trabalham de modo não desejado, de modo acidental. A consciência é "tomada"³⁵ em uma situação em que a reversibilidade e a autocrítica praticamente ficam anuladas. No caso que nos ocupa, a "inspiração" irrompe em mecanismos e níveis, atuando, às vezes, de modo menos evidente como "pano de fundo" de consciência. Por outro lado, também a angústia, a náusea, o asco e outras configurações podem manifestar-se subitamente ou manter-se como pano de fundo mental mais ou menos prolongado. Exemplificando: quando acidentalmente levanto uma pedra e nela descubro o bulir de minúsculos insetos que podem grudar em minha mão, que podem me invadir, experimento repulsa em relação a essa vida disforme que me ataca. Também registro uma surda aversão quando percebo algo pegajoso, úmido e morno que avança em minha direção. Mas a reação imediata vai além do reflexo motriz que responde ao perigoso, já que me compromete visceralmente, provocando uma repulsa que pode terminar em reflexo de asco, em náusea, em salivação excessiva de minha boca e no extraordinário registro da distância que se "encurtou" entre eu e o objeto ou entre eu e a situação asquerosa. Esse encurtamento do

³³ A Bíblia, *Da-niyye-I*, X,7. Versão castelhana Dujovne, Kostantinovsky. "E eu, Da-niyye-I, sozinho vi a visão; pois não a viram os homens que comigo estavam, senão que caiu sobre eles um terror grande, de modo que fugiram para se esconderem."

³⁴ O Avesta. Os Gathas. Yasna XLV, 2-3. "Proclamarei este primeiro ensinamento ao mundo. Ensinamento que me revelou o Onisciente Ahura Mazda. Falarei dos dois primeiros Espíritos do mundo, dos quais o mais bondoso disse assim ao daninho: nem nossos pensamentos, nem nossos mandamentos, nem nossa inteligência, nem nossas crenças, nem nossas obras, nem nossa consciência, nem nossas almas estão de acordo em nada".

³⁵ Entende-se "tomada" como não dirigida nem manejada pelo sujeito.

espaço na representação coloca o objeto em um tipo de existência que lhe permite "me tocar" e "se introduzir" em mim, provocando a náusea como rito de expulsão a partir de meu intracampo. É tão pouco real a "aproximação" mencionada quanto o reflexo de náusea que corresponde a ela. Por isso, a relação entre o objeto asqueroso e a resposta de náusea adquire características próprias, fora dos objetos reais em jogo. Convertem-se em um ritual em que objeto e ato formam uma estrutura particular, a estrutura do asco. Essa configuração acidental de consciência ocorre também diante de um objeto moral ou esteticamente repugnante, como é o caso de uma novela repleta de engenhosidade ardilosa, de jogos de palavras, de sentimentalismo barato, enjoativa e carregada de vitalidade difusa. Tudo isso termina provocando a defesa visceral, que evita uma "invasão" profunda de meu corpo. Essas estruturas de consciência comprometem minha unidade, afetando não somente ideias, emoções ou reações motrizes, mas também minha totalidade somática.

Acredito oportuno fazer aqui uma pequena digressão. É possível considerar configurações de consciência avançadas nas quais todo tipo de violência provoque repugnância com os correlatos somáticos do caso. Tal estruturação de consciência não violenta poderia chegar a instalar-se nas sociedades como uma conquista cultural profunda. Isso iria além das ideias ou das emoções que debilmente se manifestam nas sociedades atuais para começar a fazer parte da rede psicossomática e psicossocial do ser humano.

Voltando a nosso tema. Reconhecemos estruturas de consciência que se configuram acidentalmente. Observamos também que ocorrem configurações que respondem a desejos ou a planos de quem se "coloca" em uma particular situação mental para fazer o fenômeno surgir. Certamente, isso às vezes funciona e às vezes não, como ocorre com o desejo de inspiração artística ou com o desejo de se apaixonar. A consciência inspirada, ou melhor, a consciência disposta a obter inspiração se mostra na Filosofia, na Ciência, na Arte e também na vida cotidiana com exemplos variados e sugestivos. Entretanto, é especialmente na Mística que a busca de inspiração tem feito surgir práticas e sistemas psicológicos que tiveram e têm diferentes níveis de desenvolvimento.

Reconhecemos as técnicas de "transe" ³⁶ como pertencentes à arqueologia da inspiração mística. Assim, encontramos o transe nas formas mais antigas da magia e da religião. Para provocá-lo, os povos apelaram à preparação de bebidas³⁷ de vegetais mais ou menos tóxicos e à aspiração de fumaças e vapores.³⁸ Outras técnicas mais elaboradas, no sentido de permitir ao sujeito controlar e fazer progredir sua experiência mística, foram se depurando com o passar do tempo. As danças rituais, as cerimônias repetitivas e exaustivas, os jejuns, as orações, os exercícios de concentração e meditação tiveram considerável evolução.

³⁶ Na Psicologia oficial se considera o transe como "um estado de dissociação da consciência, caracterizado pela suspensão de todo movimento voluntário e a existência de certas atividades automáticas". B.Szekely. *Diccionario Enciclopédico de la Psique*, Ed.Claridad, Buenos Aires, 1975.

³⁷ O Soma (para os indianos) e o Haoma (para os iranianos) foi a bebida embriagadora mais antiga. Nos Hinos Védicos, em 730 (2), lê-se: "Tu és o cantor, tu és o poeta, tu és o doce suco nascido da planta. Na embriaguez, tu és o doador de todos os bens."

³⁸ Em Delfos, a sacerdotisa de Apolo (pítia ou pitonisa) sentava-se em um tripé colocado junto à fenda de uma rocha da qual saía um vapor intoxicante e começava a profetizar com palavras incoerentes. Nos dias anteriores, a pítia havia se submetido a jejum e à mastigação de folhas de louro.

7. O deslocamento do eu. A suspensão do eu.

A sibila de Cumas, não querendo ser tomada pela terrível inspiração, desespera-se e, retorcendo-se, grita: “Já vem, já vem o deus!”. E o deus Apolo não demora para baixar de seu pequeno bosque sagrado até o antro profundo, onde se apodera da profetiza.³⁹ Neste caso e em diferentes culturas, a entrada ao transe ocorre por interiorização do eu e por uma exaltação emotiva em que está copresente a imagem de um deus, ou de uma força, ou de um espírito que toma e suplanta a personalidade humana. Nos casos de transe, o sujeito se coloca à disposição dessa inspiração que lhe permite captar realidades e exercitar poderes desconhecidos para ele na vida cotidiana.⁴⁰ Entretanto, lemos frequentemente que o sujeito coloca resistência e até luta com um espírito ou um deus, tentando evitar o arrebatamento, em convulsões que fazem recordar a epilepsia, mas isso é parte de um ritual que afirma o poder da entidade que dobra a vontade normal.⁴¹

Na América Central, o culto do Vudu haitiano⁴² nos permite compreender técnicas de transe que se realizam com danças apoiadas em poções produzidas com base em um peixe tóxico.⁴³ No Brasil, a Macumba⁴⁴ nos mostra outras variantes místicas do transe, obtidas mediante danças e apoiadas com uma bebida alcoólica e tabaco.

Nem todos os casos de transe são tão vistosos como os citados. Algumas técnicas indianas, as dos "yantras", permitem chegar ao transe por interiorização de triângulos cada vez menores em uma figura geométrica complexa que, ocasionalmente, termina em um ponto central. Também na técnica dos "mantras", por repetição de um som profundo que o sujeito vai proferindo, chega-se ao ensimesmamento. Nessas contemplações visuais ou auditivas, muitos praticantes ocidentais não têm êxito porque não se preparam afetivamente, limitando-se a repetir figuras ou sons sem interiorizá-los com a força emotiva ou devocional que se requer para que a representação cenestésica acompanhe o estreitamento da atenção. Esses exercícios se repetem tantas vezes quanto seja necessário, até que o praticante experimente a substituição de sua personalidade e a inspiração torne-se plena.

³⁹ Virgílio, que faz uma descrição fantástica do caso de Cumas, certamente conta com informação mais que suficiente sobre o proceder das sibilas ao longo da história da Grécia e de Roma. De qualquer maneira, no Livro VI da Eneida, a Sibila diz: “Eis aí, eis aí o deus! Logo que pronunciou essas palavras à entrada da caverna, seu rosto se imutou, e perdeu a cor, e seus cabelos se arrepiaram; ofegando e sem fôlego, o peito inchado, cheio de sacro furor, parece que vai crescendo e que sua voz não ressoa como a de outros mortais porque a inspira o númen já mais próximo.”

⁴⁰ M. Eliade, *El chamanismo y las técnicas del éxtasis*, F.C.E., Madri, 2001. O autor aborda, entre outros temas, as distintas formas de transe xamânico na Ásia Central e na Ásia Setentrional, no Tibete e na China, entre os antigos indo-europeus, nas Américas do Norte e do Sul, no Sudeste Asiático e na Oceania.

⁴¹ Os antigos chamaram a epilepsia de “enfermidade divina”. Nas convulsões desse mal, acreditaram ver uma luta em que o sujeito se defendia da alteração que chegava até ele. Os deuses anunciavam sua chegada dando ao sujeito uma “aura” que o acautelava. Depois do “ataque”, supunha-se que o sujeito ficava inspirado para profetizar. Não em vão se pretendeu que Alexandre, César e até Napoleão tivessem padecido do “mal divino” porque, afinal, eram homens de luta.

⁴² Proveniente de Togo e Benin.

⁴³ R. Toussaint, *De la mort a la vie: essai sur le phenomène de la zombification en Haiti*. Ed. Ife, Ontário, 1993.

⁴⁴ Proveniente do povo lorubá de Togo, Benin e Nigéria, mas também de influências senegalesas e da África Ocidental em geral.

O deslocamento do eu e a substituição por outras entidades podem ser verificados nos cultos mencionados e até nas mais recentes correntes Espíritas. Nestas, o "médium" em transe é tomado por uma entidade espiritual que substitui sua personalidade habitual.

Não ocorre algo tão diferente com o transe hipnótico, quando o sujeito interioriza profundamente as sugestões do operador, levando a representação da voz ao "lugar" normalmente ocupado pelo eu habitual. Certamente, para ser "tomado" pelo operador, o sujeito deve ficar em um estado receptivo de "fé" e seguir sem duvidar as instruções recebidas.⁴⁵ Este ponto mostra uma característica importante da consciência. Estamos dizendo que, enquanto se realiza uma operação vigílica atenta, aparecem devaneios que às vezes passam despercebidos ou acabam desviando a direção dos atos mentais que se levavam a cabo. O campo de copresença atua sempre, mesmo que os objetos de consciência presentes se mostrem no foco atencional. A grande quantidade de atos automáticos que se realizam em vigília mostra essa aptidão da consciência para realizar diferentes trabalhos simultâneos. Certamente, a dissociação pode alcançar graus patológicos, mas também pode se manifestar com força em quase todos os fenômenos de inspiração. Por outro lado, o deslocamento do eu pode não ser completo no transe espírita ou na hipnose, como se comprova na chamada "escrita automática", que se efetua sem tropeços, embora a atenção do sujeito esteja colocada no diálogo ou em outras atividades. Com frequência, encontramos essa dissociação na "criptografia", em que a mão desenha enquanto o sujeito estabelece uma conversa telefônica, muito concentrado.

Avançando para o ensimesmamento, podemos chegar a um ponto em que os automatismos fiquem superados e já não se trate de deslocamentos nem substituições do eu. Temos à mão o exemplo que nos dá a prática da "oração do coração" realizada pelos monges ortodoxos do monte Athos.⁴⁶ A recomendação de Evágrio Pôntico⁴⁷ é muito adequada para evitar as representações (pelo menos as dos sentidos externos): "Não imagines a divindade em ti quando oras, nem deixes que tua inteligência aceite a impressão de uma forma qualquer; mantém-te imaterial e compreenderás". Em linhas gerais, a oração funciona assim: o praticante em retiro silencioso se concentra em seu coração e, tomando uma frase curta, inspira suavemente, levando a frase com o ar até o coração. Ao terminar a inspiração, "pressiona" para que entre ainda mais. Depois, expira muito suavemente o ar viciado sem perder a atenção no coração. Esta prática era repetida pelos monges muitas vezes ao dia, até que apareciam alguns indicadores de progresso, como a "iluminação" (do espaço de representação). Sendo precisos, temos que admitir a passagem pelo estado de transe em algum momento das repetições das orações usadas. A passagem pelo transe não é muito diferente do que se produz nos trabalhos com os yantras ou mantras, mas, como na prática da "oração do coração" não se tem a intenção de ser "tomado" por entidades que substituam a própria personalidade, o praticante termina superando o transe e "suspendendo" a atividade do eu. Neste sentido, também nas práticas do yoga pode-se passar por distintos tipos e níveis

⁴⁵ É claro que desde o "magnetismo animal" de Mesmer e Puységur até a hipnose moderna, que se inicia com J. Braid, foi possível eliminar uma parafernália totalmente acessória.

⁴⁶ A tradição da "oração do coração" começa no século XIV no Monte Athos grego. Em 1782, expandiu-se para fora dos monastérios com a publicação da *Filocalia*, do monge grego Nicodemo, o Hagiorita, sendo editada em russo pouco depois por Paisij Velitchkovsky.

⁴⁷ Evágrio Pôntico, dos "Pais do Deserto", escreveu seus apotegmas no século IV. É considerado um dos precursores das práticas do Monte Athos.

de transe, mas se deve ter em conta o que nos diz Patanjali⁴⁸ no Sutra II do Livro I: “O yoga aspira à liberação das perturbações da mente”. A direção desse sistema de práticas aponta para a superação do eu habitual, dos transe e das dissociações. No ensimesmamento avançado, fora de todo transe e em plena vigília se produz essa “suspensão do eu” da qual temos indicadores suficientes. É evidente que, desde o início de sua prática, o sujeito se orienta para o desaparecimento de seus “ruídos” de consciência, amortecendo as percepções externas, as representações, as lembranças e as expectativas. Algumas práticas do yoga⁴⁹ permitem aquietar a mente e colocar o eu em estado de suspensão durante um breve lapso.

8. O acesso aos níveis profundos

Sem dúvida, a substituição do eu por uma força, um espírito, um deus ou a personalidade de um feiticeiro ou hipnotizador tem sido algo corrente na história. Também foi um pouco conhecido, embora não tão corrente, o fato de suspender o eu evitando toda substituição, como vimos em algum tipo de yoga e em algumas práticas místicas avançadas. Pois bem, se alguém pudesse suspender e logo fazer desaparecer seu eu perderia todo controle estrutural da temporalidade e espacialidade de seus processos mentais. Estaria em uma situação anterior à da aprendizagem de seus primeiros passos infantis. Não poderia comunicar entre si, nem coordenar seus mecanismos de consciência; não poderia apelar à sua memória; não poderia relacionar-se com o mundo e não poderia avançar em sua aprendizagem. Não estaríamos simplesmente diante de um eu dissociado em alguns aspectos, como poderia ocorrer em certas afecções mentais, mas nos encontraríamos com alguém em um estado parecido ao de sono vegetativo. Por conseguinte, não são possíveis essas futilidades de “suprimir o eu” ou “suprimir o ego” na vida cotidiana. Entretanto, é possível chegar à situação mental de supressão do eu, não na vida cotidiana, mas em determinadas condições que partem da suspensão do eu.

A entrada aos estados profundos ocorre a partir da suspensão do eu. A partir dessa suspensão, produzem-se registros significativos de “consciência lúcida” e compreensão das próprias limitações mentais, o que constitui um grande avanço. Nesse trânsito deve-se levar em conta algumas condições inevitáveis: 1.- que o praticante tenha claro o Propósito do que deseja obter como objetivo final de seu trabalho; 2.- que conte com suficiente energia psicofísica para manter sua atenção ensimesmada e concentrada na suspensão do eu e 3.- que possa continuar sem solução de continuidade no aprofundamento do estado de suspensão até que desapareçam as referências espaciais e temporais.

Com relação ao Propósito, deve-se considerá-lo como a direção de todo o processo, mas sem que ocupe o foco atencional. Estamos dizendo que o Propósito deve ser “gravado” com suficiente carga afetiva para operar copresentemente enquanto a atenção está ocupada na suspensão do eu e nos passos posteriores. Essa preparação condiciona todo o trabalho posterior. Quanto à energia psicofísica necessária para a manutenção da atenção em um

⁴⁸ Os Aforismos do Yoga ou Yoga Sutras, reunidos por Patanjali no século II, é o primeiro livro de Yoga que se conserva íntegro em suas 195 breves e magistrais sentenças.

⁴⁹ M. Eliade, *Técnicas do Yoga* e também *Yoga, Imortalidade e Liberdade*.

interessante nível de concentração, o principal impulso provém do interesse que faz parte do Propósito. Ao comprovar a falta de potência e permanência, deve-se revisar a preparação que se fez do Propósito. São necessárias uma consciência livre de fadiga e uma mínima educação da redução do foco atencional sobre um único objeto. Continuar no aprofundamento da suspensão até obter o registro de "vazio" significa que nada deve aparecer como representação, nem como registro de sensações internas. Não pode, nem deve haver registro dessa situação mental. A volta à situação mental de suspensão ou à vigília habitual produz-se pelos impulsos que delatam a posição e os desconfortos do corpo.

Nada se pode dizer desse "vazio". O resgate dos significados inspiradores, dos sentidos profundos que estão além dos mecanismos e das configurações de consciência é feito a partir de meu eu, quando este retoma seu trabalho vigílico normal. Estamos falando de "traduções" de impulsos profundos que chegam a meu intracorpo durante o sono profundo ou de impulsos que chegam à minha consciência em um tipo de percepção diferente das conhecidas no momento de "regresso" à vigília normal. Não podemos falar desse mundo porque não temos registro durante a eliminação do eu. Contamos somente com as "reminiscências" desse mundo, como nos comentou Platão em seus mitos.